

Escola de Arquitetura em debate

Entre os (des)Encontros, Entre Porto e Coimbra



Marco Alexandre Jesus Silva
Dissertação de Mestrado Integrado em Arquitetura sob
a orientação de Professor Doutor Bruno Gil
Departamento de Arquitetura, FCTUC, Setembro 2017

Escola de Arquitetura em debate
Entre os (des)Encontros, Entre Porto e Coimbra





A presente dissertação segue o último Acordo Ortográfico.
Algumas das citações transcritas em português têm edição original de língua estrangeira, logo foram sujeitas a uma tradução por parte do autor do trabalho. Deste modo, foram colocadas as versões originais em nota de rodapé devidamente referenciadas.

“Cremos ser dos mais difíceis, senão o mais difícil de todos os ensinos, o da Architectura. Como ciência e Arte as suas raízes mergulham profundamente no passado mais longínquo, crescem seguramente no presente e adaptam-se a um futuro prometedor. A sua evolução reflecte fielmente a marcha da humanidade, atestando os seus progressos e as suas cristalizações.”¹

¹ Cândido Palma e Francisco da Conceição Silva, «O Ensino da Arquitectura em Portugal - Tese apresentada no I Congresso Nacional de Architectura», *Arquitectura: Revista de Arte e Construção*, Setembro de 1949, 14.

UM OBRIGADO

Ao Professor Bruno Gil

por me orientar neste difícil percurso e por me fazer sentir que ensinar Arquitetura pode valer mais que um Pritzker.

Ao Departamento

porque revelou que o ensino é um gesto belo e altruísta.

Ao Rotary Club de Arouca e à Artefita

que sempre me apoiaram, realçando a Luísa Soares, o Sr. David Silva, o Arq. Silvestre e a Dr.^a Dulce.

A Todos que me davam pistas

para conduzir o trabalho quando me sentia perdido.

Ao Fernando e à Fernanda

que sempre me abriram as portas de sua casa.

Aos Pais da Diana

pela ajuda que me deram.

À Susana, ao Miguel, ao Gonçalo e à Luna

por serem uma parte de mim.

À Diana,

por todos os dias me fazer sentir uma pessoa amada e porque a vida sem amor não é nada.

Aos meus Pais

por serem os meus heróis e porque me viram sair de casa com a esperança de me ver voltar mais completo. Resumindo tudo isto se deve a eles.

RESUMO

A Escola de Arquitetura tende a ser um organismo cada vez mais complexo e como tal, quando colocado em causa, o seu questionamento implica uma correspondente clarificação. O desenvolvimento do presente trabalho parte do princípio que a Escola de Arquitetura tem como base uma vontade social e profissional de tentar elevar o ensino ao seu expoente máximo e as mudanças, o debate e/ou reflexões em torno da Escola surgem como afirmação dessa aspiração. Neste ponto, ressalta a pertinência do tema proposto e a “Escola de Arquitetura em debate” demonstra um olhar reflexivo sobre momentos específicos, no qual seja possível compreender a Escola como um sistema mutável. Esta será a premissa principal do trabalho, mostrar que diariamente a escola é pensada, seja na política, na rua, no congresso, no auditório, no projeto, na sala ou no corredor. No entanto, existem instantes que pela sua dimensão e relevância marcam a história. O que se pretende é lançar um olhar sobre esses momentos com outra perspetiva.

A tentativa de traçar um mapa, no qual muitas vezes o exemplo anterior proporciona a ligação ao seguinte, ou simplesmente pela intenção de colocar lado a lado exemplos temporariamente distantes mas intencionalmente idênticos ou vice-versa, conduz-nos também a compreender a sociedade, a cultura, o regime, a origem pedagógica, o corpo docente e o plano de estudos onde estas situações se inserem. A amplitude desta pesquisa permite fazer um panorama em diferentes países e em tempos específicos, ligando-os com uma linha condutora que diverge nas diferentes opções políticas que influenciam e colocam em causa a Escola de Arquitetura. Verificam-se momentos de democratização e manifestação tais como os revelados durante a inclusão/transição institucional e pedagógica da Arquitetura para a Universidade, podendo findar com uma nomenclatura ou metodologia pedagógica como se revelou no Maio de 68 com as *Beaux-Arts*.

No decorrer do trabalho percebemos que o ensino é algo transitório, dependendo das circunstâncias até pode ser efêmero. Perspetivámos que ao longo dos anos a renovação da definição pedagógica das escolas, além de necessária, tornou-se quase obrigatória, talvez pelo aceleramento das transformações causadas por uma sociedade também em transformação.

Não querendo descurar as diversas partes e abordagens da investigação, o foco desta culmina em dois instantes que definem pontos de situação de duas escolas, em que a primeira influencia a segunda e estabelece uma estreita relação, embora as duas sejam dotadas de uma identidade própria que cada vez é mais distinta. Deste modo, as Jornadas Pedagógicas (1995) da Faculdade de Arquitetura da Universidade do Porto (FAUP) e os Encontros de Tomar (1995-1999) do Departamento de Arquitetura da Universidade de Coimbra (D'Arq-UC) serão analisados distintamente e colocados lado a lado para, desta forma, promover um novo pensamento acerca do debate em torno da Escola de Arquitetura, nomeadamente no contexto português.

PALAVRAS-CHAVE:

Escola de Arquitetura, Instituição e Política, Ensino, Debate, Reinvenção da Escola, Porto e Coimbra

ABSTRACT

The school of architecture tends to be an increasingly complex organism and as such its questioning needs clarification when placed in question. The development of this work assumes that the school of architecture is based on a social and professional will to elevate education to its maximum exponent and the changes, the debate and/or reflections around the school appear as affirmation of this aspiration. At this point, the relevance of the theme and the "School of architecture in debate" demonstrating a reflective look on specific moments, in which it is possible to understand the school as a changeable system. This is the main premise of the work, to show that the school is thought, whether in politics, in the street, in a Congress, in the Auditorium, in design, in the classroom or the corridors. However, there are moments that for their dimension and relevance are crucial to story; The aim is to throw a glance at these moments with another perspective.

The attempt to draw a map, in which most of the times, the previous example implies the following, or simply by the intention to put side-by-side examples temporarily distant but intentionally identical or vice versa, leads also to understand the society, the culture, the regime, the pedagogical origin, the faculty and the curriculum where these situations occur. The overall research allows a panorama in different countries and at specific times, linking them with a conductive line, which diverges in different political options that influence and put into, question the school of architecture. This leads to moments of democratization and manifestation, such as the pedagogical and institutional transition, of architecture to the university, which may end with a nomenclature or pedagogical methodology as revealed in the May 68 with the Beaux-Arts.

During the work development, we realized that teaching is something transitional, depending on circumstances it may be ephemeral. We verified that over the years the pedagogic renovation of schools, besides being necessary, it became almost mandatory, perhaps by all the transformations caused by a society also in transformation.

Not wanting to neglect the various parts and research approaches, its focus culminates in two key moments of two schools, in which the first influences the second and establishes a close relationship, although the two are endowed with its own identity increasingly distinct. Hence,

the “Jornadas Pedagógicas” (1995) of the Faculty of Architecture of the University of Porto (FAUP) and the “Encontros de Tomar” (1995-1999) of Department of Architecture of the Faculty of Science and Technology, University of Coimbra (DARQ) will be analyzed separately and placed side by side, aiming to promote new thinking about the debate around the school of architecture, specifically in the Portuguese context.

KEYWORDS:

School of architecture, Institution and Politics, Teaching, Debate, Reinventing the School, Porto and Coimbra

NOTA PRÉVIA

Olhar a Escola: uma motivação pessoal

A Escola de Arquitetura é a base da formação do arquiteto, logo é algo que nos é inerente.

O querer olhar a Escola partiu de uma vontade interior que foi ganhando força no decorrer do curso, mas sem a certeza de um tema devidamente orientado, isto por não estar confortável com uma abordagem massivamente teórica até então não experienciada.

As investigações acerca da Escola, do ensino e das suas variantes são inúmeras, certamente mais do que o próprio número de Escolas. Isto levou a que a aproximação a um tema tão interessante como pertinente, fosse cautelosa e necessitasse de um objetivo apontado perante uma grande diversidade. O deambular por caminhos que muitas das vezes se encontravam inexistentes ou já trilhados por autores tornou-se uma peça-chave para chegar a um evento da minha Escola, no qual foi ponto de partida para uma linha que agora tentaremos traçar. Também a Escola passa por dificuldades porque sendo um organismo, as objeções que lhe são lançadas são debatidas, pensadas e respondidas de diversas maneiras, um pouco como pretendemos mostrar no decorrer do trabalho.

É difícil, mas também cativante *Olhar a Escola* e sendo a motivação uma grande aliada no combate às dificuldades, essa motivação cresce quotidianamente quando a Escola de Arquitetura se reúne para delinear ou afirmar os seus objetivos. Deste modo, pensar nas mudanças que o ensino sofreu e estudar um episódio marcante da Escola que me formou durante uns rápidos cinco anos revela-se uma aventura enriquecedora, mas ao mesmo tempo desafiante e insegura enquanto estudante.

INDÍCE

Resumo

Abstract

Nota Prévia

Olhar a Escola: Uma motivação pessoal

INTRODUÇÃO 23

CAPÍTULO 1. DEBATES EMERGENTES

1.1. O Ensino da arquitetura no debate do Moderno 39

1.2. Publicações de Crise

1.2.1. Ideologias Distintas: O *Journal* como espelho da HfG Ulm 49

1.2.2. Agitação e Ocupação: Uma leitura sobre os anos 1960 em
Itália 87

CAPÍTULO 2. DOIS MOMENTOS, DUAS REFORMULAÇÕES

2.1. Maio de 68: Sociedade, Política e o Ensino da Arquitetura 123

2.2. A década de 1980: A chegada da Arquitetura à Universidade
Portuguesa 161

CAPÍTULO 3. DEBATES EXISTENCIAIS

3.1. *Maleitas* da Escola 197

3.2. *Jornadas e Encontros*, Porto e Coimbra 227

3.3. O resultado de uma investida 277

CONCLUSÃO. NECESSIDADE, DEBATE, MUDANÇA 293

Bibliografia 303

Índice de Imagens 325

Anexos 338

INTRODUÇÃO

As escolas necessitam de momentos de reflexão e debate, que podem ser causados por situações paralelas e que colateralmente a afetam. No entanto, esses instantes são essenciais à sua concretização e evolução enquanto organismo. Sendo a Escola sinónimo de atualidade e de espaço onde se desenvolvem convicções para o futuro, na iminência de uma crise social, económica, política, institucional ou existencial, terá por missão, assim como o ensino, de obter uma solução afirmada para que tal não prejudique o seu objetivo enquanto instituição para a aprendizagem da arquitetura. A Escola e a sua instrução nunca foram e jamais serão elementos totalmente lineares que perduram no tempo como algo intocável. Portanto, o sentido de crise estará evidente em algumas fases justificando a sua superação através do debate. Se este acontece no quotidiano da escola, também se hegemoniza em momentos específicos em que é requerida uma resposta que perpetuará na história pela sua asseveração. Deste modo, pretende-se fazer uma leitura a vários momentos-chave das últimas décadas, que têm como base situações políticas, de manifestação ou de transição institucional que proporcionaram o debate em torno da Escola, revelando a pertinência teórica de demonstrar e analisar esses instantes em diferentes tempos e contextos. Objetivamente, tentou-se delinear uma via suscetível de investigação.

Muitas das questões expostas serão tão discutíveis entre si ou tão óbvias na sua relação como tudo em arquitetura, mas não vejamos a disciplina como uma ciência exata, mas talvez como uma arte dotada de uma vasta multidisciplinaridade, o que a caracteriza como uma arte-ciência em constante mutação, nunca descurando as “lições do passado” para obter “linguagens do presente” perspetivando as “práticas no futuro”¹.

De facto, as Escolas têm estes tempos e são eles definidores de muitas das suas questões. Não se pretende uma especificação desses tempos nem o aprofundamento exaustivo de todos os casos. Neste âmbito, além de se apresentarem aqueles momentos de crise, visa-se igualmente expor algumas das mudanças daí decorrentes, no limite compreender os planos de estudos ou as idiossincrasias patentes nesses momentos. Deste modo, afirmamos que o objetivo é demonstrar que o debate é o meio mais apropriado para a resolução dos momentos de questionamento que se elevam para lá da crise perpétua na escola, tal como Rosa Bandeirinha argumenta. A construção deste trabalho reside na consciencialização de que esse tipo de crise é perpétuo, no entanto quando é que surge a sua elevação? Em que momentos? Em que

¹ Rosa Bandeirinha, «O Limiar do Claustro - Origens e práticas do Departamento de Arquitetura de Coimbra» (Dissertação de Mestrado em Arquitetura, Universidade de Coimbra, 2013), 21.

moldes? Com que personagens? Qual a situação e posição da Escola nesses momentos? Certamente, foram muitas as questões que proporcionaram um desenvolvimento ao trabalho, mas todas se concentram numa principal – até que ponto o debate, institucional/informal, pelos protagonistas das Escolas de Arquitetura permitiu/permite dar resposta a momentos de impasse, nomeadamente nos respetivos projetos pedagógicos?

A partir dos diversos casos abordados não se visa uma só resposta, mas uma constatação que decorra de uma abordagem simultaneamente panorâmica, com enfoques particulares. A história como suporte básico e a teoria como discussão e pensamento das questões aprofundadas sempre procuraram o máximo rigor possível, embora o trabalho em certos parâmetros se tenha desenvolvido com uma aproximação mais histórica do que teórica.

Essa abordagem determinou um arco temporal, situando-se essencialmente na segunda metade do século XX, e uma estruturação que se origina nalgumas convicções e momentos que surgiram no pós 2ª Guerra Mundial como a HfG - *Hochschule für Gestaltung Ulm* (Escola de Design de Ulm) ou situações mais específicas que despontaram um olhar à Escola, por vezes requerida através de agitações como na Escola de Arquitetura italiana ou a presença do ensino da arquitetura nas *Beaux-Arts* em Paris. Este será o percurso até uma aproximação a Portugal, focando os contornos da transição institucional dos cursos de arquitetura de um contexto das Belas-Artes para o da Universidade. Assim, a presente dissertação observa a reconstrução identitária por detrás desta transição no caso da FAUP, por comparação a uma escola que nasce integrada na Universidade como foi o caso de Coimbra. Do mesmo modo, esteve sempre presente a intenção de evitar questões discutíveis que dotaria o trabalho de rumos dispensáveis à Escola de Arquitetura.

Se a presente Tese adota a amplitude temporal já referenciada, “O Ensino da Arquitetura no Debate do Moderno” tem como objetivo introduzir alguns dos momentos mais importantes que antecederam esse período, nomeadamente o debate sobre o modelo de Escola para o Movimento Moderno e a sua pedagogia, em parte como Gonçalo Canto Moniz especifica na sua Tese de Doutoramento². Seguidamente, as “Publicações de Crise” aparecem como demonstração das várias formas de colocar a Escola de Arquitetura em debate, já que após a 2ª Guerra Mundial ocorre uma mudança de paradigmas no mundo, na sociedade, na arquitetura e no seu ensino que coloca várias interrogações no Movimento Moderno, desde as tentativas

² Gonçalo Canto Moniz, «O ensino moderno da arquitectura: a reforma de 57 e as Escolas de Belas-Artes em Portugal (1931-69)» (Tese de Doutoramento em Arquitetura, Universidade de Coimbra, 2011).

de resgate do Movimento à sua revisão ou simplesmente a sua recusa. De facto, é também através das publicações que estas questões se vão difundindo, marcando posições, intenções e ideologias que implementavam confrontos e/ou conformidades como veremos no “*Journal* como espelho da HfG Ulm” durante os anos 1960. No mesmo seguimento, a “Agitação e Ocupação” baseia-se num número da revista *Casabella* referente às manifestações estudantis em Itália que requeriam uma evolução das instituições, tanto a nível pedagógico como social. Em Itália, este período é ainda marcado por uma forte componente política que influencia o ensino. Este primeiro capítulo, “Debates Emergentes”, proporcionará uma análise posterior à transição entre a década de 1960 e 1970, a um evento que teve repercussões mundiais, o Maio de 68. Para muitos, referência essencial para a segunda metade do Século XX, por principiar o conceito que hoje entendemos por “Globalização”, é caracterizado pela revolução estudantil contra a opressão do regime e pela democratização da Escola, sendo uma das ocasiões em que o debate não foi suficiente para evitar a revolução. Nesta ocasião, assim como as já evidenciadas, urge olhar a escola e o ensino da arquitetura que teve repercussões evolutivas ainda hoje evidenciadas. Se a manifestação afetou a universidade, por consequência afetaria também a disciplina da arquitetura. O acontecimento viria a culminar com os últimos instantes do sistema *Beaux-Arts* que já se avistava há algum tempo, sendo a justificação para muitas Escolas se reformularem ou estruturarem o corpo docente.

Em Portugal, o ensino da arquitetura tem um histórico de reestruturações e/ou reformulações, logo aquelas suscitadas pelo Maio de 68 suscitou não fluíram com o mesmo impacto que além-fronteiras. Entretanto, o país entra numa instabilidade política que coloca um término à ditadura em 1974, levando a uma nova reestruturação dos cursos vigentes. No final da década de 1970, inicia-se o processo da integração da arquitetura na Universidade tal como aconteceu na reformulação do ensino no Maio de 68, que de certo modo operou a separação entre as *Beaux-Arts* e a arquitetura. As únicas duas Escolas de Belas-Artes que lecionavam a disciplina no país (ESBAL - Escola de Belas Artes de Lisboa e ESBAP - Escola de Belas Artes do Porto) sofrem uma reformulação, implicando um processo complexo de adaptação à nova realidade institucional. Aos olhos desta transição, em 1988 surge em Coimbra a vontade de implementar um curso de arquitetura na Universidade. Seria o primeiro a nascer numa instituição universitária, já que a ESBAP e a ESBAL marcaram a transição da arquitetura em 1979. As duas instituições efetivam esse processo com a mudança de instalações, que na FAUP foi complexa e despontando na Escola uma condição de crise. Similarmente, a instalação da Licenciatura em Arquitetura na Universidade de Coimbra concebe-se num processo com

algumas adversidades, a nível institucional, mas também da assunção e estabilização do plano de estudos, do corpo docente e da autonomia e/ou qualificação das instalações (Darq – Departamento de Arquitetura da Universidade de Coimbra).

A pertinência de ambos os casos sai reforçada pela partilha de uma cultura arquitetónica e respetivos protagonistas, mediada em Coimbra com a experiência de professores vindos de Lisboa com o sentido de rejeição por parte da FAUTL. Os debates como factos incontornáveis na história das Escolas também são concebidos enquanto propósito de afirmar e/ou construir uma identidade ou posição. As "Jornadas Pedagógicas" no Porto e os "Encontros de Tomar" em Coimbra, nas suas respetivas escalas, contextos e objetivos específicos, revelam como o debate é essencial em ambos os projetos pedagógicos, quer se estejam a reconfigurar no primeiro caso, ou a formular de raiz como acontece no segundo caso.

São estes episódios, por vezes pontuais, que carecem de investigação. Logo, as Jornadas e os Encontros revelam-se a peça-chave do presente trabalho, já que sendo dois momentos temporalmente coincidentes e numa mesma cultura arquitetónica, são também pontos de situação para reinventar a Escola e adaptá-la à atualidade, já que a sua sobrevivência resulta da constante atualização das suas premissas, razão essencial para os *reTomar* e aprofundar.

A metodologia de aproximação aos factos referidos foi-se adaptando consoante os casos, porque eles também são a demonstração das várias metodologias de implementar o debate na Escola de Arquitetura. A primeira aproximação ao tema da Tese fez-se em contexto de descoberta, com leituras marcantes para a sua definição, evidenciando *Arquitectura(s): história e crítica, ensino e profissão* de Nuno Portas³ ou *Escola de Arquitectura, Hoje* de Bruno Gil⁴, assim como a leitura aprofundada da publicação *ecdj* e da revista *Joelho* do Departamento de Arquitetura da Universidade de Coimbra. De facto, este período inicial explicitou o objetivo do trabalho. Entre a própria perceção do *status quo* da Escola de Arquitetura num panorama nacional e internacional até às leituras que evidenciaram a intenção de afirmar num tempo presente que a Escola de Arquitetura necessita de estar em debate, foi o essencial para despoletar o objetivo da presente Tese.

Estabelecemos um objetivo, uma questão-chave, um arco temporal, uma abordagem, uma estrutura e similarmente um contínuo desenvolvimento do trabalho que parte da sintetização

³ Nuno Portas, *Arquitectura(s): história e crítica, ensino e profissão*, Argumentos 23 (Porto: FAUP, 2005).

⁴ Bruno Gil, «Escola de arquitectura: hoje» (Prova Final de Licenciatura em Arquitetura, Universidade de Coimbra, 2005).

das questões do Movimento Moderno em que se tornaram relevantes autores como Gonçalo Canto Moniz ou Eric Mumford. O primeiro Capítulo fundou-se fundamentalmente numa leitura ponderada e comparativa dos vários números e artigos de *Quarterly bulletin of Hochschule für Gestaltung Ulm* e posteriormente do *Journal of Ulm School for Design* disponíveis em versão digitalizada no *Monoskop*⁵. No mesmo seguimento, Kenneth Frampton em *Apropos Ulm*⁶ proporciona uma análise crítica às divergências que ocorreram na HfG, também elas baseadas nas posições mais ou menos perceptíveis nos artigos. Portanto o que pretendemos foi lançar um olhar mais profundo através de uma seleção de artigos que transcreve uma mostragem dessa faceta em debate da HfG. Com a mesma abordagem e como um paralelo à situação na HfG surgem os anos 1960 em Itália. De facto, este é ainda mais específico quanto às fontes consultadas, já que se centra no número 287 da *Casabella Continuità* que facultou uma visão panorâmica da Escola de Arquitetura italiana nesse período reforçada pela contestação estudantil e por uma eminente mudança no ensino da arquitetura.

Seguindo com a ideologia que as contestações estudantis podem ser o despoletar do debate e das reformulações na Escola e no ensino, ressalta um olhar ao Maio de 68. É um facto que este segundo capítulo é cruzado por duas questões substanciais, a questão histórica que está sempre presente, mas sobretudo a questão institucional. Jean-Louis Violeau, sociólogo e professor na *École nationale supérieure d'architecture de Paris – Malaquais*, tornou-se a principal referência para esta aproximação com o livro *Les architectes et mai 68*⁷. Protagoniza um estudo exaustivo dos inúmeros assuntos que esse evento parisiense envolveu, sempre com o objetivo de especificar a posição da Escola de Arquitetura francesa, dos arquitetos e dos estudantes de arquitetura num contexto geral que inclui o decreto lançado em 1962 com a perspetiva de reformulação do ensino da arquitetura ou as rebeliões em Nanterre e Sorbonne.

Em Portugal, a história refere que o ensino da arquitetura foi ao longo dos tempos uma analogia ao ensino parisiense que vigorou até ao Maio de 68. A questão da implementação do ensino Moderno em Portugal, retratado por Gonçalo Canto Moniz⁸, viria a colocar uma interrogação quanto a esse paralelo que era criado com o modelo *Beaux-Arts*. No entanto, face à mudança institucional ocorrida em Paris que transfere a arquitetura da *École Nationale Supérieure des Beaux-Arts* (ENSBA) para a Universidade com a criação de *Unités Pédagogiques*, também

⁵ «Ulm - Monoskop», acedido 2 de Setembro de 2017, <https://monoskop.org/Ulm>.

⁶ Kenneth Frampton, «Apropos Ulm», *Oppositions* 3, Maio de 1974, sec. History.

⁷ Jean-Louis Violeau, *Les architectes et mai 68* (Recherches, 2005).

⁸ Gonçalo Canto Moniz, «O ensino moderno da arquitectura: a reforma de 57 e as Escolas de Belas-Artes em Portugal (1931-69)».

em Portugal ocorre o processo de transição dos dois cursos vigentes como explícito em *Cultura Arquitectónica em Lisboa: Um olhar a partir da ESBAL/FAUTL no período de 1975 a 1990*⁹ de Leonor Silva e em *A Escolha do Porto. Contributos para a actualização de uma ideia de Escola*¹⁰ de Eduardo Fernandes. Do mesmo modo, *O Limiar do Claustro - Origens e práticas do Departamento de Arquitectura de Coimbra*¹¹ de Rosa Bandeirinha foi a compreensão do modo como se concebeu a instalação da Licenciatura em Arquitectura na Universidade de Coimbra. A aproximação aos momentos de debate originados na Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto e no Departamento de Arquitectura da Universidade de Coimbra é feita através das atas e das comunicações realizadas nestes instantes, tendo uma abordagem direta à matéria resultante providenciando um olhar mais crítico. As suas publicações, no Porto por parte da Associação de Estudantes e em Coimbra pela *ecdj*, foram divulgadas com o propósito transparecer os assuntos tratados e afirmar a importância da sua realização. Desde o início do trabalho que foi colocada a hipótese de incorporar entrevistas sobre os casos abordados no último capítulo, já que nos capítulos anteriores seria inexequível devido ao distanciamento temporal. Porém, o acesso às atas e às comunicações feitas nas Jornadas Pedagógicas e nos Encontros de Tomar revelaram muitas das convicções dos autores e/ou intervenientes em relação ao debate e à Escola, portanto optamos por uma análise mais cuidada às peças já referidas. Obviamente, que ocorreram conversas de carácter informal com muitos dos intervenientes como Nuno Grande, João Paulo Cardielos, Rui Lobo entre outros que ajudaram a definir posições e objetivos não só para esta parte mas também para a globalidade da Tese.

Por último e de modo conclusivo, pretendemos tirar constatações objetivas apoiados por todo o trabalho desenvolvido, embora também se perspetive considerações sobre o que ocorreu nos anos posteriores ao arco temporal definido. O essencial é que não se coloca um término à investigação, porque além de existir refutações que lançarão a sua continuidade, a Escola de Arquitectura em debate é uma constante que queremos continuar a afirmar e aprofundar.

⁹ Leonor Cabral Matos Silva, «Cultura Arquitectónica em Lisboa: Um olhar a partir da ESBAL/FAUTL no período de 1975 a 1990» (Dissertação de Mestrado em Arquitectura, Universidade de Lisboa, 2011).

¹⁰ Eduardo Fernandes, «A Escolha do Porto. Contributos para a actualização de uma ideia de Escola» (Dissertação de Doutoramento em Arquitectura, Escola de Arquitectura da Universidade do Minho, 2010); Raquel Geada Paulino, «ESBAP|FAUP. O Ensino da Arquitectura na Escola do Porto. Construção de um Projeto Pedagógico entre 1969 e 1984» (Dissertação de Doutoramento em Arquitectura, Universidade do Porto, 2014).

¹¹ Rosa Bandeirinha, «O Limiar do Claustro - Origens e práticas do Departamento de Arquitectura de Coimbra».

CAPÍTULO 1.
DEBATES EMERGENTES

1.1. O ENSINO DE ARQUITETURA NO DEBATE DO MODERNO

A arquitetura na História é lida através de estilos, ramificações, movimentos, modelos, métodos e conceitos que, divergindo um pouco entre as partes, acabam por influenciar as épocas e a arquitetura praticada. Evidentemente que se criam tradições que vão mudando ou perdurando ao longo do tempo e daí resultam maneiras próprias de interpretar as influências que definem as derivações, enquanto gênese de um novo paradigma, tornando-se um aparente ciclo que terá uma validade, até um novo surgimento.

As Escolas de Arquitetura foram ocorrendo na História tanto em épocas áureas que despontavam e acentuavam o seu aparecimento e a afirmação daquelas que de certo modo procuravam uma consolidação, como em épocas de crise assumindo à partida um risco congénito. A tendência de uma constante atualização da Escola tem repercussões, tentando sempre estabelecer uma dinâmica interna e externa que a classificará como única enquanto instituição de ensino. Portanto, essa dinâmica patente na base do conceito Escola sempre será dotada de “mestres, alunos e métodos, isto é, caminhanças, seguidores e caminhos”¹. Caso este espírito seja ameaçado ou qualquer outro elemento essencial à sua definição, a Escola como organismo flexível, optará por uma solução apontada e consciente; Então teremos a “Escola de Arquitetura em debate” em diferentes momentos, modos e abordagens, os quais pretendemos aprofundar aqui.

Recorrendo à História, porque ela também é componente substancial da arquitetura, faremos uma rápida passagem pela primeira metade do século XX, porque tornou-se pertinente uma breve reflexão procurando perceber a sucessão de acontecimentos para providenciar uma análise consolidada aos temas retratados.

No início do século passado, a arquitetura passou por uma abertura que não tinha até então. Os períodos que classificamos como influenciadores da arte e da arquitetura, de um modo geral regulamentados por tratados, escritos e ordens que aliavam a teoria com a prática da disciplina e que definiam supostamente um modo de atuação, foram quebrados mudando os

¹ Rosa Bandeirinha, «O Limiar do Claustro - Origens e práticas do Departamento de Arquitetura de Coimbra» (Dissertação de Mestrado em Arquitetura, Universidade de Coimbra, 2013), 25.



Fig.2 - Participantes do I CIAM, Castelo de La Sarraz, 1928

paradigmas e apenas “as lições da Arquitetura continuam válidas”². A necessidade de um tempo que problematizasse os dogmas que a História nos trazia revelou-se enquanto manifesto, uma requisição para uma evolução mais rápida do que em qualquer outro período.

O Movimento Moderno, que surge nas primeiras décadas do século XX “foi construído sobre uma contestação generalizada às Beaux-Arts”³ por arquitetos que não estando ligados às escolas e ao ensino, debateram-no sob uma visão pedagógica com vista à implementação de um método de aprendizagem. Começara a despontar um novo redesenho para a arquitetura e a consolidação do Movimento Moderno torna-se propositiva quando surge em Weimar, na Alemanha em 1919 a Bauhaus, fundada por Walter Gropius⁴ e detentora de uma linhagem que deriva de Henry van de Velde. A escola de Weimar tinha como principal premissa interpretar e responder ao presente, esse que era marcado pelo desenvolvimento da indústria e pela visão iluminista da sociedade, proporcionando a resolução apontada a questões concretas. Em suma, “um sistema que dava instrumentos ao arquitecto para actuar desde o mobiliário até à cidade”^{5,6}.

Em 1928, em La Sarraz, na Suíça, ocorre a formalização de uma organização que potencia encontros visando o debate acerca do Movimento Moderno, os CIAM (Congressos Internacionais da Arquitetura Moderna). Os eventos realizaram-se antes e depois da 2ª Grande Guerra Mundial (1939-1945) distribuindo-se pela Europa, La Sarraz (1928) [Fig.2], Frankfurt (1929), Bruxelas (1930), Atenas (1933), Paris (1937), Bridgewater (1947), Bérghamo (1949), Hoddesdon (1951), Aix-en-Provence (1953) e Dubrovnik (1956). Juntando os mais influentes arquitetos da época na qual defendiam que a Arquitetura Moderna devia promover o progresso social, político e económico, cada Congresso era dotado de um tema previamente definido, variando desde a cidade, a habitação ou a profissão. O resultado mais preponderante dos CIAM antes da 2ª Grande Guerra, além dos debates em torno dos vários assuntos sempre marcados pela questão da cidade e da habitação, foi a Carta de Atenas. Surge como um manifesto resultante do IV Congresso realizado em Atenas, que tem como foco principal “A Cidade

² Ibid., 39.

³ Gonçalo Canto Moniz, «O ensino moderno da arquitectura: a reforma de 57 e as Escolas de Belas-Artes em Portugal (1931-69)» (Tese de Doutoramento em Arquitetura, Universidade de Coimbra, 2011), 135.

⁴ Sobre a Bauhaus e o percurso de Walter Gropius ver Ibid., 144 a 158.

⁵ Ibid., 149.

⁶ Sobre o ensino da Bauhaus ver Rainer K. Wick, *Teaching at the Bauhaus* (Distributed Art Pub Incorporated, 2000); Jacinto Rodrigues, *A Bauhaus e o ensino artístico* (Lisboa: Presença, 1989).



Fig.3 - Capas de: *BauhausBücher 1: Internationale Architektur* (Arquitetura Internacional) - 1925, *BauhausBücher 2: Pädagogisches Skizzenbuch* (Sketchbook Pedagógico) - 1925, *BauhausBücher 4: Die Bühne im Bauhaus* (Estágio na Bauhaus) - 1924, *BauhausBücher 7: Neue Arbeiten der Bauhauswerkstätten* (Novos Trabalhos das Oficinas Bauhaus) -1925 e *Bauhaus 1* - 4 de Dezembro de 1926

Funcional”, o qual é dominado pelo escritor da Carta, Le Corbusier, num confronto às ideologias italianas acerca do património.⁷

A Bauhaus na década de 1920 parecia seguir a sua ideologia com uma intenção muito firmada. No mesmo ano em que é redigida a Carta de Atenas, a escola que Gropius tinha fundado para dar um novo conceito à pedagogia é fechada após várias perseguições do regime nazi.

As publicações, como símbolo de divulgação do ambiente que despontava com o surgimento de um novo Movimento para a Arquitetura, foram ao longo do tempo elementos de difusão de ideologias que se tornaram marcantes nas escolas, já que continham a mostra da sua pedagogia e do seu produto interno. Algumas vanguardas foram ocorrendo paralelamente, como o Neoplasticismo que depositara na publicação *De Stijl* iniciada em 1917, e tendo como figuras principais Theo Van Doesburg, Piet Mondrian e Gerrit Rietveld, uma renovação da arte Moderna.

A Bauhaus, que pela sua definição expôs-se como a instituição pedagógica do período inicial do Movimento Moderno, lançou a série de livros *BauhausBücher* (1924-1930), marcada pelos seus primeiros números: *Internationale Architektur* (Arquitetura Internacional), *Pädagogisches Skizzenbuch* (Sketchbook Pedagógico), *Die Bühne im Bauhaus* (Estágio na Bauhaus) e *Neue Arbeiten der Bauhauswerkstätten* (Novos Trabalhos das Oficinas Bauhaus). Mostrou o que mais tarde seria a revista *bauhaus* lançada em Dezembro de 1926 com a imagem na capa, das suas novas instalações em Dessau. [Fig.3]

Paralelamente, como publicações independentes emergem dois importantes casos que, lançadas no despontar do Movimento Moderno, foram evoluindo consoante os tempos e os modos, a *Casabella* (1928) e a *L'Architecture d'aujourd'hui* (1930). Além de serem contemporâneas entre si, espelhavam posições diferentes, já que a primeira surgiu em Itália e a segunda em França, e em vários momentos defendiam ideais antagónicos. Também os seus fundadores tinham posturas diferentes: a *Casabella* é fundada por Guido Marangoni, crítico de arte e a *L'Architecture d'aujourd'hui* por André Bloc que claramente é influenciado por Le Corbusier quando se encontram em 1921.

⁷ Sobre os CIAM ver Eric Paul Mumford, *The CIAM Discourse on Urbanism: 1928-1960* (Cambridge (Mass.); London: MIT Press, 2000).

A *Casabella*, além de tomar uma postura de revista internacional de arquitetura e urbanismo, foi tentando manter uma posição patriota mesmo com a compra da revista *Domus* por parte da sua editora em 1935 que de certa forma a colocou em causa. Talvez como consequência da sua posição ao longo dos anos foram inúmeras as várias mudanças de direção e nome. No entanto, a postura que a *Casabella* tinha foi preservada após várias suspensões e afirmada nos inícios dos anos 1950 com a entrada de Ernesto Nathan Rogers como diretor, como será aprofundado posteriormente com o número 287 lançado em Maio de 1964.⁸

Com a interrupção da Segunda Guerra Mundial, os CIAM regressam em 1947, em Zurique e como refere Gonçalo Canto Moniz, “foram necessários 20 anos e uma guerra para que o ensino da arquitectura entrasse nos debates do grupo e se constituísse um tema autónomo”⁹, já que desde a Declaração de La Sarraz que o tema da pedagogia tinha sido abordado mas não debatido. No VI CIAM aparece Walter Gropius entre outros,¹⁰ a liderar uma das comissões, a do ensino da arquitetura. Neste que foi o primeiro Congresso do pós-guerra, o ambiente ainda é de indefinição, portanto:

“Na ausência de consenso foi decidido que o CIAM 6 deveria ter caráter de congresso preparatório para o CIAM 7 e estabelecer os contatos entre os grupos que haviam sido quebrados pela guerra.”¹¹

No CIAM seguinte, Gropius e Giedion mantêm-se e afirmam a presença da Comissão de Ensino, onde é incluído Ernesto Nathan Rogers, figura do Politécnico de Milão e posteriormente elemento-chave da cultura arquitetónica italiana e da *Casabella* como já referido anteriormente. Realizado em Bérgamo em 1949, conta com a atenção de Bruno Zevi que tece fortes críticas aos CIAM, críticas que foram previamente iniciadas quando publicou o livro “*Verso un’architettura orgânica*” em 1945, fundando a *Association for Organic Architecture* (APAO) e também quando em 1949 publica “*Della cultura architettonica: messaggio al Congrès International d’Architecture Moderne*” no jornal *Metron*.

⁸ Sobre a história da revista ver «storia della rivista | CASABELLA», acessido 26 de Maio de 2017, <http://casabellaweb.eu/wp/the-magazine/short-magazine-history/>.

⁹ Gonçalo Canto Moniz, «O ensino moderno da arquitectura: a reforma de 57 e as Escolas de Belas-Artes em Portugal (1931-69)», 159.

¹⁰ Walter Gropius juntamente com Jane Drew do grupo MARS, Jaromir Krejcar, arquiteto checoslovaco e Sigfried Giedion, arquiteto suíço. Sobre a Comissão de Educação dos CIAM ver Ibid., 159 a 168.

¹¹ Versão original “In the absence of consensus it was decided that ciam 6 should have the character of preparatory congress for ciam 7 and would establish the contacts among groups that had been broken by the war.” em Eric Paul Mumford, *The CIAM Discourse on Urbanism*, 171.



Fig.4 - CIAM '59 Congress, Otterlo, 1959. Peter and Alison Smithson, John Voelcker, Jacob Bakema, Sandy van Ginkel; below Aldo van Eyck, Blanche Lemco

“Um dos resultados mais significativos do fracasso do Congresso de Bérghamo foi a crítica do CIAM provocada por Bruno Zevi.”¹²

O ambiente vigoroso que se viveu nos Congressos antes da Guerra entrara em crise. Provavelmente pela afirmação e introdução de uma cultura italiana, anos mais tarde entendida como desvio do Moderno, que se começara a implementar nos CIAM por Rogers que incorporava o grupo *BBPR*¹³ e por Zevi pela crítica.

Começava-se a traçar o fim dos Congressos e mesmo com a ideia de uma Carta da Educação um pouco à imagem da de Atenas, tudo fica resumido ao título “*From the “Heart of the City” to the End of CIAM*”¹⁴, ou seja, desde o VIII CIAM (1951) até ao Team 10 (1956) [Fig.4]. Além dos vários grupos que surgiam como o *ASCORAL (Assemblée de Constructeurs pour une Rénovation Architecturale)* que lançou uma série de publicações urbanísticas antecipando o pós-guerra¹⁵, entre outros que discutiam a Arquitetura Moderna, o Team10¹⁶ evidencia os pontos frágeis dos CIAM como razão da sua formação. Logo podemos referir que a crítica italiana e os Team10, em parte delinearam o fim dos Congressos e a possibilidade de novos surgimentos que colocariam o Movimento Moderno em questionamento.

Também no ensino e nas escolas, estas transformações constituíram parte importante das motivações daí em diante, tal como veremos no capítulo seguinte a partir de dois contextos pedagógicos e institucionais diferentes.

¹² Versão original: “One of the most significant results of the unsuccessful Bergamo Congress was the critique of CIAM it provoked from Bruno Zevi.” em *Ibid.*, 198.

¹³ Grupo *BBPR* constituído por Gianluigi Banfi (1910-1945), Lodovico Barbiano di Belgiojoso (1909-2004), Enrico Peressutti (1908-1976) e Ernesto Nathan Rogers (1909-1969)

¹⁴ Eric Paul Mumford, *The CIAM Discourse on Urbanism*, 201.

¹⁵ Stephen Sennott, *Encyclopedia of Twentieth Century Architecture* (Taylor & Francis, 2004), 87.

¹⁶ Jaap Bakema, Georges Candilis, Aldo van Eyck, Giancarlo De Carlo, Alison e Peter Smithson e Shadrach Woods entre outros críticos como Ralph Erskine e o português Pancho Guedes. Sobre o fim dos CIAM, o Team10 e a sua posição na crítica ao Moderno ver Ana Cláudia Castilho Barone, *Team 10: arquitetura como crítica* (Annablume, 2002). Sobre as reflexões do Team 10 em Portugal ver Pedro Baía, «Da recepção à transmissão: reflexos do Team 10 na cultura arquitectónica portuguesa, 1951-1981» (Dissertação de Doutoramento em Arquitetura, Universidade de Coimbra, 2014).



Fig.5 - Escola de Design de Ulm

1.2. PUBLICAÇÕES DE CRISE

1.2.1. Ideologias Distintas: O *Journal* como espelho da HfG Ulm

No seguimento de uma introdução panorâmica, o Movimento Moderno e a sua caracterização sumária enquadrámos dois contextos com o intuito de refletir como o debate sobre o ensino da arquitetura traduzia as problemáticas que concentrámos no anterior subcapítulo. A Bauhaus “É uma escola manifesto, contra o individualismo e o isolamento em relação à sociedade, pró fusão entre tecnologia e arte, em busca de uma arquitectura da totalidade.”¹⁷ Apesar do curto período de existência, formou alunos suficientes para expandir o seu conceito de ensino porque eles são isso mesmo, uma passagem de legado. Um desses alunos era Max Bill que acreditava numa escola de experimentação, onde a arte e o artesanato se aliam à indústria de modo a construir soluções para o presente. Como discípulo de Hannes Meyer (que sucede a Gropius como diretor) e da Bauhaus, desenha as instalações e funda a Escola de Design de Ulm [Fig.5] (*Hochschule für Gestaltung Ulm*)¹⁸ em 1953, que inicialmente tinha como objetivo “a pesquisa social e ciência política como parte do programa Americano para a reconstrução pós-guerra da Alemanha.”¹⁹ Num tempo em que a Alemanha, apesar de dividida²⁰, tentava a sua rápida reconstrução e os CIAM pereciam de Congresso para Congresso, surge esta Escola que altera o seu propósito inicial precisamente pela posição que Max Bill defendia, e com um espírito de continuidade pretende unir sociedade, política, ensino, indústria e design num único método.²¹

As influências políticas e económicas designaram Ulm como cidade para o seu estabelecimento, geograficamente distante de Dessau ou de Berlim. Embora Max Bill fosse a figura fundamental, a presença de outras personalidades que pretendiam implementar uma evolução ideológica ou novas ideologias, encaminham-no para fora da Escola depois de se

¹⁷ Bruno Gil, «Escola de arquitectura: hoje» (Prova Final de Licenciatura em Arquitetura, Universidade de Coimbra, 2005), 17.

¹⁸ Sobre o método de Max Bill e a composição do edifício ver Tania Calovi Pereira, «Design through synthesis: the role of sculpture in the design process of Max Bill», *Joelho 4: revista de Cultura Arquitectónica*, Abril de 2013.

¹⁹ Versão original: “...social research and political science as part of the American programme for the postwar reconstruction of Germany.” em Kenneth Frampton, «Apropos Ulm: Curriculum and Critical Theory», em *Labour, Work and Architecture* (Phaidon Press, 2002), 47; inicialmente publicado em Kenneth Frampton, «Apropos Ulm», *Oppositions* 3, Maio de 1974, sec. History, 17 a 36.

²⁰ Após a 2ª Grande Guerra Mundial a Alemanha foi dividida pelos Aliados em quatro zonas. Mais tarde, a divisão daria origem à República Federal da Alemanha (RFA) e à República Democrática Alemã (RDA).

²¹ Sobre a metodologia e o projeto educativo da *Hochschule für Gestaltung Ulm* ver Isabel Clara Neves da Rocha Marques, «Abordagem científica ao projecto numa perspectiva computacional na arquitectura» (Dissertação de Doutoramento em Arquitetura, Universidade de Lisboa, 2015).

ulm 1

Vierteljahresbericht
der Hochschule für Gestaltung, Ulm
Oktober 1958

Preis pro Nummer DM 1.—/Sfr 1.—/OS 7.50
Jahresabonnement DM 4.—/Sfr 4.—/OS 30
portofrei

Quarterly bulletin
of the Hochschule für Gestaltung, Ulm
October 1958

Price per issue 2s6d/50.50
Yearly subscription 10s/52.00 post paid

Bulletin trimestriel
de la Hochschule für Gestaltung, Ulm
Octobre 1958

Prix du numéro 125 frs/L.175
Abonnement annuel 500 frs/L.700 port payé



Hochschule für Gestaltung

Die Hochschule für Gestaltung bildet Fachkräfte aus für zwei entscheidende Aufgaben der technischen Zivilisation: die Gestaltung industrieller Produkte (Abteilung Produktform und Abteilung Bauern), die Gestaltung bildhafter und sprachlicher Mitteilungen (Abteilung visuelle Kommunikation und Abteilung Information).

Die Hochschule für Gestaltung bildet damit Gestalter heran für die Verbrauchs- und Produktionsgüterindustrie sowie für die modernen Kommunikationsmittel Presse, Film, Funk und Werbung. Diese Gestalter müssen über die technologischen und wissenschaftlichen Fachkenntnisse verfügen, die für eine Mitwirkung in der heutigen Industrie erforderlich sind. Gleichzeitig müssen sie die kulturellen und gesellschaftlichen Konsequenzen ihrer Arbeit erfassen und berücksichtigen.

Die Hochschule für Gestaltung ist als eine Schule für höchstens 150 Studierende konzipiert, um ein günstiges Zahlenverhältnis zwischen Studierenden und Dozenten zu gewährleisten.

Dozenten und Studierende kommen aus verschiedenen Ländern und geben der Hochschule einen internationalen Charakter.

The Hochschule für Gestaltung educates specialists for two different tasks of our technical civilization: The design of industrial products (industrial design department and building department); The design of visual and verbal means of communication (visual communication department and information department).

The school thus educates designers for the production and consumer goods industries as well as for present-day means of communication: press, films, broadcasting, television, and advertising. These designers must have at their disposal the technological and scientific knowledge necessary for collaboration in industry today. At the same time they must grasp and bear in mind the cultural and sociological consequences of their work.

The Hochschule für Gestaltung is conceived as a school for a maximum number of 150 students, in order to ensure a favourable proportion between the number of students and faculty. Faculty and students come from many different countries, thus giving the school an international character.

La Hochschule für Gestaltung s'attache à former des spécialistes appelés à remplir deux tâches d'importance décisive dans notre civilisation technique: la création dans le domaine des produits industriels (section «Industrial Design» et section «Industrialisation du Bâtiment»); la création dans le domaine de la communication visuelle et verbale (section «Communication Visuelle» et section «Informations»).

La Hochschule für Gestaltung forme des créateurs qui s'appliquent tant à l'étude d'objets industriels de consommation et de production, qu'à celle des moyens modernes de communication (presse, film, radiodiffusion, télévision, publicité). Ces créateurs devront posséder les connaissances techniques et théoriques aujourd'hui nécessaires à une collaboration fructueuse avec l'industrie. Ils devront aussi considérer et mesurer la portée des conséquences sociales et culturelles de leur travail.

La Hochschule für Gestaltung est conçue de manière à recevoir un maximum de 150 étudiants, afin d'assurer une proportion numérique favorable aux rapports entre étudiants et professeurs, qui viennent de tous les horizons et donnent à l'École son caractère international.

Fig.6 - Capa de *Quarterly bulletin of Hochschule für Gestaltung Ulm 1* - 1958

manter quatro anos na sua linha da frente. As publicações da Escola são componentes substanciais à sua propagação e a partir delas é viável perceber o seu funcionamento. Deste modo, qualquer discurso que se possa fazer no decorrer do trabalho será mais estável porque pode ser apoiado pelo mítico periódico lançado pela Escola em Outubro de 1958. Sem Max Bill e com Tomás Maldonado como responsável máximo, é lançado o primeiro número de um boletim informativo, posteriormente um *journal*, que tal como nos *BauhausBücher*, servia para divulgação da Escola. O *ulm 1* [Fig.6] apresenta a academia, as instalações, os cursos e os trabalhos realizados, e principalmente o corpo docente constituído pela diversidade disciplinar desde matemáticos a pintores, engenheiros, mecânicos e arquitetos.

A Escola de Ulm é uma escola multidisciplinar em que não leciona apenas arquitetura, mas como seriam eventualmente as Escolas se não tivessem existido a Bauhaus ou HfG Ulm? Hoje, não seria possível olhar para a Bauhaus como um manifesto ou para Ulm como a tentativa do seu prolongamento, e por conseguinte não teríamos a percepção do quão abrangente a disciplina da arquitetura pode ser e de como a Escola pode acompanhar essa abrangência. Deste modo, a Escola necessita de se adaptar à época porque o contrário seria impraticável. Avanços e recuos verificam-se nesta Escola, que desde o início teve várias resistências exteriores e interiores, nomeadamente pela diversidade de ideias dos seus elementos. Essa desigualdade ideológica na maioria das Escolas é uma condição frutífera para o seu desenvolvimento, mas Kenneth Frampton refere que através dos números da publicação lançada pela Escola é evidente que, “ao contrário do mito popular, nunca houve uma posição monolítica na *Hochschule*, pois o discurso que se realizou na sua revista ocorreu exclusivamente através do intercâmbio de opinião individual.”²²

Estas opiniões individualizadas expressas nos artigos desta publicação que serviu como plataforma para colocar a Escola em debate ao longo dos anos, serão evidenciadas pelo cruzamento das peças escritas que suscitam maior ênfase para descrever reflexões, debates e confrontos ideológicos. Portanto, as publicações eram lançadas periodicamente como comprovação da alteração que a Escola sofria e Maldonado, em função da sua visão, tentava uma constante atualização da HfG. No número que refere a visita de Charles Eames à *Hochschule*, Maldonado escreve o artigo “*New developments in industry and training of the*

²² Versão original: “...contrary to popular myth, there was never any monolithic position obtaining at the Hochschule, for the discourse that was carried on in its journal came into being solely through interchange of individual opinion.” em Kenneth Frampton, «Apropos Ulm: Curriculum and Critical Theory», 46.

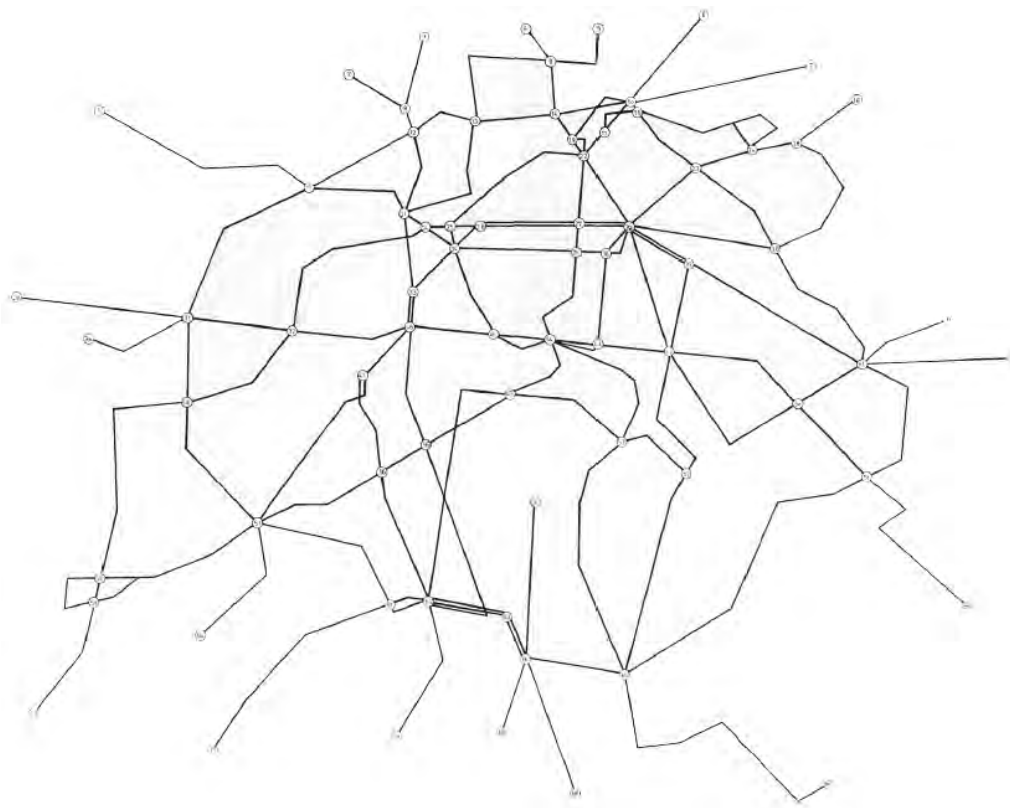


Fig.7 - "Example of an underground railway system" - *Visual Methodology*

designer”²³ lembrando que “o encerramento da Bauhaus terminou num período particularmente fértil na história da prática do designer; Talvez até o período mais brilhante até à data.”²⁴ Porém, Maldonado assume que foram feitos esforços, nomeadamente na América para uma introdução do “*training of the designer*” por Walter Gropius que após perseguições do regime nazi viaja para Itália e para Inglaterra, de onde parte em 1937 para os Estados Unidos da América. Leva consigo um sentimento de que o seu modelo de ensino pode ir além da Bauhaus e no mesmo ano começa a lecionar na *Harvard Graduate School of Design*, onde após um ano passa a diretor do Departamento de Arquitetura, até 1952. A Bauhaus perpetuará para sempre como o idealismo do design industrial ou de todas as secções que o seu método conseguia agrupar. O design está em crise e não o método, e para Maldonado o *status quo* que a *Hochschule* necessitava de fazer “não deve começar com reflexões gerais sobre educação, mas com uma análise extremamente concreta da situação atual do design industrial.”²⁵

Perante este pensamento de crise, o “*Visual Methodology*”²⁶ [Fig.7] escrito por Anthony Frøshaug que faz um ponto de situação enquanto personagem recém-chegada à Escola e com um olhar analítico e liberal, elenca “Conjunto de Problemas” e “Hipóteses de Trabalho”. Nos vários parâmetros definidos não se trata de extinguir o método, mas torná-lo peça basilar da Escola, porque “Desta forma, é feita uma tentativa de orientar os alunos a ter, na medida do possível, uma abordagem sistemática em vez de trabalhar apenas de forma intuitiva; assim, adquirem algum conhecimento do método. Finalmente, os problemas devem ser relacionados no tema do trabalho que os alunos realizarão mais tarde nos vários departamentos da *Hochschule*.”²⁷

É também neste seguimento que, segundo Frampton, Maldonado propõe o “operacionalismo científico, do qual ele observou: “não é mais uma questão (...) de conhecimento, mas de

²³ Tomás Maldonado, «New developments in industry and training of the designer», *Quarterly bulletin of Hochschule für Gestaltung Ulm* 2, Outubro de 1958.

²⁴ Versão original: “...the closing of the Bauhaus ended a particularly fertile period in the history of the training of the designer; perhaps even its most brilliant period to date.” em *Ibid*.

²⁵ Versão original: “...should not start with general reflections on education, but with an extremely concrete analysis of the present situation of industrial design.” em *Ibid*.

²⁶ Anthony Frøshaug, «Visual Methodology», *Quarterly bulletin of Hochschule für Gestaltung Ulm* 4, Abril de 1959.

²⁷ Versão original: “In this way an attempt is made to guide students to have, as far as possible, a systematic approach rather than merely to work intuitively; thus to acquire some knowledge of method. Finally, the problems must be related in theme to the work which the students will carry out later on in the various departments of the Hochschule.” em *Ibid*.

conhecimento operacional e manipulável.””²⁸ Frampton refere que este “operacionalismo” tem ligações a um sistema desenvolvido e publicado nos anos 1950 pelo psicólogo matemático Anatol Rapoport²⁹. Após a afirmação de Maldonado, que divulgou em “*Communication and Semiotics*”³⁰ os seus resultados, passaram a “vaguear” conflitos abertos, mas não assumidos ao *modus operandi* e à definição dos cursos e do rumo da Escola.

“A própria atitude de Maldonado em relação à abordagem positivista, inicialmente um pouco ambivalente, parece estar refletida nas intermináveis controvérsias surgidas no interior da *Hochschule* no início dos anos sessenta, o que equivale a um amplo confronto entre os designers pragmáticos de um lado - simbolizado em figuras tão brilhantes como o falecido Hans Gugelot - e os metodólogos no outro, a facção mais extrema, de acordo com Maldonado, liderada por um professor convidado na *Hochschule*, o suíço político, economista e historiador de arte, Lucius Burckhardt.”³¹

Desde que Max Bill saiu da Escola instaurou-se este clima de incerteza e de dualidades como foram citadas anteriormente. Logo, a Escola necessitou de uma intervenção não requerida pelos órgãos máximos da HfG. Otl Aicher, designer gráfico nascido em Ulm que aparece em primeiro na listagem do corpo docente feito no *ulm1*, é o único que tem uma ligação à Fundação *Geschwister-Scholl*³² que contribuiu para a criação da *Hochschule für Gestaltung Ulm*. Portanto, como a Escola em determinados pontos usufruía de uma emancipação em relação à Fundação, porque esta não tinha elementos decisores suficientes na Escola, a 7 de Abril de 1959 entram mais dois elementos, Max Guthert e Thorwald Risler. Se até então o clima vivido era tenso e indefinido, esta ação irá agravar esse ambiente interior.

A publicação da Escola sofre uma suspensão em Julho de 1959 demonstrando a atmosfera de controvérsia que planava interiormente. Sem dúvida que o debate e a revolução dentro da

²⁸ Versão original: “...scientific operationalism, of which he remarked, “... it is no longer a question ... of knowledge, but of operational, manipulable knowledge.”” Kenneth Frampton, «Apropos Ulm: Curriculum and Critical Theory», 52.

²⁹ Anatol Rapoport, *Operational Philosophy: Integrating Knowledge and Action* (International Society for General Semantics, 1969).

³⁰ Tomás Maldonado, «Communication and Semiotics», *Quarterly bulletin of Hochschule für Gestaltung Ulm* 5, Julho de 1959.

³¹ Versão original: Maldonado's own attitude to the positivistic approach was at first somewhat ambivalent seems to be reflected in the endless controversies that arose inside the Hochschule during the early Sixties, which amounted to a long drawn out confrontation between the pragmatic designers on the one side - epitomized in such brilliant figures as the late Hans Gugelot - and the methodologists on the other, the most extreme faction, according to Maldonado, being led by a guest professor at the Hochschule, the Swiss political economist and art historian, Lucius Burckhardt.” em Kenneth Frampton, «Apropos Ulm: Curriculum and Critical Theory», 53.

³² Aicher casou-se com Inge Scholl, irmã de Hans Scholl e Sophie Scholl na qual as suas mortes provocadas pelo regime nazi foram a razão para o estabelecimento da Fundação.

Escola existiram. Aicher é apresentado como diretor eleito a 20 de Dezembro de 1962 e Tomás Maldonado como vice-diretor. A publicação volta em Outubro de 1962 com uma renovação na sua organização, nomeadamente a sua divisão em várias secções, e com outra designação. Deixaria de ser *Quarterly bulletin of Hochschule für Gestaltung Ulm* e passaria a *Journal of Ulm School for Design*. A nova conformação da publicação traduzia mais alento nesta peça que também é um trabalho da Escola. O conceito de design entrara na edição do *Journal*, isto é, desfrutava de imagens ilustrativas relacionadas com os artigos, de um índice (a partir do *ulm* 8-9) e de uma organização planeada em secções, tal como “*Opinions*”, “*Students’ Design Work*”, “*Teachers Design Work*”, “*Formers Students*”, “*Comments*”, entre outros. Por exemplo, em “*Teachers Design Work*” são apresentados os trabalhos desenvolvidos pelos docentes, entre os quais um dos mais famosos trabalhos do período da *Hochschule für Gestaltung Ulm*, a imagem comercial da companhia aérea Lufthansa desenhada por Otl Aicher, ou outros projetos feitos em paralelo e mostrados aqui também como peças que contribuem para a Escola. Maldonado é o responsável pelo *Journal* que passa a ser apenas editado em alemão e inglês, ou seja, é removida a coluna que dispunha inicialmente a tradução para francês. A HfG tinha mudado em todos os sentidos, principalmente as opções ideológicas do seu diretor, portanto:

“Quaisquer que sejam as repercussões da reorganização de Aicher, houve uma mudança discernível na natureza do discurso que aparece na revista a partir de então, uma mudança que parece ter refletido um recuo por parte dos teóricos para uma posição mais radical. Em qualquer caso, depois de 1962, qualquer esperança de reconciliação entre a *Hochschule* e a promessa do neocapitalismo do pós-guerra, começou decididamente a desaparecer.”³³

Essa mudança para uma posição mais extremista irá incluir Maldonado, Claude Schnaidt e Gui Bonsiepe que, depois de afetados pela reorganização operada na HfG, constroem uma crítica em função das suas posições e adquirem destaque nos números do *Journal* onde escrevem como elementos de uma Escola em constante crise. Juntos ou individualmente difundem um desequilíbrio na *Hochschule*, que mais tarde é razão para muitos apontarem como o seu fim. Esta reforma que também afeta a publicação foi capaz de despromover o

³³ Versão original: “Whatever the repercussions of Aicher's reorganization, there was a discernible shift in the nature of the discourse appearing in the journal thereafter, a shift which seems to have reflected a retrenchment on the part of the the oreticians to a more radical position. In any event, after 1962 any hope of reconciliation between the Hochschule and the promise of postwar neocapitalism, decidedly began to fade.” em Kenneth Frampton, «Apropos Ulm: Curriculum and Critical Theory», 55.

	Meinungen	Opinions
Tomás Maldonado	Ist das Bauhaus aktuell?	Is the Bauhaus Relevant Today?
		
<p><i>Das Bauhaus Gebäude in Dessau. The Bauhaus building in Dessau.</i></p>	<p>Die Frage: "Ist das Bauhaus aktuell?" haben wir in der Vergangenheit manchmal negativ, manchmal ausweichend beantwortet. Es war für uns selbstverständlich, daß Gestalten und Erziehen zum Gestalten heute nicht dasselbe sind und nicht dasselbe sein können wie in den 20er Jahren. Indessen wurde unsere negative bzw. ausweichende Antwort nicht allein durch diese heute noch gültige Überlegung bestimmt. Indem wir die Aktualität des Bauhauses bestritten oder in Zweifel stellten, glaubten wir, unsere eigene Aktualität, unsere eigene Originalität zu bestätigen. Wir anerkannten eine alte Prämisse der romantischen Geschichtsphilosophie: Sein heißt immer Im-Konflikt-Sein mit den Vorgängern. So glaubten wir, unsere</p>	<p>The question "Is the Bauhaus relevant today?" we have in the past answered sometimes negatively, sometimes evasively. It was obvious to us that design and education for design are not the same today and cannot be the same as in the twenties. Our negative or evasive answer however was not entirely determined by this consideration still valid today. Disputing or calling into question the present-day relevance of the Bauhaus, we believed to confirm our own importance and originality. We recognised an old premise of the idealistic philosophy of history: to be is always to be in conflict with one's predecessors. In this way we believed to prove our own <i>raison d'être</i>.</p>
		5

Fig.8 - «Is the Bauhaus Relevant Today?» - *Journal of Ulm School for Design 8-9*

ousado plano lançado no *ulm1* e por conseguinte a herança que restava da Bauhaus. Maldonado, com intenção claramente provocatória pergunta “*Is the Bauhaus Relevant Today?*”³⁴ [Fig.8] De salientar, que este artigo é publicado no *ulm8-9* que foi lançado precisamente cinco anos antes do encerramento definitivo da *Hochschule*. Este texto de Maldonado expõe de forma austera o que foi a Bauhaus, o heroísmo que é erguido perante a sua pedagogia e os seus elementos e como a situação da HfG pode ser um paralelo. É um manifesto com desígnio de aviso e/ou ponto de situação análogo à situação que se passou com a Bauhaus. Para Maldonado, autores e críticos (evidencia Hans Wingler e o seu livro publicado em 1962³⁵) acabam por descuidar a importância da Bauhaus enquanto intenção de “abrir uma perspectiva humanística da civilização técnica, i.e. considerar o meio ambiente humano como um "campo concreto de atividades de design". Pensamos aqui numa Bauhaus que tentou, também sem sucesso, patrocinar uma cultura aberta e progressista na Alemanha.”³⁶

O que aconteceu com a Bauhaus, acontecerá com a *Hochschule für Gestaltung Ulm*. Uma reflexão consciente sobre as razões que impediram a Bauhaus de desenvolver uma nova concetualização do design poderia traçar um novo caminho para a HfG, para que esta terminasse sem entender a verdadeira razão da sua existência. Na Bauhaus surgia uma visão para uma sociedade em constante mudança, com base na compreensão dos fenómenos culturais, da efemeridade que as questões podem ter e a resolução apontada ao quotidiano e no centro estaria o design nas suas diversas vertentes. Estes pontos são relevantes também para a HfG e para a cultura alemã, que ficaram suspensos quando em 1933 a Bauhaus foi fechada. Pelas palavras de Maldonado é viável afirmar que está a ser travada uma luta idêntica à protagonizada em 1923, cujos fundamentos que serviram de ofensiva estavam novamente em destaque, passadas quatro décadas e uma Guerra Mundial.

“Fomos defraudados na esperança de que a Alemanha do pós-guerra finalmente decidisse por uma cultura aberta e progressista. A campanha difamatória recentemente lançada contra a HfG prova esse facto. Devemos declarar com arrependimento que os senhores que lutaram contra a Bauhaus nos anos vinte até sua aniquilação total (e estes não eram apenas os nazis!) reentrem no palco. Os atores mudaram, mas a essência

³⁴ Tomás Maldonado, «Is the Bauhaus Relevant Today?», *Journal of Ulm School for Design* 8-9, Setembro de 1963.

³⁵ Hans Maria Wingler, *Il bauhaus - Weimar, Dessau, Berlino 1919-33* (Feltrinelli Editore, 1987).

³⁶ Versão original: “...open a humanistic perspective of technical civilisation, I. e. to regard the human environment as a "concrete field of design activity". We are thinking here of a Bauhaus which tried, also without success, to sponsor an open and progressive culture in Germany.” em Tomás Maldonado, «Is the Bauhaus Relevant Today?», 6.

Bauhaus Weimar Exodus 1

Hochschule für Gestaltung Ulm Exodus 2

Even before the beginning of the Nazi regime the existence of the Bauhaus people in Weimar was put under pressure and finally made impossible. They drew the only conclusion: they left.

In Dessau they found a new home and a more apt environment to continue their work.

Today the HfG is confronted with an alternative similar to the one faced by the Bauhaus. Those employed at the HfG were informed on Monday, 19th Feb 1968 that on the 30th of September 1968 their contracts would be terminated. They have to find they are allowed to seek other activities elsewhere. Several proposals have been declared as to how the HfG might be carried on; preservation, rescue, consolidation and fusion with another institution under a cover association have been spoken of, but whatever the details of these plans, one point remains evident! What will be left of the HfG, is at best the name and a memory of better times, nothing else.

Therefore members of the HfG Ulm are looking for a chance to work, that is to say, a new atmosphere to work in, which enables them not only to accept survival under imposed alien concepts but to live according to their own ideas.

The members of the HfG will bring with them ideas and experiences from an institution which has been called one of the best and most progressive design schools in the world. We want to work in the field of product design, film, visual communications, architecture and prepare a science of design.

We ask:
which individual
which institution
which company
which city
which government

will grant the HfG residence? A residence which would enable them to be productive, and to continue what began so promisingly.

Please contact:
Hochschule für Gestaltung 78 Ulm Postfach 162 Germany

19 Feb 1968
Teachers and Students of the Hochschule für Gestaltung

Fig.9 - "Whit a poster campaign the members of the HfG made public the dangerous situation of the institution"

permanece a mesma. Eles são facilmente reconhecíveis: a mesma intolerância do presunçoso filisteu que está pronto para considerar os homens e as instituições apenas pelos olhos do juiz, do censor ou do contribuinte. A mesma desconfiança agressiva contra tudo que se estende além do horizonte estreito das suas tradições nacionais, regionais ou simplesmente locais.

Existe motivo de preocupação? Sim, sem dúvida.”³⁷

Obviamente que este artigo desponta diferentes interpretações devido à carga que a palavra Bauhaus tem nestes anos. Embora seja um texto de Maldonado, alguém que encaminha a HfG e o seu *Journal* através das suas próprias motivações, também lhe dá um sentido baseado nas suas considerações que por vezes não foi bem interpretado exteriormente. Perspetiva-se que Maldonado não quisesse objetivamente abrir um conflito com nenhum dos leitores, mas chegam até ele várias cartas que desenvolvem um interessante diálogo publicado no *Journal*. Em “*Comments on “Is the Bauhaus Relevant Today?”*”³⁸, além de Von Josef Albers (Los Angeles), Gillo Dorfles (Milão) e de Reyner Banham (Londres), que será referido posteriormente, Walter Gropius (Harvard, Cambridge) também responde a Maldonado.³⁹ As cartas esclarecem dúvidas, posições e opiniões em relação ao que é escrito no artigo, contudo Gropius não deixa de distinguir alguns pontos que distorcem a realidade dos acontecimentos. Gropius admite uma reação positiva ao livro de Hans Wingler afirmando ser um trabalho prudente que documenta a Escola, no entanto a carta tem um intuito mais forte, levar a opinião de Gropius até Maldonado acerca da importância de Theo van Doesburg e Hannes Meyer para a Bauhaus e como eles conduziram a escola. Referindo-se a Doesburg é muito esclarecedor, citando que: “A influência de Doesburg é definitivamente sobrestimada. Eu era contra torná-lo professor na Bauhaus porque, como personalidade, ele não tinha as qualidades de um bom professor, era muito dogmático, agressivo e tinha uma abordagem simplificada.”⁴⁰

³⁷ Versão original: “We have been disillusioned in our hope that post-war Germany would finally decide for an open and progressive culture. The defamatory campaign recently launched against the HfG sufficiently proves this fact. We must state with regret that those gentlemen who fought against the Bauhaus in the twenties until its total annihilation (and these were not only the Nazis!) re-enter the stage. The actors have changed, but the essence remains the same. They are easily recognisable: the same intolerance of the presumptuous philistine who is too ready to regard men and institutions only through the eyes of the judge, the censor or tax payer. The same aggressive mistrust against everything which extends beyond the narrow horizon of his national, regional or simply local traditions. Is there reason for concern? Yes, doubtless.” em *Ibid.*, 6 e 7.

³⁸ «Comments on “Is the Relevant Bauhaus Today?”», *Journal of Ulm School for Design 10 - 11*, Maio de 1964.

³⁹ As cartas de Gropius e Maldonado podem ser consultadas nos anexos.

⁴⁰ Versão original: “The influence of Doesburg is definitely over-estimated. I was solidly against making him a teacher in the Bauhaus because, as a personality, he did not have the qualities of a good teacher, was much too

No mesmo contexto e em jeito de crítica refere o livro *“Poetica dell’architettura neoplástica”*⁴¹ de Bruno Zevi descrevendo-o como um elemento elaborado sem pesquisa e construído com “...uma ideia pré-concebida, que obviamente foi apoiada por Nelly van Doesburg.”⁴² Gropius reconhece que Doesburg teve influência na Bauhaus, mas não tão extrapolada como é proferida, porque se Zevi optasse pelo contacto com qualquer outra personagem envolvida, certamente iria expor uma apreciação diferente.

“Para mim, o teste é se um homem vive o que ele prega ou não. Essa identidade não estava presente em Doesburg, nem em Hannes Meyer.”⁴³ Para Gropius, Meyer não conduziu para a Escola o “conteúdo social”, já que deixou que a política ou o partidismo entrasse na Bauhaus e tal acontecimento levou ao seu fim. Deste modo, Gropius assume que enquanto a dirigiu tentou que tal não acontecesse e sempre se focou no objetivo principal da Escola que era encontrar soluções para os problemas da sociedade, porque “Sem o esforço da Bauhaus teria sido apenas uma campanha estética.”⁴⁴

Na conclusão da carta, Walter Gropius justifica todas as suas objeções com o distanciamento crítico que conseguiu desenvolver após todos estes anos.

Maldonado, na resposta à carta de Gropius, responde a cada um dos temas em debate, em que na generalidade concorda com a visão de Gropius, até ao tema Hannes Meyer. Maldonado defende que Meyer deve ser incluído na história da Bauhaus pela convicção que a defendeu. Porém, o funcionalismo, característica fundamental, foi colocado em causa e fez com que o expressionismo e o decorativismo aparecessem novamente. No fim da carta, o autor menciona que:

“Além da nossa simpatia ou antipatia, deve ser admitido que Meyer não poderia ter agido de modo diferente do que fez em tais circunstâncias. (...) Peço que não interprete mal os meus argumentos. O meu interesse não está num partidarismo em relação a um período que não vivi, e com cujos detalhes está mais familiarizado do que eu, mas

dogmatic, aggressive and had an oversimplified approach.” em «Comments on “Is the Relevant Bauhaus Today?”», 62.

⁴¹ Bruno Zevi, *Poetica dell’architettura neoplastica* (Tamburini, 1953).

⁴² Versão original: “...with a preconceived idea which obviously was supported by Nelly van Doesburg.” em «Comments on “Is the Relevant Bauhaus Today?”», 63.

⁴³ Versão original: “For me, the test is whether a man lives what he preaches, or not. This identity was not present in Doesburg, nor in Hannes Meyer.” em *Ibid.*

⁴⁴ Versão original: “Without it the endeavour of the Bauhaus would have been only an aesthetic campaign.” em *Ibid.*, 62.

estou preocupado em dar apoio a um esforço que conduzirá a uma história objetiva da Bauhaus, em que cada um encontrará o seu lugar correto e o seu devido reconhecimento e importância.”⁴⁵

Na questão política, Maldonado é extremamente direto ao escrever que discorda com a ideologia acerca do “conteúdo social” nos anos 1920. “Conteúdo social” não queria dizer só um “novo estilo de vida”, mas também uma influência política. É certo que a direção de Mies van Rohe evitou essa influência e ligação, mas só conseguiu isso “renunciando a importantes aspetos sociais, culturais e críticos da filosofia da Bauhaus, aspetos que frequentemente se encontram nos seus próprios escritos. A Bauhaus sob Mies van der Rohe foi certamente menos política, mas ao mesmo tempo menos Bauhaus.”⁴⁶

Posto isto, projeta uma questão-chave que alimenta a troca de opiniões: “No entanto, devo admitir que o manifesto da Bauhaus de 1919 parece-me ser um corpo estranho nesta série de textos. Quem era ou quem eram os autores?”⁴⁷ Relativamente a respostas proporcionadas à pergunta, Maldonado diz que até então são díspares e contraditórias. Contudo, na carta seguinte de Gropius, a 24 de Novembro de 1963, afirma que foi o próprio a redigir o Manifesto e que é necessário ter vivido naquele período para o compreender e que o seu sucesso fala por si.

Um artigo “*Bauhaus Dessau 1927-1930. Experiencias sobre la ensenanza politecnica*”⁴⁸ escrito por Hannes Meyer na revista *Edificación* está em discussão desde o início. Maldonado envia uma cópia do artigo a Gropius e é possível constatar que o seu discurso na última carta sobe de tom. Com um sentido militante escreve: “A dissimulação de Meyer e as suas violações de confiança prejudicam a imagem geral do homem. O seu artigo em *Edificación* constitui

⁴⁵ Versão original: “Apart from our own sympathy or antipathy, it must be admitted that Meyer could not have acted much differently than he did under such circumstances. (...) I beg you not to misinterpret my arguments. My interest lies not in partisanship concerning an occurrence which I did not myself experience, and with whose details you are more acquainted than I, but I am concerned in lending support to an endeavour which will lead to an objectification of the history of the Bauhaus, in which each will find his correct place and his due recognition and importance.” em *Ibid.*, 67.

⁴⁶ Versão original: “...renouncing important social, cultural and critical aspects of the Bauhaus philosophy, aspects which are frequently to be found in your own writings. The Bauhaus under Mies van der Rohe was certainly less political but at the same time less of a Bauhaus.” em *Ibid.*, 66 e 67.

⁴⁷ Versão original: “I must nevertheless admit that the Bauhaus manifesto of 1919 seems to me to stand as a foreign body in this series of texts. Who was or who were the authors?” em *Ibid.*, 65.

⁴⁸ Hannes Meyer, «Bauhaus Dessau 1927-1930. Experiencias sobre la ensenanza politecnica», *Edificación* 34, Setembro de 1940, 171 a 176.

uma prova renovada de insinceridade e do seu comportamento oportunista.”⁴⁹ Deste modo, Gropius dirige-se a Maldonado com palavras esclarecedoras quando escreve que não pode admitir a difusão da ideia de que Meyer não podia ter agido de forma diferente ou que a sua vida pessoal seja motivo de desculpa. Isto, porque aquando a sua nomeação por parte de Gropius, Meyer garantiu-lhe que a Escola devia continuar afastada da vida política. Por ventura, isso não se concretizara e a Bauhaus começou a fragilizar-se.

Tal como na Bauhaus, em Ulm existem divergências internas entre figuras, mas também surgem fortes objeções do exterior nas mais variadas formas. Por exemplo, além do jornal de *Neu-Ulm* e da *South German Radio Station*, a revista *Der Spiegel* a 20 de Março de 1963 inclui um artigo depreciativo contra a Escola, intitulado “*ULM - Auf dem Kuhberg*”⁵⁰. Este artigo seria refletido na secção “*About Ulm*” que conclui a edição 8-9 com o texto “*HfG in Distorting Mirror*”⁵¹, caracterizado por ser direto, intenso e crítico, pretendendo definir uma resposta às várias apreciações que estavam a ser feitas contra a *Hochschule*. Este seria o fundamento para Maldonado expor que, “É nosso dever, porém, informar brevemente os nossos leitores, especialmente aqueles noutros países, que a HfG recentemente foi objeto de um ataque severo e contínuo na imprensa alemã. Os paralelos ao destino da Bauhaus são óbvios.”⁵²

O discurso proferido pela *Der Spiegel* demonstra uma opinião própria sobre o início promissor da *Hochschule* e o estado em que se encontra no princípio dos anos 1960 indicando que até a Fundação que incentivou a sua criação critica as inúmeras crises e disputas internas, ao que Maldonado afirma que “Não lhes agrada que tenhamos diferenças internas. Não lhes agrada que tenhamos objetivos mais elevados.”⁵³ De facto, a situação da Escola estava em crise, mas a *Der Spiegel*, com intenção assumida ou não, pretendeu com este artigo exhibir uma outra face da *Hochschule* e sobretudo promover ainda mais as divergências internas através de citações

⁴⁹ Versão original: “Meyer’s insincerity and his breaches of confidence detract from the general picture of the man. His article in ‘Edification’ constitutes renewed proof of insincerity and his opportunist behaviour.” em «Comments on “Is the Relevant Bauhaus Today?”», 68.

⁵⁰ «ULM - Auf dem Kuhberg», *Der Spiegel* 12, 20 de Março de 1963. O artigo original pode ser consultado nos anexos.

⁵¹ Tomás Maldonado, «HfG in Distort Mirror», *Journal of Ulm School for Design* 8-9, Setembro de 1963.

⁵² Versão original: “It is our duty, however, briefly to inform our readers especially those in other countries that the HfG has recently been the object of a severe and continuous attack in the German press. Parallels to the fate of the Bauhaus are obvious.” em *Ibid.*, 83.

⁵³ Versão original: “It does not please them that we have internal differences. It does not please them that we have higher aims.” *Ibid.*, 84.

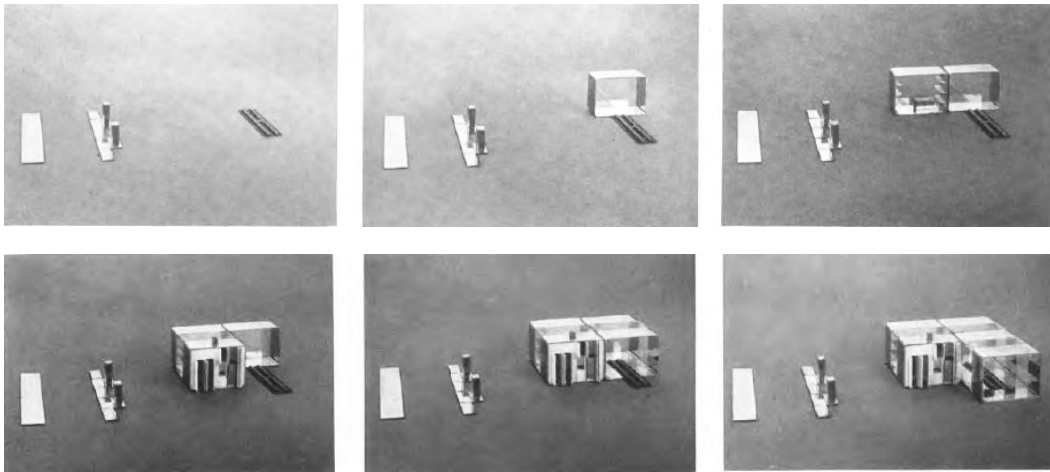


Fig.10 - "Some phases of the assembly process of the petrol filling"

provocatórias, tal como: “Aicher sobre Bill hoje: “A sua partida não foi uma perda para nós. Os maiores benefícios da HfG surgiram depois...””⁵⁴.

As publicações são a divulgação de acontecimentos, opiniões e trabalhos e o seu impacto na sociedade é colossal, principalmente para esta sociedade alemã pós-guerra. Deste modo, as objeções pronunciadas sobre a HfG influenciam a opinião pública e só alguns compreendem a sua verdadeira importância. Maldonado ciente da posição que assumiu ao redigir “*HfG in Distorting Mirror*”, anuncia que:

“Nós não estamos preparados para suportar a tirania das meias verdades que “*Der Spiegel*” tem estabelecido na opinião pública alemã sobre a HfG. Nós iremos lutar sem reservas para garantir que a HfG seja uma das instituições culturais pioneiras da Alemanha pós-guerra e que possa continuar a cumprir as suas obrigações sociais.”⁵⁵

As reflexões de foro social, por exemplo demonstradas por Gui Bonsiepe no texto “*Anti-Utopia*”⁵⁶, no qual se baseia na tese de Oskar Morgenstern⁵⁷, ou outras questões mais ou menos teóricas que nem sempre teriam a arquitetura como elemento central, marcavam pontualmente as publicações apontando para uma abertura da Escola. No entanto, o dever social da Escola também passava pela experimentação de novas metodologias e métodos de conceção para dar resposta aos problemas da sociedade, nomeadamente para a sociedade do centro da Europa que operava a sua reconstrução na qual eram envolvidos sistemas rápidos de construção, a pré-fabricação. O tema já era apontado em outros trabalhos dos elementos da HfG, por exemplo por Herbert Ohl e Bernd Meurer com o “*System for Petrol Filling Stations*”⁵⁸ [Fig.10], mas Claude Schnaidt seria a personagem capaz de abordar o assunto da pré-fabricação em “*Prefabricated Hope*”⁵⁹. Há algumas décadas todos se questionavam sobre a pré-fabricação e então passara a algo corrente na construção, já que possibilitou a resposta a muitos problemas da sociedade; objetivamente passou de um estado de recusa para um de sublimação. Deste

⁵⁴ Versão original: “Aicher heute über Bill: “Sein Abgang war kein Verlust für uns. Die größten Leistungen der HfG entstanden erst hinterher.”» «ULM - Auf dem Kuhberg».

⁵⁵ Versão original: “We are not prepared to put up with the tyranny of half-truths which ‘Der Spiegel’ has established in German public opinion about the HfG. We will fight without reservation to ensure that the HfG as one of the pioneering cultural institutions of post-war Germany can continue to fulfill its social obligations.” em Tomás Maldonado, «HfG in Distort Mirror», 84.

⁵⁶ Gui Bonsiepe, «Anti-Utopia», *Journal of Ulm School for Design* 7, Janeiro de 1963.

⁵⁷ Oskar Morgenstern é um economista visto como um dos fundadores da “Game Theory” e juntamente com John von Neumann desenvolveram um teorema publicado em 1944 no livro: “*Theory of Games and Economic Behavior*”

⁵⁸ Herbert Ohl e Bernd Meurer, «System for Petrol Filling Stations», *Journal of Ulm School for Design* 8-9, Setembro de 1963.

⁵⁹ Claude Schnaidt, «Prefabricated Hope», *Journal of Ulm School for Design* 10 -11, Maio de 1964.

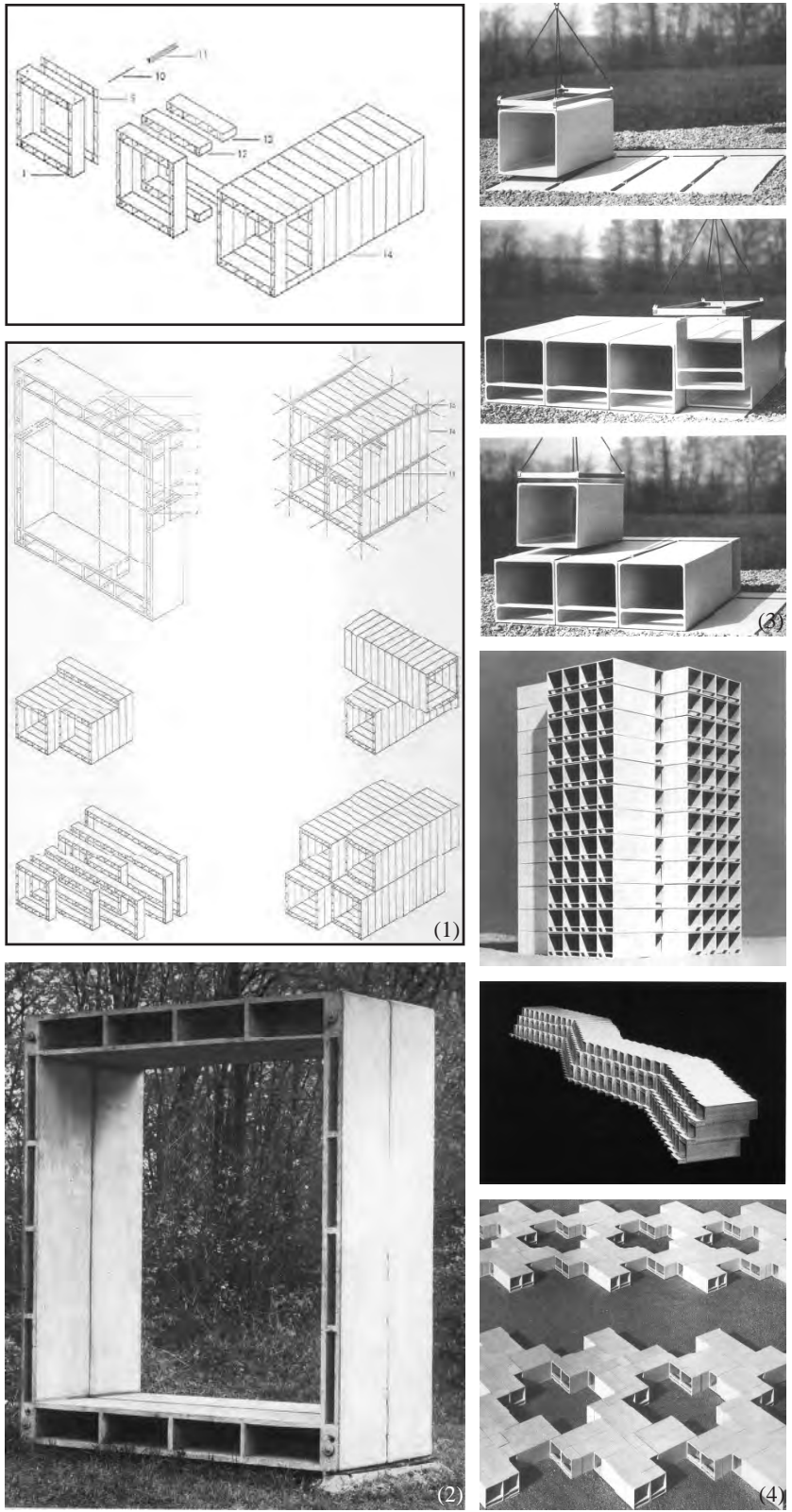


Fig.11 - "Space units composed of various elements" (1), "Two sections (toruses) of a space unit" (2), "Setup of space units" (3) e "Various forms of assembly" (4)

modo, resultava a pergunta: “Porquê então esse entusiasmo súbito e geral pela pré-fabricação? Porque a pré-fabricação fornece um tópico de propaganda para cobrir um certo número de problemas embaraçosos.”⁶⁰ A construção e os materiais tradicionais são os mesmos, mas através do progresso técnico que proporcionou a produção contínua e massiva em fábrica é possível reduzir o tempo e os custos. Schnaidt dá o exemplo da Suíça com os seus novos métodos de reger a construção e o planeamento de modo a evitar a especulação, caso que seria revisitado na publicação seguinte com o artigo: “*New Swiss Architecture*”⁶¹. Este desenvolvimento era visto como um benefício para a sociedade, mas existiam impedimentos de índole regulamentar, administrativa e legislativa, ou seja, burocrática que tendiam a dificultar o processo, logo “O futuro da industrialização da construção dependerá da solução encontrada para todos esses problemas.”⁶²

É no seguimento desta ideia que surge a concretização de um ensaio de pré-fabricação publicado no *ulm 14-15-16* na secção “*Design Projects of Teachers*”. Denominado “*Students’ Dormitory utilizing Space-Unit Construction*”⁶³ [Fig.11], o projeto foi dirigido pelo arquiteto e designer Herbert Ohl, no qual pretendia a estandardização deste programa fundamentalmente modular. São apresentados custos, axonometrias gerais e específicas, maquetas, uma peça-tipo à escala real e vários tipos de montagens que oferecem uma liberdade de desenho e ocupação do solo enquanto edifício em torre, em banda ou em elementos isolados.

As questões que envolvem este tema são inúmeras, mas o planeamento, como Schnaidt refere, é fração essencial para o todo funcionar, por isso um planeamento consciente será igualmente relevante para a concretização desta ideologia. Nestes parâmetros, as críticas ganham lugar no interior da Escola, Otl Aicher em “*Planning All Awry?*”⁶⁴ faz duras observações ao planeamento e às ideologias das figuras da história do início do século XX. A cidade ideal moderna está em crise, o idealismo tornou-se uma catástrofe para o planeamento e para quem o vive, a sociedade. Neste artigo segmentado em onze pontos, Aicher potencia uma visão de planeamento que o coloca também num sentido de revisão do Moderno ou da Cidade Moderna. Evidentemente que o arquiteto - urbanista deve agir em conformidade com o que o rodeia, seja

⁶⁰ Versão original: “Why, then this sudden and general enthusiasm for prefabrication? Because prefabrication provides a propaganda-topic to cover up a certain number of embarrassing problems.” em *Ibid.*, 3 e 4.

⁶¹ Claude Schnaidt, «New Swiss Architecture», *Journal of Ulm School for Design 12-13*, Março de 1965.

⁶² Versão original: “The future of the industrialisation of building will depend on the solution found to all of these problems.” em Claude Schnaidt, «Prefabricated Hope», 9.

⁶³ Herbert Ohl, «Students’ Dormitory utilizing Space-Unit Construction», *Journal of Ulm School for Design 14 - 15 - 16*, Dezembro de 1965.

⁶⁴ Otl Aicher, «Planning All Awry?», *Journal of Ulm School for Design 17 - 18*, Junho de 1966.

a política, a ciência, a sociedade ou a indústria, porque se agir sozinho certamente não verá o seu plano concretizado.

Face ao tema do dever e/ou obrigações sociais e às respostas que a pré-fabricação e o planeamento podem dar em relação ao bem comum e à elevação do nível de vida, Claude Schnaidt aborda o que foi o Moderno e como se transcreveu na época. Pelas palavras de Schnaidt em “*Architecture and Political Commitment*”⁶⁵ mostra que neste período o Moderno é colocado em causa, não só pelas diversas ramificações e interpretações que teve mas também pelas contrariedades que ela própria originou. Sucintamente:

“A arquitetura moderna, que queria desempenhar o seu papel na libertação da humanidade através da criação de um novo ambiente para viver, foi transformada numa gigantesca empresa para a degradação do habitat humano. A arquitetura moderna que proclamava o fim do formalismo tornou-se um passatempo para quem gosta de brincar com as formas. A arquitetura moderna, que começou por aspirar a libertar o homem para que pudesse desfrutar das coisas boas da vida, acabou por escravizá-lo e aliená-lo. Certamente há algo muito estranho sobre esta transformação de um grande movimento no seu oposto.”⁶⁶

Se o Movimento entrou em crise, por conseguinte o seu ensino também. As palestras com figuras da HfG vão marcando uma posição no mundo internacional, como as palestras de Maldonado no *Royal College of Art* de Londres e de Bonsiepe em Nova Iorque. Por outro lado, também trazem testemunhos exteriores para a Escola como o discurso de Reyner Banham na ICSID-Congresso de Viena de 1965 intitulado “*Servants of the Public Will*”.⁶⁷

Neste período, Reyner Banham era uma personagem de destaque pelo seu papel desempenhado na revista *Architectural Review* (AR). Nestas décadas muito características, as revistas tornaram-se preponderantes para as Escolas, professores e alunos. Porém, a par da AR, a *Casabella Continuità* dirigida por Ernesto Rogers tornava-se um elemento assíduo da

⁶⁵ Claude Schnaidt, «Architecture and Political Commitment», *Journal of Ulm School for Design* 19-20, Agosto de 1967.

⁶⁶ Versão original: “Modern architecture, which wanted to play its part in the liberation of mankind by creating a new environment to live in, was transformed into a giant enterprise for the degradation of the human habitat. Modern architecture which proclaimed the end of formalism became itself a pas-time for those who like to toy with forms. Modern architecture which began by aspiring to set man free so that he could enjoy the good things of life ended up by enslaving and alienating him. Admittedly there is something very odd about this transformation of a great movement into its opposite.” em *Ibid.*, 26.

⁶⁷ Reyner Banham, «Servants of the Public Will», *Journal of Ulm School for Design* 14 - 15, Dezembro de 1965.

cultura arquitetónica com uma visão muito própria da sua revisão ao Movimento Moderno, isto é, a *Tendenza*. No decorrer deste trabalho, a *Casabella* e o seu número 287 serão alvo de um olhar mais atento à situação italiana nos anos 1960 de modo a compreender a existência de situações paralelas à HfG que também colocavam a *Escola de Arquitetura em debate*.⁶⁸ Na verdade, nos vários números lançados pela *Hochschule*, estes dois casos não são incluídos de forma explícita, embora tivessem grande influência internacional na qual despoletaram diferentes ideologias através das suas publicações.⁶⁹

Notoriamente, a HfG estava cada vez mais numa situação limite, não só pelo desmoronamento das razões que a estabeleceram, mas também pela perda de personagens que conseguiam equilibrar as visões divergentes que se encontravam na Escola. Por exemplo, Hans Gugelot falece a 10 de Setembro de 1965. Maldonado escreve um texto⁷⁰ que comprova que a falta dessas figuras, o papel que elas têm na ponderação de algumas ações e na definição de uma identidade, é fundamental para esta Escola ou qualquer outra. Maldonado, através das palavras, tenta descrever um dos mais bem-sucedidos designers, admitindo que é algo raro e difícil no ambiente em que se encontram constantemente. Gugelot desenvolveu vários trabalhos para a empresa *Braun GmbH* e conseguiu com que simultaneamente a indústria acreditasse no design e o design na indústria. Como refere o autor:

“Os alunos perderam um professor cujo conhecimento e experiência tiveram uma forte influência sobre eles. Os professores perderam um colega cujo estímulo e feitos pedagógicos desempenharam um papel importante na HfG. Eles perderam um amigo cujo equilíbrio e cortesia foram especialmente apreciados. A HfG perdeu um homem que, segundo o seu design, determinava essencialmente a reputação da escola.”⁷¹

A situação do ensino e a pedagogia na HfG já era visada em palestras internacionais, nomeadamente aquela que se realiza a 5 de Janeiro de 1966 na *School of Architecture of the*

⁶⁸ Título do presente trabalho.

⁶⁹ Sobre as duas revistas e os seus dois protagonistas ver João Gonçalo Ribeiro Leandro, «Continuity ou continuità : o debate entre Reyner Banham e Ernesto Rogers na década de 1950» (Dissertação de Mestrado em Arquitetura, Universidade de Coimbra, 2016).

⁷⁰ Tomás Maldonado, «In memoriam Hans Gugelot», *Journal of Ulm School for Design 14 - 15 - 16*, Dezembro de 1965.

⁷¹ Versão original: “The students lost a teacher whose knowledge and experience had a strong influence on them. The teachers lost a colleague whose stimulation and pedagogical achievements played an important role in the HfG. They lost a friend whose balance and courtesy were especially appreciated. The HfG lost a man who by his designs determined essentially the reputation of the school.” em *Ibid.*, 93.

Princeton University, designada “*How to fight Complacency in Design Education*”⁷². O seu discurso é de descontentamento perante o que o ensino está a passar, já que o design pode servir qualquer campo e as revoluções demonstradas pelas Bauhaus e pela *Vkhutemas* foram substanciais, embora fossem conservadoras nalguns aspetos. O design também pode ser significativo para o bem-estar da sociedade, mas “Num mundo em que a violência, o sadismo, a agressão, a vulgaridade, o preconceito, o desperdício, o cinismo e a ostentação reinam, o design ambiental pode, em muito pouco tempo, tornar-se uma farsa ou um mero passatempo utópico.”⁷³ O design e tudo o que o rodeia devem providenciar uma renovação constante e uma abertura controlada e filtrada às questões futuras, mas também aos dogmas do passado. Maldonado designa um papel relevante para os professores nestas questões acerca do ensino, relatando que:

“Isso implica um desafio para os professores de design. No futuro próximo, teremos que rever a nossa posição, não apenas a nossa posição, mas também os nossos métodos: isto é, devemos desenvolver os nossos métodos de trabalho específicos, ajustando-os ao tipo específico de problemas que nós temos para resolver. Assim, podemos enfrentar com sucesso a tarefa que a sociedade nos confiou: a reconstrução do ambiente humano na nova era do humanismo científico. Isto significará superar a contradição entre teoria e prática, entre conhecimento e ação, entre consciência e realidade, entre liberdade e necessidade.”⁷⁴

O espírito definidor desta Escola entrara em crise com as sucessivas mudanças ideológicas internas que conduziram ao descrédito político e social e conseqüente fim. Na segunda metade da década de 1960, a Teoria começa a prevalecer nesta escola multidisciplinar e esta transformação é constatada pelos últimos números do *Journal of Ulm School for Design*, 14-15-16, 17-18, 19-20 e 21, em que Tomás Maldonado já não surge como responsável pela edição, posição que é assumida por Gui Bonsiepe.

⁷² Tomás Maldonado, «How to fight Complacency In Design Education», *Journal of Ulm School for Design* 17 - 18, Junho de 1966.

⁷³ Versão original: “In a world where violence, sadism, aggression, vulgarity, prejudice, waste, cynicism and ostentation reign, environmental design can in a very short time become a farce, or a mere utopian pastime.” em *Ibid.*, 16.

⁷⁴ Versão original: “This implies a challenge for the design educators. In the near future we will have to revise our position, not only our position, however, but our methods too: that is, we must develop our specific working methods, adjusting them to the specific type of problems that we shall have to solve. Thus we can successfully face the task entrusted to us by society: the reconstruction of human environment in the new era of scientific humanism. This will mean overcoming the contradiction between theory and practice, between knowledge and action, between consciousness and reality, between freedom and necessity.” em *Ibid.*, 20.

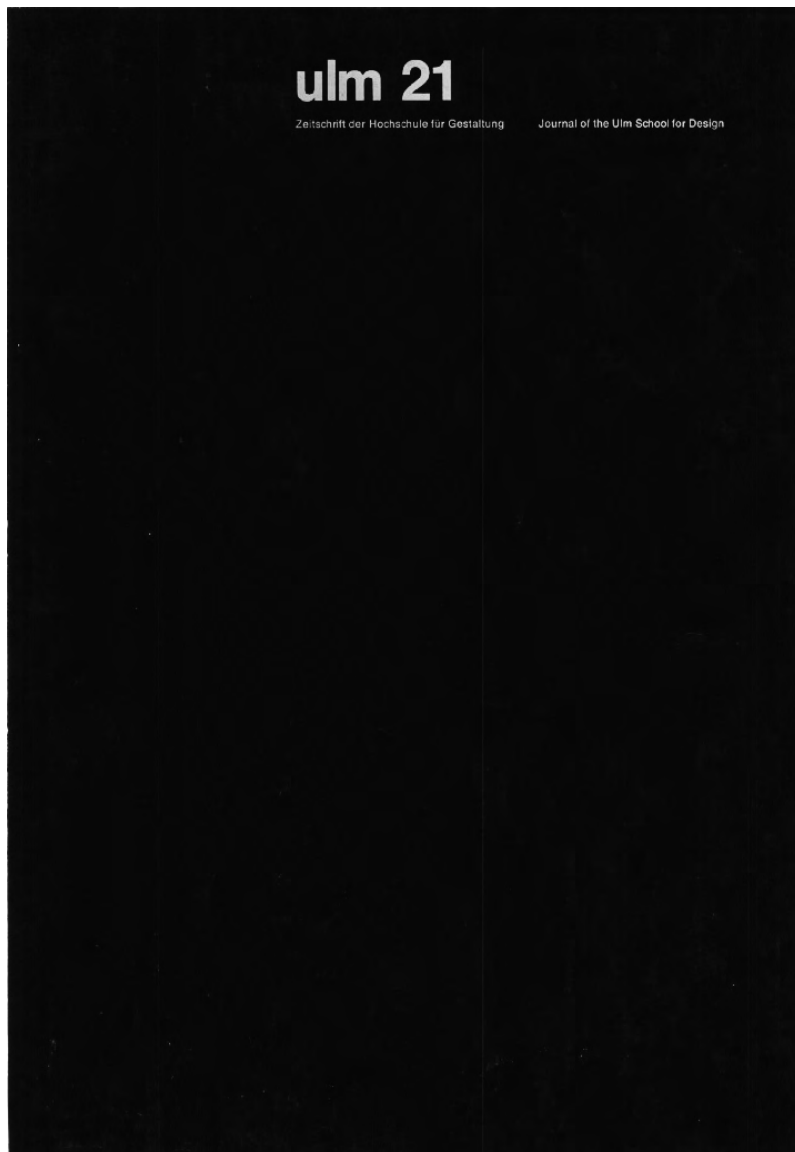


Fig.12 - Capa da última edição do *Journal - Journal of Ulm School for Design*
21 - 1968

De certa forma, o itinerário que a HfG escolhera e as críticas à posição de Maldonado, fizeram com que o próprio optasse por um “abandono” gradual da edição que culminaria no seu afastamento da Escola a 30 de Junho de 1967, anunciado num artigo escrito por Bonsiepe e publicado no *ulm 19-20*.⁷⁵ Foram treze anos junto da *Hochschule für Gestaltung Ulm*, onde desenvolveu uma ideia progressista a partir do conceito do *Foundation Course* da Bauhaus. Portanto, “Uma pessoa que esteve tão profundamente envolvida com a HfG não deixa esta instituição de forma leve ou abrupta”,⁷⁶ embora Maldonado regressasse à Escola pontualmente. Seguiria agora um novo rumo, para Milão como consultor de planeamento, mas Bonsiepe salvaguardava:

“Quando deixou os seus colegas e colaboradores na HfG, ele sintetizou a situação da HfG da seguinte forma: "Desde o início, a HfG foi confrontada com a alternativa do conformismo ou da revolução".”⁷⁷

A Escola sempre se encontrou nos dois limiares referidos por Maldonado. Talvez os que lutavam pela revolução conseguissem que o conformismo não se apoderasse da instituição e os que lutavam pelo conformismo conseguissem um controlo da revolução, o facto é que esta situação limite não traria estabilidade e futuro à HfG.

Deste modo, um dos lados ficava mais frágil. Maldonado já não marcaria a sua posição ao lado de Bonsiepe e de Schraidt que faz uma constatação face à intenção inicial da Escola. Em sintonia com o primeiro testemunho público de Max Bill em 1953, declarava que “Os fundadores da Escola de Ulm acreditam que a arte é a expressão mais elevada da vida humana e o seu objetivo é portanto ajudar a transformar a vida numa obra de arte.”⁷⁸ Se isso não for possível, esta é a declaração mais que evidente que a HfG estava perto do seu término.

Uma capa preta na edição 21 do *Journal of Ulm School for Design* [Fig.12] mostra o cessar da publicação, que servia como “porta-voz que poderia falar num plano internacional sem

⁷⁵ Gui Bonsiepe, «On June 30, 1967 Tomás Maldonado left the faculty of the HfG.», *Journal of Ulm School for Design 19-20*, Agosto de 1967, sec. People and Events.

⁷⁶ Versão original: “A person who has been so deeply involved with the HfG does not leave this institution either light-heartedly or abruptly.” em *Ibid.*, 71.

⁷⁷ Versão original: “When leaving his colleagues and collaborators at the HfG he synthesized the situation of the HfG as follows: "From its very beginning the HfG has been confronted with the alternative of conformism or revolution."” em *Ibid.*, 72.

⁷⁸ Versão original: “The founders of the Ulm School believe art to be the highest expression of human life and their aim is therefore to help in turning life into a work of art.” Citação consultada em Kenneth Frampton, «Apropos Ulm: Curriculum and Critical Theory», 48. que parte da primeira declaração pública de Max Bill como director da HfG em 1953 – Max Bill, «The Bauhaus Idea from Weimar to Ulm», em Trevor Dannatt, ed., *Architects' Yearbook 5*, London: Elek, 1953, 29 a 32.



Fig.13 - "Rektor Helbert Ohl delivering the resolution" (1) e
"Members of the HfG signing the resolution"

restrições económicas”, mas é também a publicação do pré-anunciado fecho da Escola a 30 de Setembro de 1968, resultado da Assembleia Geral de 19 de Fevereiro.

Sem Maldonado e com Herbert Ohl a dirigir a Escola, esta Assembleia que envolveu todos os seus membros, tinha como objetivo debater uma possível autonomia económica e institucional de maneira a que a posição perigosa e extrema que a *Hochschule* se encontrava fosse solucionada. Lembrando que a HfG sobrevivia da Fundação que a criou e dos apoios financeiros da indústria, Ohl delibera a decisão há muito esperada para a HfG.⁷⁹ Muitos invocam que o seu fim foi delineado por um “suicídio interno”, mas a instituição defende que o que ocorreu foi um “assassinato político-cultural”. No final, perante uma atmosfera de manifesto e contrariedade marcada por tudo o que a Escola foi capaz de construir, os membros da *Hochschule für Gestaltung* assinaram a resolução que apenas estendia a Escola até 30 de Setembro. [Fig.13]

É possível perceber o seu desmoronar nos três primeiros artigos intitulados de: “*End of the journal “Ulm”*”⁸⁰, “*Commentary on the situation of the HfG*”⁸¹ e “*Resolution of members of the HfG*”, que explicam toda a situação, citando que:

“A liberdade é, em primeiro lugar, a liberdade económica. E a este respeito, a posição nunca foi muito favorável desde o início. Foi um erro assumir que uma instituição pedagógica poderia e deveria ser financiada pelos ganhos das comissões industriais. A educação não pode ser concretizada fora de seus próprios recursos. A HfG teve, portanto, de confiar em fundos públicos e, assim, tornou-se dependente da boa vontade e compreensão dos representantes eleitos.”⁸²

No entanto, os elementos da HfG não veem o problema financeiro como principal pretexto para o seu fecho, mas sim a política. Essa que consistia em quatro órgãos decisores (a fundação GSS, os conservadores presentes em Ulm, o Parlamento de Baden-Württemberg e o Governo

⁷⁹ A “*Resolution of members of the HfG*” pode ser consultada nos anexos.

⁸⁰ Gui Bonsiepe e Renate Kietzmann, «End of the journal “Ulm”», *Journal of Ulm School for Design 21*, Abril de 1968, 4.

⁸¹ Gui Bonsiepe, «Commentary on the situation of the HfG», *Journal of Ulm School for Design 21*, Abril de 1968, 5 a 14.

⁸² Versão original: “Freedom is first and foremost economic freedom. And in this respect the position was never very favourable right from the start. It was a mistake to assume that an educational institution could and should be financed by earnings from industrial commissions. Education cannot be run out of its own resources. The HfG had therefore to rely on public funds and thus became dependent on the goodwill and understanding of elected representatives.” *Ibid.*, 5.

Federal de Bonn), que “atingiram finalmente os seus objetivos e são agora responsáveis pela liquidação da *Hochschule für Gestaltung*.”⁸³

Tudo tem a sua validade e a da Escola de Ulm acabou a 30 de Setembro de 1968. A realidade é que terminou pelas razões contrárias àquelas que a levaram a estabelecer-se em Ulm, a política e os cortes financeiros. Deste modo, Gui Bonsiepe descreve a situação nas suas últimas palavras para o *Journal*:

“A HfG está, portanto, quase no fim. É de se esperar que não sofra o mesmo destino que a Bauhaus, que se torne inofensivo e que se mostre como uma exposição no museu de objetos culturais. Nem a resolução dos membros da HfG deve ser considerada como um gesto heróico. Não foi o fim da HfG que foi heróico, mas a esperança que presidiu no início. A HfG não deve ser medida pelo que conseguiu, mas pelo que foi impedida de alcançar.”⁸⁴

A política foi um grande fator para o fim da *Hochschule*, portanto a democracia e a democratização do ensino são assuntos recorrentes nos anos 1960 sobre os quais Walter Gropius acaba a sua segunda carta para Maldonado com o relato de uma experiência de Bobby Carter. Carter quando se encontrava nos Estados Unidos da América “...pediu a todos que lhe explicassem a ideia de democracia: "Todos explicaram de maneira diferente, mas todos acreditavam nisso".”⁸⁵ Esta prova de Bobby Carter reflete a sociedade que vive esta época repleta de mudanças políticas.

Por estes anos, a Itália, que em plena democracia ainda lutava contra o fascismo oculto, tornou-se o centro de uma cultura arquitetónica baseada na sua História e na sua leitura por parte de algumas personagens cruciais. Portanto, Claude Schnaidt sempre atento ao panorama internacional, menciona em “*200 Years of Modern Architecture*”⁸⁶ que “A Itália é um dos poucos países onde a arquitetura ainda é assunto para discussão. Os descendentes de Vitruvius

⁸³ Versão original: “...have finally achieved their aims and are now responsible for the liquidation of the Hochschule für Gestaltung.” em Gui Bonsiepe, «Resolution of members of the HfG», *Journal of Ulm School for Design* 21, Abril de 1968, 15.

⁸⁴ Versão original: “The HfG is therefore almost at an end. It is to be hoped that it will not suffer the same fate as the Bauhaus, to be rendered harmless and put on show as an exhibit in the museum of cultural objects. Nor should the resolution of the members of the HfG be decked out as a heroic gesture. It was not the end of the HfG that was heroic but the hope presiding at its inception. The HfG is not to be gauged by what it achieved but by what it was prevented from achieving.” em Gui Bonsiepe, «Commentary on the situation of the HfG», 14.

⁸⁵ Versão original: “...he had asked everyone to explain to him the idea of democracy: “Everybody explained it differently, but everybody believed in it.” em «Comments on “Is the Relevant Bauhaus Today?”», 73.

⁸⁶ Claude Schnaidt, «200 Years of Modern Architecture», *Journal of Ulm School for Design* 7, Janeiro de 1963.

e Palladio não esqueceram que a abstração é indispensável para o progresso do conhecimento. As suas revistas não são meras coleções de modelos. Por mais de dez anos, os seus trabalhos sobre tendências arquitetónicas modernas destacaram-se em qualidade e quantidade.”⁸⁷ Além de posicionar a Itália como centro de discussão, também referencia a “*Storia dell’architettura moderna*”⁸⁸ de Leonardo Benevolo como uma obra “notável pela qualidade de apresentação, a abundância e a originalidade das ilustrações, a amplitude da sua visão, a precisão da sua análise e a rigorosa disciplina do seu método.”⁸⁹

Deste modo, perspetivamos como a história da arquitetura moderna estava neste paralelo entre Itália e Alemanha pelo próprio Schnaidt que em 1965 publicara a primeira monografia de Hannes Meyer.⁹⁰ A partir das considerações de Schnaidt desponta um olhar sobre este período em Itália. Novamente reconhecendo que as publicações são um recurso para a difusão dos factos, foi possível identificar um número da revista *Casabella Continuità* que providenciase *Uma leitura sobre os anos 1960 em Itália*⁹¹ em que a Escola de Arquitetura estivesse em evidência, porque é sobre ela que trata o decorrente trabalho, nomeadamente o debate em torno da sua condição.

⁸⁷ Versão original: “Italy is one of the few countries where architecture is still a subject for discussion. The descendants of Vitruvius and Palladio have not forgotten that abstraction is indispensable for the progress of knowledge. Their journals are not mere collections of models. For more than ten years, their works on modern architectural trends have stood out both in quality and quantity.” em Ibid.

⁸⁸ Leonardo Benevolo, *Storia dell’architettura moderna* (Laterza, 1992).

⁸⁹ Versão original: “...notable for the quality of the presentation_ the abundance and originality of the illustrations, the breadth of its vision, the accuracy of its analysis, and the strict discipline of Its method.” em Claude Schnaidt, «200 Years of Modern Architecture», 24.

⁹⁰ Claude Schnaidt, *Hannes Meyer: Buildings, Projects and Writings* (Verlag Arthur Niggli AG, 1965).

⁹¹ Subcapítulo do Capítulo 1 do presente trabalho.



Fig.14 - "Presentations at the Kröller-Müller Museum in Otterlo"

1.2.2. Agitação e Ocupação: Uma leitura sobre os anos 1960 em Itália

Decididamente, os CIAM e uma parte do Movimento Moderno acabam em Dubrovnik em 1956. Posteriormente, em 1959 realizou-se em Otterlo um Congresso [Fig.14] marcado pela presença do Team 10 e também de Ernesto Rogers, o qual facultou um debate intenso acerca dos diferentes projetos mostrados, colocando em evidência o termo “*postmodern historicism*”⁹² com a atual Torre Velasca em Milão.

“O tom militante desta declaração é testemunho de uma posição ideológica, característica da época.”⁹³

O caso italiano ganha um lugar na crítica ao Movimento Moderno e assume uma ramificação que deriva de figuras-chave como Rogers, Carlo Aymonino, Aldo Rossi e Giorgio Grassi. Implementam uma corrente que revia o Movimento Moderno sempre com o foco na questão urbanística e numa leitura da cidade. Essa leitura crítica do lugar e das suas origens, tal como a recusa a uma sociedade económica e tecnológica que dava à arquitetura e à cidade um sentido de funcionalismo baseado no consumismo, foi preponderante quando houve questões prementes que iam surgindo em Itália. Por parte da arquitetura, foi possível uma resposta através de uma intenção e expressão que Rogers descreveu num texto publicado em 1946 na revista *Domus*: “Coerência, tendência e estilo não são sinónimos, mas três etapas do processo histórico que dá origem ao fenómeno artístico.”⁹⁴ ⁹⁵ O neorracionalismo ou *Tendenza*, termo adotado para definir esta vertente italiana, assumia conceitos essenciais ao urbanismo tradicional com um desenho depurado, concedendo uma nova aproximação à ideia de rua, lugar, janela e fachada enquanto rosto da cidade. A relação entre os difusores da *Tendenza* era a base da sua afirmação. Guido Canella e Aldo Rossi em 1955 esboçam a “*Architettura e Realismo*”; Rogers depois de ser editor em 1946-1947 da *Domus*, em 1953 assume a *Casabella* na qual participam Aymonino (1953-1965), Rossi (1955-1964), Grassi (1961-1964), entre outros. Além de estarem presentes nas principais escolas de arquitetura italianas, entraram numa era em que foi exequível a aplicação das suas ideologias à prática da arquitetura. Rogers

⁹² Eric Paul Mumford, *The CIAM Discourse on Urbanism*, 261.

⁹³ Diogo Seixas Lopes, *Melancolia e Arquitectura em Aldo Rossi* (Orfeu Negro, 2016), 110.

⁹⁴ *Ibid.*, 99.

⁹⁵ Sobre a arquitetura italiana no pós-guerra ver Manfredo Tafuri, *Storia dell'architettura italiana: 1944-1985* (Einaudi, 2002).



Fig.15 - "Torino" - «Due Scelte per le Facoltà d'architettura»

terá sido o embrião para o despoletar desta ramificação por ter um percurso nos CIAM, no ensino da arquitetura maioritariamente em Milão e no lançamento da jovem geração que acentuou a *Tendenza* como cultura italiana; por sua vez, Rossi é tomado como figura que extrapolou o Movimento, não só pelo *Monumento alla Resistenza a Cuneo* (1962), mas também no campo teórico por ter lançado “*L’architettura della città*”⁹⁶ em 1966, uma das obras literárias mais relevantes para a arquitetura no século XX.

Certamente que estes foram os pontos cruciais para assegurar a *Tendenza*, porque ao contrário de alguns outros movimentos, esta vigorava nas três frentes com as mesmas personagens, isto é, enquanto lecionavam e introduziam o movimento nas Escolas, paralelamente estavam presentes numa das mais influentes publicações, a *Casabella* e também praticavam a arquitetura que os definia.

“Durante este período, o periódico italiano acrescentou a palavra *Continuità* ao título original, numa reivindicação da história como legado crítico e apelo a uma avaliação alternativa do movimento moderno.”⁹⁷

O periódico servia como suporte de divulgação das ideologias dos seus autores. No entanto, eram publicados projetos e textos que continham uma componente teórica e crítica, o que arrecadou reações externas como internas. Neste âmbito, Rogers escreve no número 215 o artigo “*Continuità o crisi?*”⁹⁸ ou para afirmação da posição do arquiteto, Rossi escreve “*Nuovi problemi*”⁹⁹ no número 264 em 1962.

Para a Escola de Arquitetura, porque ela será sempre componente vital para qualquer movimento e para a sua difusão, numa época em que se iniciava uma instabilidade político-social assinalada pela crise estudantil [Fig.15] no início da década e pelos *Anni di piombo*¹⁰⁰, em Maio de 1964 a *Casabella Continuità* edita um número com um percurso pelas Escolas de Arquitetura italianas. É publicado um artigo sobre cada uma como um ponto de situação que era indispensável fazer para a época, já que o corpo constituinte do periódico estava maioritariamente ligado ao ensino. A revista, como imagem dos arquitetos envolvidos na sua

⁹⁶ Aldo Rossi, *A arquitectura da cidade*, trad. José Charters Monteiro, 2ª, Cosmos Architectura 2 (Lisboa: Cosmos, 2001).

⁹⁷ Diogo Seixas Lopes, *Melancolia e Arquitectura em Aldo Rossi*, 115.

⁹⁸ Ernesto Nathan Rogers, «Continuità o crisi?», *Casabella Continuità* 215, Abril-Maio de 1957.

⁹⁹ Aldo Rossi, «Nuovi problemi», *Casabella Continuità* 264, Junho de 1962.

¹⁰⁰ Sobre os Anos de Chumbo, que foi um período de grande tensão em Itália que durou desde final da década de 1960 até final de 1980 ver Anna Cento Bull e Adalgisa Giorgio, *Speaking Out and Silencing: Culture, Society and Politics in Italy in the 1970s* (David Brown Book Company, 2006).



Fig.16 - Capa da *Casabella Continuità* 287 - 1964 (1) e "Female Bauhaus students on staircase" - 1927 (2)

publicação, demonstra um apoio às reformas que eram requeridas pela crise estudantil, espelhando claramente a sua posição. Além de criar uma imagem de capa que nos remete para a fotografia “*Female Bauhaus students on staircase*”¹⁰¹ tirada em 1927 [Fig.16], talvez para afirmar a consideração que Rogers tinha por Gropius, também apelidaram este número 287 como “*Dibattito Sulle Scuole D’Architettura in Italia*” em que no editorial refere:

“Isto não é mais do que um número de inquérito confiada à boa vontade de alguns pretendendo ilustrar certas questões de cultura política e universitária ocorrida em determinadas situações.”¹⁰²

Toda esta situação que nos remete aos anos 1960 italianos e que também nos leva para um olhar sobre a Escola de Arquitetura, talvez aqui como uma matéria colateralmente afetada pelos diversos sentimentos que pairavam no país e para uma cultura que foi construída com base numa sociedade marcada economicamente pelo Milagre Económico Italiano e politicamente com a queda do fascismo¹⁰³, reforça a afirmação de que a política em Itália, assim como a Europa, teve duas facetas, uma antes da Guerra e outra depois.

Benito Mussolini, detentor do poder totalitário, acentuava em Itália o fascismo na qual se aliou à Alemanha até 1943, mudando de lado quase no final da 2ª Grande Guerra. Em 1946, a Itália deixaria de ser fascista e como o número 287 adota também uma conotação política, é de realçar que mesmo sendo lançado duas décadas depois, Rogers sublinha a decisão que os italianos tomaram em relação ao Referendo Constitucional de 1946:

“(...) enquanto isso, outros temiam que todo o sistema era empurrado para um salto no escuro. Semelhante ao salto que muitos temiam, quando tiveram que escolher entre monarquia e república. A república - disse - é um salto no escuro. Mas como muitos hoje, os italianos não consideraram a república como uma evolução natural das instituições democráticas...”¹⁰⁴

¹⁰¹ Sobre a fotografia e as mulheres na Bauhaus ver o artigo «Bauhaus Women | We Are Not A Muse», acedido 27 de Maio de 2017, <http://www.wearenotamuse.co.uk/bauhaus-women/>.

¹⁰² Versão original: “Questo non è altro quindi che un numero-inchiesta affidato alla buona volontà di pochi tendente ad illustrare certi temi della politica e della cultura universitaria svolti in particolari situazioni.” em Ernesto Nathan Rogers, «Esperienza nella continuità», *Casabella Continuità* 287, Maio de 1964, 5.

¹⁰³ O Milagre Económico Italiano (1945 até à década de 1960) proporcionado pelo Plano Marshall, que coincide com a queda do fascismo italiano a seguir ao final da 2ª Grande Guerra, sendo um período de grande exuberância para Itália.

¹⁰⁴ Versão original: “...mentre altri ebbe il timore che stessero spingendo tutto il sistema verso un salto nel buio. Simile a quel salto che molti paventavano, quando dovevamo scegliere tra monarchia e repubblica. La repubblica — dicevano — è un salto nel buio. Ma quanti sono, oggi, gli italiani a non considerare la repubblica come una

Estas palavras presentes no primeiro texto da publicação, que divulga uma espécie de discurso que Rogers faz a 4 de Abril de 1964 na Faculdade de Arquitetura do Politécnico de Milão, tecem fortes afirmações que circunscrevem uma posição que o autor defende. A assistência estava dotada de personagens ilustres (Alvar Aalto, Louis Kahn e Kenzo Tange) e Rogers além dos desvios que emprega no discurso que servem como paralelo a situações da altura, traça a arquitetura como um elemento do processo histórico, ao qual se deve adaptar e evoluir, citando que arquitetura deve ser “onde o mundo prático, a estética, a vontade moral e política se devem fundir.”¹⁰⁵

O ensino da arquitetura sofreu uma abertura na segunda metade do século XX, talvez descontrolada pela exuberância de uma sociedade pós-guerra que transformou o quotidiano numa incessante busca pela tecnologia, por conseguinte pela economia e pelo *lifestyle* que marcaria cada década como única. A definição de rapidez neste período da história ganhou outro significado e Rogers esclarece que a rápida produção deve-se sobretudo pela nova condição social e que para além de resolver as suas necessidades servia também para alimentar uma ânsia. Nesta questão social, a Escola de Arquitetura terá um lugar na formação de cada um, tentando graduar cidadãos-arquitetos. O próprio menciona que a Escola deve opor-se a todos os *abili trucchi* (truques hábeis) que têm o intuito de iludir os ingênuos e aliar-se aos especuladores.¹⁰⁶

“A escola é um laboratório para produzir cultura”¹⁰⁷ e tal como expresso previamente, Ernesto Rogers é tomado como o impulsionador da *Tendenza* através da sua atividade profissional e docente que influencia uma geração e atesta que como cidadãos-arquitetos podemos ser capazes de transformar a nossa cultura com dedicação perante a sociedade, nunca omitindo o conhecimento da História para a afirmação dessa mesma cultura, lançando uma pergunta não deixando de dar uma resposta, de certa forma provocatória:

“Não acreditam que uma escola, cheia de esperanças, deve ter uma tarefa social imediata de oferecer os seus serviços a um número crescente de indivíduos? Assim, o

naturale evoluzione delle istituzioni democratiche...” em Ernesto Nathan Rogers, «Elogio della Architettura», *Casabella Continuità* 287, Maio de 1964, 1.

¹⁰⁵ Versão original: “...dove il mondo pratico, quello estetico, quello morale e politico si debbono fondere.” em *Ibid.*, 2.

¹⁰⁶ *Ibid.*

¹⁰⁷ Versão original: “La Scuola è un laboratorio per produrre cultura...” em *Ibid.*, 3.

ensino de uma escola moderna deve transformar as suas estruturas e os seus meios...”¹⁰⁸

A análise a esta edição de extrema relevância para o ensino da arquitetura em Itália, tem uma dualidade evidente. Por um lado, artigos escritos pelos redatores com um olhar individual mas fundamental na abordagem ao tema; por outro, o já referido momento de análise às escolas na situação de crise, em que existe o registo de professores e alunos com diferentes perspetivas, sendo possível posteriormente delinear uma visão sobre o país e a época.

Deste modo, Guido Canella em “*Due Scelte per le Facoltà d’Architettura*”¹⁰⁹ assume que era necessário este instante de manifestação e por conseguinte de reflexão, já que a atualização do ensino superior tem de ser feita gradualmente, caso contrário conduzirá a uma situação de estagnação e de descontentamento, levando o autor a afirmar que “A investigação científica surge como uma ferramenta eficaz e valiosa para evitar a fossilização”¹¹⁰. A politização da posição do arquiteto numa sociedade de consumo, aproxima-o de questões mais abrangentes como a sociologia e a economia, provocando um debate alargado. Este visaria os modos de ensino e que fosse ponderada a experimentação de uma cultura de pesquisa na Universidade que muitas vezes é feita fora dela. Assim, a forma democrática de introduzir na Escola ocasiões de reflexão é recapitulada por Canella quando menciona a “*Utopia della realtà*” que Rogers escreve em Janeiro de 1962 na *Casabella* 259 e a sua incorporação na Faculdade de Arquitetura do Politécnico de Milão, enquanto os alunos lutavam contra uma Escola conservadora, o que a tornava encerrada perante a realidade, ao contrário de Florença em que ocorre a entrada de professores que inserem novas matérias na Escola.

Marco Dezzi Bardeschi relata esse momento específico de transição da Faculdade de Arquitetura da Universidade de Florença, é descrito no título do texto: “A influência da personagem no ensino da Arquitetura”¹¹¹. Giovanni Michelucci lecionava na Escola florentina nos tempos da 2ª Grande Guerra, que como figura relevante influenciou esta academia promissora, mas ainda recente. Em 1944 regressa para a dirigir, mas na década de 1950 a chegada de outros arquitetos colocam em causa as suas metodologias pedagógicas e

¹⁰⁸ Versão original: “Non credete che una Scuola, carica di speranze, ha un immediato compito sociale che la deve disporre a offrire i propri servizi a un sempre più vasto numero di individui? Così la pedagogia di una Scuola moderna deve trasformare le proprie strutture e i mezzi...” em Ibid.

¹⁰⁹ Guido Canella, «Due Scelte per le Facoltà d’architettura», *Casabella Continuità* 287, Maio de 1964.

¹¹⁰ Versão original: “La ricerca scientifica ne esce così come uno strumento efficace e prezioso per impedire la fossilizzazione...” em Ibid., 9.

¹¹¹ Marco Dezzi Bardeschi, «L’influenza della Personalità», *Casabella Continuità* 287, Maio de 1964.

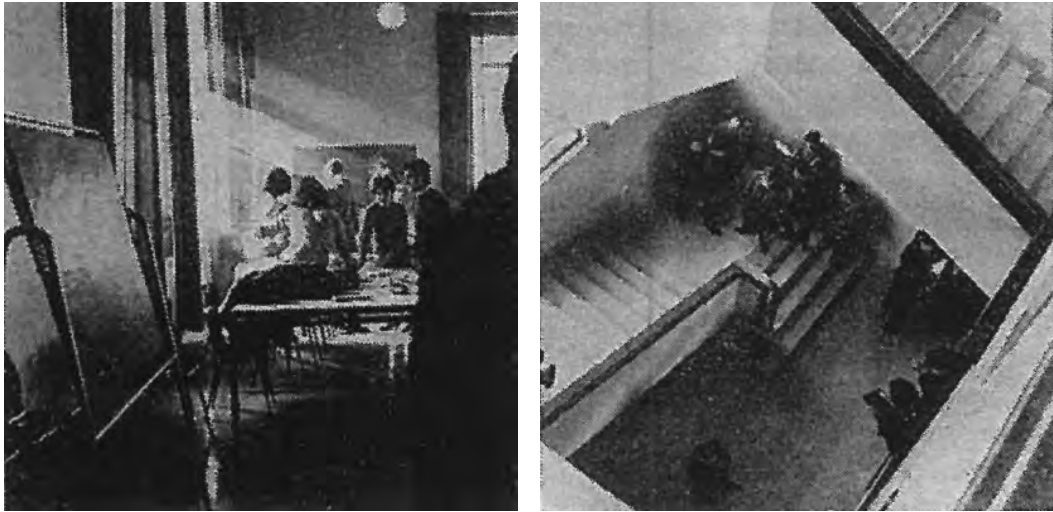


Fig.17 - "Roma" - «Facoltà di Tendenza»

arquitetónicas caracterizadas pelo racionalismo e pelo cuidado com a situação histórico-urbana. Ludovico Quaroni vai lecionar Planeamento de 1957 a 1964, Adalberto Libera que constituiu o *Gruppo 7* e MIAR¹¹² (*Movimento Italiano per l'Architettura Razionale*), tem um pensamento compositivo parcelar e uma tipologia organizacional muito própria, tal como Benevolo que irá lecionar “Investigação Sociológica aplicada à História da Arquitetura” depois de ter escrito “*Storia dell'architettura moderna*”¹¹³ em 1960. Estas doutrinas que cada arquiteto, aqui com a função de professor, quer transmitir aos seus alunos rompem com os fundamentos executados por Michelucci que, mesmo após abandonar o ensino da arquitetura, continuou a transmitir as suas ideologias cada vez mais depuradas.

Carlo Aymonino, um dos rostos principais da ramificação italiana que propunha uma revisão ao Movimento Moderno, é o mais consciente dos redatores quando afirma que esta crise é a mais vigorosa dos últimos tempos, justificando que esta situação brotou principalmente onde existe um conflito entre cultura e profissão. Estes momentos, que solicitam uma reforma, são aqueles onde é possível refletir se as estruturas universitárias estão preparadas ou não para absorverem as atualizações. O mais importante que se reteu dos anos em que a crise vigorou, é que “a rutura não foi mais vista na direção horizontal, mas na vertical.”¹¹⁴ No entanto, seria necessário reunir o grupo defensor de uma renovação organizacional mas também política, para que fosse exequível uma inserção do tema Cultura e História nas escolas. A prática e a teoria seriam discutidas, porque vivem em simbiose, mas a questão da pesquisa universitária ou a sua exploração como algo independente, seria um princípio novamente expresso. A disciplina da arquitetura devia acentuar os seus valores porque o lugar universitário exige uma autonomia que tinha de ser revista. Posto isto, a crise estudantil providenciou uma abertura democrática e metodológica na Universidade que, além de essencial, permitiu a implementação de uma “*Facoltà di Tendenza*”, que estava iminente patente na cultura arquitetónica italiana, como afirma a constatação de Derossi:

“Importante foi a influência da agitação estudantil sobre a evolução da vida universitária.”¹¹⁵

¹¹² *Gruppo 7* - Grupo de arquitetos italianos fundado em 1926 que na transição da década de 20/30 decidem ampliar para o MIAR (*Movimento Italiano per l'Architettura Razionale*) passando a ter cerca de cinquenta arquitetos.

¹¹³ Leonardo Benevolo, *Storia dell'architettura moderna*.

¹¹⁴ Versão original: “... la rottura è stata vista non più in senso orizzontale, ma verticale .” em Carlo Aymonino, «Facoltà di Tendenza», *Casabella Continuità* 287, Maio de 1964, 11.

¹¹⁵ Versão original: “Importante è stata la influenza dell'agitazione studentesca sull'evolversi della vita universitária.” em Prieto Derossi, «Responsabilità del Sapere», *Casabella Continuità* 287, Maio de 1964, 12.

Prieto Derossi demonstra o que exprime no seu artigo. Admite que os alunos, enquanto pessoas menos comprometidas a assegurar a democracia e a renovação na Universidade, foram os próprios que inicialmente conquistaram isso e de modo dissimulado menciona a Faculdade de Turim. Em Turim, é proposta uma renovação demarcando que uma escola não deve formar especialistas, mas sim arquitetos com um alto nível de conhecimento. Porventura, uma afinidade favorável entre todos os elementos da Escola potencia uma relação interna que abre o diálogo entre as partes, e externa para uma ligação com as unidades colaterais à Escola, comprovando que a democracia é o elemento-chave para o bom funcionamento e para “uma renovação frutífera”. Agora, na Faculdade “todos se sentem chamados a participar ativamente numa tarefa comum, na verdade, começam a sentir que a sua participação é indispensável.”¹¹⁶

A sociedade acaba por decidir o seu quotidiano e as mudanças operadas para uma condição que, além de democrática, quer ser economicamente aspirante, conduz a uma cultura de consumismo e por conseguinte a uma situação industrial e de produção massiva. A relação arte-indústria, arte no sentido arquitetónico, foi ameaçada pelas ligações a que a cultura industrial se sujeitou quando o neocapitalismo adotou as leis do lucro máximo. O desenho industrial suscitará críticas, críticas histórico-estéticas, estético-industriais, industriais-éticas, ético-políticas e político-ideológicas e o arquiteto tentará colocar uma regeneração que definirá o melhor caminho para a cultura no seu todo, na qual a universidade tomará uma posição estratégica para moderar as diferentes forças deste processo, chegando assim à verdadeira função da cultura universitária como expressam A. Loris Rossi, Cesare de’ Seta e Ermanno Guida em “*Condizione Industriale e Cultura nella Università*”.¹¹⁷

O debate acerca da integração da investigação e/ou pesquisa na Escola, sempre referenciado nos artigos ao longo da publicação, já que assume uma posição de destaque para a época e na qual existe uma vontade de incluí-la como ferramenta da disciplina, é elencado por Biagio Garzena através de oito pontos muito concretos. Arquiteto formado em Turim, onde desenvolve o seu trabalho direcionado para pesquisa e para o ensino, escreve:

“Na medida em que o ensino é a ciência, a pesquisa; observando e criticando os seus métodos, verifica-se a mesma pesquisa de um método de ensino excecionalmente valioso que é integrar-se plenamente com os outros métodos. A pesquisa pode,

¹¹⁶ Versão original: “...ciascuno si sente chiamato a partecipare attivamente ad un compito comune, anzi incomincia a sentire che questa sua partecipazione è indispensabile.” em *Ibid.*, 13.

¹¹⁷ Aldo Loris Rossi, Cesare De’Seta, e Ermanno Guida, «Condizione Industriale e Cultura Nella Università», *Casabella Continuità* 287, Maio de 1964.

portanto, entrar legitimamente na escola, na universidade, como método de ensino, sem prejuízo das finalidades mais gerais da transmissão da herança cultural e social, e em pé de igualdade com outros métodos mais ou menos tradicionais;”¹¹⁸

Apontando que a pesquisa universitária também desempenha uma função pública, “por causa da objetividade dos seus propósitos”¹¹⁹, perante uma sociedade que tende a transformar-se quotidianamente, é possível que através da pesquisa a arquitetura responda de forma eficaz, nomeadamente no planeamento urbano, no qual profetiza a relação externa da Universidade com as decisões macro e micro territoriais, assim como com a sociedade urbano-económica.

Luciano Semerani, devido ao seu interesse pelos assuntos do Planeamento e da Urbanidade, deposita no seu artigo uma perspetiva de como a Universidade tem o direito e o dever de desempenhar uma posição assertiva no debate sobre o território; então é “a pesquisa territorial que deve constituir o principal elemento dos estudos da Faculdade de Arquitetura no território.”¹²⁰, concluindo que “A Universidade é, de facto, um surto de fluxos de energia, um centro de recolha de material humano que vem a partir do território em posição de formar os seus próprios conhecimentos a nível nacional e internacional.”¹²¹

As questões que esta agitação conseguiu alcançar serão motivo de debate para uma constante renovação, mas que tal não descure as estruturas internas que se devem alterar continuamente para garantir uma inclusão de todos na vida democrática da Universidade. Uma visão multidisciplinar que a Escola deve ter é também manifestada por Vittorio Gregotti¹²², assim como a ligação entres as diferentes disciplinas deve ser cautelosa, para que não seja um risco para nenhuma delas e assim permita resolver as discussões acerca da posição do arquiteto.

Após as diferentes opiniões e experiências relatadas de forma individual por parte destes autores que estão atentos ao ensino, é possível traçar questões-chave como a introdução da

¹¹⁸ Versão original: “Nella misura in cui la didattica è scienza, essa ricerca; osservando e criticando i propri metodi, essa scopre nella ricerca stessa un metodo didattico di valore eccezionale che viene a integrarsi pienamente con gli altri metodi. La ricerca può entrare dunque a buon diritto nella scuola, nell’università, proprio come metodo didattico, subordinata ai fini più generali della trasmissione del patrimonio culturale e sociale e alla pari con altri metodi più o meno tradizionali;” em Biagio Garzena, «Questioni sulla ricerca nelle Facoltà», *Casabella Continuità* 287, Maio de 1964, 18.

¹¹⁹ Versão original: “...proprio per la oggettività dei suoi scopi.” em Ibid.

¹²⁰ Versão original: “... quella ricerca territoriale che dovrebbe costituire le elemento principale degli studi delle Facoltà di architettura sulle territorio.” em Luciano Semerani, «Delle Facoltà come centri di Studio Sul Territorio», *Casabella Continuità* 287, Maio de 1964.

¹²¹ Versão original: “L’Università è in effetti un focolaio dei flussi energetici, un centro di raccolta del materiale umano che proviene dal territorio posto in grado di formare le proprie conoscenze a livello nazionale e internazionale.” em Ibid., 22.

¹²² Vittorio Gregotti, «Facoltà del Costruire», *Casabella Continuità* 287, Maio de 1964.



Fig.18 - "Torino" - «Torino-Monopolio e Depressione Culturale»

Investigação na Universidade e o debate sobre o Território como componente da arquitetura; dois assuntos nos quais se destaca o *Istituto Universitario di Architettura di Venezia* e as mudanças operadas por Giuseppe Samonà no final da 2ª Guerra Mundial. Com igual relevância, assistiu-se à transformação das Escolas num sistema democrático capaz de anularem a sombra fascista e incluírem nas suas decisões todos os elementos que a constituem. Logo, a manifestação estudantil por uma reforma imediata teria o intuito de igualar as diferentes realidades, como o número 287 da *Casabella* tentou divulgar através do percurso pelas várias instituições.

Em Turim [Fig.18], o descontentamento é enorme e portanto com um olhar muito próprio definem o seu estado como “Monopólio e Depressão Cultural”¹²³. A Escola tem uma “uma estrutura legislativa e hierárquica antiquada”¹²⁴ que limita a ação de introduzir dinamismo e atualizações para novas pedagogias e também inibe indiretamente a participação de estudantes na vida ativa da Escola. Os institutos e a sua posição terão de ganhar autonomia porque apenas desta forma se pode avançar para um debate consciente entre as organizações, já que a Escola é esquecida como se de um monopólio se tratasse. A agitação estudantil é o resultado do acumular de problemas de um ambiente ambíguo no qual o diálogo poderia desenrolar uma reflexão sobre questões desde a educação ao pensamento cultural. Mas, mesmo depois de um olhar mais atento aos assuntos que a crise despoletou, e ao envolvimento democrático dos alunos nas Comissões, os próprios escrevem no artigo o seu ponto de vista e as razões que os levaram a esta situação que, após dois anos, nem tudo foi concretizado. Catalogam um conjunto de argumentos para os quais irão continuar a demonstrar uma posição, citando que: “Na verdade, o representante dos estudantes incluídos nesta nova estrutura acabaram enredados no jogo parlamentar, acentuando a separação de base estudantil da qual era suposto ser o porta-voz.”¹²⁵

Em Milão, pelo seu carácter enquanto um dos centros de maior influência, a sua situação teve uma projeção substancial, tanto no panorama nacional universitário como social, assumindo mesmo que existia por parte do Movimento Estudantil Milanês uma extensão das suas perspectivas a todas as Escolas. Não sendo Rogers o autor do artigo que faz a narrativa dos acontecimentos em Milão, é notável a sua preponderância como diretor da *Casabella* neste

¹²³ C. Capellino et al., «Torino-Monopolio e Depressione Culturale», *Casabella Continuità* 287, Maio de 1964.

¹²⁴ Versão original: “...una struttura legislativa antiquata e gerarchica...” em *Ibid.*, 24.

¹²⁵ Versão original: “Di fatto i rappresentanti degli studenti inseriti in questa nuova struttura finiscono invischiati nel gioco parlamentare, accentuano il distacco dalla base studentesca di cui avrebbero dovuto essere i portavoce.” em *Ibid.*, 26.

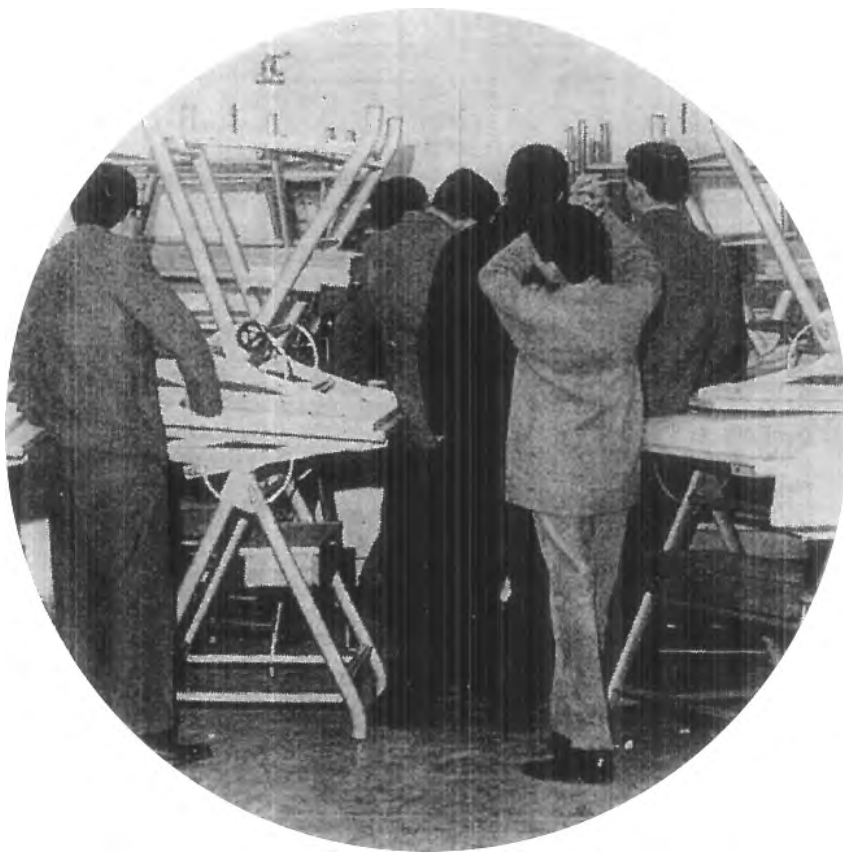


Fig.19 - "Milano" - «Milano-Rapporto tra situazioni locali e prospettive nazionali»

período, mas também como docente do Politécnico de Milão e “mediador das negociações”, juntamente com Lodovico Barbiano di Belgiojoso do grupo *BBPR*. Todo o processo e reivindicações incluíam genericamente uma vertente política e uma vertente cultural. A criação de Conselhos e Comissões conseguiu “definir o debate sobre o novo formato da Faculdade de Arquitetura e, portanto, a revitalização da velha figura eclética”¹²⁶. No entanto, a dificuldade de quebrar o conservadorismo pela resistência oculta dos órgãos políticos, levou o debate para um ceticismo, o qual a “Carta Cultural” tentou resolver. A situação ganhou um rumo burocrático e assertivo quando a agitação estudantil ocupa a Escola em 13 de Fevereiro de 1963 [Fig.19], lançando um comunicado esclarecedor:

“Depois de uma longa agitação que permaneceu sem reconhecimento pelas autoridades académicas, ocupámos a Faculdade. Estamos a lutar para serem responsáveis pela nossa formação. Nós lutamos por um sistema universitário democrático contra uma estrutura rigidamente autoritária. Os nossos professores hoje não estão dispostos a compartilhar com os outros o poder direcional do ensino e da pesquisa. A atual estrutura dá aos alunos só deveres e nenhuns direitos. Todos os constituintes da universidade devem participar responsabilmente na direção das escolas. Estudantes, alunos e professores da Universidade devem garantir a sua função como um desenvolvimento cultural independente e responsável para as necessidades da sociedade. O sistema democrático da Instituição universitária é o primeiro momento para a transformação da nossa universidade. (Primeiro movimento dos estudantes ocupantes em 14-2-63).”¹²⁷

A troca de documentos com índole oficiosa providenciou um debate diário para que este ambiente recessivo fosse desvanecido rapidamente. Foram definidos 10 pontos para implementar, nos quais seriam a chave para uma evolução cultural incluindo a introdução da

¹²⁶ Versão original: “...per impostare il discorso sulla nuova conformazione della Facoltà di architettura e quindi la rivitalizzazione della vecchia figura eclettico...” em Epifanio Li Calzi e Roberto Sarfatti, «Milano-Rapporto tra situazioni locali e prospettive nazionali», *Casabella Continuità*, Maio de 1964.

¹²⁷ Versão original: “«Dopo una lunga agitazione rimasta senza riconoscimento da parte delle autorità accademiche, abbiamo occupato la Facoltà. Ci stiamo battendo per essere resi responsabili della nostra formazione. Lottiamo per un ordinamento universitario democratico contro una struttura rigidamente autoritaria. I nostri professori oggi non sono disposti a condividere con altri il potere direzionale della didattica e della ricerca. L'attuale struttura dà agli studenti solo doveri, nessun diritto. Tutte le componenti del mondo universitario devono partecipare responsabilmente alla direzione degli istituti. Studenti assistenti e professori al governo dell'università garantiscono la sua funzione di centro di elaborazione culturale autonoma e responsabile di fronte alle esigenze della società. L'ordinamento democratico degli istituti universitari è il primo momento per la trasformazione della nostra università». (Prima mozione degli studenti occupanti in data 14-2-63)” em Epifanio Li Calzi e Roberto Sarfatti, «Milano-Rapporto tra situazioni locali e prospettive nazionali», *Casabella Continuità* 287, Maio de 1964, 29.

pesquisa, a análise aos métodos de ensino e que a Faculdade fosse um local de discussão aberta, requerendo mais abertura a personalidades externas, particularmente a realização de conferências. Os órgãos administrativos propõem uma espécie de “Comissão de Resolução” e no mesmo dia (6/3/1963) os estudantes desocupam a Escola. O documento resultante, também publicado no número 287, além de promover a normalização da Faculdade e o início de uma renovação na sua estrutura e a relação do ensino com a investigação, alargam o debate quando mencionam que: “A reforma estrutural na Faculdade de Arquitetura envolve uma análise aprofundada dos problemas institucionais e operacionais que envolvem todas as universidades italianas.”¹²⁸, logo “Os resultados deste trabalho e da Carta Cultural serão levados aos órgãos democráticos do país para o seu debate nacional”¹²⁹.

Em Vicenza, surge a vontade de criar uma Faculdade de Arquitetura ligada à Universidade de Pádua, a qual seria apoiada por diferentes organizações que asseguravam a importância da instituição para o território, para a cultura e para solucionar a sobrelotação do ensino da arquitetura em Itália. Porém, a proximidade com o Instituto Universitário de Arquitetura de Veneza constitui um enclave já que “a profunda crise que atravessa a Universidade italiana, que precisa de novas formas estruturais e de novas orientações e não medidas sectoriais, anotando a absurda posição competitiva que iria colocar Vicenza contra o Instituto Universitário de Arquitetura de Veneza”¹³⁰. O debate acerca do ensino em Vicenza até à data da publicação não teria terminado e como escreve Umberto Tubini, “A Faculdade de Arquitetura em Vicenza está em crise, mesmo antes de nascer.”¹³¹

Em Veneza, Giuseppe Samonà tornou-se diretor em 1944 executando uma renovação que ofereceu à Escola uma projeção substancial face ao cenário nacional e internacional.

“Para além desta orientação política, a direcção de Samonà cria novas cadeiras e renova o corpo docente, para garantir uma reforma pedagógica do sistema de ensino. A renovação do corpo docente será uma das estratégias de actualização permanente

¹²⁸ Versão original: “La riforma di struttura nelle Facoltà di Architettura comporta un esame approfondito dei problemi di carattere istituzionale ed operativo che coinvolgono tutta l’università italiana.” em *Ibid.*, 26.

¹²⁹ Versão original: “I risultati di tale lavoro e lo Statuto Culturale saranno portati agli organi democratici del Paese per la loro discussione a livello nazionale.» em *Ibid.*, 33.

¹³⁰ Versão original: “...alla profonda crisi che sta attraversando l’Università italiana, che abbisogna di nuove forme strutturali e di nuovi orientamenti e non di provvedimenti settoriali, rilevando l’assurda posizione competitiva in cui verrebbe a trovarsi Vicenza nei confronti dell’Istituto Universitario di Architettura di Venezia...” em Umberto Tubini, «Vicenza-Appunti relativi all’istituzione di una facoltà», *Casabella Continuità* 287, Maio de 1964, 34.

¹³¹ Versão original: “La Facoltà di architettura di Vicenza è in crisi ancor prima di nascere.” em *Ibid.*

da Escola ao longo do seu mandato de quase 30 anos, procurando sempre integrar os melhores profissionais e os críticos mais relevantes.”¹³²

Samonà conseguiu reunir em Veneza um núcleo de arquitetos de excelência em diversas áreas, nomeadamente, Carlo Scarpa, Giancarlo de Carlo, Luigi Piccinato e Bruno Zevi. Posteriormente entram Carlo Aymonino, Vittorio Gregotti, Aldo Rossi, Leonardo Benevolo e Giancarlo de Carlo. O *IUAV* e Samonà construíram uma reflexão sobre a cidade baseada em trabalho universitário, isto é, em estudos e pesquisas culturais e sociais que promoviam um pensamento aprofundado para uma arquitetura fundamentada. Estas questões que as Escolas estavam dispostas a implementar após a agitação estudantil, já tinham sido pensadas por Samonà e pelo seu corpo docente, logo o *IUAV* encontrava-se numa clara situação de vanguarda. A cooperação de todos os elementos da Escola no seu “dever social” facultou uma abertura política, ideológica e metodológica, portanto “Veneza tornou-se o terreno de experimentação sobre as relações entre cidade e território, entre centro e periferia.”¹³³

Além de Samonà com as suas ambições perante a cidade e os seus subúrbios maioritariamente industriais¹³⁴, Zevi também se tornou o rosto de uma nova visão de ensino ao lecionar a História de Arte e História da Arquitetura e ao contribuir ativamente para a cidade através de um inquérito aos monumentos de Veneza, um levantamento completo e descritivo capaz de defender e regular uma consciencialização urbanística.¹³⁵

As publicações em que os docentes de Veneza estavam envolvidos e a ligação aos *CIAM* por parte de algumas figuras mais preponderantes, conseguiram extrapolar o “método *IUAV*” internacionalmente, elevando a Escola para o debate sobre o ensino. Após a realização do VII *CIAM* em Bérgamo sobre a “Cultura Arquitetónica”, também as visitas de Le Corbusier em 1936 (Samonà ainda não dirige o *IUAV*), Richard Neutra em 1948 e Frank Lloyd Wright em 1951 foram fundamentais para estabelecer a Escola de Verão dos *CIAM* de 1952 no Instituto Universitário de Arquitetura de Veneza. Destaca-se a presença de Le Corbusier enquanto arquiteto-figura do Movimento Moderno e de Fernando Távora que no mesmo ano conclui o curso, embora apareça ainda como estudante nesta “Escola” organizada “por Albini, Gardella,

¹³² Gonçalo Canto Moniz, «O ensino moderno da arquitectura: a reforma de 57 e as Escolas de Belas-Artes em Portugal (1931-69)», 422.

¹³³ *Ibid.*, 423.

¹³⁴ Sobre as ideologias de Samonà numa situação alargada ver Giuseppe Samonà, *L'urbanistica e l'avvenire della città: negli stati europei* (Laterza, 1959).

¹³⁵ Sobre a visão de Zevi e a crítica arquitetónica ver Bruno Zevi, *Saber ver a arquitectura*, trad. Maria Isabel Gaspar e Gaetan Martins de Oliveira, 5ª ed, Coleção a (São Paulo: Martins Fontes, 2000).



Fig.20 - "Veneza" - «Venezia-Proposte di Ordinamento e Dibattito interno»

Rogers e Samonà, onde os estudantes deveriam “resolver um problema real da cidade”, porque a cidade histórica é uma cidade viva.”¹³⁶

Veneza alcançou um lugar de destaque com o impulso que Samonà implementou no *IUAV*, mesmo assim os seus alunos iniciam um artigo que traduz um momento de debate e uma proposta muito precisa de atualização para que a Escola continue a elevar o estatuto que conquistou [Fig.20]. Portanto, descrevem que “Estas nossas notas servem como uma contribuição de ideias para o debate em curso entre as forças mais avançadas da cultura, um debate que visa deixar claro qual a função do arquiteto hoje e qual é a ordenação da Faculdade no direito de prepará-lo. Partimos da situação de fato da Faculdade de Veneza, em que vemos uma tendência generalizada para o alargamento dos problemas.”¹³⁷ Acreditam que a Faculdade deve ter um “discurso arquitetónico-urbano” e um “plano de pesquisa” devido à época e à sociedade onde está inserida na qual identificam “três linhas de pesquisa”: 1) funcional-semântica, o que deve fundamentar o projeto, denotado por proporcionar o socioeconómico (e que incluem as investigações do campo socioeconómico); 2) formal-sintática, que deve preparar os meios de expressão do projetista a partir do ponto de vista linguístico e do tecnológico-científico; 3) pragmático, que deve ancorar o projeto aos processos da realidade em desenvolvimento.”¹³⁸

A conceção do ensino teria de ser alterada para um sentido de pesquisa que seria a ferramenta essencial para o projeto e para o seu processo, o que fará a sequência: “processo-discurso-espaço”, definindo que este é o nosso território que inclui a cidade, o seu planeamento, a sociedade e nós. Mas, se estas afirmações não são apoiadas pela maioria dos professores italianos, o ensino continua a ter uma legião de conservadores que não olham a realidade como processo e campo de atuação quotidiana. A reforma estrutural teve avanços significativos para a participação dos alunos na Escola e no seu debate organizacional e cultural, mas será indispensável a elaboração de um grupo de reestruturação para asseverar uma reforma cultural

¹³⁶ Gonçalo Canto Moniz, «O ensino moderno da arquitectura: a reforma de 57 e as Escolas de Belas-Artes em Portugal (1931-69)», 423.

¹³⁷ Versão original: “Questi nostri appunti vogliono essere un contributo di idee al dibattito in corso fra le forze più avanzate della cultura, dibattito che tende a precisare quale sia la funzione delle architettura oggi e quale sia lo ordinamento della Facoltà più adatto a prepararlo. Partiamo dalla situazione di fatto della Facoltà di Venezia, nella quale constatiamo una diffusa tendenza all’allargamento dei problemi.” em P. Bettini e R. Vittiello, «Venezia-Proposte di Ordinamento e Dibattito interno», *Casabella Continuità* 287, Maio de 1964.

¹³⁸ Versão original: “...«tre filoni di ricerca»: (1) funzionale-semantic, che dovrebbe sostanziare la progettazione, fornendole i denotati socio - economici (e che comprenderebbe le indagini socio - economiche sul campo); 2) formale-sintattico, che dovrebbe preparare i mezzi espressivi del progettista sia dal punto di vista linguistico che da quello tecnologico-scientifico; 3) pragmatico, che dovrebbe ancorare la progettazione ai processi della realtà in divenire.” em *Ibid.*, 35.



Fig.21 - "Firenze" - «Firenze-Motivi di crisi e discorso ai nuovi studenti»

e conseqüente evolução, entre outros fatores que dignificam a escola e o ensino como componente-base de uma sociedade.

Em Génova, a manifestação seria contra a falta de reconhecimento e de posição que a Faculdade não tinha. A recente formação deste núcleo de ensino de arquitetura possuía problemas como a ineficiente qualificação do corpo docente (talvez pela sua ligação à Faculdade de Engenharia), ou a programação da Escola, assim como o seu método de ensino. A falta de “aprovação legal” desta Faculdade colocaria riscos neste organismo ainda sem uma maturidade que proporcionaria uma tradição universitária afirmada, por outro lado a sua implementação reforça um importante progresso que esta região necessita. Bruno Gabrielli que escreveu o texto sobre Génova¹³⁹, onde sempre tentou desenvolver trabalho e pesquisa para esta região, elogia a *Casabella* como propulsor deste debate de extrema urgência e que perante os “documentos publicados aqui, há um certo salto para fazer.”¹⁴⁰

Em Florença [Fig. 21], a ocupação dos estudantes ocasionou o diálogo entre as diferentes categorias/classes da Faculdade, quebrando “o velho equilíbrio das relações autoritárias e agnosticismo cultural conveniente, fazendo um vislumbre de uma forma diferente da Faculdade.”¹⁴¹ A nova forma da Faculdade produziu progressos como a participação nas reuniões preparatórias e na reunião que acontecera em Roma, onde professores e alunos se juntam de maneira democrática para a resolução de problemas emergentes da situação vivenciada de 1962 a 1964. A política nacional e a nova condição industrial do país não eram descartadas deste convénio que desenvolvia um debate nacional acerca da Investigação na Universidade, as circunstâncias territoriais e as expectativas da arquitetura enquanto disciplina, ou seja, “...trabalhando para o cumprimento das novas exigências da democracia e de um equilíbrio social diferente e mais avançado. Devemos definir o papel e o âmbito do nosso empenho cultural e político neste embate geral de forças históricas.”¹⁴²

Deste modo, “A pesquisa científica não pode ser qualquer coisa, mas o compromisso de trabalhar na base desta escolha fundamental na dialética das forças históricas protagonistas do

¹³⁹ Bruno Gabrielli, «Genova-In attesa del riconoscimento», *Casabella Continuità* 287, Maio de 1964.

¹⁴⁰ Versão original: “...documenti qui pubblicati, c’è un certo salto da fare.” em *Ibid.*, 39.

¹⁴¹ Versão original: “...il vecchio equilibrio dei rapporti autoritari e degli agnosticismo culturali di comodo, facendo intravedere una diversa forma della Facoltà.” em Bacciardi et al., «Firenze-Motivi di crisi e discorso ai nuovi studenti», *Casabella Continuità* 287, Maio de 1964.

¹⁴² Versão original: “...che operano per la soddisfazione di nuove esigenze di democrazia e di un diverso e più avanzato equilibrio sociale. Noi dobbiamo definire il ruolo e la portata del nostro impegno culturale e politico in questo scontro generale di forze storiche.” em *Ibid.*, 40.

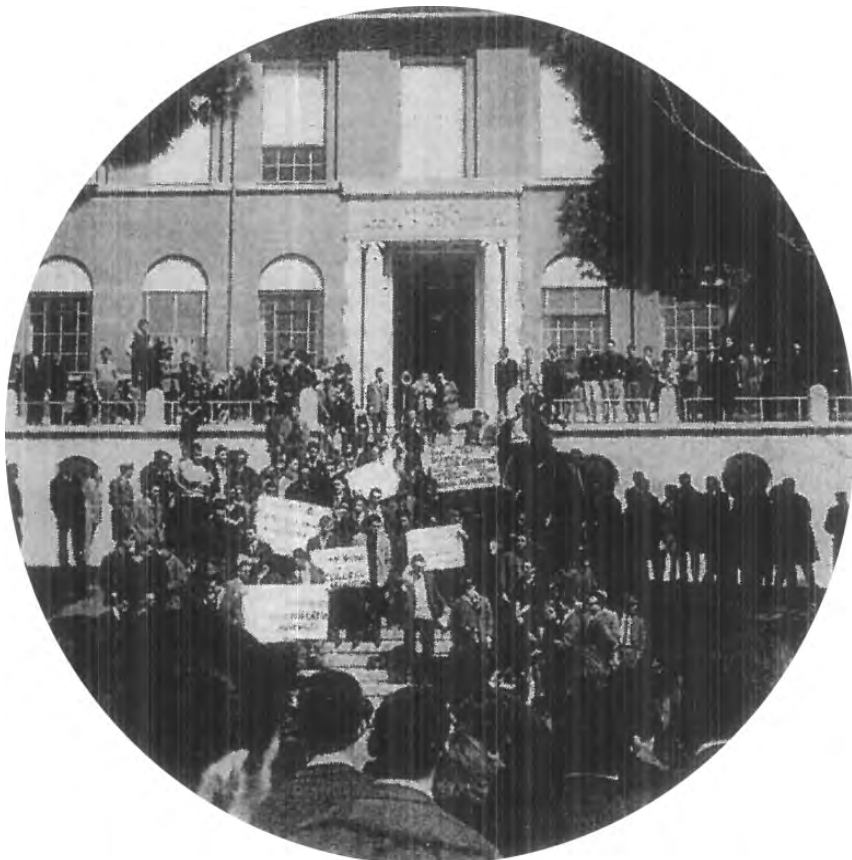


Fig.22 - "Roma" - «Roma-Agitazione situaxione, Prospettive»

mundo moderno.”¹⁴³ e apenas a agitação estudantil pode dispor uma mudança radical que irá favorecer uma cultura afastada do sistema vigente. O discurso do Presidente da Faculdade aos estudantes do primeiro ano é criticado neste artigo da *Casabella* em que confirmam que a Escola deve ser um lugar de investigação, transmissão de conhecimento e sabedoria e receptiva a novos desafios, mas com estes órgãos tal não será exequível. “Devemos, portanto, criar um poder que divide verticalmente as categorias, criando formações culturais reais e unificadas nacionalmente, que se reúnem em torno da Universidade, expressando em todos os níveis, é claro, da Instituição, do Departamento, da Universidade até ao nível nacional, uma vontade cultural homogênea.”¹⁴⁴

Em Roma [Fig.22], a disputa pela formação de uma cultura decidida, acentuada pela ligação de todas as classes faria com que essa fosse o extrapolar da presença democrática na sociedade e na Universidade. A importância da Universidade terá de ser realçada, porque não é uma instituição isolada, “mas um lugar preciso de referência em certos casos socioeconómicos do país.”¹⁴⁵ A agitação estudantil romana não sentiu por parte dos órgãos superiores uma resposta satisfatória e eficaz aos problemas propostos e ocupam a Faculdade de Arquitetura de Roma a 20 de Março. Devia estar evidente “o surgimento de uma nova consciência de responsabilidade moral e de cultura civil”¹⁴⁶, já que o aluno tenciona ser visto como elemento ativo no poder decisor. As negociações entre o Movimento Ocupante e o Conselho da Faculdade são inicialmente ameaçadas com penas disciplinares e perda do ano letivo e posteriormente com a proposta de uma Comissão recusada pelos estudantes com uma carta a 18 de Abril de 1963 que descrevia uma reforma da Faculdade relembrando que Roma não era um caso isolado, mas sim parte de um contexto nacional. O apoio vem de professores como Aymonino, Quaroni, Tafuri, Piccinato (que fundou com Zevi a *APAO* e entra em 1963 em Roma), entre outros, e ao fim de uma ocupação que durou 42 dias e que reuniu aproximadamente mil alunos, são abertas as hostilidades e o debate ganha um rumo democrático, já que o “diálogo é o

¹⁴³ Versão original: “Ricerca scientifica non può essere altro che impegno a operare sulla base di questa scelta fondamentale nella dialettica delle forze storiche protagoniste del mondo moderno.” em *Ibid.*

¹⁴⁴ Versão original: “Dobbiamo quindi realizzare un potere che spacchi in verticale le categorie, creando formazioni culturali reali e unificate nazionalmente, che raccolgano tutto il mondo universitario, esprimendo a tutti i livelli, di corso, di istituto, di dipartimento, d’ateneo fino a livello nazionale, volontà culturali omogenee.” em *Ibid.*, 43.

¹⁴⁵ Versão original: “...ma un luogo di riferimento preciso di determinate istanze socio - economiche del Paese.” em Unuri et al., «Roma-Agitazione situaxione, Prospettive», *Casabella Continuità* 287, Maio de 1964.

¹⁴⁶ Versão original: “...il sorgere di una nuova coscienza delle responsabilità morali e civili della cultura.” em *Ibid.*, 45.

instrumento mais adequado ao método próprio crítico da formação de uma cultura moderna”¹⁴⁷, sendo a Universidade um lugar de reunião e de discussão.

Em Nápoles, a situação que remeteu a Universidade para uma autorreflexão é considerada mediante um confronto ideológico. A política e a cultura devem cultivar uma relação de cooperação e não demonstrar uma posição autoritária entre si, portanto esta é uma questão urgente. O país vive um ambiente socioeconómico e económico-urbano que carece de pesquisa/investigação e debate, “Assim, a estratégia do movimento universitário não só deve coincidir com a batalha travada pelas forças democráticas, mas dentro dele qualificar-se com contribuições e escolhas urbanas capazes de orientar a sua política municipal, com vista a uma renovação dos quadros dirigentes, ainda ancorado às preocupações carácter eleitoral.”¹⁴⁸ Essa pesquisa deve ter total liberdade assegurada pelo seu método que sendo multidirecional garante na sua base uma uniformidade ideológica.

Em Palermo, existe uma Faculdade de Arquitetura que foi criada como parceria da Faculdade de Engenharia na época em quem o fascismo caiu em Itália, em 1944. Logo, à data da publicação do número 287 da *Casabella*, a Faculdade faria vinte anos e Gianni Pirrone através de uma analogia com a família descreve a Escola que, ainda jovem, trata-se de um experimento que além das suas falências pretende ter uma afirmação na região Siciliana, no âmbito político e cultural, no qual “crescem e vivem juntos na mesma realidade geográfica e humana, mutuamente ignorando um ao outro na mesma medida com que ignoram a realidade em que estão imersos e operam.”¹⁴⁹ Deste modo, o estabelecimento da Faculdade em Palermo, assim como outras, tem o compromisso de seguir as transmutações e desenvolvimentos da sociedade e do território, reunindo a interlocução de todas as forças.

O debate interno realizado a 20 de Fevereiro de 1964 nas instalações da Faculdade de Arquitetura de Palermo deve-se a dois pontos principais: a resposta da Faculdade face ao território e a sua posição de reflexão cultural. Luciana Natoli Di Cristina responde que a Escola

¹⁴⁷ Versão original: “...dialogo che è lo strumento più congeniale al metodo critico proprio della formazione della cultura moderna...” Ibid., 47.

¹⁴⁸ Versão original: “Quindi, la strategia del movimento universitario non solo deve coincidere con la battaglia condotta dalle forze democratiche, ma nel suo ambito qualificarsi con contributi e scelte urbanistiche capaci di orientare la politica comunale, nella prospettiva di un rinnovamento dei quadri dirigenti, tuttora ancorati a preoccupazioni di carattere elettorale.” em F. Coppola et al., «Napoli-Una Linea Politico-Culturale», *Casabella Continuità* 287, Maio de 1964.

¹⁴⁹ Versão original: “...crescono e vivono insieme nella stessa realtà geografica e umana, ignorandosi reciprocamente nella stessa misura con cui ignorano la realtà in cui sono immerse e operano.” em Gianni Pirrone, «Palermo-Un esperimento che dura da Vent’Anni», *Casabella Continuità* 287, Maio de 1964.

naquele momento não estaria pronta para lidar com dois problemas: a estrutura do território e a sua configuração espacial, na qual Vittorio Ziiino afirma que a necessidade de uma reestruturação é iminente para operar uma relação Universidade-sociedade e garantir a participação nos assuntos locais. Um dos estudantes presentes no debate declara aquilo por que a Manifestação Estudantil Italiana queria conquistar na sua luta: “Democracia e planeamento são os dois elementos revolucionários que, na luta pela sua afirmação dentro da Universidade, encontram uma longa série de obstáculos; obstáculos que devem ser imediatamente removidos e superados, como a estrutura antidemocrática atual da Faculdade e o tipo de mentalidade e cultura ultrapassada da maioria dos professores.”¹⁵⁰

Esta situação do pós-guerra criou uma transformação na sociedade, na cidade e na política de um país que criou um desenvolvimento acelerado pela economia e industrialização, em que passados vinte anos a sombra fascista ainda pairava nas instituições de ensino. Através do poder estudantil foi viável garantir um espaço para o debate democrático, tentando irradiar os órgãos autoritários que reprimiam a Escola de Arquitetura. Também se promoviam as relações externas, a multidisciplinaridade da arquitetura, o estabelecimento da Faculdade como potenciador de um território económico-industrial e para o desenvolvimento cultural da sociedade, assim como a introdução da investigação e/ou pesquisa como instrumento ou método. Deste modo, a responsabilidade de uma formação atualizada e aberta à sociedade não é instruída numa Escola que não é capaz de olhar para cada um dos seus constituintes como um elemento fundamental na sua definição. As reformas foram tomando as arcaicas ideologias por meio de negociações marcadas por cartazes, cartas, publicações, ocupações, reuniões e conferências, e algumas das mais relevantes podem ser revisitadas nesta publicação da *Casabella* que divulgou a *Agitação e Ocupação*¹⁵¹ que se passou em Itália. Esta situação e a sua propagação possibilitaram um despontar de outras interrogações e reformas a diferentes escalas, nomeadamente o Maio de 1968 e a sua “globalização” como veremos no seguimento do trabalho.

¹⁵⁰ Versão original: “Democrazia e pianificazione sono i due elementi rivoluzionari che, nella lotta per la loro affermazione all’interno dell’università, trovano una lunga serie di ostacoli; ostacoli che devono essere immediatamente rimossi e superati, quali la attuale struttura antidemocratica delle Facoltà e il tipo di mentalità e cultura superate della maggior parte dei docenti.” em *Ibid.*, 52.

¹⁵¹ Subcapítulo do Capítulo 1 do presente trabalho.

CAPÍTULO 2.
DOIS MOMENTOS, DUAS REFORMULAÇÕES

2.1. MAIO DE 68: SOCIEDADE, POLÍTICA E O ENSINO DA ARQUITETURA

O fim da década de 1960 foi extremamente marcado pelos vários acontecimentos que questionaram inúmeras posições já estabelecidas na sociedade. Esta constatação está também relacionada com um acontecimento que convergiu a globalidade dos termos que definem o Homem enquanto Ser social, político e liberal que se destacou como um dos eventos mais marcantes da História, ou seja o Maio de 68.

A carga política e social que envolveu o Maio de 68 servirá como paralelo a uma análise segundo a linha do ensino da arquitetura na qual se pretende evidenciar as transformações e reformas executadas, mas também as influências de eventos anteriores e posteriores assim como os seus reflexos.

O acumular de situações quotidianas de uma sociedade pós-guerra, já descrita como eminentemente económica e industrial, também se revelou desregulamentada perante uma explosão demográfica iniciada no final da década de 1940, apelidada de *baby boom*¹. Passadas duas décadas, a população jovem dominava a pirâmide etária. Era caracterizada pela luta de valores libertários e críticos, pela ânsia de mudança e por uma contracultura que cada vez tinha mais impacto porque chegava agora às Universidades. Os números explicam uma parte do todo. Em 1960 havia 190 000 estudantes na Universidade francesa e em 1968 eram já 800 000.² A França contruía escolas em números consideráveis porque não estava preparada para este “Ensino de Massas”, mas não era o suficiente. Os cidadãos eram alvo da “rigidez de todos os aparelhos verticais e das instituições que estruturam e enquadram tradicionalmente a sociedade: a Igreja, a escola, o poder político, a empresa.”³ O *status quo* da sociedade maioritariamente jovem, marcado por esta complexidade social e pelas aspirações a um futuro

¹ Termo difundido pelos Estados Unidos da América para definir a explosão demográfica posterior à Segunda Guerra Mundial.

² Jean-Louis Violeau, *Les architectes et mai 68* (Recherches, 2005), 21.

³ Patrick Rotman, *Maio de 68 explicado àqueles que o não viveram*, trad. Maria Freitas da Costa (Lisboa: Guimarães Editores, 2009), 24.



Fig.23 - "Paris - École des Beaux-Arts" - 1870

promitente, providenciou o requerimento de uma modernização da “moral estabelecida pelos bons costumes.”⁴

A Escola de Arquitetura em França também era detentora desses “bons costumes”, mais concretamente dos seus arcaicos dogmas, métodos e figuras que tornavam o seu ensino monótono e desatualizado. As Escolas estavam distribuídas pelas regiões, mas eram sempre marcadas pedagogicamente pela ligação à *Rue Bonaparte de Paris*, ou seja à *École Nationale Supérieure des Beaux-Arts* (ENSBA) [Fig.23]. Financeiramente e administrativamente estavam conexas aos municípios, o que as colocava num jogo deambulatório entre instituições sem que pudessem usufruir de uma autonomia que possibilitasse a procura de uma definição própria.

A *École Nationale Supérieure des Beaux-Arts* reunia um ensino multidisciplinar. No mesmo espaço providenciava a instrução em Pintura, Escultura e Arquitetura. Com uma aproximação à *Académie Royale d'Architecture*, que tinha sido encerrada na Revolução Francesa, a *École* era sinal de continuidade pedagógica de um modelo, que durante alguns anos se mostrou flexível para colmatar críticas e absorver inovações. No entanto, a ENSBA na sua criação tinha uma metodologia de ensino que potenciava o academismo enquanto Escola, mas o individualismo enquanto aprendiz, isto porque o ensino de Projeto concebia-se em atelier e “na *École*, assistia-se às lições”⁵, sendo “uma escola de vários ateliers, cada um com o seu “mestre”, cada “mestre” com os seus pupilos.”⁶ É evidente que a concorrência potenciou uma elevação da Escola, porque substancialmente são os alunos e os professores que a constroem, mas esta relação desponta ainda a facilidade do atelier contaminar a escola ou vice-versa. Apesar de isso ter acontecido de forma dissimulada, o método atelier que de certo modo operava de forma individualizada não contribuía diretamente para um todo, isto é, não contribuía para o ensino da arquitetura como revelador de uma identidade unificada e coletiva.

Factualmente, “No estabelecimento do estado moderno durante o século XIX o papel das *Beaux-Arts* não deve ser visto como um fenómeno cultural mas como uma operação política, onde a cultura se torna um comércio e um instrumento de dominação nas mãos da burguesia.”⁷

⁴ Ibid., 28.

⁵ Gonçalo Canto Moniz, «O ensino moderno da arquitectura: a reforma de 57 e as Escolas de Belas-Artes em Portugal (1931-69)» (Tese de Doutoramento em Arquitetura, Universidade de Coimbra, 2011), 85.

⁶ Bruno Gil, «Escola de arquitectura: hoje» (Prova Final de Licenciatura em Arquitetura, Universidade de Coimbra, 2005), 17.

⁷ Versão original: “In the establishment of the modern state during the 19th century the role of the *Beaux-Arts* must be viewed not so much as a cultural phenomenon but as a political operation, where culture becomes both a trade



Fig.24 - "The history of the Academy"

Esta situação foi-se prolongando durante décadas e torna-se um fator de luta nesta sociedade em transformação. O sistema que a *École* adotou dos tempos já enunciados entrara em crise, não só pela demanda crescente de novos estudantes mas também por falta de uma modernização que tem de ser necessariamente corrente. Deste modo, existem sempre elementos e organizações colaterais que discutem o ensino e a operacionalidade da Escola e o que suscitava na época era uma intenção externa de olhar a pedagogia. A *Grande Masse des Beaux-Arts*⁸, associação independente de qualquer Escola que pretende ter uma posição de apoio a estudantes e arquitetos, o que lhe confere destaque na cultura arquitetónica francesa, está atenta aos temas que se encontram em discussão. Objetivamente, no final dos anos 1950 lança argumentos sobre o ensino da arquitetura requerendo uma reforma e um olhar mais atento às questões contemporâneas. Questões como a abertura à pré-fabricação e ao racionalismo da arquitetura que já tinha sido explorada na *Hochschule für Gestaltung Ulm* e debatidas no CIAM de Bérghamo⁹ e por outro lado uma aproximação do ensino às Ciências Humanas, isto é, uma procura de carácter artístico em seio universitário. Similarmente, também era solicitada uma revisão da importância do *Grand Prix de Rome*¹⁰ que já tinha sido criado em 1663 durante o reinado de Louis XIV e que consistia numa “competição” por uma bolsa para a Academia Francesa de Roma [Fig.24]. Posteriormente o mesmo rei apoiaria também a criação da *Académie Royale d'Architecture* fundada por François Blondel.

Em 1960, a *Grande Masse* num lance definidor da sua posição “decidiu romper com a União das Grandes Escolas (UGE) para aderir à União Nacional dos Estudantes da França (UNEF), então atravessada pelo impacto da guerra na Argélia e pelos debates usados por movimentos progressistas, marxistas ou cristãos.”¹¹ Esta mudança é o acentuar de uma observação urgente ao ensino da arquitetura. O anúncio de uma reforma foi feito no Congresso da União das Grandes Escolas a 20 de Abril de 1961, a partir do qual no ano seguinte a 17 de Fevereiro é

and an instrument of domination in the hands of the bourgeoisie.” em Leon Krier, «Law and Disorder», *Architectural Design* 11-12, 1978, 84.

⁸ Sobre a *Grand Masse* ver «Qui sommes nous L'Association - Grande Masse des Beaux-Arts», acedido 26 de Junho de 2017, http://grandemasse.org/?c=association&p=qui_sommes_nous.

⁹ Sobre o CIAM 7 realizado em Bérghamo em 1949 ver Eric Paul Mumford, *The CIAM Discourse on Urbanism: 1928-1960* (Cambridge (Mass.); London: MIT Press, 2000), 179 a 197.

¹⁰ Sobre o Grand Prix de Rome e a sua influência do século XVIII até ao século XX ver Roberto Cassanelli, *Ruins of Ancient Rome: The Drawings of French Architects Who Won the Prix de Rome, 1786-1924* (Getty Publications, 2002).

¹¹ Versão original: “avait décidé de rompre avec l'Union des grandes écoles (UGE) pour adhérer à l'Union nationale des étudiants de France (UNEF) alors traversée par les répercussions de la Guerre d'Algérie et les débats portés par les courants progressistes, marxistes ou chrétiens.” em Jean-Louis Violeau, *Les architectes et mai 68* (Recherches, 2005), 24 e 25.

lançado o “*décret-cadre Debré*”¹², adotando o apelido do primeiro ministro francês Michel Debré que se demitiria nesse mesmo ano.

“O impulso inicial foi dado, mas a publicação deste decreto é mal acolhida tanto pelos estudantes e pelos corpos docentes desapontados pela imprecisão e carácter voluntariamente desfocado de muitas medidas.”¹³

A reforma evidencia a abertura da academia, a implementação na Escola de um campo teórico, o acesso ao curso, sumariamente uma listagem sem rigor aparente que tencionava uma renovação que se desenvolveria ao longo dos anos. No entanto, é uma evolução tímida perante a “*vieille garde*” e pecou muito por não ter feito uma reflexão anterior que lhe daria mais precisão. Nos anos seguintes, a Escola já está envolvida pela reforma e a *Grande Masse* assume um papel cada vez mais influente nas decisões que se vão tomando, já que “...a partir de 1965 o Secretariado da Reforma coloca 5 secretários pagos a partir dos fundos da *Masse*, secretários que o Departamento de Arquitetura, sem dinheiro e inflexível, não tinha meios para pagar.”¹⁴ A saída de Philippe Molle de diretor da *Grande Masse* nesse ano e a entrada de Pierre Clément, que através de um jogo quase político irá colocar os meios da *Masse* à disposição da reforma, coloca em evidência o aceitar da reforma do ensino, confrontando assim os conservadores.

Paralelamente aos debates presentes em França, o Mundo gira freneticamente. A Guerra Fria está numa fase delicada perante a crise dos mísseis de Cuba e a construção do Muro de Berlim. A sociedade percebe o que realmente move a Guerra do Vietname e os estudantes manifestam-se na *White House* e em vários países, Marilyn Monroe é encontrada morta e John Kennedy é assassinado, no entanto os Beatles contagiam tudo e todos nestes anos que propiciam o crescimento de uma contracultura que se prolifera em todos os níveis. E o ensino da arquitetura?

Em muitos países entrava-se numa fase decisiva. Por exemplo, no Brasil, Vilanova Artigas tenta implementar uma nova pedagogia na Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da

¹² Ibid., 27.

¹³ Versão original: “L’impulsion initiale est donnée, mais la publication de ce décret est mal accueillie à la fois par les étudiants et par un corps enseignant déçu par l’imprécision et le caractère volontairement flou de nombreuses mesures.” em Ibid., 28.

¹⁴ Versão original: “...à partir de 1965 le Secrétariat de la Réforme en mettant à disposition 5 secrétaires payées sur les fonds de la Masse, secrétaires que la Direction de l’Architecture, impécunieuse et manquant de souplesse, n’avait pas les moyens de rétribuer.” em Ibid., 31.



Fig.25 - “Salão Caramelo” - Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo (FAU USP)

Universidade de São Paulo (FAU USP). A requalificação era requerida há algum tempo para este ensino com problemas hereditários provenientes de quando a FAU USP era até 1948, uma escola politécnica. Aprimorava o conhecimento técnico em vez da arquitetura como elemento social ou mesmo artístico e a sua posição estava novamente em debate enquanto decorria uma crise política no país (demissão de Jânio Quadros em 1961). A Universidade de São Paulo sofre grandes mudanças. O estado decide construir uma cidade universitária e oferece a construção de novas instalações para o ensino da arquitetura. Tratava-se de uma oferta estranha num ambiente obscuro que se passara na sociedade e no país.

Como arquiteto e docente, Artigas mostrava uma certa resistência quanto ao ensino praticado e ao projetar as novas instalações irá depositar no projeto e sobretudo no programa do edifício, uma intenção de romper com a pedagogia politécnica e ao mesmo tempo dotá-lo de um manifesto à “oferta” que tinham recebido do estado.¹⁵ Face a isso, Artigas desenvolve o edifício em torno de um ponto central, o Salão Caramelo [Fig.25], que marca um espaço de cruzamento, de conversa e de debate seja ele formal ou informal. O conceito arquiteto-engenheiro que definia o curso teria de sofrer um *upgrade*, não esquecendo o saber-fazer, a disciplina de Projeto teria de ser dotada de conteúdos periféricos como o Desenho, o Urbanismo e Paisagem, a História, entre outros, que fazia o curso mais humanista sem descurar a técnica. Artigas propõe a criação de diferentes secções, mas uma essencial, o Atelier Interdepartamental no qual congregava a reunião entre as diversas disciplinas e a prática projetual. Novamente estava presente o sentido multidisciplinar da disciplina. O Fórum de 62¹⁶ é a apresentação e o aceitar da reforma após uma reflexão interna com professores e alunos, que será novamente discutida no Fórum de 68.

Na Alemanha, é perceptível em *Ideologias Distintas*¹⁷ que a *Hochschule für Gestaltung Ulm* além de expor dissimuladamente os seus conflitos, também propaga na sua publicação a sua crítica, as suas personagens, os desenvolvimentos externos e internos e como a Escola e a profissão podem ser um conector de classes. Deste modo, a Escola de Arquitetura é um organismo social e não uma tradição elitista. Esta afirmação deve ser difundida e

¹⁵ Sobre o edifício da FAU USP ver «Projectos - Lugares de Ensino da Arquitetura», *Jornal dos Arquitectos* 201 - *Faire École* 1, Junho de 2001, 80 a 89.

¹⁶ Sobre a FAU USP e a Reforma de 1962 ver Juliano Aparecido Pereira, «The studio in the School of Architecture and Urban Design of the University of São Paulo: the 1962 Reform and its contemporary issues», *Joelho 04: revista de Cultura Arquitectónica*, Abril de 2013.

¹⁷ Subcapítulo do Capítulo 1 do presente trabalho



Fig.26 - Capa de «Italia» - *L'Architecture d'Aujourd'hui* 41 - 1952 (1) e «Italia», *L'Architecture d'Aujourd'hui* 48 - 1953 (2)

implementada, porque mesmo que a arquitetura não tenha um modelo universal, pode ser detentora de uma base de contribuição social.¹⁸

“Figuras do ensino e do mundo da arquitetura são então interrogados no estrangeiro, na Escola de Ulm (Max Bill, Thomas Maldonado, Claude Schnaidt), em Itália principalmente (Ludovico Quaroni, Ernesto Rogers, Carlo Scarpa e Bruno Zevi), os dois pontos de referência desta geração, entre o Instituto do Ambiente e os começos de pesquisa arquitetónica (...) Lutando contra a «indiferença que vai a par com a satisfação presunçosa», as citações exaltam a tradição e o classicismo do ensino das *Beaux-Arts* que são sistematicamente colocados em contraponto das análises desses teóricos e professores estrangeiros.”¹⁹

Em Itália, a *Casabella Continuità* exportou a agitação estudantil como percebemos em *Agitação e Ocupação*²⁰. Os seus pedidos eram fruto da reivindicação que solicitava uma reorganização da Universidade italiana. A sua influência, a *Italophilie*²¹, vai-se tornar clara quando o ensino francês é reformulado, mas também pelas figuras dessa reforma que se avistava, nomeadamente Bernard Huet que será referido posteriormente. Num contexto de divulgação e publicações, *L'Architecture d'aujourd'hui* em 1952 e 1953 lança os números 41 e 48 intitulados “*Italie*” [Fig.26], cujas edições difundem em França a influência da ramificação italiana que seria afirmada em meados da década de 1960. O pensamento italiano tem um efeito preponderante já que era necessário uma nova abordagem à arquitetura, “mais precisamente uma releitura estruturo-marxista da génese do Movimento Moderno rompendo com a análise urbana tradicional”²², apoiando uma aproximação ética e olhando para a cidade

¹⁸ Sobre o papel social e cultural do arquiteto, incluindo o Maio de 68 ver Jean-Louis Violeau, *Les architectes et mai 68*; Mário Carvalhal, «Arquitetura e revolução : debates sobre o papel social e cultural do arquiteto no último século» (Dissertação de Mestrado em Arquitetura, Universidade de Coimbra, 2010).

¹⁹ Versão original: “Des figures de l'enseignement et du monde de l'architecture sont alors interrogées, à l'étranger, à l'École d'Ulm (Max Bill, Thomas Maldonado, Claude Schnaidt), en Italie surtout (Ludovico Quaroni, Ernesto Rogers, Carlo Scarpa et Bruno Zevi), les deux points de référence de cette génération, entre l'institut de l'Environnement et les débuts de la recherche architecturale(...) Luttant contre «l'indifférence qui va de pair avec la satisfaction béate», les citations exaltant la tradition et le classicisme de l'enseignement des Beaux-Arts sont systématiquement placées en contrepoint des analyses de ces théoriciens et enseignants étrangers.” em Jean-Louis Violeau, *Les architectes et mai 68*, 62 e 63.

²⁰ Subcapítulo do Capítulo 1 do presente trabalho.

²¹ Termo utilizado por Jean Louis Cohen para descrever a influência italiana deste período na cultura arquitetónica em Jean-Louis Cohen, *La coupure entre architectes et intellectuels, ou les enseignements de l'Italophilie: Ouvrage de référence sur l'architecture* (Mardaga, 2015).

²² Versão original: “Plus précisément une relecture structuralo-marxiste de la genèse du Mouvement Moderne rompant avec l'analyse urbaine traditionnelle...” em Jean-Louis Violeau, *Les architectes et mai 68*, 215.

como um lugar de construção ponderada, visto que “a cidade é cadinho onde, em camadas sucessivas se estratifica, com as marcas indeléveis do tempo, a história das sociedades.”²³

Em Paris, os eventos vão-se sucedendo como que fosse o percurso em direção a algo com uma escala maior, constantemente atentos ao que os rodeava. Em 1965, o Congresso da União Internacional de Arquitetos realizou-se na capital francesa trazendo arquitetos de todas as nacionalidades, porque era essa a sua intenção, reunir profissionais independentemente da sua naturalidade, das suas crenças ou ceticismos ou mesmo das ideologias arquitetónicas. A reforma proposta pelo “*décret-cadre Debré*” está em curso e a chegada de diferentes arquitetos ou arquitetos/professores como Nuno Portas que estabelece um interessante contacto com John Lloyd da *Architectural Association*²⁴, interrogaram o sucesso da reformulação e clarificam uma maior ponderação na formação do arquiteto, embora se encontrassem momentaneamente na cidade.

“No entanto, neste período, é estreita a relação da UIA com a *École de Beaux-Arts* de Paris, onde estava sediada a organização do Concurso de Emulação da UIA promovido por André Gutton, professor de Teoria da Arquitectura da *École*. É também neste sentido, que o presidente do grupo de trabalho n.º 1, Formação do Arquitecto, é professor chefe de atelier da *École* condicionando à partida a discussão sobre o tema...”²⁵

O tema é afastado mas Nuno Portas retoma-o nos seus escritos em função do Congresso UIA de Paris²⁶, esclarecendo que o arquiteto dever acreditar numa cooperação das várias disciplinas para responder aos assuntos contemporâneos da arquitetura e afirmar uma função social que já está presente em outras profissões. Deste modo, o ensino *Beaux-Arts* é muito redutor perante as exigências que a sociedade lhe coloca. É essencial a humanização da pedagogia porque o arquiteto é o promotor do espaço, desde a habitação à cidade e talvez uma ligação às ciências humanas que poderia ser dado pela Universidade, assim como uma colaboração com os outros especialistas que nas *Beaux-Arts* se mantinham alheios. Para a exequibilidade desta “evolução

²³ Carlos de Almeida, *Portugal: arquitectura e sociedade*, Portugal ontem, Portugal hoje (Lisboa: Terra Livre, 1978), 41.

²⁴ Bruno Gil, «Culturas de Investigação em Arquitectura - Linhas de Pensamento nos Centros de Investigação, 1945-1974» (Tese de Doutoramento em Arquitectura, Universidade de Coimbra, 2017), 470 a 477.

²⁵ Gonçalo Canto Moniz, «O ensino moderno da arquitectura: a reforma de 57 e as Escolas de Belas-Artes em Portugal (1931-69)», 183.

²⁶ Nuno Portas, *Arquitectura(s): história e crítica, ensino e profissão*, Argumentos 23 (Porto: FAUP, 2005), 380 a 388.

das necessidades”, será necessário “uma estrutura flexível que favoreça e se antecipe às exigências de readaptação das profissões-diploma que fazem hoje o nosso orgulho e também as nossas disputas corporativistas.”²⁷

A discussão da abrangência e investigação das estruturas da vida quotidiana desta sociedade urbana e consumista deve partir do arquiteto e da sua formação, porque assim irá reduzir as desigualdades sociais. Ele não pode ser um conformista, pelo contrário deve ter a ânsia de procurar e criticar por si e dignificar a expressão: “«*L’architecture au service de l’homme*»”²⁸.

Na *École*, o debate está a ser construído em torno do seu *modus operandi*, particularmente em relação ao “Concurso de Admissão” que, mesmo antes do Maio de 68, já não decorre nos seus conformes históricos, porque existe um número fixo de candidatos admitidos que serão distribuídos por grupos. A 22 de Abril de 1968, o Conselho de Ensino analisa a reforma que começou em 1962, expondo a autonomia que o ensino da arquitetura conseguiu até então, as perspectivas da colaboração com a Universidade e o carácter multidisciplinar do curso. No entanto, continuavam o mesmo sistema, os mesmos concursos (como o *Grand Prix de Rome*), as poucas alterações aos conteúdos de ensino, mas sobretudo a seleção e repressão de classes que apenas “protegia” uma minoria da sociedade.

Em Nanterre, curiosamente uma zona em recessão com uma forte concentração emigrante, foi construída em 1964 uma Universidade para colmatar o número crescente de estudantes. Aqui também se manifestavam pela escassa representação estudantil, contra a Guerra do Vietname e a divisão por géneros (na qual invadem a residência feminina), portanto uma “encruzilhada entre o mal-estar e a politização,” onde “nasce o foco da contestação.”²⁹ Em Nanterre, no Departamento de Sociologia, reúnem-se em torno de Daniel Cohn-Bendit, porque “Dany conseguia colmatar as lacunas entre o anarquismo e o marxismo e entre violência e não-violência”³⁰ e, apoiados por professores como Henri Lefebvre, criam um grupo de debate. Lefebvre encontra-se envolvido pela reflexão e crítica social que era necessário fazer, as mesmas razões que o levam a escrever “*Le Droit à la ville*”³¹ com grandes considerações nas questões espaço-sociais, ao que o autor apelida de “*Ciência da Cidade*”. Esta ciência devido

²⁷ Ibid., 385.

²⁸ Jean-Louis Violeau, *Les architectes et mai 68*, 55.

²⁹ Patrick Rotman, *Maio de 68 explicado àqueles que o não viveram*, 42.

³⁰ Versão original: “...Dany was able to bridge gaps between anarchism and Marxism and between violence and nonviolence.” em Michael Seidman, *The Imaginary Revolution: Parisian Students and Workers in 1968* (Berghahn Books, 2004), 59.

³¹ Henri Lefebvre, *O Direito à Cidade*, trad. Rubens Eduardo Frias (São Paulo: Centauro, 2001).



Fig.27 - "Paris, May 4, 1968: Police department enters the Sorbonne in Paris"

à sua complexidade tem de congregar todas as disciplinas (Arquitetura, Sociologia, Economia, Antropologia...) no mesmo território senão continua a ser capitalista em vez de humanista. Portanto, “O *direito à cidade* (...) Só pode ser formulado como *direito à vida urbana*, transformada, renovada.”³²

No decorrer de uma manifestação contra a Guerra do Vietname, alguns estudantes de Nanterre são presos e, após dois dias, a administração da Universidade é ocupada. Até ao início de Maio as reivindicações continuam mesmo com a Universidade em funcionamento, embora com as aulas afetadas. A 2 de Maio alguns estudantes presentes nas manifestações, nomeadamente Daniel Cohn-Bendit, são levados a Paris para o Conselho de Disciplina. Este é um erro estratégico por parte dos órgãos superiores porque numa tentativa de acabar com a agitação, acabaram por trazê-la até ao centro de Paris.

No dia seguinte, no pátio da Universidade de Sorbonne é feita uma concentração de apoio a Nanterre e uma reunião onde estava a *Union Nationale des Etudiants de France*, mas a verdadeira UNEF está fragilizada pelas controvérsias que existiam no seu interior e pelo grupo de Cohn-Bendit. A situação política entre as várias associações e partidos também era desafiadora de conflito, porque havia extremismos por vezes incontroláveis que não admitiam a presença de movimentos de extrema-direita em territórios de extrema-esquerda ou vice-versa.³³ Porém, em Sorbonne isso não aconteceu, no entanto sem uma aparente explicação a polícia chega. “Os estudantes não procuram defender-se, mas é a primeira vez que a polícia entra numa universidade, até aí considerada uma espécie de santuário.”³⁴ [Fig.27] Outros estudantes interrogam e manifestam-se contra a repressão que assistiam, acabando por entrar em conflito direto com a forças policiais. Começa a jornada estudantil de dez dias que definem o Maio de 68.³⁵

“Tomar a palavra torna-se uma reivindicação de carácter existencial: falo portanto existo!”³⁶

³² Ibid., 117 e 118.

³³ Sobre o panorama jovem político de Esquerda e Direita da década de 1960, tal como a Guerra da Argélia e o sindicalismo ver Nicole de Maupeou Abboud, *Ouverture du ghetto étudiant: la gauche étudiante à la recherche d'un nouveau mode d'intervention politique, 1960-1970* (Éd. Anthropos, 1974).

³⁴ Patrick Rotman, *Maio de 68 explicado àqueles que o não viveram*, 46.

³⁵ Sobre os acontecimentos diários do dia 6 até ao dia 27 de Maio de 1968 ver Martin Pawley e Bernard Tschumi, «The “Beaux-Arts” since 68», *Architectural Design*, Setembro de 1971.

³⁶ Patrick Rotman, *Maio de 68 explicado àqueles que o não viveram*, 25.



Fig.28 - "Paris, 11 May 1968: Removing barricades of bricks and paving stones" (1), "Entrance to the École des Beaux-Arts, Rue Bonaparte, Paris" (2) e "École des beaux-arts: 'Atelier Populaire Oui!' - Courtesy Bibliothèque Nationale de France" (3)

As ocorrências desenvolvem-se e a luta aumenta face à repressão. A partir do dia 3 de Maio reivindica-se tudo, a democratização do ensino, a falta de diálogo vertical, o conservadorismo do general Charles de Gaulle que retirava a liberdade e participação, a evolução da sociedade, a luta contra o capitalismo e o imperialismo, tudo o que auxiliasse esta “contracultura”. Algumas facções políticas estavam dispostas a debater, negociar e solucionar a manifestação para que esta não se acentuasse, mas Charles de Gaulle devido ao seu sentido militar, assumiu uma posição de resistência que será quebrada mais tarde pelas constantes insistências de Georges Pompidou (Primeiro-Ministro) e André Malraux (Ministro da Cultura). A não reabertura de Sorbonne irá despoletar o confronto de duas forças, política e estudantil que foi assinalada pela “Noite das Barricadas” [Fig.28] revelando-se o auge da agitação, mostrando à sociedade que os jovens tinham uma ambição definida.

A disputa estudantil serenava perante a certeza de que a Universidade e as questões requeridas seriam objeto de maior enfoque e de posterior reforma. Porém, no dia 13 de Maio é convocada uma greve geral de 24 horas que reunia estudantes e trabalhadores contra as políticas educacionais e operárias.

A *École Nationale Supérieure des Beaux-Arts* também está envolvida nesta paralisação massiva das instituições francesas e a 14 de Maio ocupam as instalações da *Rue Bonaparte* [Fig.28], seguindo-se de uma Assembleia Geral que esclarecia os objetivos da sua luta.³⁷ Queriam perceber as relações entre sociedade e Escola, nomeadamente na arquitetura, acabar com um “Ensino de classes” e também acabar com o conservadorismo. Estes temas são já uma luta constante, mas a Assembleia de 15 de Maio tem o intuito de especificar concretamente os parâmetros que deviam ser questionados, sendo eles: A regulamentação que controla a relação profissão-educação; Providenciar uma abertura da Escola sem qualquer triagem; Reformular o atual sistema de Ensino e Concursos; Estabelecer contactos exteriores com a Escola; E esclarecer a posição da Escola, ou seja, anexar-se ou separar-se do Ensino Superior.

Ao ocuparem a *École*, os estudantes começam a desenhar alguns cartazes nas oficinas de pintura, mas no dia seguinte à Assembleia decidem ocupá-las totalmente e escrever: “*Atelier Populaire: Oui - Atelier bourgeois: Non*”³⁸ [Fig.28]. Além de todas as situações, uma das

³⁷ Sobre a Assembleia Geral de 15 de Maio de 1968 e o testemunho dos dias vividos no *Atelier Populaire* ver Laurent Gervereau, «L’atelier populaire de l’ex-Ecole des Beaux-Arts. Entretien avec Gérard Fromanger», *Matériaux pour l’histoire de notre temps 1*, 1988. A entrevista pode ser consultada nos anexos.

³⁸ Slogan relacionado com o cartaz “*Université bourgeoise: non. Université populaire: oui*”, ver Bibliothèque Nationale, *Les affiches de Mai 68 ou L’imagination graphique* (Paris, 1982).



Fig.29 - "Atelier Populaire, ex-École des Beaux-Arts, Paris, 1968" - foto de Marc Riboud

imagens mais fortes que perdura do Maio de 68 são os cartazes e os *slogans* que foram feitos no *Atelier Populaire*. O contacto com a greve trabalhista é estabelecido e chegam ao *Atelier* mais alunos e artistas para desenvolverem as imagens dos manifestos com base na ideologia do *marketing* contemporâneo, isto é, *slogans* curtos e de pronúncia fácil, assinalados com uma ilustração apontada e contestatária.³⁹ Embora, neste período a greve fosse maioritariamente dos operários, a *École* ignora o seu burguesismo e a ideia de criação individualizada para apoiar os acontecimentos. “Maio de 68 é sem dúvida o primeiro momento da crise, onde ambos os tipos de crítica, social e “artística”, se encontra aproximadamente igual nas cabeças e na rua.”⁴⁰ Sociedade e Escola em alienação, provavelmente o que as *Beaux-Arts* necessitavam já que são duas substâncias indissociáveis, uma completava a outra porque a luta era a mesma.

Atelier Populaire [Fig.29] foi o último nome assinalado da “*vieille Beaux-Arts*”. O seu sistema entrou em decadência face às influências exteriores (por exemplo da HfG Ulm e das reformas universitárias em Itália) e neste momento de contestação seria a razão para pensar o sistema pedagógico ou delinear o seu fim. A disciplina que suscitava mais ênfase seria a arquitetura pelas questões já enunciadas que colocariam o seu lugar nas *Beaux-Arts* em causa.

Todos os políticos são acusados de legislar no caos e na desordem. No entanto, André Malraux publica a 26 de Junho de 1968 no jornal *Le Monde* (que funcionou como propagação das decisões políticas) uma intenção de fechar as *Beaux-Arts* e acabar com o *Grand Prix de Rome*. O próprio refere mais tarde que “Roma não tem nada de essencial para ensinar aos nossos arquitetos.”⁴¹ Muitos irão associar questões políticas e monetárias para a tomada desta decisão.

Na reforma que se segue ao ensino da arquitetura existem três posições primordiais dentro da Escola: os estudantes que extremaram a luta por uma modernização social e pedagógica; os professores conservadores que defendiam o outro extremo, ou seja, a continuidade do arcaísmo do ensino; e como mediadores dos dois extremos encontravam-se jovens professores que conseguiram filtrar as duas partes e providenciaram um equilíbrio ao ensino de extremos que se avistava. E portanto, “os docentes dedicados à profissão e desejosos de a mudar, lançaram-se com diferente felicidade na experimentação pedagógica com base numa dupla verificação:

³⁹ Sobre os cartazes ver *Atelier populaire, Posters from the Revolution, Paris, May, 1968: Texts and Posters* (Bobbs-Merrill, 1969) e *Bibliothèque Nationale, Les affiches de Mai 68 ou L'imagination graphique*.

⁴⁰ Versão original: “...Mai 68 est sans doute le premier moment de crise où les deux types de critique, sociale et «artiste», se retrouvent à peu près à égalité, dans les têtes et dans la rue.” em Jean-Louis Violeau, *Les architectes et mai 68*, 142.

⁴¹ Versão original: “...Rome n'a plus rien d'essentiel à enseigner à nos architectes.” em *Ibid.*, 166.

não há transmissão de conhecimento possível sem pedagogia, e a pedagogia sem conhecimento não tem sentido.”⁴²

O ensino universitário foi todo reformulado, principalmente o seu estatuto e a sua organização, assim como passou a ser administrado de forma democrática com a intervenção de todos os seus constituintes. As missões das Universidades são definidas e além da pesquisa científica e técnica, também tinham de assegurar a divulgação de uma cultura humanista.⁴³

“Ao formular-se um novo código de arquitecto deverá tomar-se em conta que a civilização o converteu em intérprete e servidor dos anseios e preocupações do povo e da cultura que o sustentam e lhe dão personalidade.”⁴⁴

A arquitetura estava mais longe das *Beaux-Arts* e o pensamento que prevalecia era uma integração na Universidade com uma identidade própria. Essa inclusão alargava a disciplina a outras áreas, no entanto nunca deixaria a sua posição artística, mas seria ajustada para abranger a multidisciplinaridade que agora lhe é característica. O anúncio a 29 de Agosto feito por Malraux acaba com o *Grand Prix de Rome* que vigorava até 1968 assim como declara que as negociações para a integração na Universidade estão a decorrer com o Ministério da Educação Nacional.

Deste modo, o Verão de 1968 trouxe outra definição à pedagogia. A translação da arquitetura era acompanhada pela criação de Unidades Pedagógicas Universitárias (UPU) integradas no Sistema Pedagógico Universitário (SPU), isto é, funcionariam como departamentos isolados que lecionavam a disciplina, mas numa base universitária seguindo as suas normas e os seus ideais, nomeadamente “uma relação estreita com a pesquisa, uma ligação com «uma comunidade de ação e luta, portanto um ambiente onde as relações interpessoais são mais estimuladas» ”.⁴⁵

Em toda a França são constituídas vinte Unidades Pedagógicas, em que um terço encontram-se em Paris e nos seus subúrbios e as restantes situam-se em cidades que seriam capazes de

⁴² Patrick Rotman, *Mai de 68 explicado àqueles que o não viveram*, 120.

⁴³ Sobre a questão da Humanização da Arquitetura que já era debatida na década de 1940 ver Alvar Aalto, «A Humanização da Arquitectura», *Arquitectura 35: Revista de Arte e Construção*, Agosto de 1950.

⁴⁴ Carlos Lazo, «A posição social do arquitecto», *Arquitectura 50-51: Revista de Arte e Construção*, Dezembro de 1953, 3.

⁴⁵ Versão original: “...une relation étroite avec la recherche, un rattachement à «une communauté d'action et de lutte, donc à un milieu où les relations interpersonnelles sont plus stimulantes» ...” em Jean-Louis Violeau, *Les architectes et mai 68*, 140.

continuar a suportar os novos padrões do ensino da arquitetura, tal como Lille, Lyon, Grenoble, entre outras. As Unidades Pedagógicas vieram substituir a secção de arquitetura da ESNBA e, face aos parâmetros universitários, o concurso de admissão que as *Beaux-Arts* usava providenciava uma pré-selecção dos candidatos, na qual era contraditório ao método e à democracia que o SPU difundia. Porém, muitos discordavam desta ambivalência, como Othello Zavaroni que em 1937 ficou em segundo lugar no *Grand Prix de Rome* e que lecionava na *École* desde 1944, talvez por pensar que toda esta reformulação alteraria o seu diploma e os seus estatutos.

“O objetivo é a constituição de UP livremente definidas por todos os interessados, professores e estudantes.»⁴⁶

Malraux, face à liberdade que tinha dado às UP's, define também que o seu método de admissão pode ser flexível embora tenha sempre de respeitar os limites determinados. A integração na Universidade tinha o período de dois anos, embora que meio ano fosse para o seu estabelecimento. Esta intenção de criar uma liberdade programática abria a cada UP a possibilidade de procurar e afirmar uma identidade própria. Por exemplo, uma UP podia seguir um ensino mais direcionado para o *Environnement sensible* (Ambiente sensível) ou para a síntese arquitetónica, ou seja, “uma conceção «tradicional» da arquitetura”, assim como uma maior ligação à teoria ou urbanismo.⁴⁷ Esta diversidade é mais atestada em Paris, onde há uma maior concentração de UP's nas quais existem mais alunos que nas Unidades do resto do país (Paris: 2684, Resto de França: 2173)⁴⁸. A *Unité Pédagogique d'Architecture n°6* (ou *École Nationale Supérieure d'Architecture de Paris - La Villette (ENSAPLV)*) é a que mais alunos reúne, não pelas condições que tinha para absorver aquela capacidade (855), porque se encontra integrada no interior de um quarteirão na Avenida de Flandre, mas pelo seu programa e pelos seus objetivos enquanto Escola. Destaca o ativismo e um ensino consciente para o qual é necessário uma pedagogia multidisciplinar para providenciar uma abertura científica, social e cultural. A formação responsável e contínua, “a procura permanente de abolir, por diversos dispositivos, a distância entre professores e alunos (por exemplo, a crítica e autocrítica

⁴⁶ Versão original: “L’objectif est la constitution d’UP librement définies par tous les intéressés, enseignants et étudiants.» em Ibid., 180.

⁴⁷ Sobre as orientações e o número de estudantes admitidos das Unidades Pedagógicas 1 a 5 ver Ibid., 184.

⁴⁸ Dados retirados de Ibid., 186.

permanentes) ”⁴⁹ e a pesquisa e reflexão social e urbana são alguns objetivos que ainda hoje vigoram na ENSAPLV.⁵⁰

A questão da pesquisa e/ou investigação universitária para a sociedade ou como desenvolvimento da disciplina era já um debate protagonizado em Itália, mas em França, além das Escolas assumirem o seu percurso nesse sentido, a sua implementação será prolongada até aos anos 1970. Este requerimento, que já prevalecia antes do Maio de 68, é formulado de 1969 a 1972 como um elemento predisposto a atenuar várias falências e dificuldades que a arquitetura passava neste período. O *Comité d’Orientation de la Recherche et du Développement en Architecture* (CORDA), criado em 7 de Fevereiro de 1972, vai operar na construção de um grupo de investigadores, “abrindo-se muitas vezes com especialistas estrangeiros e de parceria, traduzindo certas obras básicas, auxiliando na publicação de pesquisas e publicar uma revista especializada e finalmente apoiar em conjunto com o *Plan Construction*, a experimentação arquitetónica e a sua avaliação.”^{51 52} O CORDA é um elemento relevante para esta abordagem apontada à situação para a qual foi desenvolvido, nomeadamente na difusão de uma cultura de pesquisa arquitetónica em França.

Perante estas mutações profundas no ensino, na sociedade e na política, todos estão atentos mesmo aqueles que se encontram afastados do país. Neste período, a palavra divulgação era ligeiramente diferente de hoje, principalmente o conceito de rapidez aliado a ela, mas Bernard Huet assiste aos acontecimentos pelas várias vias que lhe é possível.

A influência italiana no Maio de 68 e na reformulação do ensino da arquitetura tinha um carácter social, emotivo e urbano, porém com Huet o discurso italiano passa a integrar a cultura e o ensino arquitetónico francês. Bernard Huet estudou na “*vieille Beaux-Arts*”, naquela em que o sistema providenciava o ensino de atelier, especificamente foi orientado por Louis Arretche, arquiteto e urbanista que iria criar a *Unité Pédagogique d’Architecture n°3* ou *École Nationale Supérieure d’Architecture de Versailles*. Provavelmente por influência de Arretche,

⁴⁹ Versão original: “...cherche en permanence à abolir, par divers dispositifs, la distance entre enseignants et enseignés (par exemple, la critique et l'autocritique permanentes).” em *Ibid.*, 187.

⁵⁰ Sobre os objetivos atuais da Escola ver *Présentation de l’ENSAPLV* em «ENSAPLV - Ecole Nationale Supérieure d’Architecture de Paris-La Villette», acedido 3 de Julho de 2017, <http://www.paris-lavillette.archi.fr>.

⁵¹ Versão original: “...s’ouvrant à de nombreuses reprises aux experts étrangers et aux échanges, traduisant certains ouvrages de base, aidant à la publication de recherches et publiant une revue spécialisée, et enfin soutenant, en liaison avec le Plan Construction, l’expérimentation architecturale et son évaluation.” em Jean-Louis Violeau, *Les architectes et mai 68*, 353.

⁵² Sobre a relação da cultura e dos assuntos culturais com a Arquitetura em França ver Éric Lengereau, «L’architecture entre culture et équipement (1965-1995)», *Vingtième Siècle, revue d’histoire 1*, 1997.



Fig.30 - Capa de «Nuove architecture in Francia»,
Controspazio 1 - 1976

Bernard Huet após a sua formação viaja para Itália, como que se fosse em busca da maior influência no âmbito da ideologia urbana, a qual fê-lo adotar esta visão italiana de revisão do Movimento Moderno. O seu contacto com a elite dos arquitetos italianos, mas sobretudo com Aldo Rossi e Manfredo Tafuri que têm aproximadamente a mesma idade, tornou possível esta relação. Além de ser afirmada pelas traduções de obras de referência italianas, também despoletou a troca de experiências e teorias “que unirá as redações da *Architecture Mouvement Continuité*, de Paris, e *Controspazio*, em mudança de Milão para Roma. Este idílio vai resolver-se numa publicação cruzada de um número especial da *AMC* sobre Itália e de um número da *Controspazio* sobre a cena francesa.”⁵³ [Fig.30] Especificamente estes números têm a intenção de lançar visões recíprocas de duas realidades distantes. Por exemplo, Gianni Accasto na *Controspazio*⁵⁴ redige um artigo específico para a *AMC* e a *AMC* apelida o seu número de *L'Autre*⁵⁵ em memória ao célebre jornal.

Antes destas publicações e do seu regresso a França, Huet viaja para Filadélfia onde se encontra com Louis Kahn, regressando com uma visão alargada e influenciada pelo seu percurso. Em 1969, consegue juntar um grupo com ideais similares e funda a *Unité Pédagogique d'Architecture n°8*⁵⁶, a agora *École Nationale Supérieure d'Architecture de Paris-Belleville*.

“A escola de arquitetura não pode ser uma célula isolada da sociedade e da educação que é fornecida e não deve em nenhum caso abstrair-se do modo de produção e do desenvolvimento das forças produtivas da sociedade.”⁵⁷

Huet promoveu um ensino continuado e progressivo baseado na configuração da arquitetura mas em paralelo com os temas da cidade, da sociedade, do Urbanismo e da Investigação, isto é, os temas que nos anos 1960 se debateram em Itália. A Escola é definida por estes temas em que são apresentadas como objetivos principais diversas abordagens aos temas inerentes da

⁵³ Versão original: “qui uniront les redactions d'Architecture Mouvement Continuité, a Paris, et de Controspazio, en train de passer de Milan a Rome. Cette idylle se resoudra dans la publication croisee d'un numero special d'AMC sur l'Italie et d'un numero de Controspazio sur la scene francaise.” em Jean-Louis Cohen, *La coupure entre architectes et intellectuels, ou les enseignements de l'Italophilie*, cap. 8, 43.

⁵⁴ Gianni Accasto, «AMC: Descrizione di una battaglia», *Controspazio*, Fevereiro de 1976.

⁵⁵ «L'AUTRE journal d'architecture», *AMC* 23, Fevereiro de 1975.

⁵⁶ Sobre o método de trabalho, a pedagogia, os objetivos, as orientações e as disciplinas da UP 8 ver «UP 8», *AMC - Architecture Mouvement Continuité* 27, 1972, 12 a 29.

⁵⁷ Versão original: “Une école d'architecture ne peut pas être une cellule isolée du corps social et l'enseignement qui y est dispensé ne doit en aucun cas s'abstraite du mode de production et du développement des forces productives de la société...” em *Ibid.*, 12.

arquitetura, tal como usar a pesquisa da Escola para o ensino, de modo a expor aos alunos a situação atual da sociedade. De certa forma, procurava-se reunir o carácter prático do ensino com esse trabalho teórico. De facto, analisando o artigo da *AMC* que apresenta a UP 8 desde as suas orientações gerais até aos conteúdos das disciplinas que são lecionadas em cada ano, percebe-se que nos três ciclos de estudos disponibilizados, há uma convergência para os temas já referenciados. Por exemplo, existe uma área de Ciências Humanas no curso, onde são lecionadas disciplinas como Sociologia presente em todos os ciclos, Sociologia Geral (*Sociologie générale*) no 1º, em que “dá primeiro uma imagem da sociedade francesa, da sua estrutura e alguns dados básicos”⁵⁸, Sociologia do Espaço Arquitetónico (*Sociologie de l'espace architectural*) e Psicossociologia do Habitat (*Psycho-sociologie de l'habitat*); no 2º que através da análise feita no ciclo anterior, terá em conta a atualidade, neste caso, “uma sociedade de consumo, que implica um reflexo do arquiteto sobre o objeto arquitetónico.”⁵⁹ No 3º ciclo é lecionada Estratégias de Grupo no Espaço (*Stratégie des groupes dans l'espace*) com o intuito de pensar sobre os espaços sociais privilegiados da cidade juntamente com as estratégias sociais e políticas. Do mesmo modo, também são lecionadas outras disciplinas da mesma área como Antropologia do Espaço (*Anthropologie de l'Espace*) e História (*Histoire*) ou de outras áreas como Matemática (*Mathématiques*), Técnicas de Construção (*Techniques de la Construction*) ou Iniciação aos Equilíbrios Estruturais (*Initiation aux Équilibres Structuraux*).

Neste seguimento, perspetivamos que cada ciclo tem a sua própria abordagem, ou seja, o primeiro tenciona ser a iniciação da aproximação do aluno à arquitetura, estudando e analisando os temas introdutórios como relação espaço-programa, material-estrutura ou o espaço arquitetónico. No segundo ciclo, a aprendizagem recai sobre a metodologia e a prática do projeto e posteriormente na análise urbana e no espaço urbano, apontando também para uma aproximação à consciência do lugar arquitetónico. No último ciclo, pretende-se uma simulação da prática projetual com todos os elementos que a constituem desde a consciencialização acerca do impacto do projeto até à tomada de pequenas decisões que podem fazer a diferença no todo.

⁵⁸ Versão original: “donne d'abord une image de la société française, de sa structure et de quelques données de base” em *Ibid.*, 24.

⁵⁹ Versão original: “une société de consommation, impliquent une réflexion de l'architecte sur l'objet architectural.” *Ibid.*



Fig.31 - Capa de «Italie 75», *L'Architecture d'Aujourd'hui* 181 - 1975 e Capa de «Formalism – Realism», *L'Architecture d'Aujourd'hui* 190 - 1977.

Posteriormente, Huet torna-se editor da *L'Architecture d'Aujourd'hui* (AA) em 1974 e se porventura na história houve alguma rivalidade entre publicações italianas e francesas, Huet obteve uma pacificação e uma cooperação frutífera. Durante o seu período na AA, são publicados dois números dedicados a Itália, relevantes face à situação francesa, o número *Italie 75*⁶⁰ e o número *Formalism – Realism*⁶¹ em 1975 e 1977, respetivamente. [Fig.31]

A edição *Italie 75* é dividida com os mesmos temas que vigoravam em França ainda como resultado do Maio de 68, *Política*⁶², *Profissão*⁶³, *Ensino*⁶⁴ e *Crítica*⁶⁵. Era uma revelação, trazida por Huet e pelos arquitetos italianos que assinam os artigos, de que as lutas que começaram com a célebre agitação estudantil, recapitulada no Capítulo 1⁶⁶, não tinha terminado e em 1975 o debate sobre as políticas urbanas, e o impacto que isso tinha na vida da sociedade, estava novamente ativo.

O Maio de 68 também teve impacto em Itália, neste período já se tratava de uma influência mútua. Por exemplo, no início da década de 1970 Aldo Rossi é suspenso do *Politecnico di Milano* por problemas políticos. É convidado para dar uma palestra no Instituto Federal de Tecnologia de Zurique (ETH Zurique) e rapidamente aceita o segundo convite para lecionar. Nunca perde a ligação a Itália, mas leva para a Escola suíça a sua investigação que defendia uma nova abordagem à arquitetura, protegendo a sua autonomia e confrontando-a analiticamente com a cidade, questão importante para a emancipação da disciplina. Rossi regressa a Itália para orientar a secção de arquitetura da XV Trienal de Milão e em 1975 para lecionar no Instituto Universitário de Arquitetura de Veneza.

“Esta crise da "linguagem" inscreve-se na crise generalizada que atinge a arquitetura europeia nas suas estruturas profissionais e no seu sistema de ensino. Ela atingiu o seu pico em 1968. (...) Face a estas posições, um certo número de arquitetos formaram a “*Tendenza*” que se apresenta como uma alternativa crítica e operacional.”⁶⁷

⁶⁰ «*Italie 75*», *L'Architecture d'Aujourd'hui* 181, Outubro de 1975.

⁶¹ «*Formalism – Realism*», *L'Architecture d'Aujourd'hui*, Abril de 1977.

⁶² «*Italie 75*», 2 a 14.

⁶³ *Ibid.*, 14 a 63.

⁶⁴ *Ibid.*, 63 a 73.

⁶⁵ *Ibid.*, 73 a 108.

⁶⁶ *Agitação e Ocupação: Uma leitura sobre os anos 60 em Itália*, subcapítulo do Capítulo 1 do presente trabalho.

⁶⁷ Versão original: “Cette crise du «langage» s'inscrit dans la crise généralisée qui frappe l'architecture européenne dans ses structures professionnelles et son système d'enseignement. Elle atteint son apogée en 1968. (...) Face à ces positions, un certain nombre d'architectes forment la «Tendance» qui se présente comme une alternative critique et opérationnelle.” em Bernard Huet, «*Formalism – Realism*», *L'Architecture d'Aujourd'hui* 190, Abril de 1977, 36.



Fig.32 - “Manhã do dia 17 de Abril – manifestação de estudantes aguardando a chegada de Tomás”

Bernard Huet foi a imagem da influência italiana em França e estas são as palavras do próprio que definem os acontecimentos e uma possível resposta na qual enaltece a “*Tendenza*”, embora a intenção destas duas publicações, além de trazer o discurso arquitetónico italiano para França, fosse também alertar que o Maio de 68 não tinha acabado.⁶⁸ Objetivamente, o Maio de 68 não tem um fim delineado, é um evento perpetuador em todos os aspetos, porque se foi “um enorme acelerador das mutações sociais e culturais que germinavam há uma década”, posteriormente irá proceder como um propulsor para uma atualização constante respeitando todos os valores de uma sociedade democrática.

Deste modo, o panorama internacional que paralelamente assistia a processos de contracultura ou de democratização em vários países, acompanha esta evolução francesa que necessitava de surgir de qualquer forma, a qual se torna o impulso para a afirmação de inúmeras lutas e reformas que a sociedade irá absorver. Portanto, o Maio de 68 que “não deve ser considerado uma revolução falhada, porque não o foi, mas sim uma reforma conseguida”, que despoletou o conceito Globalização, revela-se o evento social mais consequente da França contemporânea.

Por entre as inúmeras “globalizações” do movimento, a luta também chega a Portugal. Em Coimbra [Fig. 32] que alberga uma das instituições universitárias mais antigas, os manifestos exprimiram-se “contra uma Universidade Velha, contra a Universidade Tecnocrática, pela Universidade Nova, sem lutar não apenas contra o regime mas sobretudo contra o sistema.”⁶⁹ Sistema e regime distintos da situação política que se vivia em França, em Portugal vigorava o Estado Novo, um regime autoritário que não assumia qualquer tipo de oposição nem de discussão democrática e por isso levou alguns arquitetos à prisão como Nuno Teotónio Pereira.

Sucintamente, o ensino português da arquitetura conseguiu, através das várias reformulações que teve desde a sua criação, ser um paralelo à *École* até meados do século XX que através da Reforma de 57 se equacionou uma fuga ao modelo *Beaux-Arts* perspetivando uma aproximação à Universidade. Esta foi sendo construída progressivamente como veremos posteriormente a par de diferentes ideologias que vigoravam no país, tornando-se efetiva apenas em 1979.

⁶⁸ Sobre um aprofundamento da influência italiana na França, incluindo especificamente Bernard Huet ver Jean-Louis Cohen, *La coupure entre architectes et intellectuels, ou les enseignements de l’Italphilie*.

⁶⁹ Celso Cruzeiro, *Coimbra, 1969: a crise académica, o debate das ideias e a prática, ontem e hoje* (Edições Afrontamento, 1989), 25.

Esta operação na *École* foi compreendida desde o “*décret-cadre Debré*” (1962) que já tencionava essa aproximação até ao Maio de 68 que afirmou a “fuga” de forma mais impositiva que em Portugal. Deste modo, era mais fácil assumir o mesmo percurso em outras Escolas de Arquitetura já que havia uma referenciação, logo a transferência portuguesa acabou por acontecer.

2.2. A DÉCADA DE 1980: A CHEGADA DA ARQUITETURA À UNIVERSIDADE

A pedagogia da arquitetura em França foi uma tradição com sucessivas continuidades que parte desde a *Académie Royale d'Architecture* até à separação da disciplina da *École Nationale Supérieure des Beaux-Arts* como vimos anteriormente. Paris como potenciador do mundo artístico torna-se o centro da cultura *Beaux-Arts* e influenciador através da sua metodologia, pedagogia e sistema que como já referido, mostrava-se flexível na receção de transformações. Denise Scott Brown em 1978 no seu artigo sobre as *Beaux-Arts* sublinha essa preponderância numa frase:

“A tradição *Beaux-Arts* influenciou o ensino mundial da Arquitetura e ainda o faz.”⁷⁰

Na década de 1970 as situações eram diferentes daquelas em que foram criadas a *École*, principalmente as questões sociológicas e políticas onde havia uma distinção extremamente vincada das classes sociais, até porque “A escola era patrocinada pelo rei num estado centralizado.”⁷¹ Portanto, numa época rígida como a do século XIX, a proliferação da cultura francesa foi essencial para exponenciar as *Beaux-Arts* para países como os Estados Unidos da América⁷² ou Portugal. Mesmo que paralelamente ocorresse a criação de outras instituições que contrastavam com os princípios da *École* como as *Bau-Akademie* (Alemanha) ou nos meados do século XIX, a criação da *Architectural Association* (Inglaterra), o caso português sempre se manteve diretamente relacionado com o modelo parisiense.

As Belas-Artes em Portugal são criadas em 1836 na curta governação de Manuel da Silva Passos que reforma a instrução pública, estabelecendo a Academia de Belas-Artes de Lisboa e Porto. Baseado no modelo *École*, mantinha-se atualizado com as sucessivas deslocações de bolseiros a Paris para que fosse uma reprodução do ensino praticado em França. Era a reinterpretação de um método pedagógico objetivo que providenciava uma formação artística

⁷⁰ Versão original: “Beaux-arts education influenced world architectural education and it still does.” em Denise Scott Brown, «Learning the Wrong Lessons from the Beaux-Arts», *Architectural Design 11-12*, 1978, 32.

⁷¹ “The school was sponsored by the king in a centralised state.” em *Ibid.*, 30.

⁷² Sobre a influência nos Estados Unidos da América ver Henry-Russel Hitchcock, «French Influence on 19th Century Architecture in the USA», *Architectural Design 11-12*, 1978.

evolutiva mas de base clássica em que Portugal também importava os métodos de admissão e as bases ideológicas parisienses.⁷³

Se até às *Beaux-Arts* a cultura arquitetónica era principalmente influenciada pelos tratadistas italianos e pelas eras artísticas por eles criadas, as *Beaux-Arts* irão anular isso e proliferar uma exportação da sua identidade, método e sistema, divulgando-se uma Escola internacional durante décadas. No entanto, o *Grand Prix de Rome* irá contrastar com a recusa da preponderância italiana, porque se a França através do *Prix* dava aos seus melhores alunos o “acesso a uma bolsa de estudos em Roma na Academia Francesa, ao lugar de professor da *École* e à direcção de um monumento nacional”⁷⁴, estava a trazer a cultura italiana para as *Beaux-Arts*. A “viagem à *École*” que os alunos portugueses faziam pode ser colocada em paralelo com o *Grand Prix de Rome*. Obviamente que a sua dimensão era diferente mas tinham o mesmo objetivo e oferta porque os que voltaram genericamente tornavam-se professores sendo o rosto da influência francesa em Portugal.

As Reformas vão-se sucedendo quase que periodicamente para uma atualização constante do ensino artístico.⁷⁵ Na Reforma de 1881 é estabelecido o curso de arquitetura e a Escola de Belas-Artes que é afirmada como entrada de figuras formadas em Paris.⁷⁶ O curso é lecionado durante “dez anos, 4 anos de Curso Geral, 4 anos de Curso Especial de Arquitectura Civil, 2 anos de tirocínio em obra e concluía-se com o Diploma.”⁷⁷ Como refere Gonçalo Canto Moniz, houve uma disparidade entre Lisboa que cumpre a reforma aplicando 13 professores e o Porto que opera com 4.

Marques da Silva que acaba o curso em 1888 viaja para Paris embora não tenha bolsa. Quando regressa ingressa na Escola de Belas Artes do Porto e traz consigo novas atualizações e uma ânsia de uma reformulação que será apresentada em 1908.

⁷³ Sobre este período ver Maria Helena Lisboa, *As academias e escolas de Belas Artes e o ensino artístico (1836-1910)* (Edições Colibri, 2007).

⁷⁴ Gonçalo Canto Moniz, «O ensino moderno da arquitectura: a reforma de 57 e as Escolas de Belas-Artes em Portugal (1931-69)», 86.

⁷⁵ Sobre as reformas que vigoraram na Belas-Artes, nomeadamente no Porto que maioritariamente era implementadas a nível nacional ver «Legislação – Serviço de Documentação e Informação», *Serviço de Documentação e Informação da Faculdade de Belas Artes da Universidade do Porto*, acedido 8 de Julho de 2017, <http://sdi.fba.up.pt/arquivo/documentacao/legislacao/>.

⁷⁶ Sobre os arquitetos e artistas formados em Paris ver Maria Helena Lisboa, *As academias e escolas de Belas Artes e o ensino artístico (1836-1910)*, 217.

⁷⁷ Gonçalo Canto Moniz, «O ensino moderno da arquitectura: a reforma de 57 e as Escolas de Belas-Artes em Portugal (1931-69)», 92.

“A proposta de reforma apresentada nas vésperas da instauração da República, só será regulamentada em 1911, abrindo uma nova etapa na formação do arquitecto onde se conciliam, segundo Maria Calado, “Os saberes da natureza artística, humanística e científica ou técnica (...)”⁷⁸.⁷⁹

A destituição da Monarquia Constitucional que perdurava desde os anos 20 do século XIX, dispôs a implantação da República Portuguesa a 5 de Outubro de 1910 na qual esta alteração do sistema político foi preponderante para o alargamento das Escolas que foram apenas reguladas pelo decreto de 26 de Maio de 1911.⁸⁰ A sua maior relevância foi a inclusão de saberes científicos, nomeadamente da Matemática e da Teoria da Arquitectura que já tinha sido lançado na *École* por Julien Guadet⁸¹.

É no seguimento deste período, isto é, no tempo entre guerras (1ª Guerra Mundial – 1914-1918 e 2ª Guerra Mundial – 1939-1945) que surge o Movimento Moderno. Logo, os arquitectos formados nesta época saíam da formação com uma dualidade ideológica, pois ainda tinham uma instrução clássica num ambiente eminentemente Moderno. É claro que existiu a ideia de experimentação já que na cabeça dos arquitectos havia uma mistura de alienações e portanto dava para vaguear entre as partes. Por exemplo, na transição dos séculos surge a *Art Nouveau* que evolui para a *Art Déco* que chegou a Portugal nas décadas de 1930 e 1940 já com prenúncios do Moderno por personagens como Marques da Silva com a Casa de Serralves, Cassiano Branco e Júlio Brito no Coliseu do Porto ou Pardal Monteiro no Instituto Nacional de Estatística.

Em paralelo a esta evolução ideológica da arquitectura é decretada uma nova reforma resultado da constituição do Governo que surgiu depois da afirmação da Ditadura Nacional. Domingos Augusto Alves da Costa Oliveira era presidente, António Salazar era Ministro das Finanças e Gustavo Cordeiro Ramos era o Ministro da Instrução Pública, nesta que foi a Reforma de

⁷⁸ Maria Marques Calado de Albuquerque Gomes, «A cultura arquitectónica em Portugal: 1880-1920: tradição e inovação» (Tese de Doutoramento em Arquitectura, Universidade Técnica de Lisboa, 2003), 152.

⁷⁹ Gonçalo Canto Moniz, «O ensino moderno da arquitectura: a reforma de 57 e as Escolas de Belas-Artes em Portugal (1931-69)», 94.

⁸⁰ Decreto nº 1, de 26 de Maio de 1911, intitulado *Reorganização das escolas de Belas-Artes de Lisboa e do Porto*

⁸¹ Julien Guadet estudou na *École des Beaux-Arts de Paris* e em 1864 vence o *Grand Prix de Rome* e torna-se professor da *École*. Esta relação com o Ensino fará sempre parte do seu percurso como arquitecto e professor.



Fig.33 - “Frontaria do Palacete Braguinha – FBAUP”

1931⁸² e o seu posterior regulamento em 1932⁸³, marcada também por uma reformulação do Ensino Superior.

Para o ensino das Artes é erguida uma comissão constituída pelas figuras mais marcantes da época de gerações diferentes, o que também gerava opiniões distintas.⁸⁴

“O director geral da DGESBA solicita brochuras da *École*, de acordo com o pedido da comissão, para dar apoio aos trabalhos e assim garantir uma aproximação mais fidedigna ao plano de estudos *Beaux-Arts*.”⁸⁵

É “a fixação de um ensino *Beaux-Arts*”⁸⁶ e novamente o ensino português não foi capaz de se reformular por si próprio, necessitava sempre uma referência que anulava o sentido de identidade que mais tarde se revelou nas Escolas de Arquitetura em Portugal (Escola do Porto e Escola de Lisboa). A maioria das ações contribuiu para alimentar esta duplicação do modelo parisiense, desde os bolseiros que viajavam para Paris até ao sistema ditatorial que apoiava essa ligação à *École*. No entanto, existem decisões que marcavam pequenos distanciamentos, nomeadamente a suspensão da cadeira de Teoria da Arquitetura que vinha da Reforma de 1911 e que continuava a ser lecionada na *École*, isto também afirma o intuito desta Reforma de 1931/32 que como refere Canto Moniz tinha em vista “a reorganização do ensino da formação artística do arquitecto, (...) desvalorizando, (...) a formação científica ou técnica dos arquitectos, já reivindicada nas outras reformas.”⁸⁷ As evoluções propostas e concretizadas estavam centradas no equilíbrio das duas Escolas, objetivamente numa igualdade no número de docentes e no melhoramento das instalações, refletindo-se mais no Porto com a mudança apenas em Fevereiro de 1937 para o Palacete Braginha [Fig.33].

Entretanto, António Salazar que já tinha subordinado os assuntos do país ao Ministério das Finanças, porque a sua formação em Economia Política e Social e Ciência das Finanças deram-lhe a disposição de reger as contas do país. Tornou-se principal figura da Constituição Portuguesa de 1933 e do Estado Novo que o próprio apoiava e ao qual presidiu autoritariamente até 1968. As reformas e regulamentações do ensino continuam, tal como a

⁸² Decreto nº 19.760, de 20 de Maio de 1931, intitulado *Reorganização das escolas de Belas-Artes de Lisboa e do Porto*

⁸³ Decreto nº 21.662, de 20 de Maio de 1931, intitulado *Aprovação do regulamento do ensino artístico, a ministrar nas escolas de Belas-Artes de Lisboa e do Porto*

⁸⁴ Sobre os constituintes da comissão ver Gonçalo Canto Moniz, «O ensino moderno da arquitectura», 102 e 103.

⁸⁵ *Ibid.*, 103.

⁸⁶ *Ibid.*, 31.

⁸⁷ *Ibid.*, 103.

reestruturação do Ministério de Instrução Pública que passou a denominar-se Ministério da Educação Nacional⁸⁸. No ensino da arquitetura ocorre o estabelecimento em Fevereiro de 1936 pelo Decreto nº26.347 do Concurso para Obtenção do Diploma de Arquiteto (CODA) nas duas Escolas.⁸⁹ Concretamente o CODA era o desenvolvimento de um projeto de arquitetura que devia conter elementos escritos desde a memória descritiva ao orçamento e elementos de desenho desde a implantação até escalas de pormenor, na qual estava sob a orientação de um arquiteto e que posteriormente seria apresentado e defendido perante um júri.

O Movimento Moderno estava no seu apogeu devido ao impacto que os CIAM e a Carta de Atenas tinham, logo a propagação das suas ideologias enquanto Movimento influenciavam estudantes e arquitetos que cada vez mais aderiam aos seus parâmetros. Em Portugal, o *Ser ou não ser moderno*⁹⁰ era despontado pelos arquitetos que viajam pela Europa já que o ensino ainda era *Beaux-Arts* e encontravam-se num regime autoritário e repressivo. Inúmeros casos de arquitetos portugueses com uma vontade de empregar o Movimento Moderno na arquitetura portuguesa refugiaram-se nas colónias que contribuindo para o seu desenvolvimento conseguiam expor as suas convicções sem a forte limitação do Estado Novo. Um desses paradigmas foi o percurso realizado pelos três arquitetos que trabalharam com Le Corbusier, que era visto como a personagem-chave do Movimento Moderno, sendo eles: Nadir Afonso que depois de se formar em arquitetura no Porto, vai para Paris estudar pintura na *École* e posteriormente colabora com Le Corbusier; Fernão Simões de Carvalho, nascido em Angola, vem para a Portugal e forma-se como arquiteto em Lisboa, referindo que posteriormente sentiu interesse pelo Urbanismo e como o ensino português não lhe oferecia essas valências viajou até à capital francesa onde estuda a disciplina de planeamento da urbe, colabora com Le Corbusier e viaja novamente para Angola onde tem grande parte da sua obra⁹¹, tal como Vasco Vieira da Costa que formado em arquitetura no Porto, trabalha em Paris com Le Corbusier e

⁸⁸ Lei 1:941, de 11 de Abril de 1936, intitulada “Remodelação do Ministério da Instrução Pública” publicada no Diário do Governo n.º 84/1936, Série I disponível em <https://dre.pt/application/file/690288>, acessado a 13 de Julho de 2017. A Lei pode ser consultada nos anexos.

⁸⁹ Sobre o Concurso para Obtenção do Diploma de Arquiteto na ESBAP ver Eduardo Fernandes, «A Escolha do Porto. Contributos para a actualização de uma ideia de Escola» (Dissertação de Doutoramento em Arquitetura, Escola de Arquitetura da Universidade do Minho, 2010), 69 a 77 e 267 a 366.

⁹⁰ Sobre o termo ver José Fernando Gonçalves, *Ser ou não ser moderno: considerações sobre a arquitectura modernista portuguesa*, Debaixo de Telha: Série B 3 (Coimbra: EDARQ-Edições do Departamento de Arquitectura, 2002).

⁹¹ Percurso descrito pelo próprio Fernão Simões de Carvalho numa entrevista realizada em Abril de 2015 na sua casa em Queijas - Lisboa no âmbito da disciplina Teoria da Arquitetura IV do Mestrado Integrado em Arquitetura do Departamento de Arquitetura da Universidade de Coimbra



Fig.34 - “Exposição do Mundo Português, pavilhão dos Portugueses no Mundo”

vai para Angola onde projeta edifícios icónicos com o Mercado Kinaxixe ou o Bloco Mutamba, agora Ministério do Urbanismo e Obras Públicas.

Este trajeto para as colónias portuguesas era uma constante já que havia mais disponibilidade para projetar as suas ideologias Modernas, mas aqueles que se mantinham em Portugal também lutavam indiscretamente contra a Ditadura. No entanto, a influência não era apenas francesa também existia o Racionalismo italiano protagonizado por Giuseppe Terragni ou Adalberto Libera com a Casa del Fascio e a Estação de Correios de Roma, respetivamente. Deste modo, o Moderno difundido em França, o Racionalismo italiano e o controlo ditatorial no qual a arquitetura tinha de ser símbolo de autoritarismo, construíram o *Português Suave*⁹² ou com uma definição própria, o Racionalismo Moderno Ditatorial. Portugal está repleto de marcos que acentuam esta época, por exemplo a Exposição do Mundo Português [Fig.34] realizada em 1940 com planeamento de Cottinelli Telmo, o mesmo que projetou a expansão da Universidade de Coimbra.

A entrada de professores modernos nas Escolas de Arquitetura em Portugal na década de 1940 como Carlos Ramos na Escola de Belas Artes do Porto, contribuiu para que a certa altura existissem dois tipos de ensino, o *Beaux-Arts* e o Moderno, porque “O currículo formalizado em 1931 e a tradição *Beaux-Arts* da academia portuguesa foram o maior factor de resistência à implementação de um ensino moderno.”⁹³ A implantação do Moderno no ensino português estava no encaço de surgir já que até na *École*, Auguste Perret e posteriormente Georges Candilis⁹⁴ introduzem o Movimento ou uma reflexão do mesmo nos seus ateliers perante aquela solidez pedagógica que resistiu até ao Maio de 68.

“Neste sentido, a pedagogia moderna decorreu, de um modo geral, da profissão e do debate sobre projectos de Arquitectura entre profissionais e teóricos, em plataformas comuns, como a Werkbund, os CIAM ou o Congresso de 48, com o objectivo de promover a Arquitectura Moderna.”⁹⁵

⁹² Sobre o termo ver José Manuel Fernandes, *Português suave: arquitecturas do Estado Novo*, Património Moderno (Lisboa: IPPAR, 2003).

⁹³ Gonçalo Canto Moniz, «O ensino moderno da arquitectura: a reforma de 57 e as Escolas de Belas-Artes em Portugal (1931-69)», 24.

⁹⁴ Sobre Georges Candilis na *École* ver Jean-Louis Violeau, *Les architectes et mai 68*, 39 a 44.

⁹⁵ Gonçalo Canto Moniz, «O ensino moderno da arquitectura: a reforma de 57 e as Escolas de Belas-Artes em Portugal (1931-69)», 135.

Neste período, as ações e os acontecimentos iam surgindo gradualmente em diferentes modos desde a Organização dos Arquitetos Modernos (ODAM) e as Iniciativas Culturais Arte e Técnica (ICAT) até ao I Congresso Nacional de Arquitetura ou Congresso de 48 que lança “o debate entre os professores das duas Escolas de Belas-Artes, criando a Comissão para a Reforma do Ensino Artístico.”⁹⁶ Lei e reforma que terá lugar em 1950 e 1957, mas é necessário perceber como se começou a construir o caminho para a Universidade a partir destes anos.

A O DAM estabeleceu-se no Porto em 1947 por personagens marcantes e que a constituíram durante vários anos como Agostinho Ricca, Viana de Lima, Arménio Losa, Fernando Távora ou Lixa Filgueiras. O seu afastamento do centro político fez com que tivesse mais impacto na Escola do Porto do que uma organização semelhante, a ICAT na Escola de Lisboa. A ICAT, fundada em 1946, claramente mais envolvida politicamente e com Francisco Keil do Amaral, Adelino Nunes, Celestino Castro, Raul Chorão Ramalho, entre outros conseguiram mostrar-se quando editam a mítica revista *Arquitectura: Revista de Arte e Construção*. Esta publicação não só conseguirá exponenciar e difundir a arquitetura portuguesa muito aos olhos dos seus colaboradores como também abre diversos debates em todos os campos da disciplina, incluindo as diversas publicações de autores estrangeiros como por exemplo: Alvar Aalto⁹⁷, Ernesto Rogers⁹⁸, Auguste Perret⁹⁹, Richard Neutra¹⁰⁰, Eric Mendelsohn¹⁰¹, Walter Gropius¹⁰² ou textos e/ou atas referentes aos CIAM¹⁰³ e até mesmo a extensa divulgação da Carta de Atenas feita em vários números, tal e qual como o grupo CIAM a tinha redigido.¹⁰⁴

⁹⁶ Ibid., 189.

⁹⁷ Alvar Aalto, «A Humanização da Arquitectura».

⁹⁸ Ernesto Nathan Rogers, «Aos Estudantes de Arquitectura», *Arquitectura 28: Revista de Arte e Construção*, Janeiro de 1949.

⁹⁹ Auguste Perret, «Contribuição para uma Teoria da Arquitectura», *Arquitectura 48: Revista de Arte e Construção*, Agosto de 1953.

¹⁰⁰ Richard Neutra, «Neutra em Veneza», *Arquitectura 31: Revista de Arte e Construção*, Julho de 1949.

¹⁰¹ Eric Mendelsohn, «A Arquitectura num mundo em transformação», *Arquitectura 26: Revista de Arte e Construção*, Setembro de 1948.

¹⁰² Walter Gropius, «Sobre a ideia de monumentalidade», *Arquitectura 30: Revista de Arte e Construção*, Maio de 1949.

¹⁰³ «O VII Congresso Internacional de Arquitectura Moderna», *Arquitectura 31: Revista de Arte e Construção*, Julho de 1949.

¹⁰⁴ Maria de Lourdes e Francisco Castro Rodrigues, trads., «A Carta de Atenas», *Arquitectura 20: Revista de Arte e Construção*, Fevereiro de 1948, 23 e 24; Maria de Lourdes e Francisco Castro Rodrigues, trads., «A Carta de Atenas», *Arquitectura 21: Revista de Arte e Construção*, Março de 1948, 23; Maria de Lourdes e Francisco Castro Rodrigues, trads., «A Carta de Atenas», *Arquitectura 22: Revista de Arte e Construção*, Abril de 1948, 23 e 24; Maria de Lourdes e Francisco Castro Rodrigues, trads., «A Carta de Atenas», *Arquitectura 23-24: Revista de Arte e Construção*, Junho de 1948, 39 e 40; Maria de Lourdes e Francisco Castro Rodrigues, trads., «A Carta de Atenas», *Arquitectura 25: Revista de Arte e Construção*, Julho de 1948, 19 a 21; Maria de Lourdes e Francisco Castro Rodrigues, trads., «A Carta de Atenas», *Arquitectura 26: Revista de Arte e Construção*, Setembro de 1948, 19 e 20; Maria de Lourdes e Francisco Castro Rodrigues, trads., «A Carta de Atenas», *Arquitectura 27: Revista de Arte e Construção*, Dezembro de 1948, 17 e 18; Maria de Lourdes e Francisco Castro Rodrigues, trads., «A Carta de

ARQUITECTURA POPULAR
EM PORTUGAL



ASSOCIAÇÃO
ARQUITETOS
PORTUGUESES



Fig.35 - Capa de *Arquitectura popular em Portugal* - 1961

Foi a partir da revista *Arquitetura* que se foram desenrolando as questões proeminentes à cultura arquitetónica portuguesa desde a divulgação de concursos e mostragem de projetos, maioritariamente de arquitetos portugueses até às provocações mais ou menos indiretas na qual se destacam os artigos de Keil do Amaral. Foi o próprio que abriu o debate acerca da arquitetura de matriz regionalista e do seu estudo num texto intitulado “*Uma Iniciativa Necessária*”¹⁰⁵. Referia que havia tudo para se fazer uma clarificação da arquitetura que nós possuímos de Norte a Sul e de Este a Oeste e que tinham em “vista a publicação de um livro, larga e criteriosamente documentado, onde os estudantes e técnicos da construção pudessem vir a encontrar as bases para um regionalismo honesto, vivo e saudável.”¹⁰⁶ Keil adota um discurso objetivo e ao mesmo tempo convida a todos, desde arquitetos a particulares a entrarem nesta aventura e constata o porquê desta sua ação:

“Embora sem a riqueza e a variedade de alguns países – há que reconhecê-lo – a nossa arquitectura regional encerra muitas e valiosas lições. O que falta é estudá-las, aprendê-las, porque até hoje pouco mais se fez do que cabular.”¹⁰⁷

O registo e o livro¹⁰⁸ [Fig.35] viriam a acontecer entre os anos 1950 e 1960 aprovados pelo Decreto-lei nº 40:349 de 19 de Outubro de 1955¹⁰⁹ que marcaria o auge da colaboração da ODAM e ICAT na qual se uniram com o objetivo de enaltecer a arquitetura portuguesa. Portugal foi dividido em 6 zonas: Minho, Trás-os-Montes, Beiras, Estremadura, Alentejo e Algarve e importa realçar que este levantamento teve grande relevância para os arquitetos que o faziam. Por exemplo, Fernando Távora chefia o grupo do Minho e posteriormente irá centrar

Atenas», *Arquitetura 28: Revista de Arte e Construção*, Janeiro de 1949, 15 e 16; Maria de Lourdes e Francisco Castro Rodrigues, trads., «A Carta de Atenas», *Arquitetura 29: Revista de Arte e Construção*, Março de 1949, 15 e 16; Maria de Lourdes e Francisco Castro Rodrigues, trads., «A Carta de Atenas», *Arquitetura 30: Revista de Arte e Construção*, Maio de 1949, 15 e 16; Maria de Lourdes e Francisco Castro Rodrigues, trads., «A Carta de Atenas», *Arquitetura 31: Revista de Arte e Construção*, Julho de 1949, 17 e 18; Maria de Lourdes e Francisco Castro Rodrigues, trads., «A Carta de Atenas», *Arquitetura 32: Revista de Arte e Construção*, Setembro de 1949, 17 e 18.

¹⁰⁵ Francisco Keil do Amaral, «Uma Iniciativa Necessária», *Arquitetura 14: Revista de Arte e Construção*, Abril de 1947.

¹⁰⁶ *Ibid.*, 12.

¹⁰⁷ *Ibid.*

¹⁰⁸ Manuel Lopes de Almeida, Mário Brandão, e Lígia Cruz, eds., *Arquitetura popular em Portugal*, 2 vols. (Lisboa: Sindicato Nacional dos Arquitectos, 1961).

¹⁰⁹ Decreto-lei nº 40:349, de 19 de Outubro de 1955, publicada no Diário do Governo n.º 227/1955, Série I disponível em <https://dre.pt/application/dir/pdf1sdip/1955/10/22700/09030904.pdf>, acedido a 15 de Julho de 2017. O Decreto pode ser consultado nos anexos.

alguma da sua obra nesta região em cidades como Guimarães¹¹⁰ ou Vila Real, tal como Keil do Amaral que chefia o grupo das Beiras com Huertas Lobo e João José Malato.¹¹¹

Por outro lado, Keil do Amaral quando escreve “cabular” também enunciava o ensino praticado em Portugal de base *Beaux-Arts* e é com a mesma intenção que continua a sua crítica nas publicações seguintes com a rubrica “*Maleitas da Architectura Nacional*”.¹¹² O primeiro artigo desta série é o propulsor de tudo o que se desenrolará a seguir porque contesta fundamentalmente a formação do arquiteto e a Escola ao referir que ela não está à altura da sua missão atual. Isto é, oferece um ensino em que os alunos ficam “insuficientemente munidos de conhecimentos técnicos, sem espírito de colaboração, sem espírito de investigação, sem o culto da *Arquitectura*, mas superabundantemente exercitados na arte de conseguir efeitos fáceis e sem profundidade”¹¹³. Keil do Amaral em três páginas aborda o cerne da questão. Se os profissionais têm de responder às dificuldades que lhe são colocadas pela sociedade, necessitam de estar dotados de ferramentas essenciais para que tal aconteça, porque não é com truques de desenho e perspectivas esbeltas que se é capaz de apresentar respostas apontadas. O conservadorismo tomou conta da Escola, pelas palavras de Keil do Amaral, “o caruncho e as lagartas tomaram conta de tudo (...) Porque acima dos interesses da *Arquitectura*, da *Pintura* e da *Escultura* estão as facilidades de policiamento da Escola. Morram as *Artes* e salve-se a disciplina!”¹¹⁴

O salvamento da disciplina dependeria da sua emancipação juntamente com um percurso em direção à humanização e à multidisciplinaridade da arquitetura que deste modo, quebraria a longa tradição *Beaux-Arts*. É em torno do Moderno e da turbulência geradas por estas questões que é realizado o I Congresso Nacional de Arquitetura em Maio e Junho de 1948 pelo

¹¹⁰ Sobre a obra de Fernando Távora ver José António Bandeirinha, ed., *Fernando Távora: modernidade permanente* (S. l.: Associação Casa da *Arquitectura*, 2012).

¹¹¹ Sobre a obra de Keil do Amaral nas Beiras ver José António Bandeirinha, ed., *Keil do Amaral: obras de arquitetura na Beira: regionalismo e modernidade*, 1ª ed (Lisboa: Argumentum, 2010).

¹¹² Francisco Keil do Amaral, «Maleitas da *Arquitectura Nacional* 1: A Formação do Arquitecto», *Arquitectura 17-18: Revista de Arte e Construção*, Agosto de 1947, 18 a 20; Francisco Keil do Amaral, «Maleitas da *Arquitectura Nacional* 2: O Arquitecto e o Atelier», *Arquitectura 19: Revista de Arte e Construção*, Janeiro de 1948, 17 e 18; Francisco Keil do Amaral, «Maleitas da *Arquitectura Nacional* 3: O Cliente, As Leis e Os Regulamentos», *Arquitectura 20: Revista de Arte e Construção*, Fevereiro de 1948, 17 e 18; Francisco Keil do Amaral, «Maleitas da *Arquitectura Nacional* 4: Os Materiais de Construção», *Arquitectura 21: Revista de Arte e Construção*, Março de 1948, 17 e 18; Francisco Keil do Amaral, «Maleitas da *Arquitectura Nacional* 5: O Problema da Mão-de-Obra», *Arquitectura 22: Revista de Arte e Construção*, Abril de 1948, 11 e 12; Francisco Keil do Amaral, «Maleitas da *Arquitectura Nacional* 6: A Mania das Pressas e o Dinamismo, Seu Filho Dilecto», *Arquitectura 23-24: Revista de Arte e Construção*, Junho de 1948, 24.

¹¹³ Francisco Keil do Amaral, «Maleitas da *Arquitectura Nacional* 1: A Formação do Arquitecto», 19.

¹¹⁴ *Ibid.*, 20.

Sindicato Nacional dos Arquitetos e apoiado pelo Governo de modo a serenar os acontecimentos e a estar presente neste debate. Cottinelli Telmo foi presidente do Congresso que permitiu reunir todas as gerações de arquitetos para um debate alargado, isto é, a geração de Carlos Ramos, a geração intermédia de Keil do Amaral e a geração mais nova de Castro Rodrigues e Conceição Silva. O Congresso na qual as suas “*Conclusões e Votos*”¹¹⁵ e algumas teses apresentadas foram publicadas na revista *Arquitectura*, tinha a intenção de refletir sobre “A Arquitectura no Plano Nacional” e o “Problema Português da Habitação”, mas também abrangeu outros temas colaterais como “a generalização da cultura artística e a formação dos arquitectos”¹¹⁶. Uma das observações foi diretamente para o sentido evolutivo do ensino, mencionando concretamente os pontos a reter, por exemplo:

“ – Que se proceda urgentemente à reorganização do ensino da Arquitectura no sentido de o tornar mais concordante com as necessidades da vida contemporânea.”¹¹⁷

Este requerimento que resulta da conformidade de todos os presentes é asseverado pelo artigo apresentado no Congresso por Cândido Palma e Francisco Conceição Silva.¹¹⁸ Destaca-se a preponderância e a certeza com que expõem os assuntos que devem ser alvo de reflexão, são contra os métodos de admissão e de preparação porque trata-se de cópias que com um desenho bonito se entra no curso de arquitetura, mas o curso é de arquitetura e não de Desenho. Posto isto, é claro que o curso tem de evoluir na qual elencam inúmeros parâmetros que conduzem esse processo, nomeadamente abolir “por completo toda a parte de ensinamento à base de cópia como processo de ensino”, “que se homogenize a admissão à Escola”, “que se crie um “Curso de Urbanismo””¹¹⁹ e uma cadeira de construção e que o ensino das ordens clássicas deixe de ser a base da aprendizagem em arquitetura e que passe para a ser lecionada como uma matéria de História da Arte. Sumariamente, é importante juntar professores, arquitetos e alunos para uma revisão ao ensino, isto é, “Tem que se fazer com o Curso de Arquitectura uma coisa elementar: baralhar as cartas e distribui-las de novo.”¹²⁰

¹¹⁵ «I Congresso Nacional de Arquitectura», *Arquitectura 29: Revista de Arte e Construção*, Março de 1949.

¹¹⁶ *Ibid.*, 2.

¹¹⁷ *Ibid.*, 3.

¹¹⁸ Cândido Palma e Francisco da Conceição Silva, «O Ensino da Arquitectura em Portugal - Tese apresentada no I Congresso Nacional de Arquitectura», *Arquitectura 32: Revista de Arte e Construção*, Setembro de 1949, 14 a 16 e 24.

¹¹⁹ *Ibid.*, 15.

¹²⁰ *Ibid.*, 24.



Fig.36 - III Congresso da U.I.A - 1953

Perante a pressão que foi colocada por estes eventos e ações, a 10 de Julho de 1950 é lançada a Lei nº 2.043 intitulada “*Reorganização das escolas superiores de Belas-Artes de Lisboa e do Porto*” que além dos objetivos propostos também pretende alterar o estatuto das Escolas, ou seja, passam a ser Escolas Superiores de Belas-Artes que desta forma introduzem um cariz universitário. O objetivo principal era conseguir uma revisão sobre a dualidade da formação do arquiteto, isto é, “entre a formação artística e a formação científica e técnica do arquiteto”¹²¹. Estabelece-se a perspetiva do arquiteto como um ser social e contemporâneo, capaz de resolver os dilemas reais através de uma cultura construtiva mediante uma conceção cautelosa que incluía a humanização e a harmonia da arquitetura.

Deste modo, o Movimento Moderno também se fez notar em Portugal, como já referido tinha intenções modernas combinadas com imposições ditatoriais como os elementos verticais alusivos à presença nacionalista e autoritária, no entanto foi uma época com um grande défice de construção.¹²² A lei de 1950 só é regulamentada em 1957, mas neste intermédio a União Internacional dos Arquitetos fará o seu terceiro congresso em Lisboa [Fig.36] e tal como vimos anteriormente no Congresso da UIA em Paris, por coincidência ou não, é comum realizar-se em países em que o ensino ou a cultura arquitetónica se considere em crise. Decorre de 20 a 27 de Setembro de 1953 com cerca de 600 participantes oriundos de 36 países com imensa vontade de debater os temas colocados pelo presidente do comité executivo, Patrick Abercrombie e também assuntos eminentes como a formação do arquiteto.¹²³ A revista *Arquitectura* envolve no número 53 as conclusões deste Congresso¹²⁴ e a “*Exposição de Arquitectura Contemporânea Brasileira*”¹²⁵ integrada nas suas atividades. As conclusões com intenção face ao que se vivia no ensino português da arquitetura ou não, aborda em primeiro plano a instrução. Admite que “A qualificação do arquitecto é de alcance universal” ao que “É desejável que aquele que se destine à arquitectura lhe traga um espírito ávido de conhecer e de criar, uma inteligência aberta e viva, bom senso e julgamento recto.”¹²⁶

¹²¹ Gonçalo Canto Moniz, «O ensino moderno da arquitectura: a reforma de 57 e as Escolas de Belas-Artes em Portugal (1931-69)», 195.

¹²² Sobre a Arquitectura nesta época ver Ana Tostões, *Os verdes anos na arquitectura portuguesa dos anos 50* (Porto: FAUP, 1997).

¹²³ Sobre as reflexões do Ensino no III Congresso da UIA ver Gonçalo Canto Moniz, «O ensino moderno da arquitectura: a reforma de 57 e as Escolas de Belas-Artes em Portugal (1931-69)», 183 a 186.

¹²⁴ «O III Congresso da U.I.A. - Conclusões», *Arquitectura 53: Revista de Arte e Construção*, Dezembro de 1954, 9 a 14.

¹²⁵ «Exposição de Arquitectura Contemporânea Brasileira», *Arquitectura 53: Revista de Arte e Construção*, Dezembro de 1954, 17.

¹²⁶ «O III Congresso da U.I.A. - Conclusões», 10.

O Congresso serviu como ponto de reflexão e debate com visões exteriores entre a Lei e a Reforma que demorou sete anos a ser afirmada pelo Decreto-Lei nº 41.362 e nº 41.363 intituladas “Aprovação dos quadros de pessoal das escolas superiores de Belas-Artes de Lisboa e do Porto” e “Aprovação do regulamento das escolas superiores de Belas-Artes”, respetivamente. A Reforma de 1957 “há muito esperada, e tantas vezes, prometida, era uma das necessidades mais urgentes na vida artística e cultural.”¹²⁷ Pretende-se o aumento de docentes e assistentes, o estabelecimento de disciplinas técnico-científicas e a relação da arquitetura com as questões multidisciplinares, o que acabará com o foco maioritariamente artístico do curso. As condições de admissão também são aletradas, assim como ocorre “a substituição do CODA por um estágio e conseqüente relatório (art.27.º e 28.º).”¹²⁸ Por outro lado, a Reforma também possibilita a liberdade na formação do arquiteto porque permite a concretização “de cursos de aperfeiçoamento, especialização ou actualização”, o que dá às duas Escolas a possibilidade de procurar caminhos para assegurar as diferenças identitárias que ainda hoje as distingue.

Se até então as Escolas Superiores de Belas-Artes portuguesas seguiam a *École*, esta reformulação irá contra o modelo parisiense e o seu academismo e a favor da implantação de um ensino com intenções modernas, mas mais que isso é a favor de uma modernização do ensino e da pedagogia face à contemporaneidade.

“A sua principal característica é converter as duas Escolas de Belas-Artes, até aqui semelhantes aos liceus, em estabelecimentos de carácter universitário. O regime revogado não se recomendava, não só por ser velho, mas por ser uma má tradução, do sistema francês, inadaptável à índole das nossas tendências.”¹²⁹

Claramente um passo assumido em direção a um ensino universitário¹³⁰ e neste período as Belas Artes portuguesas tinham ultrapassado a influência da *École*. Conclui-se que o ensino

¹²⁷ «A reforma do ensino das Belas Artes correspondia a uma necessidade», *Diário de Lisboa*, 15 de Novembro de 1957, 1. A capa do Diário de Lisboa pode ser consultado nos anexos.

¹²⁸ Gonçalo Canto Moniz, «O ensino moderno da arquitectura: a reforma de 57 e as Escolas de Belas-Artes em Portugal (1931-69)», 206.

¹²⁹ «A reforma do ensino das Belas Artes correspondia a uma necessidade», 1.

¹³⁰ Sobre a intenção da Reforma de 57 em levar a Arquitectura para a Universidade ver Gonçalo Canto Moniz, «A Reforma de 57: Em Direção a um Ensino Universitário da Arquitectura», em *Rituais, Espaços & Patrimónios Escolares. IX Congresso Luso-Brasileiro de História da Educação* (Rituais, Espaços & Patrimónios Escolares. IX Congresso Luso-Brasileiro de História da Educação, Instituto de Educação da Universidade de Lisboa, 2012), 57, <https://estudogeral.sib.uc.pt/handle/10316/24373>.



Fig.37 - “João Botelho, hoje realizador de cinema, e Isabel Pinto, advogada em Marco de Canaveses, apontam um dos objectivos da luta” (1), “Aspecto parcial da Assembleia Magna de 28/5/69, realizada nos jardins da AAC” (2) e “«Após a inauguração, todos saímos para os jardins da AAC, onde alegremente confraternizámos..»” (3)

da arquitetura em Portugal antecipou-se em relação à *École* na aproximação à Universidade já que a Escola francesa só declara a sua aproximação com o “*décret-cadre Debré*” em 1962, efetivando-se com o Maio de 68.

O Maio de 68 chega a Portugal [Fig.37] aquando a diversas contestações e críticas à Reforma de 57 em que professores e alunos das Universidades e das Belas Artes se mantiveram unidos. Por exemplo, em Coimbra¹³¹ as manifestações colocaram a luta aos olhos do país já que é o maior centro universitário que tinha acabado de ser dotado com novas instalações e com um símbolo que marcará esta contestação, as escadas monumentais. Na Escola Superior de Belas Artes do Porto a manifestação foi extremada com o encerramento do curso de arquitetura, o que conduziu ao Regime Experimental de 69/70 para reunir um corpo legislativo, tal como na Escola Superior de Belas Artes de Lisboa, onde Nuno Portas foi a peça essencial para a agitação levando a demissões e posterior Regime Experimental.

Posto isto, se até então existia a vontade de aproximar a arquitetura da Universidade portuguesa, essa vontade cresce cada vez mais face aos acontecimentos ocorridos em Paris que definiram a integração da arquitetura na Universidade. Por outro lado, a queda do regime ditatorial em 25 de Abril de 1974 potenciou o sentido sociocultural da arquitetura e da Escola, particularmente com o projeto SAAL (Serviço de Apoio Ambulatório Local)¹³², também foi um fator decisivo para a evasão da arquitetura das Belas Artes. Sinteticamente, os grandes agentes que dirigiram a arquitetura a conseguir uma autonomia progressiva começou com a Lei de 1950 e a Reforma de 1957, acentuada pela tormenta gerada em 1968/1969, a qual foi progredindo até 1974 para em 1979 se afirmar como parte integrante da Universidade. A disciplina não deixaria de ser uma arte mas passaria a ser uma arte-ciência.

Em Lisboa, o período da Revolução trouxe uma suspensão, no entanto o curso reabre afetado pelo 25 de Abril e embora seja “uma nova Escola aquela que se abre à recém-chegada democracia e a um mundo de possibilidades”¹³³, tem falta de um plano pedagógico e de figuras que assumam a Escola, ou seja, de docentes porque o financiamento ainda era escasso. O

¹³¹ Sobre as manifestações em Coimbra ver Celso Cruzeiro, *Coimbra, 1969: a crise académica, o debate das ideias e a prática, ontem e hoje*.

¹³² Sobre o projeto SAAL ver José António Bandeirinha, *O processo SAAL e a arquitectura no 25 de Abril de 1974*, 1ª ed., 2ª reimpr., Arquitectura (Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2014); Alexandre Alves Costa, «Illustrated Fragments on the “Porto School”», *Joelho 4: Revista de Cultura Arquitectónica*, Abril de 2013, 34 e 35.

¹³³ Leonor Cabral Matos Silva, «Cultura Arquitectónica em Lisboa: Um olhar a partir da ESBAL/FAUTL no período de 1975 a 1990» (Dissertação de Mestrado em Arquitectura, Universidade de Lisboa, 2011), 41.



Fig.38 - “Porto, primeira manifestação de moradores contra a sublocação, entrada na Câmara Municipal, 30 de Novembro de 1974. Fonte Arquivo do Arquitecto Alexandre Alves Costa.” (1) e “Casas Sim Barracas Não” (3)

caminho universitário revelar-se-ia o percurso mais certo para este período controverso, logo a transição proposta pelo Decreto-Lei nº 498-E/79 de 21 de Dezembro de 1979¹³⁴ é o ponto fulcral para a Escola não entrar em crise. Consiste na passagem do curso de arquitetura da Escola Superior de Belas Artes de Lisboa para a Faculdade de Arquitetura da Universidade Técnica de Lisboa (FAUTL) que foi criada no mesmo Decreto. Seria uma solução radical para as dificuldades, no entanto foi acolhida de forma pacífica já que aceitam esta expansão e/ou transferência concedendo-lhe “um carácter de continuidade natural, mais do que de ruptura.”¹³⁵

No Porto, a revolução também encaminhou uma paragem ou abrandamento da Escola, mas após a Revolução, o projeto SAAL que no Porto teve mais impacto que em Lisboa, revelou figuras fundamentais que fortaleceram a construção de uma linha identitária que perpetuou um percurso distinto da outra Escola portuguesa. Deste modo, o SAAL [Fig.38] foi um potenciador e revelador de identidades e reflexões.

“As Bases Gerais de 1975 marcam o renascer do Curso de Arquitectura da ESBAP, depois dos tumultuosos anos passados desde a “Experiência”. Se, entre a “recusa do Desenho” e a euforia revolucionária, a actividade pedagógica da Escola se eclipsou, é em Novembro de 1975 que o curso vai conseguir finalmente retomar o seu tradicional grau de exigência e iniciar a reconquista do seu prestígio;”¹³⁶

As Bases Gerais¹³⁷ que se traduz num processo de estabilização com vista a fixar uma pedagogia que alicerçasse novamente a Escola, tornaram-se parte dessa identidade que se foi construindo. E se a “recusa do Desenho”¹³⁸ tinha sido um problema passado, agora o sentido do Desenho como procura de uma arquitetura depurada era a base da tal linha identitária e ideológica da Escola do Porto que era explícita nas obras de Fernando Távora, Álvaro Siza Vieira, Alexandre Alves Costa ou Sergio Fernandez.

¹³⁴ Decreto-Lei nº 498-E/79 de 21 de Dezembro de 1979, publicada no Diário do Governo n.º 293/1979, Série I disponível em <https://dre.pt/application/dir/pdf1sdip/1979/12/29301/00160018.pdf>, acedido a 16 de Julho de 2017. O Decreto pode ser consultado nos anexos.

¹³⁵ Leonor Cabral Matos Silva, «Cultura Arquitectónica em Lisboa: Um olhar a partir da ESBAL/FAUTL no período de 1975 a 1990», 44.

¹³⁶ Eduardo Fernandes, «A Escolha do Porto. Contributos para a actualização de uma ideia de Escola», 605.

¹³⁷ Sobre as Bases Gerais ver Ibid., 599 a 604.

¹³⁸ Sobre a “recusa do Desenho” ver Alexandre Alves Costa, «Joelho 4», 33 e 34; Eduardo Fernandes, «A Escolha do Porto. Contributos para a actualização de uma ideia de Escola», 247 a 262.



Fig.39 - Escola de Belas Artes de Lisboa (1), Faculdade de Arquitetura da Universidade Técnica de Lisboa (2), “Frontaria do Palacete Braguinha – FBAUP” (3) e Faculdade de Arquitetura da Universidade do Porto (4)

Em Lisboa a transição é bem acolhida, já que o Decreto é lançado a 21 de Dezembro de 1979 e rapidamente é instituída a Comissão Instaladora presidida por Frederico George e depois por Augusto Brandão. Deste modo, em 1983 começa o funcionamento como instituição universitária e em 1986 já decorre sem a ligação às Belas Artes, isto é, o processo de estabilização já revia o estatuto provisório de 1979. No Porto, a situação é claramente diferenciada.

Em paralelo ao Decreto que criava a FAUTL também era criada a Faculdade de Arquitetura da Universidade do Porto (FAUP) pelo Decreto-Lei n.º 498-F/79¹³⁹. Todos se tinham empenhado na elaboração da identidade Escola do Porto que partiu dos fatores já enunciados na qual incluíam as Bases Gerais que consistem “na consciência da autonomia disciplinar da arquitectura, condição de interdisciplinaridade”¹⁴⁰. Portanto, temiam que aquilo que conceberam até agora fosse dissipado com a integração na Universidade. A resistência do Porto conduz ao adiamento de algumas questões, nomeadamente da Comissão de Instaladora que só é formada em 1982 sendo constituída por Fernando Távora a presidente, José Pereira de Oliveira, Alexandre Alves Costa, Domingos Tavares e Maria Angelina Ramos.

A mudança institucional ditava também uma mudança de espaço físico para consumar o afastamento em relação à Escola de Belas Artes. A FAUTL é instalada no Pólo Universitário da Ajuda e deixa o Convento de São Francisco da Cidade¹⁴¹ na zona do Chiado, tal como a FAUP¹⁴² que é instalada na zona do Campo Alegre [Fig.39] com projeto de Álvaro Siza na qual desenvolve o seu espaço físico como testemunho da identidade da Escola e dos ideais que tinha ajudado a definir.

“A transição do Curso de Arquitectura da ESBAP para a FAUP não é um processo pacífico; podemos dividi-lo em três vectores: transição directiva, logística e pedagógica.”

Num processo e etapas que são fortemente assinalados pela contestação estudantil que se reivindica nas mais variadas formas além dos docentes, os alunos são afetados por esta

¹³⁹ Decreto-Lei n.º 498-F/79 de 21 de Dezembro de 1979, publicada no Diário do Governo n.º 293/1979, Série I disponível em <https://dre.pt/application/file/197041>, acessado a 16 de Julho de 2017. O Decreto pode ser consultado nos anexos.

¹⁴⁰ Alexandre Alves Costa, *Textos datados*, Debaixo da telha 2 (Coimbra: EDARQ, 2007).

¹⁴¹ Sobre a Escola de Belas Artes no Convento de São Francisco da Cidade ver «Projectos - Lugares de Ensino da Arquitectura», 90 a 97.

¹⁴² Sobre as instalações da FAUP ver «Projectos - Lugares de Ensino da Arquitectura 2», *Jornal dos Arquitectos* 202 - *Faire École* 2, Outubro de 2001, 102 a 107; Bruno Gil, «Escola de arquitectura: hoje», 74 a 79.

transição que se arrasta durante anos. As *Maleitas da Escola*¹⁴³ serão a causa dos manifestos que marcariam aquela geração de alunos, como a criação da revista *Unidade* ou o “*Somos quase Livres!*” da Lista I da Associação de Estudantes em 1987.

Perante a transferência da arquitetura para a Universidade, noutros contextos, também desponta na instituição universitária mais antiga do país, a Universidade de Coimbra, a vontade de implementar uma Escola de Arquitetura. Geograficamente entre Porto e Lisboa seria a terceira Escola pública e a primeira a ser criada em cariz universitário antes da massificação de Escolas de Arquitetura que aconteceu nos anos seguintes.¹⁴⁴ Em 1987 há uma reunião da Comissão de Coordenação da Faculdade de Ciências e Tecnologias da Universidade de Coimbra (FCTUC) que expressa a vontade de criar um curso de arquitetura em Coimbra.¹⁴⁵ Esta ação que apoiada pelo Núcleo dos Arquitetos da Região Centro (NARC) tornar-se-á propositiva quando o prof. Ribeiro Gomes apresenta a proposta que “visava a criação de um plano de estudos com três especializações, Arquitetura e Tecnologia, Planeamento Urbanístico e Recuperação do Património Arquitectónico.”¹⁴⁶ A 8 de Julho de 1988 é publicada a Portaria nº 448/88 que criava a Licenciatura em Arquitetura na Universidade de Coimbra, inicialmente denominada Secção Autónoma de Arquitetura (SAA). Contradição, receio, perseverança ou mesmo por respeito à FCTUC não é fundada uma Faculdade como no Porto ou Lisboa, embora fosse lançada essa ação para um plano futuro que ainda hoje está em suspensão.

O corpo docente inicial, ainda que escasso definiu desde logo uma ligação à Escola do Porto com professores como João Mendes Ribeiro, José António Bandeirinha, Fernando Távora, Domingos Tavares ou Alexandre Alves Costa e de Lisboa com Vítor Murtinho, Raul Hestnes Ferreira, Manuel Tainha, Walter Rossa, Mário Bento ou o Reis Cabrita. No entanto, é notória a grande influência que a Escola do Porto deposita em Coimbra. A presença de Fernando Távora e da geração da qual ele tinha sido professor, traz para Coimbra a herança portuense que os marcava, mas que aqui se podia assumir como uma fuga ou um paralelo. A verdade é que Fernando Távora e o seu grupo encurtaram a distância de Coimbra para o Porto.

¹⁴³ Subcapítulo do Capítulo 3 do presente trabalho.

¹⁴⁴ Sobre a evolução do número de Escolas de Arquitetura e as estatísticas ver *Boletim Architectos 232: Ensino / Formação*, 1ª ed (Lisboa: Ordem dos Arquitectos, 232AD), 7 e 8 e 38.

¹⁴⁵ Rosa Bandeirinha, «O Limiar do Claustro - Origens e práticas do Departamento de Arquitetura de Coimbra» (Dissertação de Mestrado em Arquitetura, Universidade de Coimbra, 2013), 329 a 350.

¹⁴⁶ *Ibid.*, 153.

O curso começara com muitos percalços, não só pela falta de docentes e consequentemente da carga horária, mas também por uma luta afirmada por professores e alunos em relação ao direito de instalações adequadas. O plano de estudos não tinha autonomia e a procura de um lugar próprio revelava-se lento face às contrariedades que o curso encontrava. As *Maleitas da Escola* estavam presentes também em Coimbra embora com outros pretextos e requerimentos.

No final da década de 1980, este estabelecimento do ensino da arquitetura em Coimbra e a transição no Porto depararam-se com situações-limite, não só pelas agitações estudantis, mas também pelos enclaves de natureza “diretiva, logística e pedagógica” que as Escolas atravessavam. Deste modo, as *Maleitas da Escola* tinham de ser identificadas e consequentemente refletidas e debatidas como veremos de seguida.

CAPÍTULO 3.
DEBATES EXISTENCIAIS

3.1. MALEITAS DA ESCOLA

Todos os processos que envolvem mudanças ou transições na Escola de Arquitetura podem desencadear situações de crise já que se trata de uma alteração a um organismo complexo. Deste modo, propõem-se dois casos de estudo, a transição da Arquitetura da Escola Superior de Belas Artes do Porto para a Faculdade de Arquitetura da Universidade do Porto e a implementação do Ensino da Arquitetura na Universidade de Coimbra. No entanto, existem pontos de partida distintos, porque se trata respetivamente de uma transição e de uma nova implementação, embora que as dificuldades e os debates que se irão realizar têm propósitos equivalentes. Obviamente que os momentos de manifesto e crise e consequente resposta dependerão da cooperação de todos os elementos da Escola, caso contrário instala-se uma crise perpétua que coloca em causa o organismo Escola. Por outro lado, também é certo pensarmos que a perceção de uma crise terá de ser despoletada por um desses elementos, porque são eles que vivem a Escola de Arquitetura, sejam eles alunos ou professores. Objetivamente a reflexão apontada sobre a crise será frutífera e trará uma posterior evolução e elevação da Escola como será aqui aprofundado.

Faculdade de Arquitetura da Universidade do Porto

Posto isto, a transição da Arquitetura para um lugar universitário no Porto faz-se com inúmeros enclaves desde as novas instalações até ao plano de estudos estabelecido a partir da matriz que surgiu no pós 25 de Abril. As transformações pedagógicas verificam-se nos inícios dos anos 1980 quando é certo que a Arquitetura deixaria as Belas Artes, no entanto traduz-se numa revisão do curso da ESBAP com uma resolução apontada aos problemas suscitados, juntamente com a inclusão dos objetivos que a integração lhe aplicava. Prontamente inicia-se um espaço de debate que coloca estas questões no centro de discussão, designados “Encontros de Arquitetura”¹. Com índole interna, tinham como objetivo o esclarecimento das falências e deste modo providenciar um novo plano de Estudos que operasse um sentido universitário. A divisão desses Encontros ou “mesas redondas” tem em vista as áreas estruturadoras do curso,

¹ Eduardo Fernandes, «A Escolha do Porto. Contributos para a actualização de uma ideia de Escola» (Dissertação de Doutoramento em Arquitetura, Escola de Arquitetura da Universidade do Minho, 2010), 629.

isto é, uma operação lógica de análise que se reparte pela Arquitetura, Teoria e História, Análise e Território e Construção.

O primeiro Encontro caracteriza-se pelo confronto de ideias acerca do tema Arquitetura, porque além de ser o tema principal em que as ideologias podem divagar mais do que em qualquer outro, também era o início de um novo espaço de debate, o qual juntava um corpo que dispunha as suas opiniões de forma despojada e liberal. Nos seguintes encontros, em que o clima já é de aceitação e consenso, são refletidas várias disciplinas inerentes à Arquitetura como a Economia ou a Sociologia, ou aquelas que estabelecem uma relação simbiótica com a Arquitetura na qual as suas posições são debatidas e esclarecidas. Objetivamente pretendia-se uma observação à ligação entre a Teoria e a História como duas áreas separadas, o Urbanismo como um tema paralelo à Arquitetura e que a Construção fosse um assunto intrínseco ao Projeto. No mesmo seguimento, era importante afastar a sombra da Escola de Belas Artes, a qual é descrita como “provinciana, conservadora, abúlica, burocrática e isolada”² em que dissimuladamente solicitava-se a irradiação do seu sentido burocrático, conservador e artístico e uma abertura do Ensino à multidisciplinaridade que iria providenciar uma formação eficaz.

“Com o fim das Bases Gerais foi-se perdendo o sentido de desenvolvimento participado ou colectivo do curso. Nas mesas redondas de 84 já era possível observar um desfasamento muito significativo de posições a nível do corpo docente e do programa do curso.”³

Os Encontros ou mesas redondas começam em Junho de 1983 e no plano de estudos de 1984/85⁴ já existe uma evolução potenciadora de um ensino universitário com disciplinas como a Introdução à Sociologia, Geografia Urbana ou a Teoria da Arquitetura. No entanto, as Bases Gerais que se tornaram essenciais, também são um elemento de continuidade com a disciplina de Geometria e Desenho e de evolução, por exemplo a Geografia que é lecionada aos 2º, 3º, e 4º anos em 1977/1978, nas Bases Gerais de 1978/1979 e 1979/1980 transforma-se em Análise do Território, e posteriormente é incluída no Plano de Estudos de 1984/1985⁵ como Urbanologia no 3º ano, Gestão Urbanística no 4º ano e Geografia Urbana no 5º ano. De

² Ibid., 633.

³ André Tavares e Ivo Oliveira, «Leitura Informal ou Notas Não Científicas - esbap | faup . arquitectura», *Unidade* 6, Setembro de 1998, 7.

⁴ Sobre o Plano de Estudos de 1984/85 ver Eduardo Fernandes, «A Escolha do Porto. Contributos para a actualização de uma ideia de Escola», 636.

⁵ Bases Gerais e Plano de Estudos de 1984/1985 podem ser consultados nos anexos.

realçar a Teoria Geral da Organização do Espaço⁶ (TGOE) lecionada por Fernando Távora que seria a disciplina-chave para o 1º ano, porque “transmitia uma ideia de Escola que ele próprio tinha inventado e desenvolvido (com muitos outros) nos anteriores quarenta anos.”⁷ Este que era o ano mais diminuto na questão da multidisciplinaridade, tinha a intenção de ser o ponto de partida para o aluno em que ainda eram lecionadas as disciplinas de Iniciação ao Projecto, Desenho e Geometria.⁸ Notoriamente, a disciplina de TGOE teve e tem tanto impacto na identidade da Escola da Porto que ainda hoje é lecionada por Manuel Graça Dias.

De facto, as mesas redondas como plataforma de debate são “o último momento de discussão colectiva dos novos planos de estudos da FAUP.”⁹ No entanto, sempre houve dissonâncias nos Encontros porque elas também são produtivas e além da possibilidade de delinear algumas questões que todos consideram fulcrais, “A falta de um relatório final reforça a ideia de que esta iniciativa terá servido para registar e tornar mais explícitas as diferentes visões que o corpo docente tem do Curso de Arquitectura e dos seus problemas”.¹⁰

Os problemas internos continuam para além da aprovação do Plano de Estudos de 1984/85¹¹ que traduz a esperada integração universitária. Aliada a toda a reformulação pedagógica surge a entrada de várias personagens que introduzem abertura na Escola, como Nuno Portas que se destaca pelo seu percurso internacional e nacional, nomeadamente Lisboa - Porto. O corpo docente, já reformulado, também se revela lógico perante os objetivos de cada disciplina. Por exemplo, Nuno Portas entra para lecionar Urbanologia e Projecto III dividido nas opções Edificações, Urbanismo e Renovação, tal como Álvaro Siza que entra em 1976 como professor de Construção e em 1984/85 leciona Projecto I ou Alexandre Alves Costa que leciona História da Arquitectura Portuguesa e Projecto e Desenho.¹²

Posto isto, perspetivamos que das Bases Gerais de 1975/76, ou seja após a Revolução, até 1984/85 existe uma evolução em todos os sentidos, nomeadamente o abandono da ideia de um plano de estudos reduzido e quase elementar, para um multidisciplinar e com pretensões

⁶ Sobre as aulas de Teoria Geral da Organização do Espaço ver Eduardo Fernandes, «A Escolha do Porto. Contributos para a actualização de uma ideia de Escola», 641 a 645.

⁷ Eduardo Fernandes, «FAUP 1985-2008: Um Retrato Social», *Unidade 7*, Dezembro de 2008, 7.

⁸ Sobre as Bases Gerais ver Eduardo Fernandes, «A Escolha do Porto. Contributos para a actualização de uma ideia de Escola», 638.

⁹ André Tavares e Ivo Oliveira, «Leitura Informal ou Notas Não Científicas - esbap | faup . arquitectura», 11.

¹⁰ Eduardo Fernandes, «A Escolha do Porto. Contributos para a actualização de uma ideia de Escola», 634.

¹¹ O Plano de Estudos de 1984/85, aquele que começa o curso na Faculdade de Arquitectura da Universidade de Porto é aprovado a 10 de Outubro de 1984.

¹² Sobre os docentes no Plano de Estudos de 1984/85 ver Eduardo Fernandes, «A Escolha do Porto. Contributos para a actualização de uma ideia de Escola», 636.



Fig.40 - “Casa do Gólgota - Fachada poente” (1) e “Pavilhão Carlos Ramos” (2)

contemporâneas para a Universidade e para a formação do arquiteto. É evidente que além do Plano de Estudos que ainda é dotado por problemas, sobretudo no modo como seria implementado na Escola e qual a reação a essa mudança pedagógica, existia também a transição para as novas instalações que por estes anos ainda se encontravam em fase de projeto.

Álvaro Siza, figura marcante do curso de Arquitetura no Porto enquanto ESBAP, começa a idealizar as novas instalações da FAUP a partir de 1983, integradas no Plano Geral do Pólo III da Universidade do Porto¹³ situado na zona do Campo Alegre, mais precisamente seriam estabelecidas na Quinta da Póvoa que incluía a célebre Casa do Gólgota.¹⁴ [Fig.40] A intenção de ocupar rapidamente instalações próprias levou a que a previsão de ocupação fosse otimista, propondo que em 1987 o curso já decorra totalmente no Campo Alegre. Claramente que tal não foi cumprido, porque apenas em 1986 é que é acabado o pavilhão Carlos Ramos [Fig.40] e o 5ºano se desloca para estas instalações, mas a obra total da FAUP só será entregue efetivamente para construção em 1988. A transição entre o Palacete Braguinha e o Campo Alegre passava a ser segmentada com novidades nos inícios dos anos letivos que se seguem. Por exemplo, o 1º e 2º ano seriam os últimos a operar a mudança de instalações, já os restantes sempre estiveram nestas condições de adaptação. O pavilhão Carlos Ramos era novo, mas insuficiente no que respeita a lotação. As cavalariças albergavam o 5º ano e além de ajustado à sua nova função, era significativamente pequeno. A Casa do Gólgota era uma espécie de elemento multifuncional onde se encontrava a biblioteca, o bar e as salas teóricas.

“A falta de conforto das instalações era especialmente sensível no Inverno, porque nos meses mais quentes o jardim envolvente fazia esquecer a falta de espaço das salas e o jogo de reflexos e transparências do Pavilhão Carlos Ramos iludia a percepção da sua desadequação ao número de alunos que aí tinham o seu espaço de trabalho.”¹⁵

Os alunos que assistem a esta transição segmentada e que se sentem durante alguns anos neste jogo deambulatório entre o Campo Alegre e o Palacete da ESBAP são os mesmos que irão constatar por diversas maneiras que a Escola está em crise pouco depois da sua reformulação. Porém, as mudanças podem ter várias facetas, modos, abordagens ou interpretações, mas talvez a mais sentida pelos alunos terá sido a troca de ambientes. Pelas palavras de Eduardo

¹³ Sobre o Pólo III da Universidade do Porto ver o Plano Geral disponível em <https://repositorio-tematico.up.pt/bitstream/10405/21573/1/po-2271.pdf>, acessado a 31 de Julho de 2017

¹⁴ Sobre todo o processo da Casa do Gólgota ver Processo de Obra n.º 519 disponível em <https://repositorio-tematico.up.pt/handle/10405/2341>, acessado a 31 de Julho de 2017

¹⁵ Eduardo Fernandes, «A Escolha do Porto. Contributos para a actualização de uma ideia de Escola», 628.

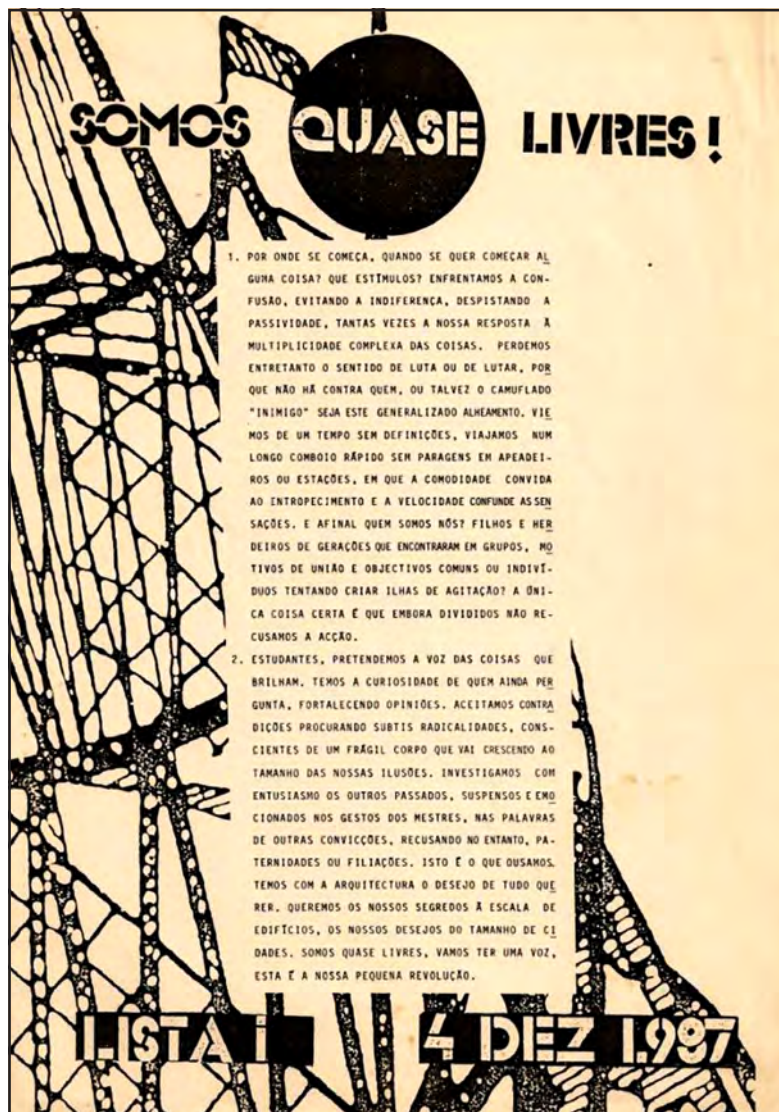


Fig.41 - ““Somos quase livres”; folheto de propaganda da campanha eleitoral da “lista i” para a eleição da Associação de Estudantes da FAUP, 4 Dez. 1987 (arquivo pessoal de Eduardo Fernandes).”

Fernandes, é possível perceber tal sensação quando refere que: “Saídos do ambiente urbano e multidisciplinar da ESBAP, sentíamo-nos perdidos no meio de um Pólo 3 em estaleiro”¹⁶ Ironicamente, esta geração que teve aulas no Pavilhão Carlos Ramos ou nas cavalariças, pode constatar um ensino de Projeto em obra, bastava um olhar rasgado pela janela ou percorrer o jardim da Quinta da Póvoa. Porém, não são só os estudantes que têm a percepção de que a crise se instalara, os próprios professores são potenciadores dela quando não há idiosincrasias quanto ao percurso que a Escola tomou. O lugar universitário e a expectativa de elevar a Escola começam-se a fazer “provas científicas e pedagógicas com o objectivo de dar “corpo teórico” ao ensino.”¹⁷ Por outro lado, também se instala “o pânico da hierarquização dentro do “corpo docente” e iniciam-se processos de descrença e desagregação, deterioramento de relações pessoais e dúvidas quanto ao funcionamento democrático da Faculdade.”¹⁸

Exteriormente a Escola era elevada pela sua identidade, pelas suas figuras, por ter Álvaro Siza como a sua imagem internacional, por estar na “moda”, por ser a “Escola do Porto”, pelas suas novas instalações, mas havia dissonâncias interiores, problemas que só quem estava lá compreendia verdadeiramente. A vontade e a solicitação de abandonar a Escola de Belas Artes do Porto tornou esta transição faseada e em moldes inadequados para a dimensão do curso, logo originou inúmeras ambiguidades que aliadas à incerteza pedagógica construíram uma reivindicação quotidianamente crescente que partirá novamente da franja mais sensível da Escola, os estudantes.

É neste seguimento de indefinição que a Escola do Porto vai da “Quase Liberdade” ao “Romance” seguido pela “Desilusão” e *Unidade*. Começa com a propaganda da Lista I para a Associação de Estudantes da FAUP (AEFAUP) com o slogan “Somos Quase Livres”¹⁹ [Fig.41], provavelmente enunciando a emancipação da Arquitetura em relação às Belas Artes no qual referem que:

“Viemos de um tempo sem definições, viajamos num longo comboio rápido sem paragens em apeadeiros ou estações (...) Estudantes, pretendemos a voz das coisas

¹⁶ Eduardo Fernandes, «FAUP 1985-2008: Um Retrato Social», 9.

¹⁷ André Tavares e Ivo Oliveira, «Leitura Informal ou Notas Não Científicas - esbap | faup . arquitectura», 12.

¹⁸ Ibid.

¹⁹ Sobre o cartaz de propaganda da Lista I para a AEFAUP ver Eduardo Fernandes, «FAUP 1985-2008: Um Retrato Social», 7.

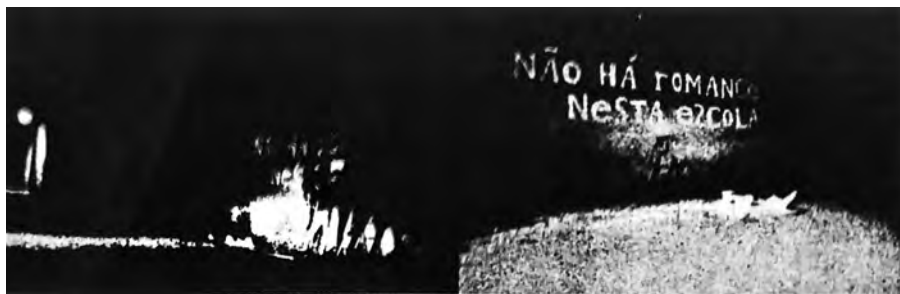
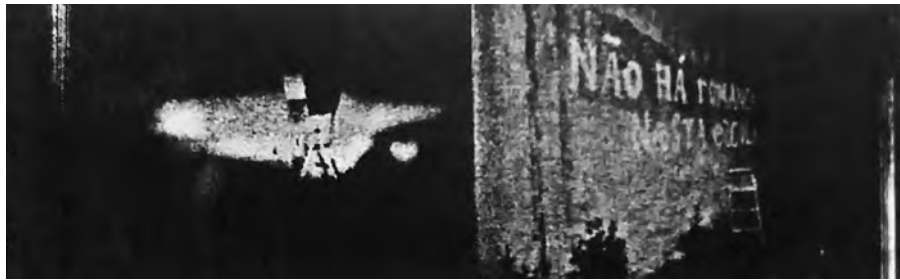


Fig.42 - "NÃO HÁ ROMANCE NESTA ESCOLA?"

que brilham. (...) Temos com a Arquitectura o desejo de tudo querer. (...) Somos quase livres, vamos ter uma voz, esta é a nossa pequena revolução.”²⁰

A própria Lista I em outro folheto de propaganda²¹ assume a crise ou a ideia dela na qual o que os desperta é a insatisfação e a curiosidade, portanto estavam lançadas as bases para o desenrolar dos acontecimentos. Após os alunos do 2º ano escreverem o seu descontentamento num texto que é entregue no ano letivo 1987/88 quando no ambiente interior se espelhavam as dificuldades, eis que aparece o graffiti “Não há romance nesta Escola?” nos muros da Quinta da Póvoa. [Fig.42] Seria o marco fundacional de algo que todos desconfiavam, mas que ninguém arriscava confirmar. Como mostram as escassas fotos, foi pintado à noite numa descontração aparente de alunos desapontados que viram no “romance” a palavra certa para questionar a Escola. A autoria do graffiti por pouco tempo foi incógnita, afinal agora ninguém queria esconder que a reivindicação chegou. Deste modo, a abertura de “um espaço de descontentamento”²² providenciou a criação do Departamento Desilusão e da sua publicação, a *Unidade*.

A *Unidade* é o culminar do mal-estar que a Escola proporcionava aos alunos, desde o Plano de Estudos às instalações provisórias e diminutas. A sua posição e o modo como apareceu, marcou todos os que assistiram e os que a fundaram. Entre os fundadores muitos nomes que hoje conheço, Jorge Figueira, Nuno Grande, Nuno Lourenço, Paulo Seco e Luís Tavares Pereira. Personagens que, numa perceção pessoal, lutam continuamente por uma escola de arquitetura consciente e progressista, porque sendo professores, são também arquitetos, mas nunca deixaram de ser aqueles alunos do “romance”. As primeiras palavras da *Unidade 1*, lançada a Julho de 1988 esclarece que a revista “É uma soma de pedacinhos, uma conquista.”²³ Objetivamente, é uma afirmação registada, escrita e publicada que ganha expressão, já que esses “pedacinhos” que foram enunciados aqui são parte de uma reivindicação crescente que agora se hegemoniza na *Unidade*.

“O mundo é esta revista. *Unidade*. (...) Esta revista é o nosso mundo de pernas para o ar.”²⁴

²⁰ A partir do cartaz de propaganda da Lista I para a AEFAUP publicado em Ibid.

²¹ Sobre o folheto de propaganda “Quase” ver Eduardo Fernandes, «A Escolha do Porto. Contributos para a actualização de uma ideia de Escola», 649.

²² Jorge Figueira, «O mundo é esta revista. *Unidade*.», *Unidade 1*, Julho de 1988, 3.

²³ Ibid.

²⁴ Ibid., 2.



Fig.43 - Capa de *Unidade 1* - 1988

A *Unidade* não quer guerra, porque além de não ser proveitosa, não a iriam vencer. Acima de tudo queriam questionar, queriam “uma festa. Queríamos uma festa que nos reunisse e festejasse. Com a arquitectura a nossos pés”²⁵. A ideologia da *Unidade* é perceber a Escola, viver como estudante universitário, fundamentalmente questionar e problematizar para compreender. Numa entrevista, Jorge Figueira refere que “O número 1 vai atrás da escola. Vai atrás dela atirando-lhe pedras ou provocando-a.”²⁶ Porém, a *Unidade* incita a Escola com manifestos confortáveis e assertivos de modo a que não se desenrole uma confrontação entre dois componentes essenciais. Por exemplo, é provocatório o convite para alguns professores participarem na *Unidade 1* [Fig.43], assim como o intuito de “A Escola de um Porto – 27 Trabalhos Acorados”²⁷, que além de mostrar o trabalho dos alunos, também pretende comprovar que não existe uma formatação a determinadas ideologias ou modelos. Por conseguinte, este é um dos pontos acentuados no “Ousar, Experimentar”²⁸ da *Unidade 2*, que além de refutarem a ““situação” escola-atelier”²⁹, também expõem a importância que não é dada à Teoria como processo arquitetónico, o que também ajudaria a promover a multidisciplinaridade e a abertura da Escola ao exterior, até mesmo desenvolver o seu reflexo na cidade. Do mesmo modo, é evocada a posição de Álvaro Siza, a qual defendem que sofre de subaproveitamento sendo requerimento para uma rápida reformulação e renovação do corpo docente.

Na transição de 1980 para 1990, os alunos estão céticos, as relações no interior da Escola necessitam de espontaneidade e fluidez e deve existir crítica porque essa dará uma evolução. “É pois urgente a libertação esclarecida dos dogmas e tiques (formais e intelectuais) que viciam a sua/nossa actuação.”³⁰ Portanto, foi importante afirmar que:

“a Escola está fechada ao exterior, numa época de grande experimentação e experimentalismo, e nem internamente procura estabelecer o debate;”³¹

Apenas na *Unidade 3* é publicada uma apresentação da revista em que é assumido que “Nunca teve uma perspectiva retrogressiva ou autobiográfica” e que pretendia “a criação de um lugar,

²⁵ Ibid., 3.

²⁶ «Entrevista Jorge Figueira», *Unidade 4*, 1995, 56.

²⁷ «A Escola de um Porto – 27 Trabalhos Acorados», *Unidade 1*, Junho de 1988.

²⁸ «Ousar, Experimentar», *Unidade 2*, Dezembro de 1988.

²⁹ Ibid.

³⁰ Ibid.

³¹ Eduardo Fernandes, «FAUP 1985-2008: Um Retrato Social», 12.

muitas vezes indispensável, de distância crítica e até de respiração.”³² A *Unidade* sobreviveu e nesse artigo escreve todas as suas intenções enquanto grupo, revista, estudantes empenhados e lutadores por uma performance máxima da Escola.

A *Unidade* é o despoletar dos processos de uma mudança efetiva e progressista baseada na consciencialização de que a Escola precisa de atualização para desenvolver e afirmar uma identidade. A *Unidade*, que ainda hoje existe, tornou-se parte dessa identidade denominada Escola do Porto, porque foi um dos agentes capazes de abrir um espaço de debate interno. Foi um conquistador de posições, vozes, debates e sobretudo conquistou o sentido crítico que a Escola necessitava e necessita. Foi a sua abertura interna. Foi um pedido para que a Escola olhasse para si mesma. Sucintamente, a *Unidade* fez a força.

Esta que é a época da tecnologia, dos elementos *high-tech* e do digital, abre-se novamente mais um debate expectante no ensino e na Escola³³ que aliado a tantas outras farão uma *Escola de Arquitetura em debate*. Concretamente, todas estas questões originam um espaço por si conquistado e mesmo que assinaladas pela sua divulgação e publicação, o acumular de inúmeras objeções e perguntas requerem um momento formal, não no sentido rígido, mas para uma síntese das visões dos constituintes da Escola. Deste modo, é possível refletir acerca de uma continuidade ou de uma mudança. Portanto, proposto pela AEFAUP e aceite pelo corpo docente, em Novembro de 1995 realizou-se um ponto de situação que colocaria a *Escola de Arquitetura em debate* para que se clarificassem alguns parâmetros.

Departamento de Arquitetura da Universidade de Coimbra

Em Coimbra, o ensino da Arquitetura foi marcado na sua fase inicial pelos riscos congénitos e por um estado de crise. A Faculdade de Ciências e Tecnologia que criaria a Licenciatura em Arquitetura debatia-se “com gravíssimos problemas devido à falta de instalações, de equipamento científico e pedagógico e outros que podem ser óbice a um desenvolvimento das suas actividades.”³⁴ Portanto, os problemas que já estavam instalados na FCTUC involuntariamente passariam para o ensino da Arquitetura que se propunha para a

³² Jorge Figueira, «Submarinos e Subsídios», *Unidade 3*, Junho de 1992.

³³ Sobre o tema das ferramentas digitais ver Fernando Lisboa, «CAD's CAAD's e outras pestes; afinal para que servem», *Unidade 4*, 1995.

³⁴ António Ribeiro Gomes, «A FCTUC e a criação da licenciatura em Aquitectura», *Diário de Coimbra*, 1 de Março de 1988, 7.

Universidade de Coimbra. O artigo do Professor António Ribeiro Gomes, que lança a intenção de criar o curso, é objetivo nas especificidades do ensino empregando sempre uma dualidade para desenvolver uma cultura arquitetónica através da Licenciatura. Isto é, refere que a pesquisa histórica irá criar uma ligação entre “a cultura histórica e a actividade moderna de projectação”³⁵, a técnica e a tecnologia para dominar o mundo físico ou até mesmo os universos da transformação versus produção para responder “às carências que se fazem sentir nos domínios da renovação e conservação do património arquitectónico, equilíbrio no desenvolvimento urbano, adequação do parque habitacional ao meio ambiente, etc.”³⁶ Concretamente todos apoiavam o restabelecimento do ensino da Arquitectura (“a Arquitectura já foi ensinada, no âmbito da antiga Faculdade de Matemática, existente entre 1772 e 1910, aos estudantes de Ciências Matemáticas e de «Ciências Naturais e Físicas».”³⁷), até porque se havia falta de profissionais, esta nova Escola seria justificada em função de um desenvolvimento que o país expectava.

É neste seguimento que é aprovada a criação da Secção Autónoma de Arquitectura (SAA) que daria origem ao Departamento de Arquitectura da Universidade de Coimbra (D’Arq), também é estabelecido o Conselho Coordenador que “constituído por três professores, um dos quais designado pela Coordenadora do Conselho Científico, outro designado pelo Departamento de Matemática, pertencente à área da Representação Gráfica, e outro professor designado pelo Departamento de Engenharia Civil.”³⁸ O curso abre com 50 vagas no seu ano de fundação mas “O ano lectivo de 1988-89 deveria servir para o estabelecimento das infraestruturas necessárias, adiando assim o início do curso por um ano em relação à data do documento.”³⁹

Tudo começa repentinamente, sem que nada estivesse preparado, isto é, *Em Cima Do Joelho*.⁴⁰ As falências avistavam-se, desde logo sem instalações, sem plano de estudos ou definição de uma base programática, sem corpo docente, porque a contratação era segmentada e consoante

³⁵ Ibid.

³⁶ Ibid.

³⁷ Martim Portugal, «Ensino da Arquitectura na Universidade de Coimbra: projecto que foi e é viável», *Diário de Coimbra*, 1 de Março de 1988, 7.

³⁸ Rosa Bandeirinha, «O Limiar do Claustro - Origens e práticas do Departamento de Arquitectura de Coimbra» (Dissertação de Mestrado em Arquitectura, Universidade de Coimbra, 2013), 153.

³⁹ Ibid.

⁴⁰ Título de uma série de publicações que têm em vista o debate sobre as questões da cultura arquitetónica, desde a profissão a trabalhos académicos, promovendo assim a reflexão acerca de diversas problemáticas. Sobre os vários números publicados ver Universidade de Coimbra, Faculdade de Ciências e Tecnologia, Centro de Estudos de Arquitectura, ed., *ECDJ - Em Cima Do Joelho* (Coimbra: Serviço Editorial do Departamento de Arquitectura, 1999).



Fig.44 - “Alguns dos elementos da mesa que deu início ao V Congresso dos Arquitectos. Da esquerda para a direita: secretário de Estado da habitação e Construção, dr. Elias Costa, Arquitecto Manuel Tainha, dr. Ribeiro Gomes, representante do reitor e a secretaria de Estado da Cultura, dr.^a Teresa Gouveia.”

as possibilidades, mas além disso era coordenado através do curso de Matemática, ou seja, por uma ciência exata, condição que a Arquitetura não é.

Fundamentalmente houve uma tentativa de desenvolvimento do curso quando João Mendes Ribeiro é designado pelo Núcleo dos Arquitetos da Região Centro (NARC) como contributo para esta Escola ainda em fase de iniciação. Paralelamente, em Junho de 1989 é realizado em Coimbra o V Congresso da Associação dos Arquitetos Portugueses [Fig.44], o qual também conduziu um momento de reflexão e ponderação ao ensino que tinha sido implementado recentemente. A decisão de descentrar o Congresso de Porto e Lisboa estabeleceu-se no fundamento de que Coimbra encontra-se geograficamente entre os dois, pela predominância do número de arquitetos na cidade e porque querem “acompanhar o Curso e estar vigilantes ao seu desenvolvimento”⁴¹. Uma reflexão de João Mendes Ribeiro é também incluída na publicação do *Diário de Coimbra* que dedica uma secção ao Congresso.⁴² No entanto, João Mendes Ribeiro como professor recém-chegado e capaz de fazer um ponto de situação, expõe a realidade que o curso de Coimbra passava. Com uma formação da *Escola do Porto* irá centrar o seu discurso na centralidade do Desenho e do Projeto porque assim tinha sido a sua experiência, mas “terá de ter sempre diferenças em relação ao ministrado nas cidades de Porto e Lisboa. «No entanto – adiantou – ele tem de ser realmente um curso de arquitectura – facto que actualmente não acontece, uma vez que as cadeiras de arquitectura têm um peso muito reduzido».”⁴³ Entre outras solicitações, João Mendes Ribeiro irá indicar que não existem objetivos pedagógicos, normas de admissão ou instalações dignas o que poderá levar ao fim do curso nos próximos anos, logo uma relação com as Escolas de Arquitetura do Porto e Lisboa poderiam ajudar no estabelecimento de uma organização e estrutura, assim como na criação de uma Comissão Instaladora que orientasse grande parte dos problemas suscitados.

“ «Há que repensar o curso pela positiva, enquanto as hipóteses de mudança do curso não se fecharem vamos tentar melhorar o curso», afirmou, acrescentando «é importante voltar atrás e pensar que Curso de Arquitectura é que queremos em Coimbra».”⁴⁴

⁴¹ «Reconhecimento da AAP como associação de Direito Público vem responsabilizar arquitectos», *Diário de Coimbra*, 15 de Junho de 1989, sec. Especial / V Congresso Associação Arquitectos Portugueses, 8.

⁴² Sobre as páginas do Diário de Coimbra que publica o V Congresso da Associação dos Arquitetos Portugueses ver Rosa Bandeirinha, «O Limiar do Claustro - Origens e práticas do Departamento de Arquitetura de Coimbra», 312 a 318.

⁴³ «Para que resulte: Curso de Arquitectura tem de ser pensado», *Diário de Coimbra*, 15 de Junho de 1989, sec. Especial / V Congresso Associação Arquitectos Portugueses, 12.

⁴⁴ Ibid.

Hoje, com um distanciamento mais temporal que crítico é possível perspetivar que este artigo destemido exhibe o cerne das questões que levavam a Licenciatura em Coimbra a um estado de crise e de incerteza no seu primeiro ano. Sem dúvida, é um alerta e por conseguinte um despoletar de uma mudança evolutiva no curso. É criada a Comissão Instaladora que trataria todas as questões relativas ao curso e que era “formada pela Doutora Margarida Ramalho, que presidia, pelo Doutor Lusitano dos Santos e pelo Doutor Artur Soares Alves, substituído em Outubro de 1990 pelo Doutor José Carlos Teixeira.”⁴⁵ Também passa a ter um local próprio no Colégio das Artes e mesmo que reduzido, ao longo do tempo irá conquistar toda a ala superior do edifício. No entanto, João Mendes Ribeiro no ano letivo 1989/1990 afastou-se da Escola, mas é desde esse período que começa a chegar o grupo que possibilitará uma afirmação do curso e conseguinte desenvolvimento de um percurso até hoje.

Como refere Rosa Bandeirinha, é difícil escrever sobre as razões para que fosse feito o convite a Fernando Távora,⁴⁶ no entanto as razões que o fizeram aceitar são ainda mais incógnitas, porque é uma personagem com um prestígio afirmado e com grande importância na Escola do Porto. Claramente são duas ações heróicas, tanto o convite como a sua aceitação, logo foram decisões que hoje todos nós nos orgulhamos já que mudou e ainda muda o percurso que a Escola teve e que irá ter. Fernando Távora já tinha estado presente na Comissão Instaladora da Faculdade de Arquitetura da Universidade do Porto, portanto conseguiu reunir à sua volta um grupo de trabalho composto por alguns arquitetos também presentes na transição ESBAP – FAUP como Alexandre Alves Costa ou Domingos Tavares e que irão afirmar uma visão própria do Ensino da Arquitetura, procedendo então a mudanças pedagógicas e curriculares. Ninguém ficará surpreso se afirmarmos que esta ação é claramente definidora do curso de Arquitetura em Coimbra e que intencionalmente ou não, constituiu um paralelo à Escola do Porto, mas sobretudo uma Escola à imagem de Fernando Távora, apoiado por Alves Costa e Domingos Tavares.

Como esperado, o maior foco foi debitado no Plano de Estudos e consequentemente no quadro docente que seria completado ao longo dos anos. Por exemplo, no ano letivo 1988/1989 e 1989/1990 o primeiro ano do curso é lecionado com 7 disciplinas com pouca incidência na Arquitetura, questão que João Mendes Ribeiro também reiterava e com a reformulação em

⁴⁵ Rosa Bandeirinha, «O Limiar do Claustro - Origens e práticas do Departamento de Arquitetura de Coimbra», 155.

⁴⁶ Ibid.

1990/1991 passou a ter 5 disciplinas.⁴⁷ Deste modo, a Geometria Analítica e a Geometria Descritiva foram condensadas na Geometria lecionada por Vítor Murtinho, assim como a Análise Matemática que denominar-se-á Matemáticas Gerais e a Estática que passa para o segundo ano. A criação do curso com ligação à Matemática sempre se tornou uma resistência para que o seu desenvolvimento fosse em direção a um ensino emancipado. No mesmo seguimento, os alunos do segundo ano letivo de 1989/1990 redigem uma carta – manifesto⁴⁸ demonstrando a sua preocupação em relação à disciplina de Matemática Aplicada I requerendo que seja pensado o seu conteúdo, a sua importância e o seu lugar no Plano de Estudos. Enfatizando que existem outros assuntos pelos quais se preocupam, este será o que aparece na redação, concluindo mesmo:

“Que o nome fique, mas que o programa seja o de uma cadeira de um curso de arquitectura, é o que minimamente se pode exigir.”⁴⁹

De 1989/1990 para 1990/1991, a carga letiva do segundo ano será reduzida de 9 disciplinas para 7, em que a Matemática Aplicada I já não é lecionada, o que nos permite concluir que a ação dos estudantes e a sua posição é potenciadora de uma resposta na qual se percebe a receção ao Plano de Estudos, possibilitando ajustes em função das partes.

A Escola tem docentes de Porto e Lisboa, porém conseguimos apontar a um Ensino mais próximo da Escola do Porto, logo urge um olhar sobre os dois Planos de Estudos (Porto e Coimbra) de modo a delinear algumas considerações, porque “A matriz e a identidade de uma escola dependem do plano de estudos.”⁵⁰ Na tentativa de procurar analogias diretas entre as duas Escolas, também foi possível compreender a transição de alguns docentes relevantes para Coimbra, assim como arquitetos de uma geração mais jovem, em parte aquela que assistiu aos últimos anos da Arquitetura na ESBAP ou mesmo os que assistiram à sua inclusão na Universidade. Por exemplo José Gigante e José António Bandeirinha que são de uma geração que frequentou todo o curso na ESBAP e outros da geração seguinte como Jorge Figueira, Paulo Providência, José Fernando Gonçalves, António Lousa, Joaquim Almeida, Nuno Grande e João Paulo Cardielos.

⁴⁷ O Plano de Estudos 1988/1989, 1989/1990 e 1990/1991 podem ser consultados nos anexos.

⁴⁸ Para consulta da Carta dos alunos à Comissão Instaladora ver Rosa Bandeirinha, «O Limiar do Claustro - Origens e práticas do Departamento de Arquitetura de Coimbra», 357 e 358.

⁴⁹ A partir da Carta consultada em *Ibid.*, 358.

⁵⁰ Bruno Gil, «Escola de arquitectura: hoje» (Prova Final de Licenciatura em Arquitetura, Universidade de Coimbra, 2005), 33.

Em relação à análise proposta anteriormente optou-se por consultar o Plano de Estudos que providenciou a transição da FAUP, isto é o implementado em 1985/1986⁵¹ e em Coimbra aquele em que tenha praticamente o curso todo a decorrer já que o seu desenvolvimento e a sua implementação foram segmentados, ou seja, o que vigorou a partir do ano letivo 1992/1993⁵². Embora a reformulação do Plano de Estudos em Coimbra comece em 1990/1991 é viável afirmar que resulta das disciplinas mais relevantes da Escola do Porto juntamente com aquelas que resultaram dos primeiros anos sob a orientação do Departamento de Matemática. Por exemplo, a disciplina de Desenho e Geometria do 1º ano e História da Arquitetura I e II do 2º e 3º anos são lecionadas com a mesma designação e com igual preponderância nos dois cursos. Com a mesma intenção são implementados alguns desvios como a Iniciação ao Projeto lecionada na FAUP que em Coimbra designa-se Introdução à Arquitetura, primeiramente dada por João Mendes Ribeiro. Também Projeto e Desenho lecionada por Alves Costa ao 2º ano da FAUP apresenta-se no Plano de Estudos do curso em Coimbra como Projeto II e com o mesmo docente, tal como História da Arquitetura Portuguesa, disciplina do 5º ano das duas Escolas. Por outro lado, também existem adiantamentos de algumas disciplinas nos anos do curso como Teoria da Arquitetura I e II que é lecionada no Porto ao 2º e 3º ano e em Coimbra ao 3º ao 4º ou Urbanologia que passa do 3º ano para o 4º em que é dada em Coimbra por Lusitano dos Santos. Fernando Távora, grande propulsor de toda esta reformulação e que lecionava Teoria Geral da Organização do Espaço na FAUP passa a assumir a disciplina de Projeto III do 4º ano da Licenciatura em Arquitetura na Universidade de Coimbra ao lado de António Lousa e de João Mendes Ribeiro que volta à Escola em 1991/1992.

Objetivamente existem evoluções significativas entre os Planos de Estudos mesmo que separados temporalmente. Fundamentalmente, além de ocorrer a implementação da disciplina de Construção dividida pelos 3º, 4º e 5º anos do curso em Coimbra, também é proporcionada uma abertura à tecnologia com disciplinas obrigatórias como Introdução aos Computadores e Programação do 2º ano e Desenho Assistido por Computador do 3º ano. No entanto, o Plano de Estudos da FAUP é mais promissor na multidisciplinaridade do que em Coimbra, introduzindo no 4º ano a Introdução à Sociologia ou nas disciplinas opcionais a Sociologia Urbana, a Geografia Humana, a Geografia Física, a Introdução à Economia, a Economia Urbana e a Arqueologia.

⁵¹ Consultado em Eduardo Fernandes, «FAUP 1985-2008: Um Retrato Social», 636.

⁵² Consultado em Rosa Bandeirinha, «O Limiar do Claustro - Origens e práticas do Departamento de Arquitetura de Coimbra», 252 a 254.



Fig.45 - Manifestação dos alunos de arquitetura no Pátio das Escolas - Novembro de 1990

Se em Janeiro de 1990, os alunos do 2º ano requeriam mais atenção a uma disciplina, em Novembro do mesmo ano fazem uma manifestação no Pátio das Escolas [Fig.45] reivindicando a falta de docentes que seria colmatada ao longo do tempo, mas também por financiamento específico para curso e por melhores instalações.⁵³ De facto esta luta por melhores instalações sempre perpetuou em Coimbra, mas a 6 de Dezembro de 1993 alunos e professores trazem o curso para a rua em forma de protesto. Nas Escadas Monumentais, local de referência para a chegada à Universidade de Coimbra, improvisam um “anfiteatro de aulas teóricas, com recurso a estruturas de madeira e plásticos negros para «edificarem» as paredes.”⁵⁴ Esta condição que demonstram é a comprovação de que o curso não tem condições físicas apropriadas e deste modo colocam pressão nos órgãos decisores de forma a resolverem a acumulação de problemas quotidianamente presentes.

“Esta acção chamou-se *Arquitectura na ruína* e decorreu após um período de duas semanas de aulas suspensas por iniciativa dos docentes.”⁵⁵

Obviamente que a iniciativa ganhou outra dimensão quando juntou todos os elementos da Escola. O ano letivo 1990/1991 é claramente a charneira entre o culminar de uma crise existencial do curso em Coimbra e o começo de um desenvolvimento que ainda hoje perdura, não descurando que tenha existido outros momentos de crise ao longo dos tempos. Notoriamente em 1993/1994 o corpo docente era já um privilégio para uma Escola tão embrionária, mas promissora por inúmeras razões. Além de ter em Fernando Távora e no seu grupo dinamizador, o seu carburante principal para continuar com as premissas que se começavam a construir, também se constituía como uma terceira via no Ensino público da Arquitectura em Portugal sendo uma definição que os próprios elementos da Escola estavam cientes ao referir que:

“A arquitectura em Coimbra é a arte dos colégios do Porto e de Lisboa num novo forum.”⁵⁶

Além dos nomes aqui já enunciados do grupo do Porto, a formação de alguns docentes também era proveniente de Lisboa como Manuel Tainha, Gonçalo Byrne, Mário Krüger, Pedro Marício

⁵³ Sobre a manifestação ver «Alunos de Arquitectura só têm metade das aulas», *Diário de Coimbra*, 10 de Novembro de 1990.

⁵⁴ «Alunos de Arquitectura levam aulas para a rua», *Diário de Coimbra*, 3 de Dezembro de 1990, 3.

⁵⁵ Rosa Bandeirinha, «O Limiar do Claustro - Origens e práticas do Departamento de Arquitectura de Coimbra», 159.

⁵⁶ António Olaio e Jorge Figueira, «[uma escola lenta | uma arquitectura veloz]», *ECDJ 2*, Março de 2000, 4.

Borges ou Raúl Hestnes Ferreira que teve uma formação entre Porto e Lisboa. Com um corpo docente abrangente e escolhido cuidadosamente, o objetivo era construir em Coimbra uma Escola de Arquitetura com influências mas também capaz de procurar uma identidade própria que só seria possível através do diálogo, aceitação, abertura e sobretudo pela unificação das diferentes visões que se encontravam na Escola.

Em 1994/1995 há uma nova atualização do Plano de Estudos na qual também surge novas entradas, por exemplo de Manuel Graça Dias. De igual forma, as disciplinas também têm alterações, a História da Arte lecionada por António Pimentel desdobra-se e dá lugar a História da Arte e Cultura Clássica e a História da Arte e Cultura Contemporânea lecionada por Fernando Távora ou a Introdução aos Computadores e Programação passará ao Desenho Arquitetónico lecionado por Alves Costa. É também neste Plano de Estudos que aparece pela primeira vez o 6º ano do curso e a Prova Final, assim como é alargado o leque de opcionais adicionando a Morfologia Urbana I e II lecionada por Mário Krüger.

Os anos que o Departamento de Arquitetura da Universidade de Coimbra vivera desde a sua fundação foram de indefinição e de incerteza quanto à sua posição universitária, no entanto com a vontade de fazer crescer esta Escola essas dificuldades foram-se desvanecendo. Em 1994/1995 o curso já decorria completo, isto é, com todos os anos a serem lecionados, ocupava uma parte do Colégio das Artes, tinha um Plano de Estudos e um corpo docente multifacetado, portanto era chegado o momento de “encerrar um complicado período de constituição e abrir um novo tempo de consolidação.”⁵⁷ Esse momento estava iminente e “em Março de 1995 juntou, durante dois dias, todos os docentes do curso para uma reflexão colectiva sobre o ensino.”⁵⁸

Neste seguimento, os pontos de situação que são lançados na Faculdade de Arquitetura da Universidade do Porto e no Departamento de Arquitetura da Universidade de Coimbra são contemporâneos entre si, já que a reformulação ESBAP – FAUP e o estabelecimento do ensino da Arquitetura em Coimbra também o são. Logo, em 1995 realizam-se estes importantes marcos nas Escolas que serão analisados distintamente e colocados lado a lado de maneira a promover uma reflexão acerca destes instantes dentro da Escola de Arquitetura.

⁵⁷ Comissão Organizadora, ed., *Encontros de Tomar : I Encontro sobre o Ensino da Arquitectura na Universidade de Coimbra* (Coimbra: EDARQ-Edições do Departamento de Arquitectura, 1997), 7.

⁵⁸ Ibid.

3.2. JORNADAS E ENCONTROS, ENTRE PORTO E COIMBRA

Quando se trata de pensar profundamente a Escola e o seu questionamento sobre as opções que foram tomadas e que se irão tomar, existem momentos como estes para marcar a Escola, os quais tentaremos explicitar. Servem para pausar o metabolismo acelerado ou lento que o organismo Escola pode ter em todas as vertentes, desde a sua herança, se a tiver, até à formação e condições que pode providenciar aos seus elementos. De facto, nos pontos de situação que propomos aqui analisar, muitas questões serão trazidas para o debate e obviamente que umas serão motivo de maior ênfase e outras serão mais ocultas embora não será descurada a sua importância, nem a predominância de umas perante as outras. Relembrando que as Jornadas Pedagógicas da FAUP e os Encontros de Tomar são institucionalmente distantes, mas contemporaneamente paralelos, é a acentuação de que uma Escola terá sido matriz para a outra e que agora as duas se encontram não só em debate, mas sobretudo em reflexão sobre o seu percurso.

Jornadas Pedagógicas - Faculdade de Arquitetura da Universidade do Porto

Na Faculdade de Arquitetura da Universidade do Porto a herança pedagógica e institucional perpetuará como a razão da identidade que se foi construindo ao longo dos anos. No entanto, a transição da ESBAP para a FAUP poderá ter esquecido algumas memórias que se tornariam proveitosas para uma separação mais pacífica, o que leva muitos a questionar, nomeadamente Alberto Carneiro, se não é “uma perda irremediável o afastamento físico da escola de arquitectura do espaço de Belas Artes?”⁵⁹. Alberto Carneiro, que em 1985 leciona Projeto e Desenho ao lado de Alves Costa, tem formação em Escultura, portanto é natural que defenda o relacionamento da Arquitetura com as Belas Artes. Nuno Almeida, um discente membro do Conselho Pedagógico da FAUP e presidente da Associação de Estudantes direciona as suas ponderações para o legado que originou a FAUP, evidenciando dois termos, a tradição e

⁵⁹ Alberto Carneiro, «Aprender Ensinando Sobre o Reflectido» (Jornadas Pedagógicas FAUP, Faculdade de Arquitetura da Universidade do Porto: Associação de Estudantes da Faculdade de Arquitetura da Universidade do Porto, 1995).

traição, logo “A evolução da Arquitectura é assim uma constante traição à tradição”⁶⁰. Deste modo, encaramos a transição da ESBAP para a FAUP como uma evolução que implica um corte com a tradição e isso nunca chegou a ser consumado. Isto é, manteve-se a ideia da escola-atelier, o que envolve uma prática pedagógica que não se abriu à cultura universitária e à multidisciplinaridade. “O ensino tradicional, também conhecido por “escola de mestre”, apresenta evidentes sinais de desgaste perante um mundo profundamente alterado”⁶¹, portanto a Escola precisa de ir além disso, deve ser questionada quotidianamente, porque assim entra numa fase evolutiva em vez de se elencar numa melancolia que só traz estagnação de um organismo que se quer vivo. Nuno Portas é também da opinião de que a Escola do Porto pode correr o risco “do imobilismo (ou rotina) que porventura se instala” e que futuramente irá afetar inúmeras questões como a de seguir um modelo patrocinado sem abrir margem para uma distanciação crítica.⁶² Factualmente cada arquiteto/professor leciona à imagem do modelo que aprendeu, nomeadamente a prática pedagógica da Escola do Porto, caso contrário é porque excepcionalmente foi capaz de implementar desvios ideológicos face à sua formação.

Por outro lado, é denunciada a não existência desse questionamento e debate ou confrontação sobre a prática pedagógica que cada um estabelece, o que não providencia a troca de ideias e reflexões e posteriores ajustes para que se apontasse a um futuro comum. Esses ajustes deveriam ser colmatados se o Plano de Estudos definisse *a priori* orientações que conciliassem uma ligação vertical e horizontal entre os anos e as disciplinas. Mesmo que o Plano de Estudos não fosse capaz de apontar tal configuração, os próprios docentes deveriam facultar essa possibilidade, já que:

“A inter-disciplinaridade tem de ser outro factor importante na vida lectiva e profissional, (como contrabalanço da particularização) devido ao surgimento de novos campos de estudo e à necessidade da total formação do arquitecto.”⁶³

⁶⁰ Nuno Almeida, «Tra(d)ição procura-se - “o fantasma do lugar”» (Jornadas Pedagógicas FAUP, Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto: Associação de Estudantes da Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto, 1995).

⁶¹ Nuno Tasso de Sousa, «A eficácia da aprendizagem - O Ensino Teórico» (Jornadas Pedagógicas FAUP, Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto: Associação de Estudantes da Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto, 1995).

⁶² Nuno Portas, «Arquitectura e Contexto - Notas de pedagogia crítica» (Jornadas Pedagógicas FAUP, Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto: Associação de Estudantes da Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto, 1995).

⁶³ Paulo Silvestre, «Sejamos realistas.» (Jornadas Pedagógicas FAUP, Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto: Associação de Estudantes da Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto, 1995).

Esta questão da interdisciplinaridade é acima de tudo um trabalho diário como defende Álvaro Siza.⁶⁴ Sem dúvida que uma formação multidisciplinar providenciaria uma pedagogia globalizante na qual não é requerida a contratação de mais docentes, apenas é essencial criar parcerias com as “outras faculdades para a prestação desses serviços nas suas premissas, hoje em dia bem próximas.”⁶⁵ A convergência de todas as disciplinas para um total comum deve prevalecer perante a existência de cada individualidade, porém deve existir a “capacidade de interrogar, de contínua abertura e espírito crítico, o oposto a Cartilha ou Sebenta ou Bíblia.”⁶⁶ Desta afirmação de Álvaro Siza ressaltam diversos temas retratados nas Jornadas. Por exemplo, António Madureira, então assistente na FAUP, reforça a posição de que a Escola não é exclusivamente o ensino de Projeto. Ele “é central e não se via necessário ou mesmo possível que deixasse de o ser”⁶⁷, mas também devia ser incluída a importância de História e Teoria que possibilita a abertura de ideologias e reflexões, o que originaria a Crítica, “É que antes da técnica pedagógica, o ensino é uma teoria reflexiva.”⁶⁸ Esta é também a visão da discente Bárbara Belo reforçando que a disciplina de Projeto é que traça a interdisciplinaridade disponível na Escola. Logo, a tentativa das outras disciplinas assegurarem a sua relevância traduz-se no aumento da carga horária e exigência de trabalho de maneira a que “A importância, dada pelos alunos, à classificação, sobrepõe-se à procura do conhecimento.”⁶⁹ Porém, esta necessidade de interrogação e abertura proposta por Álvaro Siza é requerida no próprio processo de aprendizagem, não só para complementar o Ensino em Arquitetura, mas também para abrir cada uma das disciplinas às matérias que lhe são inerentes.

“A arquitectura é uma arte que se aprende no plano da inteligência e da cultura e joga-se no âmbito do compromisso social.”⁷⁰

⁶⁴ Álvaro Siza Vieira, «Jornadas Pedagógicas» (Jornadas Pedagógicas FAUP, Faculdade de Arquitetura da Universidade do Porto: Associação de Estudantes da Faculdade de Arquitetura da Universidade do Porto, 1995).

⁶⁵ Nuno Tasso de Sousa, «A eficácia da aprendizagem - O Ensino Teórico».

⁶⁶ Álvaro Siza Vieira, «Jornadas Pedagógicas».

⁶⁷ António Madureira, «Para que arquitectos e que Ensino?» (Jornadas Pedagógicas FAUP, Faculdade de Arquitetura da Universidade do Porto: Associação de Estudantes da Faculdade de Arquitetura da Universidade do Porto, 1995).

⁶⁸ Jacinto Rodrigues, «Pistas Transitórias para uma Mudança na FAUP» (Jornadas Pedagógicas FAUP, Faculdade de Arquitetura da Universidade do Porto: Associação de Estudantes da Faculdade de Arquitetura da Universidade do Porto, 1995).

⁶⁹ Filipa de Castro Guerreiro (Jornadas Pedagógicas FAUP, Faculdade de Arquitetura da Universidade do Porto: Associação de Estudantes da Faculdade de Arquitetura da Universidade do Porto, 1995).

⁷⁰ Domingos Tavares, «Arquitectura não é um ofício» (Jornadas Pedagógicas FAUP, Faculdade de Arquitetura da Universidade do Porto: Associação de Estudantes da Faculdade de Arquitetura da Universidade do Porto, 1995).

Deste modo, deve encarar-se “a Escola como produtora de Cultura e não como produtora de profissionais”⁷¹, para isso deve-se alargar o alcance de Projeto e absorver diferentes perspetivas para que se atue criticamente em todas as frentes de modo a que “possuam, criem e defendam a Cultura, especialmente a Cultura Arquitectónica.”⁷² Logo, “o arquitecto é um dos maiores responsáveis pela transmissão de cultura.”⁷³ É certo que não compete “à Escola intervir no plano económico e muito menos financeiro”⁷⁴, mas ela pode ser parte integrante das decisões que definirão a Cultura Arquitectónica que referimos.

“O desenvolvimento do debate cultural leva-nos a pôr em causa algumas das nossas concepções da vida e encontrarmos hoje um panorama de aparente confusão quando tentamos centrar a discussão de um tema como o do ensino da arquitectura.”⁷⁵

Este seguimento conduz-nos a pensar na formação/profissão que nestes anos teve uma abertura desequilibrada, logo coloca-se a questão de qual Ensino deve ser proporcionado na Escola. Com a quantidade de cursos de Arquitectura que estão vigentes é possível perspetivar sobre um Ensino da Arquitectura com uma aproximação regionalista, isto é, “que se problematize, também, da eventual vantagem de uma adequação “regionalizada” de parte, maior ou menor, dos conteúdos pedagógicos da formação a proporcionar.”⁷⁶ Neste sentido, Pedro Baganha aponta que a Escola deve tentar difundir uma “abertura à cidade no âmbito da universidade, mostrando a sua produção e pondo-se à disposição para a discussão da cidade e da região em que se insere.”⁷⁷ Com estas palavras perspetivamos uma Escola com uma abordagem parecida a Ulm que despertou uma evolução da cidade, sociedade e da indústria apoiada pela pedagogia e pela influência do seu estabelecimento naquele território.

Obviamente que a Arquitectura ganhou outra abrangência em função destas novas valências, muitas das vezes despoletadas pelas questões que rodeiam a Escola como em Ulm. Face a isto,

⁷¹ António Madureira, «Para que arquitectos e que Ensino?»

⁷² Ibid.

⁷³ José Pulido Valente, «Como Construir Arquitectos» (Jornadas Pedagógicas FAUP, Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto: Associação de Estudantes da Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto, 1995).

⁷⁴ António Madureira, «Para que arquitectos e que Ensino?»

⁷⁵ Rui Braz Afonso (Jornadas Pedagógicas FAUP, Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto: Associação de Estudantes da Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto, 1995).

⁷⁶ Bernardo Ferrão (Jornadas Pedagógicas FAUP, Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto: Associação de Estudantes da Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto, 1995).

⁷⁷ Pedro Baganha, «A eficácia da aprendizagem - entre o compromisso e o isolamento» (Jornadas Pedagógicas FAUP, Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto: Associação de Estudantes da Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto, 1995).

as “saídas profissionais é uma questão sempre em aberto”⁷⁸, dependendo das mudanças sociais e também da “nossa vontade de maior participação na realidade que nos cerca”⁷⁹. Deste modo é certo que se tornaram mais dispersas a partir dos meados do século XX, pois os arquitetos passaram a assumir posições consideráveis nas questões do “planeamento, projecção e gestão urbana municipais e num paralelo processo duma, agora prometedora, regionalização, como também em actividades no âmbito da formação, da divulgação e investigação de áreas mono ou pluridisciplinares”⁸⁰. Do mesmo modo, estão encaminhados para alcançar outras posições que ultrapassa a cultura de projeto próprio, como a “acessoria, consultoria, coordenação e assistência técnica a projectos e obras de outros autores”⁸¹. Mesmo nos presentes dias a formação do arquiteto pressupõe que seja humanista, isto é, com grande conhecimento e cultura acerca dos temas circundantes à Arquitetura, porque é tido como uma personagem fulcral em praticamente todos os aspetos que envolve a sociedade.⁸²

Porém, face ao número de arquitetos que se perspectivava para a época e para o futuro, no discurso de António Madureira é compreensível que o arquiteto tenha de enveredar por outros temas inerentes e a Escola também tem a responsabilidade de os preparar. Sumariamente, o crescente número de Escolas de Arquitetura e de arquitetos, o que por conseguinte proporcionou e proporcionará o aumento de alunos⁸³, constitui facto para que muitos façam objeções quanto à qualidade do ensino. No entanto, essa condição quebra os dogmas da velha Escola e desperta uma maior participação de todos, elevando-a assim a uma qualidade superior.⁸⁴ Sendo a Escola o lugar onde nos encontramos para discutir Arquitetura e para aprender aquilo que não sabemos, porque a “Arquitetura não se ensina, aprende-se”⁸⁵, despontam as boas relações, nomeadamente professor/aluno ou mestre/aprendiz, que

⁷⁸ Pedro Brandão, «As prespectivas da diversificação nas saídas profissionais da arquitectura» (Jornadas Pedagógicas FAUP, Faculdade de Arquitetura da Universidade do Porto: Associação de Estudantes da Faculdade de Arquitetura da Universidade do Porto, 1995).

⁷⁹ Ibid.

⁸⁰ Bernardo Ferrão.

⁸¹ Ibid.

⁸² Sobre a posição do arquiteto na época ver Mario Botta, «A Imagem do Arquitecto Hoje» (Jornadas Pedagógicas FAUP, Faculdade de Arquitetura da Universidade do Porto: Associação de Estudantes da Faculdade de Arquitetura da Universidade do Porto, 1995).

⁸³ Sobre a questão do número de alunos e das diferentes abrangências que o curso de Arquitetura pode ter, sempre como paralelo a FAUL e a AAP (Associação dos Arquitetos Portugueses) e que foi debatida nas Jornadas Pedagógicas ver Nuno Portas (Jornadas Pedagógicas FAUP, Faculdade de Arquitetura da Universidade do Porto: Associação de Estudantes da Faculdade de Arquitetura da Universidade do Porto, 1995).

⁸⁴ Anni Günther, «Falando de Arquitectura ou too much of a good thing is... Wonderful!» (Jornadas Pedagógicas FAUP, Faculdade de Arquitetura da Universidade do Porto: Associação de Estudantes da Faculdade de Arquitetura da Universidade do Porto, 1995).

⁸⁵ Bernardo Ferrão.

principiam um ambiente frutífero para todos os elementos da Escola. Miguel Reimão⁸⁶ traz ao debate o exemplo da Faculdade de Arquitetura de Nápoles e mais genericamente Itália como situação oposta e que deve servir para reflexão. No seu discurso é perceptível inúmeras das questões referidas no início da presente dissertação que se apresenta quando a Escola de Arquitetura italiana se encontrava em manifestação e na ânsia de evolução perante as exigências da época. Do mesmo modo, a relação professor/aluno deverá ser suscitada por ambos na qual o docente com a sua experiência pode ser o motivador de uma procura própria do aluno, ao que Jorge Figueira menciona que “precisamos hoje mais de bons professores de arquitectura do que de bons arquitectos”⁸⁷.

“Assim albergando essa, a meu ver, mais eficaz postura docente, responsabilizando o estudante a partir da sua vontade real pela consolidação da sua intervenção prática e pela elaboração de uma sistematização de suporte na vertente teórica, seria possível reflectir a legitimidade do conceito “Escola”, enquanto instituição de carácter público, e formular o desenvolvimento de um organismo capaz de actuar no mais alargado campo operativo.”⁸⁸

Inevitavelmente que só existe Ensino se houver vontade de ensinar e de aprender⁸⁹, mas o diálogo é também uma base de conhecimento essencial para desencadear as mais distintas visões acerca do amanhã e desta forma formular uma resposta mais sólida, concreta e unificada. O diálogo e as discussões são algo intrínseco no quotidiano pois ajudam a formular o sentido teórico no debate da Arquitetura como a Crítica, ambas baseadas numa fundamentação que é a História. Alexandre Alves Costa arrasta para o debate uma parte dessa questão ao escrever que:

“Os instrumentos de reconhecimento do real chamam-se História, a Arte de Construir a sua transformação chama-se Arquitectura. Uma e outra fazem-se reciprocamente.”⁹⁰

⁸⁶ Miguel Reimão, «“A «Escola» daqui de poucos”» (Jornadas Pedagógicas FAUP, Faculdade de Arquitetura da Universidade do Porto: Associação de Estudantes da Faculdade de Arquitetura da Universidade do Porto, 1995).

⁸⁷ Jorge Figueira, «O ensino de arquitectura não é crítica de cinema - 5 desafios para a FAUP» (Jornadas Pedagógicas FAUP, Faculdade de Arquitetura da Universidade do Porto: Associação de Estudantes da Faculdade de Arquitetura da Universidade do Porto, 1995).

⁸⁸ Miguel Reimão, «“A «Escola» daqui de poucos”».

⁸⁹ Afirmação patente no texto de Pedro Costa em Pedro Campos Costa, «Perigosa SEDUÇÃO» (Jornadas Pedagógicas FAUP, Faculdade de Arquitetura da Universidade do Porto: Associação de Estudantes da Faculdade de Arquitetura da Universidade do Porto, 1995).

⁹⁰ Alexandre Alves Costa, «História e Arquitectura» (Jornadas Pedagógicas FAUP, Faculdade de Arquitetura da Universidade do Porto: Associação de Estudantes da Faculdade de Arquitetura da Universidade do Porto, 1995).

Da confluência das duas áreas citadas teremos a identidade cultural, na qual necessitamos de acrescentar “a intervenção arquitectónica e desenvolver a consciência popular patrimonial.”⁹¹ Estes serão os tempos vindouros, direcionados para a reabilitação e consciencialização do património e da História e não de requerer constantemente uma construção nova. Trata-se de trabalhar com o existente, evocando assim a importância de cada edifício. Então, Alves Costa lança diretrizes para uma melhor aproximação da Arquitetura a um restauro do património, porque defende que esse será o campo de trabalho do amanhã. Por outro lado, com a desatenção da Escola a estes pontos, arrisca-se a passar um saber desfasado da realidade operativa, como por exemplo a implementação da tecnologia no Ensino e na profissão como explicita Pedro Leão Neto.⁹²

Deste modo, conclui-se que a eficácia da resposta perante o hoje e o amanhã resultará da multidisciplinaridade e da eficiência da Escola, portanto não se pretende uma Escola unidirecional, mas sim uma de índole generalista como se vai defendendo ao longo das Jornadas Pedagógicas da FAUP. Logo, deve estar apta a perspetivar a “progressiva consolidação de uma escola “aberta” e “crítica””⁹³ ao que José Pulido Valente reforça que a construção dos arquitetos “obriga a que sejam generalistas.”⁹⁴ Perceber qual é o papel do arquiteto no final do século XX, é necessariamente clarificar as discordâncias entre “ensino tecnológico e ensino artístico, entre a dominante praticista e a dominante cultural”⁹⁵ e para tal também serve o Plano de Estudos como regulador dos vários sentidos e dissonâncias que a Escola pode ter.

Se a definição do curso se centra sobretudo no Plano de Estudos, as Jornadas também o debatem com vista a uma evolução da Escola e da sua pedagogia e de modo a que possa ser uma ligação da Escola ao Meio como defende Jacinto Rodrigues.⁹⁶ Nas diversas questões trazidas para reflexão os discursos são objetivos mas brandos e dissimulados, embora quando se trata do Plano de Estudos as objeções tornam-se apontadas e com vista a uma rápida resolução. Por exemplo, Bernardo Ferrão expõe que a escolha de docentes deve ser consensual com a disciplina, de maneira a que garanta os objetivos da mesma. Posteriormente, deve

⁹¹ Ibid.

⁹² Pedro Leão Neto, «A influência dos novos instrumentos tecnológicos nas linguagens arquitectónicas» (Jornadas Pedagógicas FAUP, Faculdade de Arquitetura da Universidade do Porto: Associação de Estudantes da Faculdade de Arquitetura da Universidade do Porto, 1995).

⁹³ Bernardo Ferrão.

⁹⁴ José Pulido Valente, «Como Construir Arquitectos».

⁹⁵ Domingos Tavares, «Arquitectura não é um ofício».

⁹⁶ Jacinto Rodrigues, «Pistas Transitórias para uma Mudança na FAUP».

exponenciar a articulação entre o Plano de Estudos que será encarregue de definir conteúdos que servirão de base para os docentes. Então é necessário “um posicionamento, uma atitude e uma partilha de juízos”⁹⁷, isto é, requer-se “o óbvio: o ensino de uma capacidade de adaptação, recontextualização e interdisciplinaridade.”⁹⁸ Por outro lado, existem alienações que não são concordantes como a posição da Geometria, sendo os próprios docentes denunciadores de tal situação.⁹⁹ Tentam-na posicionar numa relação entre Teoria, Projeto e Desenho já que se encontrava na área da Construção, o que provoca “uma ruptura com as áreas e as disciplinas que, pelos seus objectivos programáticos, lhe estão próximas.”¹⁰⁰

No âmbito da disciplina de Construção que para José Gigante é “uma área de conhecimento cuja debilidade no curriculum escolar é consensualmente reconhecida”¹⁰¹, deve-se optar por um percurso acertado já que a Construção não é uma ciência já que a queriam denominar de “Ciências da Construção”, mas também o seu conteúdo não é exclusivamente “Pormenorização”. Sem dúvida, a Construção é um saber simbiótico à Arquitetura de maneira que nunca pode ser quebrada a sua ligação com Projeto. Deste modo, José Gigante pretende aqui lançar uma sensibilização ao lugar da Construção, porque além de ser praticada também precisa de ser teorizada para se afirmar no campo das disciplinas que se integram o universo de Projeto. Porém, é requerido um olhar às disciplinas para que Projeto não seja priorizada e as restantes secundarizadas, o que decorre ainda da herança Escola do Porto como denuncia Nuno Tasso de Sousa.¹⁰²

A ideia de Projeto que a Escola do Porto configurou não se designa apenas por um bom projeto final, mas também que o processo e/ou caminho desenvolvido seja de boa qualidade. Questão que também é refletida no Plano de Estudos já que estabelece uma divisão na formação, “os primeiros dois anos do Curso e os quatro restantes. Entre o discurso do método e das

⁹⁷ Vitor da Silva, «O ensino do Desenho de Arquitectura na FAUP» (Jornadas Pedagógicas FAUP, Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto: Associação de Estudantes da Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto, 1995).

⁹⁸ Joaquim Moreno (Jornadas Pedagógicas FAUP, Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto: Associação de Estudantes da Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto, 1995).

⁹⁹ Docentes de Geometria, «Acerca do lugar que a disciplina de Geometria ocupa no curso de Arquitectura (FAUP)» (Jornadas Pedagógicas FAUP, Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto: Associação de Estudantes da Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto, 1995).

¹⁰⁰ Ibid.

¹⁰¹ José Gigante, «O ensino da construção na prática de projecto» (Jornadas Pedagógicas FAUP, Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto: Associação de Estudantes da Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto, 1995).- Texto apresentado inicialmente nos Encontros de Tomar – I Encontro sobre o Ensino da Arquitectura na Universidade de Coimbra em Março de 1995.

¹⁰² Nuno Tasso de Sousa, «A eficácia da aprendizagem - O Ensino Teórico».

ferramentas, e o discurso da aproximação à prática profissional.”¹⁰³ ¹⁰⁴ Na sequência desta visão, coloca-se a mesma interrogação que Olga Quintanilha: O estágio será um instrumento pedagógico ou um acesso à profissão?¹⁰⁵

Então perspetivamos que o próprio Curso, incluindo o estágio, é o processo até chegar à prática profissional. Além disso, a disciplina de Projeto ao longo dos anos adota uma dificuldade crescente de modo a que seja uma situação evolutiva e aproximada à realidade com um sentido didático-pedagógico, que culmina no estágio visto como a transição da pedagogia para a profissão. Dependendo das situações, o estágio será a concentração das duas definições, ou seja, um instrumento pedagógico para o acesso à profissão.

É um facto de que a Escola do Porto e o seu ensino nasceram a partir da prática profissional, no entanto a FAUP caiu numa “marginalidade e isolamento (..) enquanto Instituição e enquanto grupo”¹⁰⁶ e isto são problemas já denunciados por Nuno Portas em 1986 em que é requerida uma resposta senão a FAUP será apenas um edifício e não uma Escola como refere Luís Soares Carneiro. Um pouco por todo o debate protagonizado nas Jornadas Pedagógicas, as objeções são direccionadas para o sentido universitário que o curso de Arquitetura no Porto adquiriu, mas que ainda não se revelou levando o discente André Carinha Tavares a afirmar “que não se sabe concretamente que ensino existe nesta escola”¹⁰⁷. É evidente a sombra que a ESBAP e o seu ensino cria sobre a FAUP, no entanto existe um receio de arriscar uma evolução perante uma identidade como a Escola do Porto. Portanto, as Jornadas Pedagógicas da FAUP foram o momento de viragem de todas as questões aqui identificadas, debatidas, refletidas e solucionadas como veremos em *O resultado de uma investida*¹⁰⁸.

¹⁰³ Francisco Barata, «Os Mestres estão a acabar, e as sebatas ainda não chegaram.» (Jornadas Pedagógicas FAUP, Faculdade de Arquitetura da Universidade do Porto: Associação de Estudantes da Faculdade de Arquitetura da Universidade do Porto, 1995).

¹⁰⁴ Sobre a divisão do curso e as suas pretensões ver Filipe Almeida Santos, «Para uma Utopia, ou, Admirável Curso Novo» (Jornadas Pedagógicas FAUP, Faculdade de Arquitetura da Universidade do Porto: Associação de Estudantes da Faculdade de Arquitetura da Universidade do Porto, 1995).

¹⁰⁵ Olga Quintanilha, «A eficácia da aprendizagem - Estágio como instrumento pedagógico ou como acesso à profissão?» (Jornadas Pedagógicas FAUP, Faculdade de Arquitetura da Universidade do Porto: Associação de Estudantes da Faculdade de Arquitetura da Universidade do Porto, 1995).

¹⁰⁶ Luís Soares Carneiro (Jornadas Pedagógicas FAUP, Faculdade de Arquitetura da Universidade do Porto: Associação de Estudantes da Faculdade de Arquitetura da Universidade do Porto, 1995).

¹⁰⁷ André Carinha Tavares, «Uma visão gestáltica numa tarde de Outono» (Jornadas Pedagógicas FAUP, Faculdade de Arquitetura da Universidade do Porto: Associação de Estudantes da Faculdade de Arquitetura da Universidade do Porto, 1995).

¹⁰⁸ Subcapítulo do Capítulo 3 do presente trabalho.

Até este debate que ocorreu na FAUP chegam outras considerações, particularmente de Itália com Giancarlo Carnevale¹⁰⁹ e Paolo Merlini¹¹⁰ (Instituto Universitário de Arquitetura de Veneza), da Suíça por Luigi Snozzi¹¹¹ (professores na Escola Politécnica Federal de Lausanne) e Mario Botta¹¹² (professor na Academia de Arquitetura de Ticino) e da Bélgica por Thierry Découpierre¹¹³ (estudante do Instituto Vitor Horta de Bruxelas).

Dentro de uma perspetiva nacional, Jorge Figueira apresenta reflexões de outro ponto de situação que se realizou na Universidade de Coimbra com vista a refletir sobre o Ensino da Arquitetura. Como anteriormente descrito, a fixação da Licenciatura em Arquitetura em Coimbra foi apoiada pela “intervenção de um grupo de Professores da FAUP”¹¹⁴. Neste seguimento, mesmo que as Jornadas Pedagógicas tenham surgido poucos meses após os Encontros de Tomar, resta-nos retroceder temporalmente e analisar os instantes que tentaram encerrar um período em que “uma série de equívocos punham em causa a sua legibilidade enquanto curso de Arquitectura”¹¹⁵ vigente na Universidade de Coimbra.

Encontros de Tomar – Encontros sobre o Ensino da Arquitetura na Universidade de Coimbra

As vicissitudes que a Licenciatura em Arquitetura ultrapassou em Coimbra serviram de fomentação para que se objetivasse uma afirmação e uma evolução com vista a protagonizar a assumida “terceira via” no ensino da arquitectura”¹¹⁶. De facto, o curso começou com inúmeros percalços, a partir dos quais perspetivámos que as ações daí decorrentes foram os

¹⁰⁹ Giancarlo Carnevale, «Do valor Do conhecimento Do Valor...» (Jornadas Pedagógicas FAUP, Faculdade de Arquitetura da Universidade do Porto: Associação de Estudantes da Faculdade de Arquitetura da Universidade do Porto, 1995).

¹¹⁰ Paolo Merlini, «A necessidade de mudar - Primeiras reflexões sobre a experiência dos laboratórios de projectação de Veneza» (Jornadas Pedagógicas FAUP, Faculdade de Arquitetura da Universidade do Porto: Associação de Estudantes da Faculdade de Arquitetura da Universidade do Porto, 1995).

¹¹¹ Luigi Snozzi, «Princípios didácticos» (Jornadas Pedagógicas FAUP, Faculdade de Arquitetura da Universidade do Porto: Associação de Estudantes da Faculdade de Arquitetura da Universidade do Porto, 1995).

¹¹² Mario Botta, «A Imagem do Arquitecto Hoje».

¹¹³ Thierry Découpierre, «A dúvida como matéria prima...» (Jornadas Pedagógicas FAUP, Faculdade de Arquitetura da Universidade do Porto: Associação de Estudantes da Faculdade de Arquitetura da Universidade do Porto, 1995).

¹¹⁴ Departamento de Arquitetura da Faculdade de Ciências e Tecnologias da Universidade de Coimbra, «Notas sobre o I Encontro sobre o Ensino da Arquitectura na Universidade de Coimbra» (Jornadas Pedagógicas FAUP, Faculdade de Arquitetura da Universidade do Porto: Associação de Estudantes da Faculdade de Arquitetura da Universidade do Porto, 1995).

¹¹⁵ Ibid.

¹¹⁶ Comissão Organizadora, *Encontros de Tomar : I Encontro sobre o Ensino da Arquitectura na Universidade de Coimbra*, 19.

pontos fulcrais para que o estabelecimento do curso em Coimbra nunca fosse descurado. Evidenciamos as ações já referidas, como as palavras de João Mendes Ribeiro em 1989 que foram o despertar para as debilidades inatas do curso, o que encaminhou Fernando Távora e demais arquitetos para a Escola.

Após os anos iniciais “tinham-se formado os primeiros licenciados”¹¹⁷, portanto a Escola havia chegado ao seu primeiro objetivo. O percurso foi conturbado, mas neste momento pensava-se numa perspetiva futura e evolutiva. Neste seguimento, surge a intenção de afirmar um espaço de debate sobre o Ensino da Arquitetura que, mais do que confrontar e discutir ideias, serviu sobretudo para demonstrar a existência de uma Escola e de um projeto pedagógico que queria assumir o compromisso de ensinar Arquitetura. Então em Março de 1995 inicia-se o 1º Encontro de Tomar, adquirindo o nome da cidade onde foi realizado, mas também pela memória dos Encontros de Tomar dos anos 1960. Este momento traduzia um campo de reflexão sobre a crise que a Escola atravessou e atravessava, onde se procedeu à identificação das questões que requeriam clarificação, porque tal como nas Jornadas Pedagógicas a crise interna é suscitadora destas ações.

Evidentemente que um dos problemas que o Departamento de Arquitetura da Universidade de Coimbra registou no início foi a debilidade do corpo docente. Nesses primeiros anos, o grupo de professores é instável e caracterizado pelo elevado número de assistentes, maioritariamente jovens arquitetos. No entanto, também leva o Departamento a providenciar um percurso a cada um deles, nomeadamente para uma carreira na docência ou na investigação. Esta questão entra no debate, porque:

“Para o ensino é necessário conseguir comunicar “Arquitectura” pelos meios mais concorrentes da comunicação: a fala e a escrita.”¹¹⁸

Deste modo, o Centro de Estudos viria em parte colmatar este problema, já que estes docentes seriam capazes de garantir o seu percurso na instituição e construir um grupo teórico e crítico apto a criar bases de investigação. Por outro lado, se havia professores com notoriedade eram do Porto, logo “outro dos problemas, se não apenas um facto, é precisamente a “colagem” que a opinião pública faz do curso à “escola do Porto””¹¹⁹. Defendemos anteriormente que o Plano de Estudos de 1992/1993 espelha a influência que o grupo do Porto teve no Departamento,

¹¹⁷ Ibid., 7.

¹¹⁸ Ibid., 17.

¹¹⁹ Ibid., 14.

embora antes dessa chegada existisse uma matriz marcada pela “excessiva autonomia das áreas disciplinares, quando o que se pretende é a autonomia de cada disciplina e o seu equilíbrio.”¹²⁰ Neste seguimento, a contemporaneidade requeria um novo caminho para a arquitetura e para o seu ensino, abrindo assim dois temas largamente debatidos, a dimensão ética do arquiteto e a multidisciplinaridade da arquitetura e do curso. A dimensão ética terá sempre de ser apoiada pela multidisciplinaridade, isto é, de um conhecimento alargado em que seja viável estabelecer questões com um domínio crítico e moral perante os desafios que a sociedade lhe coloca. Este será um fator preponderante que parte desde a formação, porque os desafios serão quotidianamente mais complexos e solicitam respostas cada vez mais apontadas. É um facto que as duas Escolas de Arquitetura aqui aprofundadas devem estabelecer ligações com o exterior, sobretudo com o espaço/cidade que a acolhe sendo um contributo para o seu desenvolvimento. Do mesmo modo, poderá ser o “campo experimental” para os exercícios da Escola despoletando uma aproximação real às questões intrínsecas da Arquitetura, desde a cidade à habitação, porque nem sempre se pode exercitar Arquitetura em territórios imagináveis. Posto isto, a ética do arquiteto também deverá ser incluída nessa aproximação já que deve ser estabelecida uma formação que se quer humanista de modo a configurar uma interpretação da sociedade e dos seus dilemas reais. Assim, o curso terá de reunir uma multidisciplinaridade que a integração na Universidade pretende potenciar, tal como foi debatido nas Jornadas Pedagógicas.

Walter Rossa, relator da 1ª Sessão, escreve que João Paulo Cardielos dirige o seu discurso para as áreas acessórias a Projeto como História, Geografia ou Planeamento. Do mesmo modo, o tema reúne o consenso de muitos dos presentes sendo assumido que Projeto desempenha uma posição determinante na Escola. O relato é explícito ao dizer que:

“Todavia, neste processo, as disciplinas periféricas devem assumir-se com um grau de importância semelhante ao projecto, não havendo dúvidas que todas as matérias são tão importantes como...; independentemente das questões de ordem prática, ou seja do tempo que lhes é dedicado.”¹²¹

Esta abordagem das áreas complementares, deve ser exponenciada ao longo do curso e não no último ano, caso contrário o aluno corre o risco de não conseguir criar a ligação necessária entres as disciplinas. Por exemplo, para a disciplina de Planeamento Físico é solicitada uma

¹²⁰ Ibid.

¹²¹ Ibid., 22.

iniciação em anos anteriores que providencie a introdução de conceitos para uma melhor aceitação por parte dos alunos. Além disso, a disciplina é de opção o que não garante a possibilidade de todos compreenderem a efetiva relação com Projeto.

O Projeto será tomado ao longo do debate como a espinha dorsal tanto do curso de Coimbra como do Porto. Todavia, Alexandre Alves Costa clarifica que em Arquitetura existe “matéria ensinável, mas também matéria exercitável”¹²². Embora não descurando que existam disciplinas que contenham as duas valências, o entendimento é que Projeto será mais uma “matéria exercitável” do que “matéria ensinável”. Por outro lado, perspectiva uma ligação entre os vários anos de Projeto, um pouco à imagem daquilo que seria defendido nas Jornadas. No entanto, Domingos Tavares refere que a Construção ajudaria nessa ligação assim como teria uma gradação evolutiva que acompanharia Projeto. Sendo duas disciplinas autónomas, mas com o objetivo de serem substância essencial da Arquitetura, é necessário desmitificar a posição de ambas. Do ponto de vista teórico, percebe-se que possa ser admitida uma certa separação, quanto à prática as opiniões dividem-se. De facto, os conteúdos que tentam lecionar devem em determinados pontos diluir-se entre si, porque só assim será consumada uma elevação das duas disciplinas.

“Creio que, no entanto, haverá em Coimbra melhores condições do que no Porto para ultrapassar esta questão. Pelo menos, parece-me existir uma maior disponibilidade para aceitar que o professor de Projecto deverá ter uma visão o mais abrangente possível.”¹²³

As palavras de José Gigante são provenientes das duas posições que já assumiu, isto é, professor de Projeto e Construção na FAUP e no Departamento. O autor apresenta a mesma comunicação nos dois pontos de situação aqui referidos, o que factualmente demonstra o mesmo problema nos dois cursos.¹²⁴ Devido ao seu percurso é capaz de fazer a conjugação das duas posições enquanto docente, embora defenda que “a Construção deveria aparecer logo no início do Curso como uma “Introdução à Construção”, inclusivamente interessada em relações

¹²² Ibid., 23.

¹²³ Ibid., 28.

¹²⁴ José Gigante, «O lugar da Construção», em *Encontros de Tomar : I Encontro sobre o Ensino da Arquitectura na Universidade de Coimbra* (Coimbra: EDARQ-Edições do Departamento de Arquitectura, 1997), 63 a 70.

de trabalho com outras disciplinas como, por exemplo, a Teoria e a História.”¹²⁵ Porventura, a não existência de uma disciplina de Estruturas é também uma lacuna a colmatar.

Em relação à História da Arquitetura, Paulo Varela Gomes define-a “como uma disciplina teórica diferente tanto do projecto como da história da Arte, afirmando que essa disciplina tinha ganho autonomia e métodos próprios nas últimas décadas, como é exemplo maior o curso organizado em Veneza por Manfredo Tafuri.”¹²⁶ O lugar da Teoria será também defendido como autónomo, contudo a visão que conseguimos retirar é que todas as disciplinas são autónomas nos diversos aspetos, desde a avaliação até ao programa, porém devem proporcionar uma ligação às demais de maneira a que possa ser traçada uma linha de interdisciplinaridade vertical e horizontal no Plano de Estudos.

“A Teoria, como campo autónomo, não deve ceder à tentação de se virar para a história das teorias e deve manter a sua especificidade.”¹²⁷

No entanto, Jorge Figueira afirma que a Teoria é a pluralidade das teorias e portanto dependendo dos objetivos encaminha-nos para uma perspectiva de que a Teoria como modo de discurso e pensamento sobre os seus conteúdos, é transversal a todas as disciplinas. Reis Cabrita através das suas próprias reflexões cria vínculos e define propósitos para a disciplina de Teoria no curso de Coimbra, objetivando uma reorganização nos anos em que é lecionada, 3º e 4º ano. Além de elencar os vários parâmetros suscetíveis de serem alcançados, tal como a avaliação da disciplina, também perspectiva um aumento do corpo docente para a Teoria.¹²⁸

Teoria, História, Projeto e Construção serão as áreas e/ou disciplinas mais debatidas no 1º Encontro de Tomar e mesmo Mário Krüger, para definir a interdisciplinaridade entre si, teoriza vários exemplos da História através de projetos e situações sobre a Construção de forma a compreender uma evolução.¹²⁹

¹²⁵ Comissão Organizadora, *Encontros de Tomar : I Encontro sobre o Ensino da Arquitectura na Universidade de Coimbra*, 29.

¹²⁶ *Ibid.*, 39.

¹²⁷ *Ibid.*, 40.

¹²⁸ António Reis Cabrita, «Breve reflexão sobre a teoria no curso de arquitectura», em *Encontros de Tomar : I Encontro sobre o Ensino da Arquitectura na Universidade de Coimbra* (Coimbra: EDARQ-Edições do Departamento de Arquitectura, 1997), 71 a 75.

¹²⁹ Mário Krüger, «A formação técnica e as autonomias disciplinares. O lugar da construção», em *Encontros de Tomar : I Encontro sobre o Ensino da Arquitectura na Universidade de Coimbra* (Coimbra: EDARQ-Edições do Departamento de Arquitectura, 1997), 47 a 62.

O lançamento destas questões conduz Gonçalo Byrne a requerer que se esclareça quais os objetivos do curso, porque até então está definido como abrangente nos primeiros anos na qual inclui o Desenho, a História da Arte ou a Introdução aos Computadores e Programação e central nos restantes anos, perspetivando que através de disciplinas como Urbanologia, Planeamento Físico ou Construção será viável demarcar uma convergência para Projeto.

Na realidade, o debate e as reflexões tinham sido frutíferos, mas tinha contado apenas com a participação massiva dos docentes e não dos alunos. De facto, é compreensível essa ausência porque se as Jornadas Pedagógicas iriam ser convocadas pela Associação de Estudantes e apoiada pelo corpo docente, em Coimbra ainda não havia esses elementos de representação estudantil, os quais iriam surgir ao longo do tempo, ainda que tenham estado presentes alguns estudantes. O 1º Encontro de Tomar concluiu-se com a intenção de que tinha de voltar novamente com novas reflexões, considerações e sobretudo com objetividade para continuar a definir a evolução da Licenciatura em Arquitetura na Universidade de Coimbra.

Neste seguimento, o 2º Encontro de Tomar surge de 6 a 8 de Junho de 1997 no Colégio das Artes, no qual “abordaram-se três frentes da consolidação institucional do Darq, genericamente definidas como questões de ordem científica, pedagógica e administrativa.”¹³⁰ Portanto, propomos uma tripartição na abordagem a este Encontro, objetivando o destaque dos momentos mais importantes do debate. O foco deste Encontro nestas questões deriva de uma noção de estabilização que o Departamento necessita visto que tem quase uma década de funcionamento. A sua continuidade mostra a maturidade que a Escola conquistava, já que neste Encontro existiu uma Ordem de Trabalhos que conduziu o debate para as questões predominantes suscetíveis de um olhar mais aprofundado. Também serviu como retoma da discussão de vários assuntos do 1º Encontro de Tomar, porque ao longo da dissertação sempre vimos o debate na Escola como uma continuidade.

Deste modo, “as questões de ordem científica” recaem sobre a Investigação na Escola, os seus investigadores, que podem protagonizar carreiras de investigação, ao que Mário Krüger refere que “poderão ser consideradas prematuras nesta fase mas deverão ser, desde já, incentivadas” e novamente sobre o Centro de Estudos que deve ser visto como aglutinador de experiências

¹³⁰ Rui Pedro Lobo, «[a propósito da edição das actas dos encontros]», *ECDJ 2**, Junho de 2000, 3.

e vias de trabalho em vez de “sobreposição de competências”¹³¹. De facto, o próprio Mário Krüger será o elemento para despoletar o sentido de Investigação da Escola devido ao seu percurso pelo *Centre for Land Use and Built Form Studies* (LUFBS) fundado por Leslie Martin. No entanto, a possibilidade de abrir vias de investigação a outras áreas inerentes é discutida, nomeadamente em História da Arquitectura em que Alexandre Alves Costa defende que “não pode ser dissociada da crítica e da teoria da arquitectura.”¹³²

Evidentemente que também são lançadas outras propostas para linhas de investigação como Desenho ou mesmo em pedagogia de arquitectura referida por António Olaio e que Raúl Hestnes Ferreira refuta dizendo que a pedagogia “funciona como um registo de experiências e não como uma linha de investigação.”¹³³ No âmbito de que a pedagogia são anotações de experiências e exponenciando a ligação com as “questões de ordem pedagógica” é citado “Luis Khan [sic]: “a escola é o que a escola quer ser.”¹³⁴ E nas palavras de Jorge Figueira, esta Escola de Arquitectura em Coimbra “deve assumir o desafio de contribuir para uma indispensável renovação do ensino da arquitectura em Portugal.”¹³⁵ Para que tal seja profetizado é necessário uma reformulação do Plano de Estudos em que José Gigante defende que também seria uma mostra de autonomia do Departamento. Prontamente, Domingos Tavares propõe a extinção da Matemática sendo o passo para a emancipação daquilo que o curso era inicialmente.

“Na consciência que a arquitectura se joga *entre* o empirismo e o saber científico, (...) o Departamento de Arquitectura deve assumir a responsabilidade de livrar-se de tudo aquilo que obscurece esta delicada condição, e chamar a si as matérias que a podem construir e esclarecer.”¹³⁶

No entanto, existem acordos e direitos sobre a integração na FCTUC em que se pressupõe uma relação com algumas áreas específicas. De facto, a proposta de Alexandre Alves Costa para a alteração do Plano de Estudos¹³⁷ acaba com as Físicas e a Matemática e presume mudança de nomenclaturas, assim como avanços e recuos de disciplinas como Construção que seria

¹³¹ Mário Krüger, «[questões de ordem científica]», *ECDJ 2**, Junho de 2000, 35.

¹³² «encontros de tomar 2 | actas», *ECDJ 2**, Junho de 2000, 5.

¹³³ *Ibid.*, 6.

¹³⁴ *Ibid.*, 7.

¹³⁵ Jorge Figueira, «[4 Debates Emergentes no Contexto do Segundo Encontro de Tomar, em Coimbra]», *ECDJ 2**, Junho de 2000, 38.

¹³⁶ *Ibid.*, 42.

¹³⁷ Sobre a proposta de alteração ver «encontros de tomar 2 | actas», 9.

leccionada a partir do 2º ano, Geografia que passaria do 3º para o 1º ano e a inclusão de disciplinas como a Antropologia. Relativamente à Matemática, Gonçalo Byrne alerta para o perigo desse corte, sendo mais cauteloso torná-la opcional em vez de uma substituição direta pela Filosofia como foi proposto, do mesmo modo essa substituição poderia ser por uma disciplina na área da Sociologia e não de Filosofia. A introdução do CAD na Escola e no Plano de Estudos também deve ser ponderada, porque “os meios informáticos de apoio ao Projecto, como a modelação e a visualização, são investimentos importantes de grandes escolas de arquitectura.”¹³⁸ No entanto, José Carlos Teixeira desperta o facto de que não se pode interpretar CAD como sendo o AutoCAD, são questões muito diferentes e fundamentalmente trata-se de um método de representação e não de desenho.

É um facto perceptível na leitura das atas que Alexandre Alves Costa como condutor do debate, por várias vezes tenta ressuscitar a discussão sobre Projeto. Jorge Figueira denuncia que “ninguém sabe muito bem quais são as características das diversas cadeiras de Projeto. (...) Há também os diferentes níveis de exigência de ano para ano. O que se ganhava era o aprofundamento do programa de cada ano. Tem de haver um compromisso maior em relação aos programas.”¹³⁹ Também em Projeto é necessária uma disposição para discutir as datas e os momentos das entregas e dos trabalhos. Por exemplo, é proposto por Mário Bento a alteração do horário das aulas de Projeto da manhã para a tarde, e o facto é que passados vinte anos as aulas de Projeto decorrem à tarde. Seguidamente, é requerida uma maior abertura e opções para o 5º ano, porque Projeto é tomado como o *workshop* que começa a protagonizar a aproximação à prática profissional. Na mesma linha de pensamento, a Prova Final será o culminar do processo pedagógico do aluno em que merece um olhar às questões e ao processo de avaliação que nunca foram discutidos.

Na questão administrativa, as exigências direcionam-se para as instalações, nomeadamente para os gabinetes dos docentes e para as lacunas patentes na Biblioteca que “é contraditório com a dinâmica que se pretende implementar.”¹⁴⁰

A falta de presença de estudantes neste Encontro é tida em conta pelos docentes, principalmente constatada por Raúl Hestnes Ferreira e por Jorge Figueira. Percebe-se o seu descontentamento já que foi um dos alunos capazes de assumirem uma posição crítica e de

¹³⁸ Ibid., 12.

¹³⁹ Ibid., 13.

¹⁴⁰ Ibid., 19.

questionamento na transição da ESBAP – FAUP. Também Domingos Tavares relembra que os debates deviam ser do interesse e conhecimento de todos, particularmente dos estudantes que estiveram ausentes. Face ao entusiasmo com que este Encontro foi debatido e à confirmação de não terem conseguido encerrar todas as questões, Alexandre Alves Costa antecipa-se e lança o 3º Encontro de Tomar ao dizer que:

“Poderíamos considerar que isto foi a primeira parte de um encontro que seria retomado no princípio do próximo ano lectivo.”¹⁴¹

O 3º Encontro de Tomar, realizado em Tomar de 6 a 8 de Junho de 1998, vem divulgar que a *Escola de Arquitetura em debate* é uma constante que afirma o sentido de crise perpétua como descreve Rosa Bandeirinha.¹⁴² O convite feito e a presença assinalada do recém-criado curso de Arquitetura na Universidade do Minho revela que esta Escola de Coimbra é já um ponto de partida para outras, assim como outras foram para esta. Comprovando a importância que estes Encontros têm para o Departamento, o debate é aberto com a colocação de uma questão situacional (não de lugar-espço) por José António Bandeirinha acerca destes momentos de reflexão. Concretamente, os debates terão um carácter institucional e vinculativo ou continuarão como um paralelo livre capaz de proporcionar um espaço de debate acerca do futuro do Departamento? A resposta é subentendida por todos quando Alexandre Alves Costa refere que os Encontros:

“São a principal força e dinâmica do Departamento. (...) O Departamento somos nós. Enquanto tivermos a generosidade de virmos passar dois dias a Tomar. (...) Quem define a estratégia do Darq são os Encontros de Tomar. Estou optimista.”¹⁴³

Na realidade este Encontro será também definidor da estratégia do Departamento, porque é apresentada uma proposta para o Plano de Estudos¹⁴⁴ que será refletida e debatida, resultando numa aprovação¹⁴⁵ que será implementada. Contudo, até chegar a uma unanimidade que

¹⁴¹ Ibid., 20.

¹⁴² Rosa Bandeirinha, «O Limiar do Claustro - Origens e práticas do Departamento de Arquitetura de Coimbra», 21.

¹⁴³ «encontros de tomar 3 | actas», *ECDJ 2**, Junho de 2000, 46 e 47.

¹⁴⁴ «[proposta de alteração do plano de estudos licenciatura em arquitectura - proposto a debate]», *ECDJ 2**, Junho de 2000, 60 e 61.

¹⁴⁵ «[proposta de alteração do plano de estudos - proposta de alteração aprovada]», *ECDJ 2**, Junho de 2000, 62 e 63.

aprovasse o Plano de Estudos desenvolvem-se novamente reflexões sobre algumas áreas, nomeadamente o Urbanismo em que alguns defendem que não está devidamente presente num curso que é de Arquitetura, desenvolvendo-se posteriormente várias considerações quanto ao lugar que será desempenhado pela Geografia, quais os anos em que será lecionada e quais os seus objetivos. Acerca da Construção, que sempre foi uma das áreas mais reivindicadas, José Gigante propõe uma nova sequência, e com esta proposta e aprovação essa área terá uma cobertura em praticamente todo o curso, desde o 2º ao 5º ano. Por outro lado, retoma-se a discussão em torno de Desenho, sucintamente quanto à sua posição, a confrontação do Desenho manual *versus* Desenho Assistido por Computador, se o Desenho é uma área científica e se Geometria poderá ser incluída nessa área. As opiniões divergem mais uma vez. António Olaio, defende que “o Desenho não deve ser uma área “emprestada pelas Belas Artes””¹⁴⁶, logo o Desenho em Arquitetura será distinto do das Belas Artes. Para a questão do Desenho Assistido por Computador (C.A.D), Adelino Gonçalves que no seu artigo¹⁴⁷ propõe denominar por Projecto assistido por Computador (P.A.C), entende que “o CAD não tem conteúdo programático. Deveria fazer parte de uma disciplina de desenho ou geometria.”¹⁴⁸ A ligação da Geometria ao Desenho ou à área de Arquitetura é refutada por Vítor Murtinho, porque a disciplina “não são apenas cânones compositivos e traçados reguladores. Não é por isso que deve pertencer a uma área ou outra.”¹⁴⁹ No entanto, na proposta do Plano de Estudos apresentada a debate, a Geometria está como parte integrante da área Arquitetura e no Plano de Estudos que é aprovado já se encontra na área de Desenho.¹⁵⁰ Quanto à questão de o Desenho constituir uma área científica, Jorge Figueira continua a afirmar que, para que tal aconteça, o Desenho terá de ter uma profundidade teórica que, subentende-se, será difícil encontrá-la sem o apoio de outra área e/ou disciplina.

Ao longo do Encontro existe a afirmação de várias posições, porque propicia essa abertura e José António Bandeirinha demonstra estar a favor das propostas apresentadas, referindo que “a alteração parece-me pacífica. Penso que estamos a caminhar para uma “espinha dorsal” coerente.”¹⁵¹ Porém, Jorge Figueira inquieta-se com as intenções colocadas no Plano de Estudos e os desenvolvimentos que este pode e deve desencadear, dizendo que:

¹⁴⁶ «encontros de tomar 3 | actas», 51.

¹⁴⁷ Adelino Gonçalves, «[assalto ao c.a.d.]», *ECDJ 2**, Junho de 2000.

¹⁴⁸ «encontros de tomar 3 | actas», 54.

¹⁴⁹ *Ibid.*, 52.

¹⁵⁰ Constatar esta mudança em «[proposta de alteração do plano de estudos licenciatura em arquitectura - proposto a debate]», 60 e «[proposta de alteração do plano de estudos - proposta de alteração aprovada]», 62.

¹⁵¹ «encontros de tomar 3 | actas», 48.

CONSTRUIR UMA ESCOLA | O APOIO DE ARQUITECTURA NO COLÉGIO DAS ARTES | ARTE

BARCO | FCTUC

encontros
de Tomar 4

um dia de debate no Teatro Paulo Quintela

27 Maio, 10 horas | 15 horas >

Primeira sessão: 10 horas
3 comunicações

>Alexandre Alves Costa
>Gonçalo Byrne
>Mário Krüger

debate | moderação: Domingos Tavares

Segunda sessão: 15 horas
3 comunicações

>António Reis Cabrita
>Paulo Varela Gomes
>Raúl Hestnes Ferreira

debate | moderação: Domingos Tavares

conferências
Álvaro Siza

Paulo Mendes da Rocha, arq.
conferência no Teatro Paulo Quintela

27 Maio, 18 horas >

"A Obra de Paulo Mendes da Rocha representa
uma postura limpa, exemplar pela sua coerência.
Sem deixar-se influenciar pelas modes, Mendes da Rocha
desenvolveu uma linha constante. Partindo
do fascínio pela engenharia e pela técnica,
tem incluído o espaço básico conformado-o
na sua forma estrutural!"

galloni / P&G Galvão / P&G Galvão

Fig.46 - Divulgação do 4º Encontro de Tomar e Conferências Álvaro Siza

“Devemos começar já a pensar no próximo Plano de Estudos. Este é um Plano de Estudos à “Escola do Porto”. Qual é a nossa especificidade? (..) não estou de acordo! Temos de assumir alguns riscos!”¹⁵²

Claramente, a necessidade de correr esses riscos, de que fala Jorge Figueira, não será tomada muito em conta durante o debate, talvez pelo facto da Escola ser um organismo ainda débil e que não se quer expor demasiado, optando por uma procura identitária cautelosa. Neste seguimento, o 4º Encontro de Tomar teria como tema *Construir uma Escola – 10 anos de arquitectura no colégio das artes – 88/99*.

O 4º Encontro de Tomar [Fig.46] decorre a 27 de Maio de 1999 no Teatro Paulo Quintela, em Coimbra. Este é diferente, “concentrou-se num dia só, e fez-se público, abriu-se à participação geral alargando também o âmbito.”¹⁵³ Além de discutir questões já debatidas como as instalações e os espaços para o funcionamento da Escola, sobre as quais ainda hoje estão a ser feitos esforços para melhorar a situação, este Encontro tem outro objetivo e propósito, o de traçar firmemente um futuro para o Departamento.

“A expectativa era portanto, sobretudo em relação ao lugar da discussão – onde se poderia situar o discurso – que é talvez o primeiro desafio de uma Escola de Arquitectura em formação e o maior de qualquer Escola de Arquitectura da actualidade.”¹⁵⁴

Fundamentalmente, a questão tratada era: Perante o presente e o futuro o que é que esta Escola de Arquitectura necessita para se afirmar? Jorge Figueira constata que o modelo escola-atelier está em ruína, portanto devemos assumir uma via contemporânea atenta ao que acontece à sua volta e para que tal seja consumado é essencial “cruzar-se com as experiências realizadas, dialogar, comprometer-se, saber encontrar-se para lá do exotismo que a chamada “domesticação” dos modelos sempre nos emprestou. (...) Até lá, pode-se dizer que o ensino de arquitectura do nosso tempo ainda não começou.”¹⁵⁵ Este é ponto essencial com que Jorge Figueira tenta desenvolver o debate, o que nos conduz a perspetivar que é o assumir da sua

¹⁵² Ibid.

¹⁵³ Nuno Correia, «[reTomar os encontros]», *ECDJ* 2, Março de 2000, 83.

¹⁵⁴ Ibid.

¹⁵⁵ Jorge Figueira, «[algumas premissas para um dia de debate]», *ECDJ* 2, Março de 2000, 27.

posição que sempre foi linear ao longo dos Encontros. Problematizou, provocou e perspetivou uma evolução de Escola para lá do Porto e Lisboa e das convenções e dogmas que a Arquitectura estabeleceu, sendo agora o próprio a lançar o debate sobre esta jovem Escola. De facto, a situação da Escola de Coimbra reuniu em si o Porto e Lisboa, porém até se aproximou mais do Porto, mas neste momento não se pretende que seja entre Porto e Lisboa, mas sim como a visão prospetiva de Paulo Varela Gomes, que coloca a situação *entre coimbra e o mundo*¹⁵⁶. No entanto, Alves Costa não deixará de salvaguardar que “o admirável mundo novo é sempre mentalmente construído com as nossas referências do passado e do presente.”¹⁵⁷

É aqui que se encontra o Curso, no meio de tanta coisa, como que se quisesse sair de casa (superar as suas influências), mas sem noção de qual a direção que deve tomar. Mário Krüger, ao centrar o discurso quase exclusivamente no Plano de Estudos, revela que as alterações demonstraram “um isolamento da Licenciatura em Arquitectura no seio da FCTUC”¹⁵⁸, no entanto foi “um direcionamento efectivo da licenciatura para o que lhe é essencial.”¹⁵⁹ Do mesmo modo evoca Alberti na questão disciplinar, enunciando que o mais importante da faceta do arquiteto é mesmo isso, compreender o que lhe é essencial e “conveniente”. A interdisciplinaridade do curso é ainda ambígua, porque através da agrupação das áreas curriculares, “somente se verificam inter-relacionamentos curriculares entre três áreas: Arquitectura, Construção e Urbanismo”¹⁶⁰. António Reis Cabrita, através de uma nova reflexão sobre a Teoria, traça os objetivos que tem para o curso e para a profissão. Ela deve incluir de forma dissimulada todas as cadeiras e servir como “integração ou “digestão” de diversas disciplinas mais humanistas ou mais técnicas para o seu papel na produção arquitectónica, completando a tradução que já terá sido eventualmente iniciada no âmbito de cada cadeira.”¹⁶¹ Isto é, para Reis Cabrita a Teoria será a potenciadora da interdisciplinaridade, porque as suas palavras assim o definem, assim como também enuncia cinco objetivos para o desenvolvimento da área possibilitando estudos e ligações com diversos temas e conceitos. Deste modo, existe em cada ano um cuidado por parte da Teoria, por exemplo para direccionar conceitos e matérias para a disciplina de Projeto, apontando para a dimensão teórica que ela também tem. Um dos objetivos da Teoria será mesmo a *Relação do arquitecto com a cidade*,

¹⁵⁶ Paulo Varela Gomes, «[entre coimbra e o mundo]», *ECDJ 2*, Março de 2000.

¹⁵⁷ Alexandre Alves Costa, «[cinco pensamentos de nexo inexplicável]», *ECDJ 2*, Março de 2000, 63.

¹⁵⁸ Mário Krüger, «[uma autobiografia prospetiva do departamento de arquitectura da fctuc]», *ECDJ 2*, Março de 2000, 29.

¹⁵⁹ *Ibid.*

¹⁶⁰ *Ibid.*, 32.

¹⁶¹ António Reis Cabrita, «[2ª reflexão sobre o perfil do curso e o papel da Teoria da Arquitectura]», *ECDJ 2*, Março de 2000, 57.



Fig.47 - 4º Encontro de Tomar no Teatro Paulo Quintela, Coimbra - 1999

mas também a relação da Escola com a cidade. Deste modo, como refere Alexandre Alves Costa, “a arquitectura deve servir a cidade e não servir-se da cidade”¹⁶² porque ela pode desenvolver um impacto no território e na vida social e cidadina, tal como veremos na última parte da dissertação.

Esta questão da “articulação” de saberes e conhecimentos é também uma consequência de muitas lacunas que a Escola está a colmatar, por exemplo o Centro de Estudos que já não é uma miragem e que será o protagonista de muitas das relações quer disciplinares como contextuais (relação com a cidade que a acolhe) que a Escola tentará proporcionar. A carreira de Investigação e docência e a Prova Final sentirão um impacto frutífero se o Centro de Estudos desempenhar um papel definidor nas questões e nos objetivos que lhe são propostos, já que a Prova Final como elemento final da formação pode ser distinguida em três opções: prática, teórica ou teórico-prática. Gonçalo Canto Moniz define que:

“A Prova Final é a alternativa teórica e aprofundada do tradicional relatório de estágio final de curso e à qual o curso de Arquitectura de Coimbra recorreu e potenciou enquanto elemento de avaliação do arquitecto que se propõe formar.”¹⁶³

Subentende-se ao longo do discurso de Gonçalo Canto Moniz e de outros que a Prova Final enquanto elemento identitário como o Plano de Estudos e/ou integrada nele, poderá constituir uma marcação do percurso que a Escola pode assumir. No entanto, essa procura de uma identidade própria, sendo esse um dos principais objetivos deste Encontro, tem sido construída por todos como um organismo que “vive e age, porque também de pessoas é feito.”¹⁶⁴ Esse esforço tem tido uma distinção que eleva o curso, muito devido à “sua excelência pautada por um rigor de procedimento o que é fundamental para podermos crescer junto a Departamentos e Cursos com muito maiores tradições científicas e provas dadas do que as nossas.”¹⁶⁵

As considerações feitas por Mário Krüger para o debate são continuamente apoiadas por referências concretas e indispensáveis, desde as Diretivas até à Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto ou reflexões feitas pela Ordem dos Arquitectos. Neste seguimento, recai um olhar para diversas questões como o curso de Coimbra constituir primeira opção ou não

¹⁶² Alexandre Alves Costa, «[cinco pensamentos de nexo inexplicável]», 63.

¹⁶³ Gonçalo Canto Moniz, «[construir uma escola _comentário à primeira sessão dos encontros de tomar IV]», *ECDJ* 2, Março de 2000, 79.

¹⁶⁴ Bruno Gil, «Escola de arquitectura: hoje», 10.

¹⁶⁵ Mário Krüger, «[uma autobiografia prospectiva do departamento de arquitectura da fctuc]», 34.

no ingresso à formação e o porquê de maioritariamente não ocupar esse lugar. Por outro lado, deve-se considerar a importância que o Ensino Secundário e as suas provas específicas têm para a Licenciatura e se as provas de ingresso já referidas no Encontro anterior devem sofrer alterações, porque até se pressupõe que os alunos estejam “melhor preparados para frequentarem a licenciatura em Matemática da FCTUC do que os próprios alunos que foram colocados nesta licenciatura”¹⁶⁶. Esta é também uma questão de índole nacional, logo é lembrado que a Comissão Científica do D’Arq apoiou a criação da Prova Nacional de Ingresso que estabeleceria uma igualdade para o acesso ao curso. Sumariamente, estes pontos revelam que “estamos, assim, a ser triplamente penalizados no DARQ-FCTUC.”¹⁶⁷

Estas questões carecem de resolução, porque “temos o nosso nicho aqui em Coimbra, que é um espaço pobre, como toda a gente sabe, não estou a dar novidade nenhuma, mas de grande dignidade na transmissão do saber arquitectónico.”¹⁶⁸ A presença nesta cidade pode proporcionar uma excelente formação já que ela tem uma carga significativa “para a arquitectura portuguesa, sobretudo no século XVI, mas também para a cultura do nosso país”¹⁶⁹. Portanto, existem “diferentes maneiras de ser, diferentes interrogações, com apetências e opções de Arquitectura também diferentes, que constituem uma base sólida para esta Escola se desenvolver.”¹⁷⁰

Na base sólida de qualquer Escola estará certamente a perfeita harmonia de todos os seus elementos e os estudantes estiveram “colectivamente presentes, pela primeira vez, num Encontro de Tomar”¹⁷¹, porque para Raúl Hestnes Ferreira “os estudantes são efectivamente a Escola.”¹⁷² De facto, todos somos a Escola e como tal todos implementamos na Escola visões, experiências, pedagogias, relações e conhecimentos diferentes para lhe conferir uma elevação quotidiana.

“É nessa perspectiva que se deve pensar o futuro da Escola. O corpo de conhecimento de uma Escola e a sua pedagogia levam anos a sedimentar e é através da experiência

¹⁶⁶ Ibid., 41.

¹⁶⁷ Ibid.

¹⁶⁸ Raúl Hestnes Ferreira, «[comunicação]», *ECDJ 2*, Março de 2000, 69.

¹⁶⁹ Ibid., 70.

¹⁷⁰ Ibid.

¹⁷¹ Mário Krüger, «[uma autobiografia prospectiva do departamento de arquitectura da fctuc]», 44.

¹⁷² Raúl Hestnes Ferreira, «[comunicação]», 74.

e interacção com o exterior, incluindo a prática profissional, que se vai definindo o seu, digamos, espírito.”¹⁷³

A *comunicação* de Raúl Hestnes Ferreira acaba com o relato da sua experiência como estudante, arquiteto e docente, mas também com uma referência às reuniões semanais da Academia de Arquitetura de Paris em que se definiam inúmeras questões de relevo para a Arquitetura e para o seu ensino. Embora não assumindo que o ideal seria estabelecer essas “reuniões semanais” no Departamento, porque isso seria algo inexecutável, subentende-se que Raúl Hestnes Ferreira com este discurso apoia a continuidade dos Encontros de Tomar que já são identidade do Departamento de Arquitetura da Universidade de Coimbra.

O 5º Encontro de Tomar mudou de lugar, ou seja, em vez de decorrer em Tomar ou em Coimbra como era de esperar, realizou-se na Figueira da Foz quebrando assim a tradição do lugar e posteriormente a tradição que ele já tinha conferido na história do Departamento. Mais uma vez pretendia-se debater e refletir sobre a Escola, já que os Encontros de Tomar foram desde o início muita coisa: o desbloqueamento de visões tímidas ou a confrontação de ideias megalómanas, o cruzamento de caminhos que o Departamento podia ter seguido, a pedagogia que através de consenso e diálogo se foi estabelecendo como identidade, o rumo teórico e prático que a Escola deve definir para os seus alunos e professores, *O Limiar do Claustro*¹⁷⁴ como o limite do mundo e ao mesmo tempo a linha que exponenciava toda a abertura ao mundo, mas foram sobretudo o estabelecimento de um debate aberto e democratizado de uma Escola em crescimento. Este Encontro teve um fim antecipado perante o que estava programado e isso revelava também que estes Encontros se encontravam com um fim à vista, que no entanto era prematuro. Uma questão conduziu o debate para um confronto de opiniões que pela sua asseveração geraram uma polémica controversa. Deste modo, estávamos a correr um risco se mantivéssemos a análise a este Encontro com a mesma abordagem que os anteriores, já que a não existência de dados concretos publicados e a possibilidade de incorrer em imprecisões leva a que a decisão seja de deixar esse passo para o futuro, quando estiverem reunidas as condições para uma distância crítica e temporal.

¹⁷³ Ibid., 69.

¹⁷⁴ Rosa Bandeirinha, «O Limiar do Claustro - Origens e práticas do Departamento de Arquitetura de Coimbra».

A verdade é que como Raúl Hestnes Ferreira referiu no 4º Encontro de Tomar, existe nesta Escola semelhanças com uma família, porque:

“A família também tem pais, tios, primos, depois tem de tudo, tem pessoas muito sensatas, tem loucos, e até vigaristas, digamos assim... – não quer dizer que os haja aqui na Escola, não estou a dizer isso – mas de qualquer maneira é como uma família, e há famílias que por qualquer razão evoluíram muito mal, assim como há Escolas que se desenvolveram muito mal, não se sabe porquê.”¹⁷⁵

De facto, como diz Nuno Grande, o Departamento conseguiu criar uma família em que o que nos liga é a Arquitetura.¹⁷⁶ Neste seguimento, o desenvolvimento do Departamento e desta família sempre foi apoiado pelos Encontros de Tomar e isso perpetuará como parte da sua história, logo esses Encontros, devido à sua dimensão e afirmação como espaço de debate essencial tiveram grande relevância nas definições que o Departamento teve e tem. Portanto, avançaremos para *O resultado de uma investida*¹⁷⁷ de modo a perceber a amplitude e o que surgiu destes instantes de reflexão na Escola, tanto das Jornadas Pedagógicas na Faculdade de Arquitetura da Universidade do Porto como dos Encontros de Tomar no Departamento de Arquitetura da Universidade de Coimbra.

¹⁷⁵ Raúl Hestnes Ferreira, «[comunicação]», 69.

¹⁷⁶ Expressão dita no evento *700+25: Arquitectura na UniverCidade | Conversas* realizado em 6 de Abril de 2017 no Café Santa Cruz em Coimbra.

¹⁷⁷ Subcapítulo do Capítulo 3 do presente trabalho.

3.3. O RESULTADO DE UMA INVESTIDA

Relativamente às Jornadas Pedagógicas na FAUP e às decisões posteriormente tomadas que facultariam a análise que se pretendia, é necessário afirmar que no ano letivo 1994/1995 foi lançado um novo Plano de Estudos¹⁷⁸ que colmatou várias questões debatidas nas Jornadas, o qual vigorou até 2008/2009, ano em que foi implementado o Acordo de Bolonha.¹⁷⁹ Portanto, os pontos expostos nas Jornadas que necessitavam de reformulação referem-se ainda ao Plano de Estudos que vigorava desde 1984/1985, porque mesmo que o de 1994/1995 já estivesse em vigor, um ano não providenciou aos elementos da Escola uma perceção do seu impacto e quais as questões que ele iria resolver. Deste modo, o método de análise que propomos baseia-se no estabelecimento de comparações quanto à evolução entre os dois (1984/1985 e 1995/1995)¹⁸⁰.

Essencialmente, as questões que suscitam maior atenção nas Jornadas são a interdisciplinaridade do curso, a abertura das saídas profissionais para áreas inerentes à Arquitetura, a mostragem e a ligação da Escola ao meio onde se insere, o Plano de Estudos como agente evolutivo da Escola e da sua pedagogia e situações pontuais relativamente a determinadas áreas e/ou disciplinas como Construção. Neste seguimento, o Plano de Estudos de 1994/1995 demonstra uma clara posição prospetiva, por exemplo na introdução de disciplinas que profetizam a atualidade da época como Desenho Assistido por Computador (1º ano), Projeto Assistido por Computador (5º ano – opcional), Métodos e Linguagens da Arquitetura Contemporânea (2º ano) ou Urbanística Contemporânea (3º ano). Também determinadas disciplinas são capazes de potenciar a interdisciplinaridade que se requeria para o curso de Arquitetura quando ocorreu a sua inclusão na Universidade como Antropologia do Espaço (1º ano), Espaço Habitável e Formas de Residência (3º ano), Território e Formas Urbanas (5º ano) ou Economia Urbana (5º ano) que em 1984/1985 se encontrava na lista das opcionais.

A História é a área que se mantém igualmente do 2º ano ao 5º, embora as disciplinas sejam reformuladas. No Plano de 1984/1985 designavam-se História I (2º ano), História II (3º ano),

¹⁷⁸ Resolução 26/SG/SC/94 de 27 de Setembro de 1994, publicada no Diário da República n.º 224/1994, Série II disponível em <https://dre.pt/application/conteudo/723672>, acessado a 26 de Agosto de 2017

¹⁷⁹ Sobre o Acordo de Bolonha e o ensino da Arquitetura ver Luís Viegas, «Das competências ao conhecimento em arquitetura. O ensino universitário integrado em Bolonha.», *Joelho 4: revista de Cultura Arquitectónica*, Abril de 2013; Luís Gama Pereira, «Bolonha, uma semente transgénica», *Unidade 7*, Dezembro de 2008.

¹⁸⁰ Os Planos de Estudos de 1984/1985 e 1995/1995 podem ser consultados nos anexos.

História III (4º ano) e História da Arquitetura Portuguesa (5º ano), mas com o Plano de Estudos de 1994/1995 as denominações ligavam-se mais aos conteúdos e ao enfoque que a disciplina tinha. Por exemplo, no 2º ano História da Arquitetura Antiga e Medieval, no 3º ano História da Arquitetura Moderna, no 4º ano História da Arquitetura Portuguesa e no 5º ano é História da Arquitetura Contemporânea e, como opcionais, a História da Cidade Portuguesa e História da Cidade Brasileira. Deste modo, é viável afirmar que a área de História tinha uma gradação do tempo histórico ao longo do curso já que começava no 2º ano com História da Arquitetura Antiga e Medieval e terminava no 5º ano com História da Arquitetura Contemporânea. Do mesmo modo, a área de Urbanismo está presente em todos os anos do curso, desde a mítica disciplina de Fernando Távora lecionada no 1º ano, ou seja a Teoria Geral e da Organização do Espaço, a qual se poderá compreender como um paralelo entre a área de Teoria e a área de Urbanismo até ao 5º ano que reunia uma parte das disciplinas de Urbanismo como Economia Urbana, Territórios e Formas Urbanas e Infraestruturas e Redes Urbanas. A Construção, área e disciplina fortemente debatida nas Jornadas, encontra-se no Plano de Estudos de 1994/1995 com uma relevância redobrada já que também está presente do 2º ao 5º ano e especificamente no 4º ano encontra-se representada por três disciplinas, Sistemas Estruturais (anual), Controlo Ambiental e Redes e Instalações (semestrais). Posto isto, perspetivamos que o curso lecionado a partir da implementação do Plano de Estudos de 1994/1995 reúne principalmente quatro áreas científicas: Arquitetura, Construção, História e Urbanismo.

Contrariamente a estas áreas, a Teoria tinha sofrido um corte substancial, mas se admitirmos que todas as disciplinas têm uma ligação com esta área e uma carga teórica nos seus objetivos e conteúdos, ela estará sempre presente em todos os anos do curso. Esta evidência é suscitada pela comparação dos dois Planos de Estudos em que se realça a anulação das disciplinas de Teoria I, II e III lecionadas em 1985/1986 por Manuel Correia Fernandes.

Por outro lado, ao existir uma maior focagem em disciplinas da área do Urbanismo ou ligadas ao seu universo, perspetiva-se que o curso conseguiu providenciar uma evolução na formação face às saídas profissionais que a época exigia. Posto isto, é de realçar a Urbanística Contemporânea ou Espaço Público e Formas dos Equipamentos que podem proporcionar uma ligação aos inúmeros percursos que o arquiteto pode assumir no final do século XX, como por exemplo a direção do Gabinete de Urbanismo e Arquitetura de uma Câmara Municipal. Como já referido, nas Jornadas estas posições que os arquitetos passaram a tomar, nomeadamente posições com forte determinação para a sociedade e para a cidade, serão cada vez mais

requeridas e deve-se também perspetivar a questão regional aquando da formação do futuro arquiteto. Uma das possibilidades, certamente tomada como condutora da disciplina de Projeto e outras, é “apoderar-se” do espaço envolvente da Escola ou da cidade onde se insere e torná-lo o campo experimental dos exercícios com grande aproximação à realidade e à prática profissional. Neste seguimento, a “abertura à cidade no âmbito da universidade, mostrando a sua produção e pondo-se à disposição para a discussão da cidade e da região em que se insere”¹⁸¹ será um importante passo que se tem de protagonizar como refere Pedro Baganha. Nas palavras de Manuel Correia Fernandes quando traça o caminho da Escola escreve que:

“A escola tem uma função social insubstituível e, essa, é uma responsabilidade que jamais poderá alienar.”¹⁸²

Com vista a colmatar esta questão fulcral, em 1994 é apresentada a primeira *Anuária*. A *Anuária* tem como objetivo a mostragem do trabalho que a Escola desenvolve, nomeadamente os trabalhos selecionados na disciplina de Projeto que serão expostos à comunidade e posteriormente guardados no arquivo da Escola que assegura a sua conservação como património académico. Este acervo servirá também para uma reflexão sobre a situação evolutiva da Escola a médio ou longo prazo face aos trabalhos realizados nos quais é possível revelar as diversas abordagens ao mesmo exercício proposto. Sem dúvida que esse arquivo é uma parte substancial da história da Escola na qual também guarda os trabalhos apresentados para o Concurso para Obtenção do Diploma de Arquiteto (CODA) que se encontra no Repositório Temático com livre acesso providenciado pela Universidade do Porto.¹⁸³

Em 1999, após a realização das Jornadas Pedagógicas e já com o Plano de Estudos de 1994/1995 a decorrer, Eduardo Fernandes regressa à Faculdade de Arquitetura da Universidade do Porto como docente, fazendo um ponto de situação face aos anos que frequentou a Escola como estudante (1985-1986 a 1990-1991), referindo que:

“Os alunos eram muitos mais e pareciam mais empenhados, mais motivados, mais conscientes do privilégio de estar ali, mais desejosos de aproveitar todas as oportunidades para tirar delas o maior partido possível; (...) Mas eram também evidentes duas diferenças, que subsistem até hoje. A renovação do corpo docente é um

¹⁸¹ Pedro Baganha, «A eficácia da aprendizagem - entre o compromisso e o isolamento».

¹⁸² Manuel Correia Fernandes, «Uma Escola a Caminho de Quê?», *Unidade 7*, Dezembro de 2008, 37.

¹⁸³ Sobre o livre acesso aos documentos relativos aos 369 processos do CODA ver <https://repositorio-tematico.up.pt/handle/10405/39800>, acedido a 27 de Agosto de 2017

facto (a docência reúne muito mais gente nova), mas este rejuvenescimento tem um preço: se por um lado estão criadas as raízes para o futuro, por outro desapareceram já hoje da docência (ou estão prestes a sair) aqueles que foram, para mim (como para muitos), o curso de Arquitectura; (...) Um facto, também, é a existência de um corpo teórico coerente, bem estruturado, bem interrelacionado, mantendo a tradição das boas aulas teóricas e acrescentando-lhe o bom acompanhamento dos trabalhos práticos.”¹⁸⁴

De facto, houve importantes alterações resultantes das Jornadas Pedagógicas, do Plano de Estudos de 1994/1995 e dos pequenos debates informais que surgiram antes e depois das Jornadas perante esta Escola já consolidada em inúmeras questões. Obviamente que as alterações são dissimuladas e pontuais devido à carga pedagógica e identitária que a Escola tem, porque como veremos no Departamento de Arquitectura da Universidade de Coimbra, a implementação de novos organismos e as alterações às matrizes da Escola são sucessivas e frutíferas devido à sua juventude o que também se pretendia uma procura de identidade.

No Departamento de Arquitectura da Universidade de Coimbra essa procura contará também com o Plano de Estudos aprovado no 3º Encontro de Tomar em 1998 e implementado na Licenciatura em Arquitectura em 1998/1999, que será a consumação da distanciação à génese que o curso teve quando a sua pedagogia e as disciplinas lecionadas apontavam para um ensino demasiadamente focado noutras áreas.¹⁸⁵ De realçar que disciplinas como Matemática (1º ano), Estática (2º ano) e Elementos de Física (2º ano) foram erradicados da Licenciatura, cortando assim uma ligação demasiado direta a temas inerentes à Arquitectura. Por outro lado, o Desenho que era lecionado apenas no 1º ano, no Plano de Estudos de 1998/1999 será também lecionado ao 2º ano, assim como também é introduzido nesse ano a disciplina de Antropologia do Espaço. Estas duas disciplinas implementadas no 2º ano vieram colmatar as ausências que a reformulação suprimiu, tal como as já referenciadas Estática, Elementos de Física e também Resistências de Materiais, constatando uma quebra de disciplinas que igualmente se ligavam à Licenciatura em Engenharia Civil. Do mesmo modo, a reformulação inseriu no 2º ano a Introdução aos Sistemas Construtivos que protagonizava a tal aproximação dos alunos a conceitos básicos que José Gigante requeria. Se até 1998 havia engenheiros civis a lecionar algumas das principais disciplinas da área de Construção como António Tadeu e José

¹⁸⁴ Eduardo Fernandes, «FAUP 1985-2008: Um Retrato Social», 14.

¹⁸⁵ Os Planos de Estudos de 1997/1998 e 1998/1999 podem ser consultados nos anexos.

Raimundo Mendes da Silva, após o Plano de Estudos os arquitetos assumem a lecionação dessas disciplinas, passando os engenheiros civis a lecionar disciplinas na Licenciatura em Arquitetura vindas diretamente do curso de Engenharia Civil como Tecnologias da Construção I e II.

Neste seguimento, houve avanços e recuos de disciplinas, a Geografia passa do 3º para o 1º ano, assim como a Teoria da Arquitetura I e II é lecionada no 2º e 3º ano. Estas alterações pretendem implementar uma interdisciplinaridade vertical e horizontal que no anterior Plano de Estudos não era revelada e que por conseguinte conduzia ao isolamento de cada ano da formação. Referente às áreas a que cada disciplina corresponde, é possível compreender algumas diretrizes patentes no Plano de 1998/1999, tal como: a área Arquitetura está presente em todos os anos, não só pela disciplina de Projeto, mas também pela História lecionada do 1º ao 5º ano; o Desenho encontra-se nos dois primeiros anos de forma a providenciar uma melhor aproximação ao método; a Construção ocupa algumas disciplinas nos anos intermédios do curso de maneira a proporcionar uma aproximação progressiva à prática profissional (Introdução aos Sistemas Construtivos no 2º ano, Sistemas e Materiais de Construção I e Tecnologia da Construção I no 3º ano e Sistemas e Materiais de Construção II e Tecnologia da Construção II no 4º ano); Urbanismo é a área que aparece mais desligada no curso, já que Geografia é lecionada no 1º ano e Urbanologia e Sistemas Urbanos no 4º e 5º ano, respetivamente. Por outro lado, as disciplinas opcionais disponíveis para o 5º ano têm uma abordagem substancial à área de Urbanismo, não só pelas disciplinas como História das Cidades I e II, Planeamento Físico I e II ou Morfologia Urbana I e II, mas também pelos docentes que as acompanham, destacando Walter Rossa ou João Paulo Cardielos. Esta definição ainda hoje marca em certa medida os últimos anos do curso, embora o leque de opcionais providenciadas foi alargado a outras áreas com a adaptação a Bolonha. Sucintamente, este Plano de Estudos protagoniza uma ligação ao Plano implementado na FAUP em 1994/1995, tal como alertava Jorge Figueira num dos Encontros. Neste período, ainda existia uma forte ligação à Escola do Porto, mas essa questão foi-se diluindo porque efetivamente todos queriam contruir uma identidade que pudesse designar o Departamento como a Escola de Coimbra.

De facto, em Coimbra sentiu-se uma evolução em questões que a FAUP já tinha estabelecido como garantidas, nomeadamente o estabelecimento de uma associação de estudantes que fosse ativa e participativa nas atividades que a Escola potenciava. Deste modo, em 1997 surge o



Fig.48 - Capa de ECDJ 8 - 2004 (1),
 Capa de ECDJ 9 - 2005 (2)

Núcleo de Estudantes de Arquitetura, “um corpo de alunos muito activo na organização de eventos e na promoção dos espaços informais de discussão de temas muitas vezes deixados de fora do espaço formal das aulas.”¹⁸⁶ No ano anterior, o Departamento tinha iniciado a *ed|arq*, a editora do Departamento lançada com o primeiro livro intitulado *Encontros de Tomar – I Encontro sobre o Ensino da Arquitectura na Universidade de Coimbra*¹⁸⁷. Posteriormente, assumiu grande relevância para a transmissão da cultura arquitetónica que se construía no Departamento, desde a publicação dos vários números da *ecdj - em cima do joelho*, mais recentemente da revista *Joelho*, até às séries *Debaixo da Telha* com importantes considerações de personagens essenciais e marcantes do Departamento ou a divulgação do concurso *A Alta de Volta*. Nesta perspetiva, a editora do Departamento irá publicar vários momentos e/ou exercícios que ligam a Escola à cidade e à região com os vários workshops que fazia como o *Construir (na) memória*¹⁸⁸ referente ao Workshop planeado pelo Centro de Estudos de Arquitetura para a vila de Penela; *Coimbra, um Novo Mapa*¹⁸⁹; *Planos - Salvaguarda de Vila Real de Santo António, Projeto Urbano de Coimbra*¹⁹⁰; ou *Sofia: concurso público de ideias para reabilitação da rua da Sofia*¹⁹¹. [Fig.48]

Se a editora do Departamento servia como publicação de várias expressões dos docentes e das atividades da Escola, os estudantes sentiam necessidade de expor as suas ideologias através da divulgação das suas reflexões, críticas e perspetivas para a cultura arquitetónica. Deste modo, como um dos objetivos do Núcleo de Estudantes em 2001, foi fundada a revista NU que pretendia ser um momento de discussão e debate informal que os alunos também encaram como elemento de aprendizagem que complementava o ensino providenciado nas aulas.

“Lugares no tempo em que somos confrontados com escolhas. Momentos decisivos. Parar, voltar para trás ou simplesmente sair do caminho. Ou podemos dar o passo que falta e seguir em frente, rasgar um percurso, sem certezas, mas tentar. (...) Podemos escolher fazê-lo. (...) Sendo assim, devemos estar a sonhar acordados, de olhos bem

¹⁸⁶ Rosa Bandeirinha, «O Limiar do Claustro - Origens e práticas do Departamento de Arquitetura de Coimbra», 167.

¹⁸⁷ Comissão Organizadora, *Encontros de Tomar : I Encontro sobre o Ensino da Arquitectura na Universidade de Coimbra*.

¹⁸⁸ Universidade de Coimbra, ed., *Construir (na) memória*, ECDJ : em cima do joelho 11 (Coimbra: DARq, 2008).

¹⁸⁹ Alexandre Alves Costa e Universidade de Coimbra, eds., *Coimbra: um novo mapa*, ecdj 4 (Coimbra: DAFCTUC, 2001).

¹⁹⁰ *Planos: salvaguarda Vila Real de Sto António: projecto urbano Coimbra*, ECDJ : em cima do joelho 9 (Coimbra: DARq, 2005).

¹⁹¹ *Sofia: concurso público de ideias para reabilitação da rua da Sofia*, ECDJ : em cima do joelho 8 (Coimbra: DARq, 2004).



Fig.49 - [tape] - 1999

abertos, porque estas palavras, esta revista, este sonho, parecem-nos bem reais. São a nossa escolha na encruzilhada, são o nosso passo em frente. Cada artigo reflecte também esse tema. Esse desejo de ir mais longe. Ou, ao menos, o de traçar um rumo próprio, apontar outras direcções. Pequenas (r)evoluções que fazem a diferença.”¹⁹²

Assumem uma posição teórica e crítica de modo a reunir todas as questões suscetíveis de reflexão e têm potenciado ao longo dos vários números a colaboração de docentes e figuras nacionais e internacionais de modo a elevar a revista, nunca deixando de ser uma revista de estudantes de Arquitetura da Universidade de Coimbra.¹⁹³

Anteriormente, à edição da primeira revista NU, isto é, quando o Departamento comemorava os dez anos da sua existência, ocorreu integrada nessas comemorações a exposição [tape] (Trabalhos Apresentados a Projeto para Exposição).¹⁹⁴ [Fig.49] Como acontecia na FAUP com a *Anuária*, em Coimbra também se tratava de uma mostragem do trabalho que a Escola produzia, contudo uma mostragem aberta a todos, servindo também para que se refletisse acerca da produção que ocorria nas disciplinas de Projeto. Contrariamente à *Anuária*, estes trabalhos não são guardados em arquivo, sendo ainda umas das grandes lacunas do Departamento, a não existência de um acervo que comprovasse a história desta Escola de Coimbra.¹⁹⁵ Será, sem dúvida, o próximo passo para dar continuidade à construção desta Escola. Outras ações continuaram a providenciar uma reflexão da Escola, tal como as transformações que o Acordo de Bolonha suscitou, a recente reformulação do Plano de Estudos ou o colóquio internacional *Ensinar pelo Projecto* realizado de 27 a 29 de Setembro de 2012 no Departamento de Arquitetura da Universidade de Coimbra.¹⁹⁶

A abertura à cidade foi providenciada de inúmeras maneiras, indiretas ou diretas, por projetos ou apenas ideias, por intervenções no património ou por construção de raiz, pela mostragem de estudos, debates sobre a cidade, entre outros. Deste modo, incluída nas comemorações dos 725 anos da Universidade de Coimbra, organizou-se uma exposição que reunia a influência

¹⁹² Pedro Jordão, «Encruzilhadas», *nu 01*, Abril de 2002, 3.

¹⁹³ Sobre a revista nu ver «arquivo digital da revista nu», acedido 28 de Agosto de 2017, <http://arquivonu.blogspot.com/2011/02/biografia.html>.

¹⁹⁴ Sobre a 1ª [tape] ver José Fernando Gonçalves, «[tape ou descubra as diferenças]», *ECDJ 2*, Março de 2000; Pedro Maurício Borges, «[a propósito da exposição tape, que aconteceu nas comemorações dos 10 anos do darq, seguem-se algumas considerações específicas e outras, mais gerais]», *ECDJ 2*, Março de 2000.

¹⁹⁵ Serve também este trabalho para exprimir uma motivação própria de futuramente poder contribuir profissionalmente ou voluntariamente para o estabelecimento desse acervo, o qual vários docentes exprimem preocupação por não existir.

¹⁹⁶ Sobre o colóquio ver «Ensinar pelo Projecto», *Joelho 4: revista de Cultura Arquitectónica*, Abril de 2013, 10 a 254.

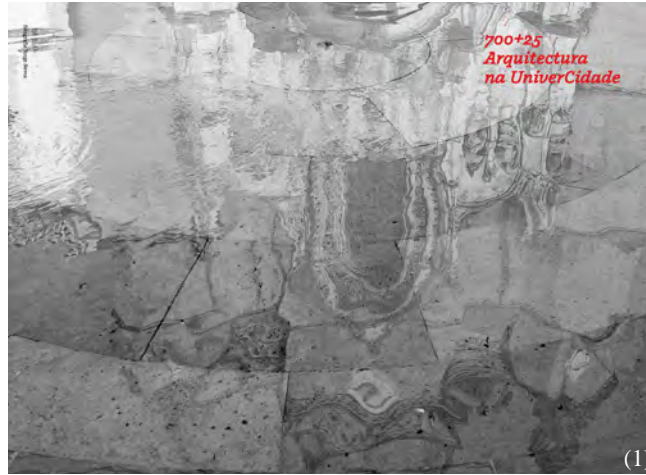


Fig.50 - 700+25 – Cartaz (1), “Edifícios destacados da Exposição 700+25, A Arquitectura da UniverCidade” (2) e “Arquiteto Alexandre Alves Costa, fundador do Departamento de Arquitectura da Universidade de Coimbra e autor do projeto de requalificação do Mosteiro de Santa Clara A Velha” (3)

do Departamento na cidade, nomeadamente no seu património arquitetónico contemporâneo. Apelidada de *700+25 – Arquitectura na UniverCidade*¹⁹⁷ [Fig.50], pretendia apresentar um conjunto selecionado de obras de arquitetura realizadas em Coimbra desde que o Departamento se estabeleceu, ou seja, num período de 25 anos (1990-2015). Os arquitetos presentes nessas obras, desde Adão da Fonseca, Alexandre Alves Costa e Sérgio Fernandez, Camilo Cortesão e Mercês Vieira, Luís Miguel Correia, Désirée Pedro e Carlos Antunes (Atelier do Corvo), João Mendes Ribeiro, José Mateus e Nuno Mateus (ARX) ou Paula Santos, destacam a relevância que a Arquitetura e o Departamento tiveram para Coimbra. Se a cidade tinha um espólio de património histórico que proporciona uma excelente formação, esta exposição e as conversas que se desenvolveram constataram que a Arquitetura contemporânea também está presente. De facto, o Departamento e a Arquitetura mudaram a cidade, tornou-a melhor e a cidade também mudou o Departamento pelos vários desafios que lhe são colocados, portanto esta relação deverá ser contínua já que os dois são desafiados quotidianamente a construir o melhor *habitat* para a sociedade.

Na iminência do Departamento completar três décadas, nota-se que muita coisa mudou, desde as intenções às ações e das ideologias aos objetivos que se pretendem alcançar. O lugar físico tem sido sempre o mesmo, assim como a Arquitetura que está sempre presente, no entanto é necessário efetivar uma progressividade quotidiana protagonizada por nós e que continue a produzir identidade e afirmação.

¹⁹⁷ A exposição esteve presente no Departamento de Arquitetura de 31 de Outubro de 2015 a 11 de Dezembro de 2015, contando com uma maquete geral das intervenções ao longo da cidade e várias visitas aos edifícios com os arquitetos. Sobre a exposição ver «700+25. Arquitectura na UniverCidade. «Anozero», acedido 29 de Agosto de 2017, <http://anozero-bienaldecoimbra.pt/12-70025/>. Posteriormente, a exposição estaria patente na Sala da Cidade de 11 de Março de 2017 a 22 de Abril de 2017 na qual se desenvolveu o *700+25: Arquitectura na UniverCidade - Conversa com os Projetistas* repartido em duas sessões, a 6 de Abril e 20 de Abril que decorreram no Café Santa Cruz, em Coimbra.

CONCLUSÃO.
NECESSIDADE, DEBATE, MUDANÇA

Ao longo da dissertação, pensámos nas inúmeras questões que envolvem a Escola, mas sobretudo no debate e/ou reflexão como elemento indispensável a uma atualização dos seus princípios definidores sejam eles, a pedagogia, o Plano de Estudos, as instalações ou simplesmente o estabelecimento de campos necessários para a Escola continuar a viver enquanto organismo.

Partindo da perspetiva de Rosa Bandeirinha quanto ao estado de crise perpétua na Escola, este trabalho serve para marcar a hegemonização pontual dessa crise quando é necessário, não só por manifestações ou reivindicações mais ou menos existenciais ou mais ou menos críticas, mas também de modo a quebrar um certo conformismo que se possa instalar. No entanto, essa crise aqui referenciada refere-se a uma crise quotidiana como que fosse já identidade da Escola e dos seus elementos, porque perante tudo o que a Escola envolve, a crise também é uma parte essencial.

Desde “O Ensino da Arquitetura no Debate do Moderno” até ao Departamento de Arquitetura da Universidade de Coimbra, traçando outras vias no decorrer do percurso, foi possível categorizar diversos modos de lançar objeções à Escola. É um facto constatado por nós que as publicações, mesmo que exteriores à Escola, podem definir muitos pressupostos, já que o período que abordamos é caracterizado pela ascensão progressiva dos *media* e pelo aceleramento que a sociedade colocou no tempo. Deste modo, a visão exterior da Escola pode não refletir a sua vivência interior como o caso da FAUP que se debatia com problemas internos, embora a sua imagem enquanto Escola do Porto crescesse gradualmente perante o panorama nacional e internacional.

Neste seguimento, se a Escola perspetivar uma evolução contínua e autoinquirir-se ao longo do tempo evitará o agravamento dessa crise estabelecida, caso contrário ela deixará de ser parte do dia-a-dia da Escola e implementar-se-á como um estado de “emergência” que carece de uma urgente resolução. Tal acontecimento colocará a “Escola de Arquitetura em debate” porque o debate é também uma ferramenta existencial e identitária que deve possibilitar o consenso dos seus elementos. Caso não se configure assim, irá instalar-se a decadência e por conseguinte o fim do organismo Escola.

Obviamente que existem outros fatores a ter em conta, como foi o caso da HfG Ulm, onde as várias objeções exteriores assim como as divergências internas, delinearão a morte de uma Escola que se perspetivava à frente do seu tempo. Do mesmo modo, as reformulações

ocorridas no Maio de 68 foram também suscitadas por eventos colaterais à própria Escola de Arquitetura, o que perspetivamos que cada vez mais é requerida uma atenção por parte da Escola àquilo que a rodeia, desde a sociedade à política e do território à cidade.

Este trabalho serve sobretudo para constatar os diversos modos e meios de implementar e despoletar o sentido de crise e debate na Escola, porque tal como vimos no Capítulo 1 as publicações da HfG Ulm desenvolveram o confronto das diferentes ideologias que vigoravam na Escola; assim como em Itália, visível no número da *Casabella* pela demonstração das agitações estudantis de modo a causar uma mudança no ensino e na Escola que também visava a introdução dos conceitos da *Tendenza*. O Maio de 68 foi a congregação da luta pelos diversos parâmetros que a sociedade já deveria ter como estabelecido, portanto envolvendo política, sociedade, cidade, Universidade e outros, foi viável refutar a posição da Escola de Arquitetura e o seu ensino *Beaux-Arts* em função da época em que era praticado. Deste modo, assim como aconteceu em Portugal, além de ser imprescindível uma renovação do ensino, da pedagogia e dos métodos utilizados, foi também requerido um olhar à posição da Escola e à evolução que ela devia conferir face à sociedade, o que a conduziu a abandonar a Escola de Belas Artes e integrar-se na Universidade. Estas reformulações e/ou reestruturações e instalações implementaram em algumas Escolas de Arquitetura portuguesas momentos de crise existencial, pedagógica e institucional em que foram solicitados espaços de debates que afirmassem que a Escola é um organismo vivo e feito de pessoas como afirmou Bruno Gil.¹

De facto, conclui-se que existem algumas linhas transversais a todos os assuntos aqui retratados e aquela que mais se caracteriza é o desafio da multidisciplinaridade no curso, na disciplina e na Escola. Sem dúvida que está intrinsecamente relacionada com o *status quo* que a sociedade adquiriu na segunda metade do século XX, que proporcionou uma abertura da arquitetura a questões que lhe eram inerentes ou por outro lado que lhe eram supérfluas. Desde as palavras expressadas por Claude Schnaidt em “*Architecture and Political Commitment*”² que demonstra o que o Movimento Moderno foi e o que a arquitetura precisa de ser, passando pelos diversos requerimentos por parte das Escolas italianas em desenvolverem uma ligação à sociedade e às questões que a rodeia, seguidamente pela inclusão da arquitetura na Universidade no Maio de 68 e a partir de 1979 em Portugal em que pretende desenvolver uma

¹ Bruno Gil, «Escola de arquitectura: hoje» (Prova Final de Licenciatura em Arquitetura, Universidade de Coimbra, 2005), 10.

² Claude Schnaidt, «Architecture and Political Commitment», *Journal of Ulm School for Design* 19-20, Agosto de 1967.

aproximação multidisciplinar da arquitetura até aos debates que provêm dessa inclusão de modo a delinear esse e outros objetivos.

O período que definimos como arco temporal de abordagem serve para centrar a investigação e delimitar os acontecimentos. Contudo, após esse tempo, o debate e as questões trazidas para a investigação continuam a acontecer. Evidentemente que em certos casos não teremos um distanciamento crítico e temporal que produza um olhar sobre esses momentos, sejam eles de índole institucional, pedagógica ou que a sua base seja um manifesto, mas tentaremos comprová-los de modo a desencadear uma continuação da Tese. Por exemplo, a Declaração de Bolonha encaminhou o ensino superior para novos conformes e o curso de arquitetura também esteve incluído nessa mudança que foi igualmente pedagógica de modo a redefinir um ajuste para providenciar a mobilidade dos estudantes. Por outro lado, foi alterado o estatuto de Licenciatura em Arquitetura que correspondia a seis anos de formação para cinco anos divididos em dois ciclos (3+2) correspondente ao Mestrado Integrado em Arquitetura que ainda hoje vigora. Esta transformação conduziu a uma reformulação dos planos de estudos que em Portugal surgiram quase uma década depois da Declaração, ou seja no ano letivo 2008/2009. A atualização do plano de estudos é uma constante nas escolas e as diferentes reações despoletadas criam momentos de debate como a Assembleia Geral de Estudantes da FAUP realizada em 30 de Maio de 2012 para a discussão da transição do plano de estudos 2008-2012 ou posteriormente os diversos plenários realizados em Novembro de 2016 intitulados de *DIÁLOGO*. Os elementos da Escola desempenham uma função preponderante na divulgação e demonstração dos seus problemas. O *darq reboot* que se inicia por causa da falta de uma sala para os alunos do primeiro ano, desencadeou um manifesto³ distribuído pelas paredes do Departamento de Arquitetura da Universidade de Coimbra em que conseguiu criar uma reunião entre alunos e professores no dia 16 de Fevereiro de 2005. Quase de maneira informal, discutiu-se questões pedagógicas, de docência e de ensino, mas sobretudo de funcionamento. Recentemente, surgiu outro manifesto que embora não promovesse uma assembleia para discussão, foi ele um momento escrito e divulgado das opiniões que pairavam no D'Arq, o *ClaustroFobia*.

No entanto, as Escolas também se ancoram nas tradições como a *Architetural Association* que se manteve por um longo período de tempo com o sistema pedagógico que Alvin Boyarsky

³ Sobre o manifesto *darq reboot* ver «desconexo blog | sobre arquitectura e outras anomalias | tiago p borges | lausanne | ch: Fevereiro 2005», acedido 20 de Setembro de 2017, http://des-conexo.blogspot.pt/2005_02_01_desconexo_archive.html.

tinha executado, embora com pequenos ajustes. Este que surgiu como um *upgrade* do sistema *Beaux-Arts* entrou em crise no início do século XXI.

Obviamente que “os tempos sempre estiveram em mudança, e continuam a estar, tal como as vontades que os arquitectos recolhem, é certo também que os processos de envelhecimento e substituição, seja de edificios, de ideias ou de valores, estão em aceleração.”⁴ Deste modo, estamos nós incumbidos de acompanhar essa aceleração e traduzi-la para o ensino, porque esse é também o nosso dever perante a Escola de Arquitetura.

⁴ Rosa Bandeirinha, «O Limiar do Claustro - Origens e práticas do Departamento de Arquitetura de Coimbra» (Dissertação de Mestrado em Arquitetura, Universidade de Coimbra, 2013), 219.

BIBLIOGRAFIA

Referências Bibliográficas

- «A Escola de um Porto – 27 Trabalhos Ancorados». *Unidade 1*, Junho de 1988.
- Aalto, Alvar. «A Humanização da Arquitectura». *Arquitectura 35: Revista de Arte e Construção*, Agosto de 1950.
- «A reforma do ensino das Belas Artes correspondia a uma necessidade». *Diário de Lisboa*. 15 de Novembro de 1957.
- Abboud, Nicole de Maupeou. *Ouverture du ghetto étudiant: la gauche étudiante à la recherche d'un nouveau mode d'intervention politique, 1960-1970*. Éd. Anthropos, 1974.
- Accasto, Gianni. «AMC: Descrizione di una battaglia». *Constropazio 1*, Fevereiro de 1976.
- Afonso, Rui Braz. Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto: Associação de Estudantes da Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto, 1995.
- Aicher, Otl. «Corporate Image of Lufthansa German Airlines». *Journal of Ulm School for Design 10-11*. Maio de 1964.
- . «Planning All Awry?» *Journal of Ulm School for Design 17 - 18*. Junho de 1966.
- Almeida, Carlos de. *Portugal: arquitectura e sociedade*. Portugal ontem, Portugal hoje. Lisboa: Terra Livre, 1978.
- Almeida, Manuel Lopes de, Mário Brandão, e Lígia Cruz, eds. *Arquitectura popular em Portugal*. 2 vols. Lisboa: Sindicato Nacional dos Arquitectos, 1961.
- Almeida, Nuno. «Tra(d)ição procura-se - “o fantasma do lugar”». Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto: Associação de Estudantes da Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto, 1995.
- «Alunos de Arquitectura levam aulas para a rua». *Diário de Coimbra*. 3 de Dezembro de 1990.
- «Alunos de Arquitectura só têm metade das aulas». *Diário de Coimbra*. 10 de Novembro de 1990.
- Keil do Amaral, Francisco. «Maleitas da Arquitectura Nacional 1: A Formação do Arquitecto». *Arquitectura 17-18: Revista de Arte e Construção*, Agosto de 1947.
- . «Maleitas da Arquitectura Nacional 2: O Arquitecto e o Atelier». *Arquitectura 19: Revista de Arte e Construção*, Janeiro de 1948.
- . «Maleitas da Arquitectura Nacional 3: O Cliente, As Leis e Os Regulamentos». *Arquitectura 20: Revista de Arte e Construção*, Fevereiro de 1948.

- . «Maleitas da Arquitetura Nacional 4: Os Materiais de Construção». *Arquitectura 21: Revista de Arte e Construção*, Março de 1948.
- . «Maleitas da Arquitetura Nacional 5: O Problema da Mão-de-Obra». *Arquitectura 22: Revista de Arte e Construção*, Abril de 1948.
- . «Maleitas da Arquitetura Nacional 6: A Mania das Pressas e o Dinamismo, Seu Filho Dilecto». *Arquitectura 23-24: Revista de Arte e Construção*, Junho de 1948.
- . «Uma Iniciativa Necessária». *Arquitectura 14: Revista de Arte e Construção*, Abril de 1947.
- Atelier populaire. *Posters from the Revolution, Paris, May, 1968: Texts and Posters*. Bobbs-Merrill, 1969.
- Aymonino, Carlo. «Facoltà di Tendenza». *Casabella Continuità 287*, Maio de 1964.
- Bacciardi, Caponetto, Di Cristina, Fracassini, e Pizziolo. «Firenze-Motivi di crisi e discorso ai nuovi studenti». *Casabella Continuità 287*, Maio de 1964.
- Baganha, Pedro. «A eficácia da aprendizagem - entre o compromisso e o isolamento». Faculdade de Arquitetura da Universidade do Porto: Associação de Estudantes da Faculdade de Arquitetura da Universidade do Porto, 1995.
- Bandeirinha, José António, ed. *Fernando Távora: modernidade permanente*. S. l.: Associação Casa da Arquitectura, 2012.
- . , ed. *Keil do Amaral: obras de arquitectura na Beira: regionalismo e modernidade*. 1ª ed. Lisboa: Argumentum, 2010.
- . *O processo SAAL e a arquitectura no 25 de Abril de 1974*. 1ª ed., 2ª reimp. Arquitectura. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2014.
- Bandeirinha, Rosa. «O Limiar do Claustro - Origens e práticas do Departamento de Arquitetura de Coimbra». Dissertação de Mestrado em Arquitetura, Universidade de Coimbra, 2013.
- Banham, Reyner. «Servants of the Public Will». *Journal of Ulm School for Design 14 - 15*. Dezembro de 1965.
- Barata, Francisco. «Os Mestres estão a acabar, e as sebatas ainda não chegaram.» Faculdade de Arquitetura da Universidade do Porto: Associação de Estudantes da Faculdade de Arquitetura da Universidade do Porto, 1995.
- Bardeschi, Marco Dezzi. «L'influenza della Personalità». *Casabella Continuità 287*, Maio de 1964.
- Barone, Ana Cláudia Castilho. *Team 10: arquitetura como crítica*. Annablume, 2002.
- Benevolo, Leonardo. *Storia dell'architettura moderna*. Laterza, 1992.

- Bettini, P., e R. Vittiglio. «Venezia-Proposte di Ordinamento e Dibattito interno». *Casabella Continuità* 287, Maio de 1964.
- Bibliothèque Nationale. *Les affiches de Mai 68 ou L'imagination graphique*. Paris, 1982.
- Boletim Arquitectos* 232: *Ensino / Formação*. 1ª ed. Lisboa: Ordem dos Arquitectos, 232AD.
- Bonsiepe, Gui. «Anti-Utopia». *Journal of Ulm School for Design* 7. Janeiro de 1963.
- . «Commentary on the situation of the HfG». *Journal of Ulm School for Design* 21. Abril de 1968.
- . «On June 30, 1967 Tomás Maldonado left the faculty of the HfG.» *Journal of Ulm School for Design* 19-20. Agosto de 1967, sec. People and Events.
- . «Resolution of members of the HfG». *Journal of Ulm School for Design* 21. Abril de 1968.
- Bonsiepe, Gui, e Renate Kietzmann. «End of the jornal "Ulm"». *Journal of Ulm School for Design* 21. Abril de 1968.
- Borges, Pedro Maurício. «[a propósito da exposição tape, que aconteceu nas comemorações dos 10 anos do darq, seguem-se algumas considerações específicas e outras, mais gerais]». *ECDJ* 2, Março de 2000.
- Botta, Mario. «A Imagem do Arquitecto Hoje». Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto: Associação de Estudantes da Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto, 1995.
- Brandão, Pedro. «As prespectivas da diversificação nas saídas profissionais da arquitectura». Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto: Associação de Estudantes da Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto, 1995.
- Brown, Denise Scott. «Learning the Wrong Lessons from the Beaux-Arts». *Architectural Design* 11-12, 1978.
- Bull, Anna Cento, e Adalgisa Giorgio. *Speaking Out and Silencing: Culture, Society and Politics in Italy in the 1970s*. David Brown Book Company, 2006.
- Cabrita, António Reis. «[2ª reflexão sobre o perfil do curso e o papel da Teoria da Arquitectura]». *ECDJ* 2, Março de 2000.
- . «Breve reflexão sobre a teoria no curso de arquitectura». Em *Encontros de Tomar : I Encontro sobre o Ensino da Arquitectura na Universidade de Coimbra*, 71 a 75. Coimbra: EDARQ-Edições do Departamento de Arquitectura, 1997.
- Calzi, Epifanio Li, e Roberto Sarfatti. «Milano-Rapporto tra situazioni locali e prospettive nazionali». *Casabella Continuità* 287, Maio de 1964.
- Canella, Guido. «Due Scelte per le Facoltà d'architettura». *Casabella Continuità* 287, Maio de 1964.

- Canella, Guido, e Lucio Stellario D'Angiolini. *Università, ragione, contesto tipo*. EDIZIONI DEDALO, 1975.
- Capellino, C., M. Coletti, G. De Giorgi, A. Magnaghi, G. Morbelli, L. Perona, G. Preto, R. Rosso, A. Sistri, e G. Viale. «Torino-Monopolio e Depressione Culturale». *Casabella Continuità* 287, Maio de 1964.
- Carlos Antero Ferreira. *A reforma setecentista da Universidade e o ensino da Arquitectura em Portugal no século XVIII*. Lisboa: s.n, 1991.
- Carneiro, Alberto. «Aprender Ensinando Sobre o Reflectido». Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto: Associação de Estudantes da Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto, 1995.
- Carneiro, Luís Soares. Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto: Associação de Estudantes da Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto, 1995.
- Carnevale, Giancarlo. «Do valor Do conhecimento Do Valor...» Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto: Associação de Estudantes da Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto, 1995.
- Carvalho, Mário. «Arquitectura e revolução : debates sobre o papel social e cultural do arquitecto no último século». Dissertação de Mestrado em Arquitectura, Universidade de Coimbra, 2010.
- Carvalho, Rómulo de. *História do ensino em Portugal: desde a fundação da nacionalidade até o fim do regime de Salazar-Caetano*. 5ª ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, Serviço de Educação e Bolsas, 2011.
- Cassanelli, Roberto. *Ruins of Ancient Rome: The Drawings of French Architects Who Won the Prix de Rome, 1786-1924*. Getty Publications, 2002.
- Cohen, Jean-Louis. *La coupure entre architectes et intellectuels, ou les enseignements de l'Italophilie: Ouvrage de référence sur l'architecture*. Mardaga, 2015.
- Colquhoun, Alan. «The Beaux-Arts Plan». *Architectural Design* 11-12, 1978.
- Comissão Organizadora, ed. *Encontros de Tomar : I Encontro sobre o Ensino da Arquitectura na Universidade de Coimbra*. Coimbra: EDARQ-Edições do Departamento de Arquitectura, 1997.
- «Comments on “Is the Relevant Bauhaus Today?”» *Journal of Ulm School for Design* 10 - 11. Maio de 1964.
- Coppola, F., C. De Seta, E. Guida, G. Pane, M. R. Spanò, e A. L. Rossi. «Napoli-Una Linea Politico-Culturale». *Casabella Continuità* 287, Maio de 1964.
- Correia, Nuno. «[reTomar os encontros]». *ECDJ* 2, Março de 2000.
- Costa, Alexandre Alves. «[cinco pensamentos de nexo inexplicável]». *ECDJ* 2, Março de 2000.

- . «História e Arquitectura». Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto: Associação de Estudantes da Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto, 1995.
- . «Illustrated Fragments on the “Porto School”». *Joelho 4: Revista de Cultura Arquitectónica*, Abril de 2013.
- . *Textos datados*. Debaixo da telha 2. Coimbra: EDARQ, 2007.
- Costa, Alexandre Alves, e Universidade de Coimbra, eds. *Coimbra: um novo mapa*. ecdj 4. Coimbra: DAFCTUC, 2001.
- Costa, Pedro Campos. «Perigosa SEDUÇÃO». Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto: Associação de Estudantes da Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto, 1995.
- Cruzeiro, Celso. *Coimbra, 1969: a crise académica, o debate das ideias e a prática, ontem e hoje*. Edições Afrontamento, 1989.
- Découpierre, Thierry. «A dúvida como matéria prima...» Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto: Associação de Estudantes da Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto, 1995.
- Departamento de Arquitectura da Faculdade de Ciências e Tecnologias da Universidade de Coimbra. «Notas sobre o I Encontro sobre o Ensino da Arquitectura na Universidade de Coimbra». Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto: Associação de Estudantes da Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto, 1995.
- Derossi, Prieto. «Responsabilità del Sapere». *Casabella Continuità* 287, Maio de 1964.
- Docentes de Geometria. «Acerca do lugar que a disciplina de Geometria ocupa no curso de Arquitectura (FAUP)». Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto: Associação de Estudantes da Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto, 1995.
- Drexler, Arthur, Richard Chafee, École nationale supérieure des beaux-arts (France), e Museum of Modern Art (New York N.Y.). *The Architecture of the École Des Beaux-Arts*. Museum of Modern Art, 1977.
- Duve, Thierry de. *Faire école (ou la refaire ?)*. Collection Mamco. Dijon: Les Presses du réel, 2008.
- «encontros de tomar 2 | actas». *ECDJ 2**, Junho de 2000.
- «encontros de tomar 3 | actas». *ECDJ 2**, Junho de 2000.
- «Ensinar pelo Projecto». *Joelho 4: revista de Cultura Arquitectónica*, Abril de 2013.
- «Entrevista Jorge Figueira». *Unidade 4*, 1995.

- «Exposição de Arquitectura Contemporânea Brasileira». *Arquitectura 53: Revista de Arte e Construção*, Dezembro de 1954.
- F.A.U.P, Associação de Estudantes da, ed. *Unidade*. Porto: FAUP, 1988.
- Fernandes, Eduardo. «A Escolha do Porto. Contributos para a actualização de uma ideia de Escola». Dissertação de Doutoramento em Arquitectura, Escola de Arquitectura da Universidade do Minho, 2010.
- . «FAUP 1985-2008: Um Retrato Social». *Unidade 7*, Dezembro de 2008.
- Fernandes, José Manuel. *Português suave: arquitecturas do Estado Novo*. Património Moderno. Lisboa: IPPAR, 2003.
- Fernandes, Manuel Correia. «Uma Escola a Caminho de Quê?» *Unidade 7*, Dezembro de 2008.
- Ferrão, Bernardo. Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto: Associação de Estudantes da Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto, 1995.
- Ferreira, Raúl Hestnes. «[comunicação]». *ECDJ 2*, Março de 2000.
- Figueira, Jorge. «[4 Debates Emergentes no Contexto do Segundo Encontro de Tomar, em Coimbra]». *ECDJ 2**, Junho de 2000.
- . «[algumas premissas para um dia de debate]». *ECDJ 2*, Março de 2000.
- . «Cadeira: Projecto». Em *Encontros de Tomar: I Encontro sobre o Ensino da Arquitectura na Universidade de Coimbra*, 45 e 46. Coimbra: EDARQ-Edições do Departamento de Arquitectura, 1997.
- . *Escola do Porto: um mapa crítico*. Debaixo de telha. Série B 5. Coimbra: EDARQ-Edições do Departamento de Arquitectura, 2002.
- . «O ensino de arquitectura não é crítica de cinema - 5 desafios para a FAUP». Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto: Associação de Estudantes da Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto, 1995.
- . «O mundo é esta revista. Unidade.» *Unidade 1*, Julho de 1988.
- . «Submarinos e Subsídios». *Unidade 3*, Junho de 1992.
- Frampton, Kenneth. «Apropos Ulm». *Oppositions 3*. Maio de 1974, sec. History.
- . «Apropos Ulm: Curriculum and Critical Theory». Em *Labour, Work and Architecture*, 44 a 63. Phaidon Press, 2002.
- França, José Augusto. *História da arte em Portugal*. Vol. 6. 6 vols. Biblioteca da Arte. Lisboa: Presença, 2001.

- Frøshaug, Anthony. «Visual Methodology». *Quarterly bulletin of Hochschule für Gestaltung Ulm* 4. Abril de 1959.
- Froud, Daisy, e Harriet Harriss. *Radical Pedagogies - Architectural Education and the British Tradition*. RIBA Publishing, 2015.
- Garzena, Biagio. «Questioni sulla ricerca nelle Facoltà». *Casabella Continuità* 287, Maio de 1964.
- Gervereau, Laurent. «L'atelier populaire de l'ex-Ecole des Beaux-Arts. Entretien avec Gérard Fromanger». *Matériaux pour l'histoire de notre temps* 1, 1988.
- Gigante, José. «O ensino da construção na prática de projecto». Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto: Associação de Estudantes da Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto, 1995.
- . «O lugar da Construção». Em *Encontros de Tomar: I Encontro sobre o Ensino da Arquitectura na Universidade de Coimbra*, 63 a 70. Coimbra: EDARQ-Edições do Departamento de Arquitectura, 1997.
- Gil, Bruno. «Culturas de Investigação em Arquitectura - Linhas de Pensamento nos Centros de Investigação, 1945-1974». Tese de Doutoramento em Arquitectura, Universidade de Coimbra, 2017.
- . «Escola de arquitectura: hoje». Prova Final de Licenciatura em Arquitectura, Universidade de Coimbra, 2005.
- Gomes, António Ribeiro. «A FCTUC e a criação da licenciatura em Arquitectura». *Diário de Coimbra*. 1 de Março de 1988.
- Gomes, Maria Marques Calado de Albuquerque. «A cultura arquitectónica em Portugal: 1880-1920: tradição e inovação». s.n., 2003.
- Gomes, Paulo Varela. «[entre coimbra e o mundo]». *ECDJ* 2, Março de 2000.
- Gonçalves, Adelino. «[assalto ao c.a.d.]». *ECDJ* 2*, Junho de 2000.
- Gonçalves, José Fernando. *Ser ou não ser moderno: considerações sobre a arquitectura modernista portuguesa*. Debaixo de Telha : Série B 3. Coimbra: EDARQ-Edições do Departamento de Arquitectura, 2002.
- . «[tape ou descubra as diferenças]». *ECDJ* 2, Março de 2000.
- Grabrielli, Bruno. «Genova-In attesa del riconoscimento». *Casabella Continuità* 287, Maio de 1964.
- Gregotti, Vittorio. «Facoltà del Costruire». *Casabella Continuità* 287, Maio de 1964.
- Gropius, Walter. «Sobre a ideia de monumentalidade». *Arquitectura* 30: *Revista de Arte e Construção*, Maio de 1949.

- Guerreiro, Filipa de Castro. Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto: Associação de Estudantes da Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto, 1995.
- Günther, Anni. «Falando de Arquitectura ou too much of a good thing is... Wonderful!» Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto: Associação de Estudantes da Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto, 1995.
- Hitchcock, Henry-Russel. «French Influence on 19th Century Architecture in the USA». *Architectural Design 11-12*, 1978.
- Huet, Bernard. «Formalism – Realism». *L'Architecture d'Aujourd'hui 190*, Abril de 1977.
- «I Congresso Nacional de Arquitectura». *Arquitectura 29: Revista de Arte e Construção*, Março de 1949.
- «I docenti sulla crisi dell'insegnamento». *Casabella Continuità 287*, Maio de 1964.
- «Italie 75». *L'Architecture d'Aujourd'hui 181*, Outubro de 1975.
- Jackson, Iain, e Jessica Holland. *The Architecture of Edwin Maxwell Fry and Jane Drew: Twentieth Century Architecture, Pioneer Modernism and the Tropics*. Routledge, 2016.
- Jacques, Annie, e Emmanuel Schwartz, eds. *Les Beaux-Arts, de l'Académie aux Quat'z'arts: anthologie historique et littéraire*. Ecole nationale supérieure des beaux-arts, 2001.
- Jordão, Pedro. «Encruzilhadas». *nu 01*, Abril de 2002.
- Krier, Leon. «Law and Disorder». *Architectural Design 11-12*, 1978.
- Krüger, Mário. «A formação técnica e as autonomias disciplinares. O lugar da construção». Em *Encontros de Tomar : I Encontro sobre o Ensino da Arquitectura na Universidade de Coimbra*, 47 a 62. Coimbra: EDARQ-Edições do Departamento de Arquitectura, 1997.
- . «[Investigação em Arquitectura: Conceitos e Pré-conceitos (*9)]». *ECDJ 2**, Junho de 2000.
- . «[questões de ordem científica]». *ECDJ 2**, Junho de 2000.
- . «[uma autobiografia prospectiva do departamento de arquitectura da fctuc]». *ECDJ 2*, Março de 2000.
- Lambert, Guy, e Estelle Thibault. *L'atelier et L'amphithéâtre - Les écoles de d'architecture, entre théorie et pratique*. Éditions Mardaga, 2011.
- Laurent, Jeanne. *À propos de l'École des beaux-arts*. EBA Ecole nationale supérieure des beaux-arts, 1987.
- «L'AUTRE journal d'architecture». *AMC 23*, Fevereiro de 1975.

- Lazo, Carlos. «A posição social do arquitecto». *Arquitectura 50-51: Revista de Arte e Construção*, Dezembro de 1953.
- Leandro, João Gonçalo Ribeiro. «Continuity ou continuità : o debate entre Reyner Banham e Ernesto Rogers na década de 1950». Dissertação de Mestrado em Arquitectura, Universidade de Coimbra, 2016.
- Lefebvre, Henri. *La révolution urbaine*. Gallimard, 1970.
- . *O Direito à Cidade*. Traduzido por Rubens Eduardo Frias. São Paulo: Centauro, 2001.
- Lengereau, Éric. «L’architecture entre culture et équipement (1965-1995)». *Vingtième Siècle, revue d’histoire 1*, 1997.
- Leniaud, Jean-Michel, e Béatrice Bouvier. *Le livre d’architecture, XVe-XXe siècle: édition, représentations et bibliothèques*. École nationale des chartes, 2002.
- Lisboa, Fernando. «CAD’s CAAD’s e outras pestes; afinal para que servem». *Unidade 4*, 1995.
- Lisboa, Maria Helena. *As academias e escolas de Belas Artes e o ensino artístico (1836-1910)*. Edições Colibri, 2007.
- Lobo, Rui Pedro. «[a propósito da edição das actas dos encontros]». *ECDJ 2**, Junho de 2000.
- Lopes, Diogo Seixas. *Melancolia e Arquitectura em Aldo Rossi*. Orfeu Negro, 2016.
- Lourdes, Maria de, e Francisco Castro Rodrigues, trad. «A Carta de Atenas». *Arquitectura 20: Revista de Arte e Construção*, Fevereiro de 1948.
- Lourdes, Maria de, e Francisco Castro Rodrigues, trad. «A Carta de Atenas». *Arquitectura 21: Revista de Arte e Construção*, Março de 1948.
- Lourdes, Maria de, e Francisco Castro Rodrigues, trad. «A Carta de Atenas». *Arquitectura 22: Revista de Arte e Construção*, Abril de 1948.
- Lourdes, Maria de, e Francisco Castro Rodrigues, trad. «A Carta de Atenas». *Arquitectura 23-24: Revista de Arte e Construção*, Junho de 1948.
- Lourdes, Maria de, e Francisco Castro Rodrigues, trad. «A Carta de Atenas». *Arquitectura 25: Revista de Arte e Construção*, Julho de 1948.
- Lourdes, Maria de, e Francisco Castro Rodrigues, trad. «A Carta de Atenas». *Arquitectura 26: Revista de Arte e Construção*, Setembro de 1948.
- Lourdes, Maria de, e Francisco Castro Rodrigues, trad. «A Carta de Atenas». *Arquitectura 27: Revista de Arte e Construção*, Dezembro de 1948.
- Lourdes, Maria de, e Francisco Castro Rodrigues, trad. «A Carta de Atenas». *Arquitectura 28: Revista de Arte e Construção*, Janeiro de 1949.

- Lourdes, Maria de, e Francisco Castro Rodrigues, trad. «A Carta de Atenas». *Arquitectura 29: Revista de Arte e Construção*, Março de 1949.
- Lourdes, Maria de, e Francisco Castro Rodrigues, trad. «A Carta de Atenas». *Arquitectura 30: Revista de Arte e Construção*, Maio de 1949.
- Lourdes, Maria de, e Francisco Castro Rodrigues, trad. «A Carta de Atenas». *Arquitectura 31: Revista de Arte e Construção*, Julho de 1949.
- Lourdes, Maria de, e Francisco Castro Rodrigues, trad. «A Carta de Atenas». *Arquitectura 32: Revista de Arte e Construção*, Setembro de 1949.
- Madureira, António. «Para que arquitectos e que Ensino?» Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto: Associação de Estudantes da Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto, 1995.
- Maldonado, Tomás. «Communication and Semiotics». *Quarterly bulletin of Hochschule für Gestaltung Ulm 5*. Julho de 1959.
- . «Design-Objects and Art-Objects». *Journal of Ulm School for Design 7*. Janeiro de 1963.
- . «HfG in Distort Mirror». *Journal of Ulm School for Design 8-9*. Setembro de 1963.
- . «How to fight Complacency In Design Education». *Journal of Ulm School for Design 17 - 18*. Junho de 1966.
- . «In memoriam Hans Gugelot». *Journal of Ulm School for Design 14 - 15 - 16*. Dezembro de 1965.
- . «Is the Bauhaus Relevant Today?» *Journal of Ulm School for Design 8-9*. Setembro de 1963.
- . «New developments in industry and training of the designer». *Quarterly bulletin of Hochschule für Gestaltung Ulm 2*. Outubro de 1958.
- Marques, Isabel Clara Neves da Rocha. «Abordagem científica ao projecto numa perspectiva computacional na arquitectura». Dissertação de Doutoramento em Arquitectura, Universidade de Lisboa, 2015.
- Mendelsohn, Eric. «A Arquitectura num mundo em transformação». *Arquitectura 26: Revista de Arte e Construção*, Setembro de 1948.
- Merlini, Paolo. «A necessidade de mudar - Primeiras reflexões sobre a experiência dos laboratórios de projectação de Veneza». Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto: Associação de Estudantes da Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto, 1995.
- Meyer, Hannes. «Bauhaus Dessau 1927-1930. Experiencias sobre la ensenanza politecnica». *Edificación 34*, Setembro de 1940.

- Middleton, Robin. «Vive L'Ecole». *Architectural Design* 11-12, 1978.
- Milheiro, Ana Vaz. *Nos trópicos sem Le Corbusier: arquitectura luso-africana no Estado Novo*. Relógio d'Água, 2012.
- Moniz, Gonçalo Canto. «A Escola de Coimbra e o legado do Porto e de Lisboa: Investigar pelo Projeto». Em *Boletim Architectos* 232: *Ensino / Formação*, 1ª ed., 9 a 11. Lisboa: Ordem dos Architectos, 232AD.
- . «A Reforma de 57: Em Direção a um Ensino Universitário da Arquitetura». Em *Rituais, Espaços & Patrimónios Escolares. IX Congresso Luso-Brasileiro de História da Educação*, 155–68. Instituto de Educação da Universidade de Lisboa, 2012. <https://estudogeral.sib.uc.pt/handle/10316/24373>.
- . «[construir uma escola_comentário à primeira sessão dos encontros de tomar IV]». *ECDJ* 2, Março de 2000.
- . «O ensino moderno da arquitectura: a reforma de 57 e as Escolas de Belas-Artes em Portugal (1931-69)». Tese de Doutoramento em Arquitetura, Universidade de Coimbra, 2011.
- Moreno, Joaquim. Faculdade de Arquitetura da Universidade do Porto: Associação de Estudantes da Faculdade de Arquitetura da Universidade do Porto, 1995.
- Mumford, Eric Paul. *The CIAM Discourse on Urbanism: 1928-1960*. Cambridge (Mass.); London: MIT Press, 2000.
- Neto, Pedro Leão. «A influência dos novos instrumentos tecnológicos nas linguagens arquitectónicas». Faculdade de Arquitetura da Universidade do Porto: Associação de Estudantes da Faculdade de Arquitetura da Universidade do Porto, 1995.
- Neutra, Richard. «Neutra em Veneza». *Arquitectura* 31: *Revista de Arte e Construção*, Julho de 1949.
- Nicol, David, e Simon Pilling, eds. *Changing Architectural Education: Towards a New Professionalism*. London ; New York: Spon Press, 2000.
- «Nuove architettura in Francia». *Controspazio* 1 - *edizioni Dedalo*, Fevereiro de 1976.
- «O III Congresso da U.I.A. - Conclusões». *Arquitectura* 53: *Revista de Arte e Construção*, Dezembro de 1954.
- «O VII Congresso Internacional de Arquitectura Moderna». *Arquitectura* 31: *Revista de Arte e Construção*, Julho de 1949.
- Ohl, Herbert. «Students' Dormitory utilizing Space-Unit Construction». *Journal of Ulm School for Design* 14 - 15 - 16. Dezembro de 1965.
- Ohl, Herbert, e Bernd Meurer. «System for Petrol Filling Stations». *Journal of Ulm School for Design* 8-9. Setembro de 1963.

- Olaio, António, e Jorge Figueira. «[uma escola lenta | uma arquitectura veloz]». *ECDJ* 2, Março de 2000.
- «Ousar, Experimentar». *Unidade* 2, Dezembro de 1988.
- Palma, Cândido, e Francisco da Conceição Silva. «O Ensino da Arquitectura em Portugal - Tese apresentada no I Congresso Nacional de Arquitectura». *Arquitectura 32: Revista de Arte e Construção*, Setembro de 1949.
- «Para que resulte: Curso de Arquitectura tem de ser pensado». *Diário de Coimbra*. 15 de Junho de 1989, sec. Especial / V Congresso Associação Arquitectos Portugueses.
- Paulino, Raquel Gada. «ESBAP|FAUP. O Ensino da Arquitectura na Escola do Porto. Construção de um Projeto Pedagógico entre 1969 e 1984». Tese de Doutoramento em Arquitectura, Universidade do Porto, 2014.
- Pawley, Martin, e Bernard Tschumi. «The “Beaux-Arts” since 68». *Architectural Design*, Setembro de 1971.
- Pedret, Annie. «CIAM and the Emergence of Team 10 Thinking, 1945-1959». Thesis, Massachusetts Institute of Technology, 2001.
- Pereira, Juliano Aparecido. «The studio in the School of Architecture and Urban Design of the University of São Paulo: the 1962 Reform and its contemporary issues». *Joelho 04: revista de Cultura Arquitectónica*, Abril de 2013.
- Pereira, Luís Gama. «Bolonha, uma semente transgénica». *Unidade* 7, Dezembro de 2008.
- Pereira, Tania Calovi. «Design through synthesis: the role of sculpture in the design process of Max Bill». *Joelho 4: revista de Cultura Arquitectónica*, Abril de 2013.
- Perret, Auguste. «Contribuição para uma Teoria da Arquitectura». *Arquitectura 48: Revista de Arte e Construção*, Agosto de 1953.
- Pirrone, Gianni. «Palermo-Un esperimento che dura da Vent'Anni». *Casabella Continuità* 287, Maio de 1964.
- Planos: salvaguarda Vila Real de Sto António: projecto urbano Coimbra*. ECDJ : em cima do joelho 9. Coimbra: DARq, 2005.
- Portas, Nuno. «Arquitectura e Contexto - Notas de pedagogia crítica». Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto: Associação de Estudantes da Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto, 1995.
- . *Arquitectura(s): história e crítica, ensino e profissão*. Argumentos 23. Porto: FAUP, 2005.
- . Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto: Associação de Estudantes da Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto, 1995.
- Portugal, Martim. «Ensino da Arquitectura na Universidade de Coimbra: projecto que foi e é viável». *Diário de Coimbra*. 1 de Março de 1988.

- «Projectos - Lugares de Ensino da Arquitectura». *Jornal dos Arquitectos 201 - Faire École 1*, Junho de 2001.
- «Projectos - Lugares de Ensino da Arquitectura 2». *Jornal dos Arquitectos 202 - Faire École 2*, Outubro de 2001.
- «[proposta de alteração do plano de estudos - proposta de alteração aprovada]». *ECDJ 2**, Junho de 2000.
- «[proposta de alteração do plano de estudos licenciatura em arquitectura - proposto a debate]». *ECDJ 2**, Junho de 2000.
- Quintanilha, Olga. «A eficácia da aprendizagem - Estágio como instrumento pedagógico ou como acesso à profissão?» Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto: Associação de Estudantes da Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto, 1995.
- Rapoport, Anatol. *Operational Philosophy: Integrating Knowledge and Action*. International Society for General Semantics, 1969.
- «Reconhecimento da AAP como associação de Direito Público vem responsabilizar arquitectos». *Diário de Coimbra*. 15 de Junho de 1989, sec. Especial / V Congresso Associação Arquitectos Portugueses.
- Reimão, Miguel. «“A «Escola » daqui de poucos”». Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto: Associação de Estudantes da Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto, 1995.
- Rodrigues, Jacinto. *A Bauhaus e o ensino artistico*. Lisboa: Presença, 1989.
- . «Pistas Transitórias para uma Mudança na FAUP». Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto: Associação de Estudantes da Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto, 1995.
- Rogers, Ernesto Nathan. «Aos Estudantes de Arquitectura». *Arquitectura 28: Revista de Arte e Construção*, Janeiro de 1949.
- . «Continuità o crisi?». *Casabella Continuità 215*, Abril-Maio de 1957.
- . «Elogio della Architettura». *Casabella Continuità 287*, Maio de 1964.
- . «Esperienza nella continuità». *Casabella Continuità 287*, Maio de 1964.
- Rossi, Aldo. *A arquitectura da cidade*. Traduzido por José Charters Monteiro. 2ª. Cosmos Architectura 2. Lisboa: Cosmos, 2001.
- . «Nuovi problemi». *Casabella Continuità 264*, Junho de 1962.
- Rossi, Aldo Loris, Cesare De'Seta, e Ermanno Guida. «Condizione Industriale e Cultura Nella Università». *Casabella Continuità 287*, Maio de 1964.

- Rotman, Patrick. *Maio de 68 explicado àqueles que o não viveram*. Traduzido por Maria Freitas da Costa. Lisboa: Guimarães Editores, 2009.
- Samonà, Giuseppe. *L'urbanistica e l'avvenire della città: negli stati europei*. Laterza, 1959.
- Santos, Filipe Almeida. «Para uma Utopia, ou, Admirável Curso Novo». Faculdade de Arquitetura da Universidade do Porto: Associação de Estudantes da Faculdade de Arquitetura da Universidade do Porto, 1995.
- Schnaidt, Claude. «200 Years of Modern Architecture». *Journal of Ulm School for Design* 7. Janeiro de 1963.
- . «Architecture and Political Commitment». *Journal of Ulm School for Design* 19-20. Agosto de 1967.
- . *Hannes Meyer: Buildings, Projects and Writings*. Verlag Arthur Niggli AG, 1965.
- . «New Swiss Architecture». *Journal of Ulm School for Design* 12-13. Março de 1965.
- . «Prefabricated Hope». *Journal of Ulm School for Design* 10 -11. Maio de 1964.
- . «Ulm (Dernier épisode d'une affaire de récidives)». *L'architecture d'aujourd'hui* 142, Março de 1969.
- Seidman, Michael. *The Imaginary Revolution: Parisian Students and Workers in 1968*. Berghahn Books, 2004.
- Semerani, Luciano. «Delle Facoltà come centri di Studio Sul Territorio». *Casabella Continuità* 287, Maio de 1964.
- Sennott, Stephen. *Encyclopedia of Twentieth Century Architecture*. Taylor & Francis, 2004.
- Silva, Leonor Cabral Matos. «Cultura Arquitectónica em Lisboa: Um olhar a partir da ESBAL/FAUTL no período de 1975 a 1990». Dissertação de Mestrado em Arquitetura, Universidade de Lisboa, 2011.
- Silva, Vitor da. «O ensino do Desenho de Arquitectura na FAUP». Faculdade de Arquitetura da Universidade do Porto: Associação de Estudantes da Faculdade de Arquitetura da Universidade do Porto, 1995.
- Silvestre, Paulo. «Sejamos realistas.» Faculdade de Arquitetura da Universidade do Porto: Associação de Estudantes da Faculdade de Arquitetura da Universidade do Porto, 1995.
- Snozzi, Luigi. «Princípios didácticos». Faculdade de Arquitetura da Universidade do Porto: Associação de Estudantes da Faculdade de Arquitetura da Universidade do Porto, 1995.
- Sofia: concurso público de ideias para reabilitação da rua da Sofia*. ECDJ : em cima do joelho 8. Coimbra: DARq, 2004.

- Sousa, Nuno Tasso de. «A eficácia da aprendizagem - O Ensino Teórico». Faculdade de Arquitetura da Universidade do Porto: Associação de Estudantes da Faculdade de Arquitetura da Universidade do Porto, 1995.
- Tafari, Manfredo. *Architecture et Humanisme: de la Renaissance aux Réformes*. Espace & Architecture. Paris: Dunod, 1986.
- . *Storia dell'architettura italiana: 1944-1985*. Einaudi, 2002.
- Tavares, André Carinha. «Uma visão gestáltica numa tarde de Outono». Faculdade de Arquitetura da Universidade do Porto: Associação de Estudantes da Faculdade de Arquitetura da Universidade do Porto, 1995.
- Tavares, André, e Ivo Oliveira. «Leitura Informal ou Notas Não Científicas - esbap | faup . arquitetura». *Unidade 6*, Setembro de 1998.
- Tavares, Domingos. «Arquitetura não é um ofício». Faculdade de Arquitetura da Universidade do Porto: Associação de Estudantes da Faculdade de Arquitetura da Universidade do Porto, 1995.
- Thiollet, Michel. «Maio de 1968 em Paris: testemunho de um estudante». *Tempo Social* 2, 1998.
- Thomaz, Dalva. «Uma Escola, Uma Síntese Arquitectónica». *Jornal dos Arquitectos 201 - Faire École I*, Junho de 2001.
- Tostões, Ana. *Os verdes anos na arquitectura portuguesa dos anos 50*. Porto: FAUP, 1997.
- Tubini, Umberto. «Vicenza-Appunti relativi all'istituzione di una facoltà». *Casabella Continuità* 287, Maio de 1964.
- «ULM - Auf dem Kuhberg». *Der Spiegel* 12, 20 de Março de 1963.
- Universidade de Coimbra, ed. *Construir (na) memória*. ECDJ: em cima do Joelho 11. Coimbra: DARq, 2008.
- Universidade de Coimbra, Faculdade de Ciências e Tecnologia, Centro de Estudos de Arquitectura, ed. *ECDJ - Em Cima Do Joelho*. Coimbra: Serviço Editorial do Departamento de Arquitectura, 1999.
- Unuri, M. P. Clarini, P. Cuneo, R. Guiffre, E. Gorelli, F. Grasso, M. Guidi, et al. «Roma-Agitazione situaxione, Prospettive». *Casabella Continuità* 287, Maio de 1964.
- «UP 8». *AMC - Architecture Mouvement Continuité* 27, 1972.
- Valente, José Pulido. «Como Construir Arquitectos». Faculdade de Arquitetura da Universidade do Porto: Associação de Estudantes da Faculdade de Arquitetura da Universidade do Porto, 1995.
- Viegas, Luís. «Das competências ao conhecimento em arquitetura. O ensino universitário integrado em Bolonha.» *Joelho 4: revista de Cultura Arquitectónica*, Abril de 2013.

- Vieira, Álvaro Siza. «Jornadas Pedagógicas». Faculdade de Arquitetura da Universidade do Porto: Associação de Estudantes da Faculdade de Arquitetura da Universidade do Porto, 1995.
- Violeau, Jean-Louis. *Les architectes et mai 68*. Recherches, 2005.
- Wick, Rainer K. *Teaching at the Bauhaus*. Distributed Art Pub Incorporated, 2000.
- Wingler, Hans Maria. *Il bauhaus - Weimar, Dessau, Berlino 1919-33*. Feltrinelli Editore, 1987.
- Zevi, Bruno. *Poetica dell'architettura neoplasticista*. Tamburini, 1953.
- . *Saber ver a arquitectura*. Traduzido por Maria Isabel Gaspar e Gaetan Martins de Oliveira. 5ª ed. Coleção a. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

Sítios da Internet

- «700+25. Arquitectura na UniverCidade. «Anozero». Acedido 29 de Agosto de 2017. <http://anozero-bienaldecoimbra.pt/12-70025/>.
- Adrien Zammit. «Mai 68, 1968». Text, 24 de Maio de 1968. <http://www.formes-vives.org/histoire/?post/mai-68>.
- «Álvaro Siza vence Leão de Ouro de carreira na Bienal de Veneza | ArchDaily Brasil». Acedido 4 de Setembro de 2017. <http://www.archdaily.com.br/br/01-56408/alvaro-siza-vence-leao-de-ouro-de-carreira-na-bienal-de-veneza>.
- «Architettura, Sapienza - Università di Roma». Acedido 20 de Julho de 2017. <http://www.architettura.uniroma1.it/>.
- «arquivo digital da revista nu». Acedido 28 de Agosto de 2017. <http://arquivonu.blogspot.com/2011/02/biografia.html>.
- «Bauhaus - Monoskop». Acedido 2 de Setembro de 2017. <https://monoskop.org/Bauhaus>.
- «Bauhaus Women | We Are Not A Muse». Acedido 27 de Maio de 2017. <http://www.wearenotamuse.co.uk/bauhaus-women/>.
- «Cc | Diário de Lisboa | 1921-1990». Acedido 11 de Julho de 2017. http://casacomum.org/cc/diario_de_lisboa/.
- «CIAM I (La Sarraz) - Fundação dos CIAM». Acedido 2 de Setembro de 2017. <http://www.cronologiadourbanismo.ufba.br/apresentacao.php?idVerbete=1464#prettyPhoto>.

- «desconexo blog | sobre arquitectura e outras anomalias | tiago p borges | lausanne | ch: Fevereiro 2005». Acedido 20 de Setembro de 2017. http://desconexo.blogspot.pt/2005_02_01_des-conexo_archive.html.
- «École |». Acedido 30 de Junho de 2017. <http://paris-malaquais.archi.fr/ecole#>.
- «École d'architecture de la ville & des territoires à Marne-la-Vallée». Acedido 30 de Junho de 2017. <http://www.marnelavallee.archi.fr/>.
- «Ecole Nationale Supérieure d'Architecture de Paris-Belleville - ENSAPB». Acedido 30 de Junho de 2017. <http://www.paris-belleville.archi.fr/>.
- «Ecole nationale supérieure d'architecture de Versailles». Acedido 30 de Junho de 2017. <http://www.versailles.archi.fr/>.
- «Ecole Nationale Supérieure d'Architecture Paris-Val de Seine». Acedido 30 de Junho de 2017. <http://www.paris-valdeseine.archi.fr/>.
- «Ecole Nationale Supérieure des Beaux-Arts (ancien couvent des Grands Augustins) à Paris 6eme arrondissement (Paris)». Acedido 3 de Setembro de 2017. <http://patrimoine-de-france.com/paris/paris-6eme-arrondissement/ecole-nationale-superieure-des-beaux-arts-ancien-couvent-des-grands-augustins-30.php>.
- «ENSAPLV - Ecole Nationale Supérieure d'Architecture de Paris-La Villette». Acedido 3 de Julho de 2017. <http://www.paris-lavillette.archi.fr>.
- «Escola do Porto está viva e é ainda referência para novos arquitectos - Porto24». Acedido 3 de Setembro de 2017. <http://www.porto24.pt/cidade/escola-do-porto-esta-viva-e-e-ainda-referencia-para-novos-arquitectos/>.
- «Faculdade de Arquitectura UT Lisboa». Acedido 30 de Agosto de 2017. <http://www.fa.ulisboa.pt/>.
- «FAUP». Acedido 19 de Julho de 2017. <https://sigarra.up.pt/faup/pt>.
- «HfG-Archiv Ulm | The HfG Ulm». Acedido 16 de Junho de 2017. http://www.hfg-archiv.ulm.de/english/the_hfg_ulm/.
- «Home - FAU - USP». Acedido 3 de Setembro de 2017. <http://www.fau.usp.br/>.
- «Jornal da USP ano XIX n.711». Acedido 3 de Setembro de 2017. <http://www.usp.br/jorusp/arquivo/2004/jusp711/pag12.htm>.
- «Legislação – Serviço de Documentação e Informação». *Serviço de Documentação e Informação da Faculdade de Belas Artes da Universidade do Porto*. Acedido 8 de Julho de 2017. <http://sdi.fba.up.pt/arquivo/documentacao/legislacao/>.
- «Mai 68 (voir photos) - Humour Actualités Citations et Images». Acedido 3 de Setembro de 2017. <http://k00ls.overblog.com/mai-68>.

- «notícias | encomenda | OA-SRS». Acedido 3 de Setembro de 2017. <http://encomenda.oasrs.org/noticias/concursos>.
- «Politecnico di Milano: Dettaglio Laurea Magistrale». Acedido 12 de Julho de 2017. <https://www.polimi.it/?id=6502&anno=2017&campus=&scuola=&corso=1136>.
- «Qui sommes nous L'Association - Grande Masse des Beaux-Arts». Acedido 26 de Junho de 2017. http://grandemasse.org/?c=association&p=qui_sommes_nous.
- «Quimera | DP: A Arquitetura De Coimbra». Acedido 22 de Setembro de 2017. <http://quimerablogue.blogspot.pt/2015/11/a-arquitetura-de-coimbra.html>.
- «Repositório Temático da Universidade do Porto: ADUP FAUP - Concurso para Obtenção de Diploma de Arquitecto (CODA) [1935-1983]». Acedido 20 de Agosto de 2017. <https://repositorio-tematico.up.pt/handle/10405/39800>.
- «REVISTA PUNKTO: O simpósio SAAL:em retrospectiva Ana Catarina Costa». Acedido 3 de Setembro de 2017. http://www.revistapunkto.com/2014/06/o-simposio-saal-em-retrospectiva-ana_6.html.
- «Screen Politics: Pop Art and the Atelier Populaire | Tate». Acedido 3 de Setembro de 2017. <http://www.tate.org.uk/research/publications/tate-papers/24/screen-politics-pop-art-and-the-atelier-populaire>.
- «storia della rivista | CASABELLA». Acedido 26 de Maio de 2017. <http://casabellaweb.eu/wp/the-magazine/short-magazine-history/>.
- «TEAM 10 Meetings». Acedido 2 de Setembro de 2017. <http://www.team10online.org/team10/meetings/1959-otterlo.htm>.
- «The history of the Academy - Villa Medici». Acedido 3 de Setembro de 2017. <https://www.villamedici.it/en/history-and-heritage/history-of-academy/>.
- «U. Porto - Universidade do Porto - Galeria de imagens da Casa do Gólgota». Acedido 4 de Setembro de 2017. https://sigarra.up.pt/up/pt/web_base.gera_pagina?p_pagina=casa%20do%20g%20c3%20b3lgota%20-%20galeria%20de%20imagens.
- «U. Porto - Universidade do Porto - Galeria de imagens do Palacete Braguinha». Acedido 3 de Setembro de 2017. https://sigarra.up.pt/up/pt/web_base.gera_pagina?p_pagina=palacete%20braguinha%20-%20galeria%20de%20imagens.
- «Ulm - Monoskop». Acedido 2 de Setembro de 2017. <https://monoskop.org/Ulm>.
- «Universidade de Coimbra - Departamento de Arquitectura». Acedido 30 de Agosto de 2017. <http://www.uc.pt/fectuc/darq>.
- «Università Iuav di Venezia». Acedido 25 de Julho de 2017. <http://www.iuav.it/homepage/>.

FONTES DE IMAGENS

Fig. 1 - Página 4 e 5

“General assembly on February 19, 1968” em Bonsiepe, Gui. «Commentary on the situation of the HfG», *Journal of Ulm School for Design* 21, Abril de 1968, 8.

Fig. 2 - Página 40

“Participantes do I CIAM, Castelo de La Sarraz, 1928” em «CIAM I (La Sarraz) - Fundação dos CIAM», acessado 2 de Setembro de 2017, <http://www.cronologiadourbanismo.ufba.br/apresentacao.php?idVerbete=1464#prettyPhoto>.

Fig. 3 - Página 42

Capas de: *BauhausBücher 1: Internationale Architektur* (Arquitetura Internacional) - 1925, *BauhausBücher 2: Pädagogisches Skizzenbuch* (Sketchbook Pedagógico) - 1925, *BauhausBücher 4: Die Bühne im Bauhaus* (Estágio na Bauhaus) - 1924, *BauhausBücher 7: Neue Arbeiten der Bauhauswerkstätten* (Novos Trabalhos das Oficinas Bauhaus) -1925 e *Bauhaus 1 – 4* de Dezembro de 1926 disponíveis em «Bauhaus - Monoskop», acessado 2 de Setembro de 2017, <https://monoskop.org/Bauhaus>.

Fig. 4 - Página 46

CIAM '59 Congress, Otterlo, 1959. Peter and Alison Smithson, John Voelcker, Jacob Bakema, Sandy van Ginkel; below Aldo van Eyck, Blanche Lemco em Pedret, Annie. «*CIAM and the Emergence of Team 10 Thinking, 1945-1959*» (Thesis, Massachusetts Institute of Technology, 2001), 351, <http://dspace.mit.edu/handle/1721.1/33271>.

Fig. 5 - Página 48

Escola de Design de Ulm em *Quarterly bulletin of Hochschule für Gestaltung Ulm* 1, Outubro de 1958, 1, 2 e 24.

Fig. 6 - Página 50

Capa de *Quarterly bulletin of Hochschule für Gestaltung Ulm* 1, Outubro de 1958.

Fig. 7 - Página 52

“Example of an underground railway system” em Frøshaug, Anthony. «Visual Methodology», *Quarterly bulletin of Hochschule für Gestaltung Ulm* 4, Abril de 1959, 66.

Fig. 8 - Página 58

Maldonado, Tomás. «Is the Bauhaus Relevant Today?», *Journal of Ulm School for Design* 8-9, Setembro de 1963, 5.

Fig. 9 - Página 60

“Whit a poster campaign the members of the HfG made public the dangerous situation of the institution” em Bonsiepe, Gui. «Commentary on the situation of the HfG», *Journal of Ulm School for Design* 21, Abril de 1968, 6

Fig. 10 - Página 68

“Some phases of the assembly process of the petrol filling” station em Ohl, Herbert, e Meurer, Bernd. «System for Petrol Filling Stations», *Journal of Ulm School for Design* 8-9, Setembro de 1963, 16 e 17.

Fig. 11 - Página 70

“Space units composed of various elements”, “Two sections (toruses) of a space unit”, “Setup of space units” e “Various forms of assembly” em Ohl, Herbert. «Students’ Dormitory utilizing Space-Unit Construction», *Journal of Ulm School for Design* 14 - 15 - 16, Dezembro de 1965.

Fig. 12 - Página 78

Capa da última edição do *Journal* em *Journal of Ulm School for Design* 21, Abril de 1968.

Fig. 13 - Página 80

“Rektor Helbert Ohl delivering the resolution” e “Members of the HfG signing the resolution” em Bonsiepe, Gui. «Commentary on the situation of the HfG», *Journal of Ulm School for Design* 21, Abril de 1968, 10

Fig. 14 - Página 86

“Presentations at the Kröller-Müller Museum in Otterlo” em «TEAM 10 Meetings», acessado 2 de Setembro de 2017, <http://www.team10online.org/team10/meetings/1959-otterlo.htm>.

Fig. 15 - Página 88

“Torino” em Canella, Guido. «Due Scelte per le Facoltà d’architettura», *Casabella Continuità* 287, Maio de 1964, 7.

Fig. 16 - Página 90

Capa da *Casabella Continuità* 287, Maio de 1964.

Feininger, Lux. “Female Bauhaus students on staircase” em «Bauhaus Women | We Are Not A Muse», acedido 27 de Maio de 2017, <http://www.wearenotamuse.co.uk/bauhaus-women/>.

Fig. 17 - Página 98

“Roma” em Aymonino, Carlo. «Facoltà di Tendenza», *Casabella Continuità* 287, Maio de 1964, 11.

Fig. 18 - Página 102

“Torino” em Capellino, C., M. Coletti, G. De Giorgi, A. Magnaghi, G. Morbelli, L. Perona, G. Preto, R. Rosso, A. Sistri, e G. Viale. «Torino-Monopolio e Depressione Culturale». *Casabella Continuità* 287, Maio de 1964, 24.

Fig. 19 - Página 104

“Milano” em Li Calzi, Epifanio, e Sarfatti, Roberto. «Milano-Rapporto tra situazioni locali e prospettive nazionali», *Casabella Continuità* 287, Maio de 1964, 28.

Fig. 20 - Página 110

“Veneza” em Bettini, P. e Vittiello, R. «Venezia-Proposte di Ordinamento e Dibattito interno», *Casabella Continuità* 287, Maio de 1964, 35.

Fig. 21 - Página 112

“Firenze” em Bacciardi et al., «Firenze-Motivi di crisi e discorso ai nuovi studenti», *Casabella Continuità* 287, Maio de 1964, 40.

Fig. 22 - Página 114

“Roma” em Unuri et al., «Roma-Agitazione situaxione, Prospettive», *Casabella Continuità* 287, Maio de 1964, 44.

Fig. 23 - Página 124

“Paris – École des Beaux-Arts” em «Ecole Nationale Supérieure des Beaux-Arts (ancien couvent des Grands Augustins) à Paris 6eme arrondissement (Paris)», acedido 3 de Setembro de 2017, <http://patrimoine-de-france.com/paris/paris-6eme-arrondissement/ecole-nationale-superieure-des-beaux-arts-ancien-couvent-des-grands-augustins-30.php>.

Fig. 24 - Página 126

“The history of the Academy” em «The history of the Academy - Villa Medici»,
 acessado 3 de Setembro de 2017, <https://www.villamedici.it/en/history-and-heritage/history-of-academy/>.

Fig. 25 - Página 130

“Salão Caramelo” em «Home - FAU - USP», acessado 3 de Setembro de 2017,
<http://www.fau.usp.br/>.

Fig. 26 - Página 132

Capa de «Italie», *L'Architecture d'Aujourd'hui* 41, 1952.

Capa de «Italie», *L'Architecture d'Aujourd'hui* 48, 1953.

Fig. 27 - Página 138

“Paris, May 4, 1968: Police department enters the Sorbonne in Paris” em «Mai 68
 (voir photos) - Humour Actualités Citations et Images», acessado 3 de Setembro de
 2017, <http://k00ls.overblog.com/mai-68>.

Fig. 28 - Página 140

“Paris, 11 May 1968: Removing barricades of bricks and paving stones” em «Mai 68
 (voir photos) - Humour Actualités Citations et Images», acessado 3 de Setembro de
 2017, <http://k00ls.overblog.com/mai-68>.

“Entrance to the École des Beaux-Arts, Rue Bonaparte, Paris” em Pawley, Martin, e
 Tschumi, Bernard. «The “Beaux-Arts” since 68», *Architectural Design*, Setembro de
 1971, 534 e 535.

“École des beaux-arts: ‘Atelier Populaire Oui!’ - Courtesy Bibliothèque Nationale de
 France” em «Screen Politics: Pop Art and the Atelier Populaire | Tate», acessado 3 de
 Setembro de 2017, <http://www.tate.org.uk/research/publications/tate-papers/24/screen-politics-pop-art-and-the-atelier-populaire>.

Fig. 29 - Página 142

“Atelier Populaire, ex-École des Beaux-Arts, photo Marc Riboud, Paris, 1968” em
 Adrien Zammit, «Mai 68, 1968», text, (24 de Maio de 1968), <http://www.formes-vives.org/histoire/?post/mai-68>.

Fig. 30 - Página 150

Capa de «Nuove architetecture in Francia», *Controspazio 1 – edizioni Dedalo*, Fevereiro de 1976.

Fig. 31 - Página 154

Capa de «Italie 75», *L'Architecture d'Aujourd'hui 181*, Outubro de 1975.

Capa de «Formalism – Realism», *L'Architecture d'Aujourd'hui 190*, Abril de 1977.

Fig. 32 - Página 156

“Manhã do dia 17 de Abril – manifestação de estudantes aguardando a chegada de Tomás” em Cruzeiro, Celso. *Coimbra, 1969: a crise académica, o debate das ideias e a prática, ontem e hoje* (Edições Afrontamento, 1989), 131.

Fig. 33 - Página 166

“Frontaria do Palacete Braguinha – FBAUP” em «U. Porto - Universidade do Porto - Galeria de imagens do Palacete Braguinha», acedido 3 de Setembro de 2017, https://sigarra.up.pt/up/pt/web_base.gera_pagina?p_pagina=palacete%20braguinha%20-%20galeria%20de%20imagens.

Fig. 34 - Página 170

“Exposição do Mundo Português, pavilhão dos Portugueses no Mundo” em «Arquivo Municipal de Lisboa - Exposições Virtuais», acedido 3 de Setembro de 2017, <http://arquivomunicipal.cm-lisboa.pt/pt/galerias/detalhes.php?id=15>.

Fig. 35 - Página 175

Capa de Lopes de Almeida, Manuel, e Brandão, Mário, e Cruz, Lígia. eds., *Arquitectura popular em Portugal*, 2 vols. (Lisboa: Sindicato Nacional dos Arquitectos, 1961).

Fig. 36 - Página 180

III Congresso da U.I.A em «O III Congresso da U.I.A. - Conclusões», *Arquitectura 53: Revista de Arte e Construção*, Dezembro de 1954.

Fig. 37 - Página 184

“João Botelho, hoje realizador de cinema, e Isabel Pinto, advogada em Marco de Canaveses, apontam um dos objectivos da luta”, “Aspecto parcial da Assembleia Magna de 28/5/69, realizada nos jardins da AAC” e “«Após a inauguração, todos saímos para os jardins da AAC, onde alegremente confraternizámos..»” em Cruzeiro, Celso. *Coimbra, 1969: a crise académica, o debate das ideias e a prática, ontem e hoje* (Edições Afrontamento, 1989), 134 e 135.

Fig. 38 - Página 186

“Porto, primeira manifestação de moradores contra a sublocação, entrada na Câmara Municipal, 30 de Novembro de 1974. Fonte Arquivo do Arquitecto Alexandre Alves Costa.” em Bandeirinha, José António. *O processo SAAL e a arquitectura no 25 de Abril de 1974*, 1a ed., 2a reimp, Arquitectura (Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2014), 130.

“Casas Sim Barracas Não” em «REVISTA PUNKTO: O simpósio SAAL: em retrospetiva Ana Catarina Costa», acedido 3 de Setembro de 2017, http://www.revistapunkto.com/2014/06/o-simposio-saal-em-retrospetiva-ana_6.html.

Fig. 39 - Página 188

Escola de Belas Artes de Lisboa em «notícias | encomenda | OA-SRS», acedido 3 de Setembro de 2017, <http://encomenda.oasrs.org/noticias/concursos>.

Faculdade de Arquitectura da Universidade Técnica de Lisboa em «AEFA | FACULDADE DE ARQUITECTURA», acedido 3 de Setembro de 2017, <https://www.aefa.pt/pt/institucional/faculdade-de-arquitectura>.

“Frontaria do Palacete Braguinha – FBAUP” em «U. Porto - Universidade do Porto - Galeria de imagens do Palacete Braguinha», acedido 3 de Setembro de 2017, https://sigarra.up.pt/up/pt/web_base.gera_pagina?p_pagina=palacete%20braguinha%20-%20galeria%20de%20imagens.

Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto em «Escola do Porto está viva e é ainda referência para novos arquitectos - Porto24», acedido 3 de Setembro de 2017, <http://www.porto24.pt/cidade/escola-do-porto-esta-viva-e-e-ainda-referencia-para-novos-arquitectos/>.

Fig. 40 - Página 202

“Casa do Gólgota - Fachada poente” em «U. Porto - Universidade do Porto - Galeria de imagens da Casa do Gólgota», acessado 4 de Setembro de 2017, https://sigarra.up.pt/up/pt/web_base.gera_pagina?p_pagina=casa%20do%20g%20c3%b3lgota%20-%20galeria%20de%20imagens.

“Pavilhão Carlos Ramos” em «Álvaro Siza vence Leão de Ouro de carreira na Bienal de Veneza | ArchDaily Brasil», acessado 4 de Setembro de 2017, <http://www.archdaily.com.br/br/01-56408/alvaro-siza-vence-leao-de-ouro-de-carreira-na-bienal-de-veneza>.

Fig. 41 - Página 204

““Somos quase livres”; folheto de propaganda da campanha eleitoral da “lista i” para a eleição da Associação de Estudantes da FAUP, 4 Dez. 1987 (arquivo pessoal de Eduardo Fernandes).” em Fernandes, Eduardo. «A Escolha do Porto. Contributos para a actualização de uma ideia de Escola» (Dissertação de Doutoramento em Arquitetura, Escola de Arquitetura da Universidade do Minho, 2010), 648.

Fig. 42 - Página 206

“NÃO HÁ ROMANCE NESTA ESCOLA?” em Fernandes, Eduardo. «FAUP 1985-2008: Um Retrato Social», *Unidade 7*, Dezembro de 2008, 9 e 10.

Fig. 43 - Página 208

Capa de *Unidade 1*, Junho de 1988.

Fig. 44 - Página 214

“Alguns dos elementos da mesa que deu início ao V Congresso dos Arquitectos. Da esquerda para a direita: secretário de Estado da habitação e Construção, dr. Elias Costa, Arquitecto Manuel Taínha, dr. Ribeiro Gomes, representante do reitor e a secretaria de Estado da Cultura, dr.^a Teresa Gouveia.” em «Congresso dos arquitectos: um ponto de viragem», *Diário de Coimbra*, 16 de Junho de 1989, 3.

Fig. 45 - Página 215

«Alunos de Arquitectura só têm metade das aulas», *Diário de Coimbra*, 10 de Novembro de 1990.

Fig. 46 - Página 264

Divulgação do 4º Encontro de Tomar e Conferências Álvaro Siza em «[encontros de Tomar 4 – um dia de debate no Teatro Paulo Quintela, dia 27 de Maio 1999]», *ECDJ* 2, Março de 2000, 24.

Fig. 47 - Página 268

4º Encontro de Tomar no Teatro Paulo Quintela, Coimbra – 1999 em Figueira, Jorge. «[algumas premissas para um dia de debate]», *ECDJ* 2, Março de 2000, 25. e Moniz, Gonçalo Canto. «[construir uma escola_comentário à primeira sessão dos encontros de tomar IV]», *ECDJ* 2, Março de 2000, 76.

Fig. 48 - Página 286

Capa de *ECDJ* 8, 2004

Capa de *ECDJ* 9, 2005.

Capa de *nu 01*, Abril de 2002.

Fig. 49 - Página 288

[tape] em Gonçalves, José Fernando. «[tape ou descubra as diferenças]», *ECDJ* 2, Março de 2000, 8.

Fig. 50 - Página 290

700+25 – Cartaz em «700+25. Arquitectura na UniverCidade. «Anozero», acessido 29 de Agosto de 2017, <http://anozero-bienaldecoimbra.pt/12-70025/>.

“Edifícios destacados da Exposição 700+25, A Arquitectura da UniverCidade” em «Quimera | DP: A Arquitetura De Coimbra», acessido 22 de Setembro de 2017, <http://quimerablogue.blogspot.pt/2015/11/a-arquitetura-de-coimbra.html>.

“Arquiteto Alexandre Alves Costa, fundador do Departamento de Arquitectura da Universidade de Coimbra e autor do projeto de requalificação do Mosteiro de Santa Clara A Velha” em «Quimera | DP: A Arquitetura De Coimbra», acessido 22 de Setembro de 2017, <http://quimerablogue.blogspot.pt/2015/11/a-arquitetura-de-coimbra.html>.

ANEXOS

An Ulm

To Ulm

Stellungnahmen zu 'Ist das Bauhaus aktuell?'

Comments on 'Is the Bauhaus Relevant Today?'

In 'ulm 8/9' haben wir den Artikel 'Ist das Bauhaus aktuell?' von Tomás Maldonado veröffentlicht. Redaktion und Verfasser haben verschiedene Stellungnahmen dazu erhalten. Nachstehend publizieren wir diese Briefe einschließlich einer Antwort des Verfassers an Walter Gropius. Wir hoffen, unseren Lesern damit neue Gesichtspunkte zur Bauhausinterpretation vermitteln zu können.

In 'ulm 8/9' we published the article 'Is the Bauhaus Relevant Today?' by Tomás Maldonado. The editors and the author have received various comments. We publish these letters here, together with a reply from the author to Walter Gropius. We thereby hope to be able to open for our readers some new aspects on the interpretation of the Bauhaus.

Von Josef Albers.
Los Angeles, 6-10-63.

Von Josef Albers.
Los Angeles, 6–10–63.

Lieber Herr Maldonado,
... Ihre warme Anerkennung meiner Lehrarbeit im Bauhaus ist mir eine ganz besondere Genugtuung. Denn schon seit langem und kürzlich wieder mehr, wird mein intensiver und ausgedehnter Einsatz für schöpferische Erziehung – 10 Jahre im Bauhaus – 16 Jahre in Black Mountain – 10 Jahre in Yale – dezimiert und übersehen ...
JA

Dear Mr. Maldonado,
... Your warm appreciation of my teaching work in the Bauhaus is deeply gratifying to me. For my intensive and extensive efforts in creative education – during 10 years in the Bauhaus, 16 years at Black Mountain and 10 years at Yale – have been decimated and ignored for a long time, and recently even more so ...
JA

Von Walter Gropius.
Cambridge, 22-10-63.

From Walter Gropius.
Cambridge, 22-10-63.

Lieber Herr Maldonado,
mit großem Interesse habe ich Ihren Artikel über das Bauhaus und über Winglers Buch gelesen. Mit dem Ansatz Ihrer Beurteilung, besonders der des Bauhauses selbst, bin ich weitgehend mit Ihnen einverstanden; doch gibt es da meiner Meinung nach einige Punkte, deren Wichtigkeit nicht genau abgewogen ist; besonders, was Doesburg und Hannes Meyer angeht. Ich glaubte, alle Veröffentlichungen zu kennen; aber der Artikel von Meyer in der mexikanischen Zeitschrift 'Edificación' Nr. 34, Juli-September 1940, ist mir unbekannt. Ich habe ihn hier auch nicht bekommen können. Ist es möglich, mir eine Fotokopie zu senden?

Dear Mr. Maldonado,
with real interest I have read your article on the Bauhaus and on Wingler's book about it. In the general grasp of your judgment, particularly on the Bauhaus itself, I am much with you, but in my opinion there are some problems which do not get the right weight, particularly regarding Doesburg and Hannes Meyer. I thought I knew everything which has been published, but the Mexican article of Meyer in 'Edificación', No. 34, July-September 1940, is unknown to me, and I have not been able to get it here. Is it possible to send me a photocopy of it?

Im großen und ganzen bin ich gegenüber dem Buch von Hans Wingler sehr positiv eingestellt. Ich glaube, er leistete eine gründliche wissenschaftliche Arbeit. Und die Tatsache, daß 90% des Buches dokumentarischen Charakter haben, dürfte diese Wirkung noch mehr unterstreichen.

I am on the whole very positive towards the book of Hans Wingler. I think he did a scholarly, careful job, and the very fact that 90% of the book is documentary makes its effect that much stronger.

Da Sie sich nun so gründlich mit der Sache befaßt haben, möchte ich Ihnen gerne meine Stellungnahme hinsichtlich der Rollen van Doesburgs und Hannes Meyers darlegen:

Der Einfluß von van Doesburg wird bestimmt überschätzt. Ich war sehr dagegen, ihn zum Lehrer am Bauhaus zu machen, weil er – als Person – nicht die Eigenschaften eines guten Pädagogen hatte, weiterhin, weil er viel zu dogmatisch und aggressiv war und auf etwas zu einfache Weise an die Probleme heranging.

Ich habe es mir ganz besonders angelegen sein lassen, keinen Studenten auf ein endgültiges System oder Dogma festzunageln; vielmehr wollte ich ihn seinen *eigenen* Weg finden lassen – auch durch Sackgassen und Irrwege. Er sollte mehr suchen als untersuchen. Das wurde jedoch mißverstanden, weil man eine Menge von falschen expressionistischen Studentenarbeiten als Resultate meiner eigenen Philosophie zuschrieb, was aber nicht der Fall war. Meine ganze Arbeit und publizistische Tätigkeit vor meiner Bauhauszeit lassen meine eigene Philosophie und Architektur klar für sich sprechen. Da nun falsche Interpretationen ab und zu wieder aufblühen, nahm ich einen Angriff von Mr. Dearstyne, der unter Mies Bauhaus-Student war, zum Anlaß, die Frage ein für allemal zu klären. Ich schicke dieses Material in diesem Brief, das im 'Journal of Architectural Education' veröffentlicht worden ist. Ich sah mich der historischen Wahrheit wegen verpflichtet, mich zu diesem Thema zu äußern. Das Buch von Zevi 'Poetica dell'architettura neoplastica' ist – wie ich glaube – unwissenschaftlich, und mit einer gewissen Einseitigkeit geschrieben, die offensichtlich von Nelly van Doesberg Nahrung erhielt. Aber er überprüfte seine Behauptung niemals, weder mit mir, noch mit Albers, Breuer oder Bayer, bei denen er eine ganz andere Einschätzung der Rolle Doesburgs gefunden hätte. Ich ließ das Bauhaus jedem Einfluß offen, weil ich dachte, daß jeder dort lebendige Beiträge selbst verarbeiten sollte. Ohne Zweifel hat Doesburg einen Einfluß ausgeübt; aber nur in einem Bereich, der nach meinem Dafürhalten viel zu beschränkt war, verglichen mit dem Ziel, dem wir am Bauhaus nachstrebten. Rückblickend erscheint mir die eigene Arbeit Doesburgs als Maler und als Architekturtheoretiker recht begrenzt; doch hat er ein paar grundsätzliche Beiträge geleistet, was historisch anerkannt werden muß. Für mich besteht die Probe darin, ob ein Mann nach dem lebt, was er sagt, oder nicht. Diese Übereinstimmung zwischen Programm und Leben fehlte bei Doesburg und auch bei Hannes Meyer. Ich halte es für irreführend zu behaupten, daß Meyer dem Bauhaus "einen sozialen Inhalt" vermittelte; denn er gefährdete seine sozialen Gedanken dadurch, daß er der Parteipolitik erlaubte, die Schule zu zersplittern. Das Bauhaus unter meiner Leitung suchte nach einem 'new way of life'. Und dies ist ein soziales Problem. Ohne das nämlich wäre das Bemühen des Bauhauses nur ein ästhetisches Unternehmen gewesen.

Since you have so thoroughly gone into the matter, I would like to give you my reactions to the rôle of Doesburg and Hannes Meyer:

The influence of Doesburg is definitely over-estimated. I was solidly against making him a teacher in the Bauhaus because, as a personality, he did not have the qualities of a good teacher, was much too dogmatic, aggressive and had an oversimplified approach.

I was particularly anxious not to nail down any student to a definite system or dogma, but wanted him to find his *own* way, even over dead-end roads and mistakes to let him find his way himself, to do more search than research. This has been misunderstood because a lot of wrong expressionistic work of the students was considered to follow my own philosophy, which it did not. All my work and writing before I started the Bauhaus indicates clearly my own philosophy and architectural design. As the wrong interpretation crops up now and again, I used an attack by Mr. Dearstyne, who was a student at the Bauhaus under Mies, to clarify the matter once and for all. I enclose this material which has been published in the 'Journal of Architectural Education'. I felt for history's sake it was necessary to speak up about this issue. Zevi's book 'Poetica dell'architettura neoplastica', is in my opinion done unscholarly with a preconceived idea which obviously was supported by Nelly van Doesburg, but he never checked up with me or with Albers, Breuer, Bayer, from whom he would have gotten a different appraisal of Doesburg's rôle. I let every influence penetrate into the Bauhaus because I thought that everyone should digest lively contributions himself, and there is no doubt that Doesburg has had his influence, but only on one sector, much too narrow, from my point of view, for the scope of what we have been after in the Bauhaus.

Looking backwards, the own work of Doesburg as a painter, as an architectural theoretician is, I believe, limited, but he has made some clear, basic points which must be historically acknowledged. For me, the test is whether a man lives what he preaches, or not. This identity was not present in Doesburg, nor in Hannes Meyer. It is, in my opinion, misleading to state that Meyer brought "social content" into the Bauhaus, for he endangered his social thoughts by letting party politics disintegrate the school. The Bauhaus under my direction was looking for a *new way of life* which is a social problem. Without it the endeavour of the Bauhaus would have been only an aesthetic campaign.

Die einzige Kritik, die ich an Winglers Buch zu üben habe, richtet sich auf den Punkt, den Sie auch herausstellen, daß er nämlich den Einfluß von Johannes Itten überschätzt und Albers unterschätzt hat, den ich als den hervorragendsten zur Zeit lebenden Kunstpädagogen betrachte. Sicher hat Itten den Grundstein für den Vorkurs am Bauhaus gelegt, doch wurde der Vorkurs durch fast alle von uns erweitert, von Moholy, Klee, Kandinsky und mir selbst. Albers hingegen war am erfolgreichsten damit, diesen Kurs mehr und mehr aufzubauen, besonders hier in den USA. Indessen muß man für Wingler in Rechnung stellen, daß er nur über die Bauhauszeit selbst geschrieben hat. Kurz nachdem sein Buch erschienen war, habe ich ihn über meine Kritik unterrichtet, einschließlich meiner divergierenden Auffassung hinsichtlich Doesburg. Sogar Briefe von Feininger oder Schlemmer ändern das Bild nicht, weil ich weiß, daß beide bald darauf sehr stark gegen Doesburg und seine doktrinaire Haltung eingenommen waren, die einen Teil für das Ganze nahm.

Wie schon gesagt, Ihre Auffassung über Hannes Meyer unterscheidet sich sehr von meiner eigenen; doch will ich mich darüber nicht auslassen in diesem Briefe, solange ich nicht den Artikel in der mexikanischen Zeitschrift gelesen habe, den Sie mir hoffentlich beschaffen können.

Ich schreibe dieses mit einem gewissen Abstand und so viel Objektivität, als einem Menschen möglich ist.
WG

Der Verfasser an Walter Gropius.
Ulm, 1-11-63.

Sehr verehrter Herr Gropius,
Sie haben mich zu großem Dank verpflichtet durch Ihre offenen kritischen Anmerkungen zu meinem Bauhaus-Aufsatz. Erst nachdem dieser Text schon geschrieben und in Druck gegangen war, erhielt ich Kenntnis von mehreren jüngst erschienenen Veröffentlichungen ('Journal of Architectural Education', 'Casabella', 'The Architectural Review'), die sich mit einigen umstrittenen historischen Aspekten des Bauhauses beschäftigen; ebenso von einigen entsprechenden Richtigstellungen Ihrerseits. Alle diese Veröffentlichungen waren für mich von Nutzen, meine Darstellung des Bauhauses auf ihre Richtigkeit hin zu überprüfen an Hand neu vorgetragener Gesichtspunkte.

In den letzten Jahren habe ich mir wiederholt Gedanken gemacht über die verschiedenen historischen Interpretationen des Bauhauses und deren Bedeutung für uns hier in Ulm. Wie ich bereits in meinem Aufsatz schrieb, halte ich es nicht für angebracht, das Bauhaus zu archäologisieren oder zu kanonisieren; auch nicht für richtig die Versuche, es in eine Reliquie zu verwandeln. Der einzige Weg, der

The only criticism I have on Wingler's book is the fact, which you point out, that he has given too much emphasis to Johannes Itten and much too little to Albers, whom I consider the most ingenious art teacher alive. No doubt Itten has laid the foundation for the Preliminary Course of the Bauhaus, but it was widened out by almost all of us, Moholy, Klee, Kandinsky and myself. But Albers has been the most successful in building it up more and more, particularly in this country. However, we must concede to Wingler that he has written only on the Bauhaus time itself. Right after Wingler's book has come out, I have written to him about my criticism, including my different position regarding Doesburg. Even letters of Feininger or Schlemmer do not change the picture because I know that both of them have shortly after been very much against Doesburg and his doctrinaire attitude, taking a part for the whole.

As indicated, your opinion about Hannes Meyer differs greatly from my own, but I will not talk about it in this letter until I have seen the article in the Mexican magazine, which I hope you will be able to provide for me.

I am writing all this from a detached point of view, long years after the evidence, and with as much objectivity as a human being can muster.
WG

From the Author to Walter Gropius.
Ulm, 1-11-63.

Dear Mr. Gropius,
I am very indebted to you for your frank remarks concerning my article on the Bauhaus. After the text had already gone to print, I was informed of several recent publications ('Journal of Architectural Education', 'Casabella', 'The Architectural Review'), which deal with some controversial, historical aspects of the Bauhaus; also of some appropriate corrections of yours. All these publications have been of use to me in checking the correctness of my portrayal of the Bauhaus in the light of new aspects.

In recent years I have often been concerned about the various historical interpretations of the Bauhaus and their implications for us here in Ulm. As I have already said in my article, I regard it as inappropriate to archeologise or to canonise the Bauhaus; I also see as wrong the attempt to transmute it into a mere relic. The only way to invest the tradition of the Bauhaus with vital content

Bauhaustradition einen lebendigen Inhalt zu verleihen, besteht in einer grundsätzlichen Auseinandersetzung mit dieser Tradition vom heutigen Standpunkt aus. Ich glaube, daß in dieser Hinsicht meine Einstellung nicht von der Ihrigen abweicht; denn auch Sie warnten stets davor, das Bauhaus als einen Stil oder als eine neue Akademie zu betrachten. Ich befürworte immer eine lebendige kritische Einstellung gegenüber dem Bauhaus anstelle einer sich anbequemen und starr bewundernden Haltung, wie sie heute an allen Kunstgewerbe- und Architekturschulen, vor allem in Deutschland, gepflegt wird.

Erlauben Sie mir jetzt, meine Position zu den umstrittenen Fragen zu erläutern:
Das Thema: van de Velde - Gropius - Bauhaus. Sie haben in diesem Punkt recht. Ich schließe mich Ihrer These an, daß die Zukunft der Erziehung zum Gestalten in einer Objektivierung, und nicht in einer Personalisierung der pädagogischen Methoden liegt. Die Richtigkeit dieser These zu bestätigen, habe ich wiederholt auch an der HfG Gelegenheit gehabt.

Das Thema: van Doesburg - Gropius - Bauhaus. Ich deutete in meinem Artikel an, daß dieses Thema historisch präzisiert werden muß. Aber das meint nicht eine Parteinahme für die Rolle van Doesburgs am Bauhaus. Der künstlerische Formalismus van Doesburgs und seine Neigung, alle Probleme primär als formale Probleme anzusehen, wie es in allen seinen Schriften dokumentiert ist, haben sich in der Entwicklung der vergangenen vierzig Jahre als sachlich unhaltbar erwiesen. Ihr Mißtrauen gegen den dogmatischen Formalismus van Doesburgs hat sich mittlerweile als wohlbegründet herausgestellt. Die Überzeugung von Mr. Dearstyne, daß erst van Doesburg für das Bauhaus die Maschine entdeckte, erscheint mir nicht stichhaltig und ich stimme dem Inhalt Ihres Briefes vom 26-6-63 an 'Journal of Architectural Education' voll zu, in dem Sie an Hand von Belegen dar- tun, daß Sie schon früher als van Doesburg in verschiedenen Texten die Bedeutung der Maschine als eines kulturellen Faktors erkannt haben. Trotzdem muß ich Ihnen gestehen, daß das Bauhaus-Manifest von 1919 in der Linie dieser Texte für mich wie ein Fremdkörper steht. Wer war oder wer waren die Verfasser? Ich frage Sie das ohne polemischen Unterton. Es liegt mir daran, hier Genaueres zu erfahren. Oft habe ich Bauhaushistoriker und Bauhäusler hinsichtlich des befremdlichen Charakters dieses Manifestes gefragt. Die Auskünfte widersprachen sich.

Das Thema: Meyer - Gropius - Bauhaus. Hier handelt es sich um ein sehr vielschichtiges Problem. Mehrere Dokumente und Gespräche legen Zeugnis dafür ab, daß Sie Hannes Meyer anfangs geschätzt und daß Sie, obwohl Sie seine kritische Auffassung gegenüber bestimmten Seiten des Bauhauses kannten, ihn doch berufen haben. Später änderten Sie Ihre Auffassung hinsichtlich Meyer grundsätzlich. Ich kenne nicht alle

consists in thorough discussion from the present-day point of view. I do not think that my attitude differs from yours in this respect; for you have always warned against regarding the Bauhaus as a style or as a new academy. I am always in favour of a lively, critical view of the Bauhaus in place of an accommodating attitude of unqualified admiration as is cultivated today in all schools of art and architecture, particularly in Germany.

Allow me now to explain my position with regard to the disputed questions:
The theme: van de Velde - Gropius - Bauhaus. You are right in this point. I support your thesis that the future of education in design lies in the objectification and not in the personalisation of teaching methods. In the HfG I have had repeated opportunities of confirming the truth of this view.

The theme: van Doesburg - Gropius - Bauhaus. I indicated in my article that this theme must be historically defined. But that does not imply partisanship with the rôle of van Doesburg in the Bauhaus. The artistic formalism of van Doesburg and his tendency to regard all problems as primarily formal problems, as is documented in all his writings, have proved themselves in the developments of the past forty years to be untenable. Your mistrust of the dogmatic formalism of van Doesburg has turned out in the meantime to be well founded. Mr. Dearstyne's conviction that van Doesburg was the first to discover the machine for the Bauhaus seems to me unsound, and I fully agree with the content of your letter of 26-6-1963 to the 'Journal of Architectural Education' in which you demonstrate with the help of documents how, earlier than van Doesburg, you recognised in various texts the importance of the machine as a cultural factor. I must nevertheless admit that the Bauhaus manifesto of 1919 seems to me to stand as a foreign body in this series of texts. Who was, or who were the authors? No polemic undertone is intended in this question. I am concerned to learn the details. I have often questioned Bauhaus historians and Bauhaus members regarding the strange character of this manifesto. The answers I have received have been contradictory.

The theme: Meyer - Gropius - Bauhaus. Here we are faced with a very many-sided problem. Several documents and conversations bear witness to the fact that you valued Hannes Meyer at first, and that although you knew his critical opinions regarding certain sides of the Bauhaus you nevertheless appointed him. Later you changed fundamentally your opinion of Meyer. I am not familiar with the exact circumstances which caused you

näheren Umstände, die Sie zur Modifizierung Ihres Standpunktes veranlaßt haben. Doch meine ich, daß die Frage 'Hannes Meyer' nicht auf der Ebene des Persönlichen geklärt werden kann. Ich ziehe – wie auch im Falle van de Velde und van Doesburgs – eine nüchterne Betrachtung vor. Eine Entdämonisierung des historischen Portraits von Hannes Meyer wird sich früher oder später nicht umgehen lassen. Um die Bauhausidee zu konsolidieren, ganz besonders, um die zukünftige Einheit der Bauhausidee zu garantieren, wäre es wichtig, dem entgegenzuwirken, daß die heutige Spaltung der Welt sich abbilde auf eine Spaltung der historischen Bauhausinterpretation, gleichsam ein Meyer-Bauhaus versus ein Gropius-Bauhaus. Dieser Gefahr müssen wir mit allen Mitteln begegnen. Ich erinnere mich Ihrer Rede zum siebzigsten Geburtstag, in der Sie eine Anekdote aus Ihrer Kindheit erzählten, daß Bunt immer Ihre Lieblingsfarbe gewesen sei. Das Bauhaus nur in einer Farbe zu deuten – als eintöniges Phänomen – in einer Farbe Meyer oder in einer Farbe Gropius, weicht ab von einem möglichen und gewiß richtigen Bunt-Konzept des Bauhauses. Die vorbehaltlose Einbeziehung von Hannes Meyer in die Geschichte des Bauhauses läßt sich nicht länger aufschieben. Man weiß indessen, daß der dogmatische Funktionalismus, den Meyer so fanatisch und radikal im Bauhaus verfochten hat, auch fragwürdige Folgen gezeigt hat. Aber andererseits weiß man auch, daß die Relativisierung und unbedachte Einschränkung des Funktionalismus ebenfalls fragwürdige Resultate hervorgerufen haben, wofür die Wiederauferstehung des Dekorativismus, des Jugendstils und des Expressionismus in der heutigen Architektur bittere Beispiele geben. Das drastische Urteil, Hannes Meyer habe die Politik ans Bauhaus gebracht, erschöpft nicht die ganze Problematik des Falles 'Meyer'. Dennoch müßte man einmal den immer wieder neu erhobenen Vorwurf der Politisierung aus anderer Sicht nachprüfen, als man es bis heute getan hat. Vielleicht irre ich mich, doch scheint mir, daß es in der hochgeladenen politischen und ideologischen Atmosphäre in Deutschland Ende der zwanziger Jahre unmöglich war, weiter über 'sozialen Inhalt' zu sprechen, ohne im Rahmen einer konkreten politischen Vorstellung diesen sozialen Inhalt genauer zu umreißen. In Ihrem Brief machen Sie mich darauf aufmerksam, daß 'sozialer Inhalt' von Ihnen nicht als Politik, sondern als 'new way of life' zu verstehen ist. Vom heutigen Standpunkt aus gesehen würde ich Ihnen unter Umständen recht geben. Nicht aber vom damaligen Standpunkt aus. Ende der zwanziger Jahre hätte der Begriff 'new way of life' (oder ähnliches) nicht dazu verholfen – und hat in der Tat nicht dazu verholfen –, den damaligen Druck zum politischen Engagement umgehen zu können. Bisweilen wird behauptet, daß das Bauhaus von Mies van der Rohe ein Beispiel stellte dafür, wie dieses politische Engagement zu vermeiden war. Dieses Beispiel überzeugt mich wenig. Die politische Neutralisierung des Bauhauses war von Mies van der Rohe nur

to modify your point of view. I believe, however, that the 'Hannes Meyer' question cannot be explained on a personal level. I prefer a clear-headed consideration, as also in the case of van de Velde and of van Doesburg. A dedemonisation of Hannes Meyer's historical portrait will sooner or later be unavoidable. To consolidate the Bauhaus idea, and especially, to guarantee the future unity of the Bauhaus idea, it is necessary to check the tendency to allow the present-day division of the world to be reflected in a division of the historical interpretations of the Bauhaus – a 'Meyer-Bauhaus' versus a 'Gropius-Bauhaus', as it were. We must combat this danger by all possible means. I recall the speech you made, on your seventieth birthday, in which you recounted an anecdote from your childhood. You mentioned how your favourite colour had always been "multi-coloured". To explain the Bauhaus only in one colour – as being a monotonous phenomenon – in a Meyer colour or in a Gropius colour deviates from a possible – and certainly correct – multi-coloured concept of the Bauhaus. The unreserved inclusion of Hannes Meyer in the history of the Bauhaus can no longer be postponed. We know, nevertheless, that the dogmatic functionalism, which Meyer so radically and fanatically championed in the Bauhaus, produced also some questionable results. But on the other hand we also know that the relativisation and thoughtless limitation of functionalism also produced doubtful results, of which the resurrection of decorativism, Jugendstil and expressionism in present-day architecture afford bitter examples. The drastic judgment that Hannes Meyer brought politics into the Bauhaus does not exhaust all the problems of Meyer's case. Yet the constantly recurring reproach of dabbling in politics should be re-examined from another view-point than has heretofore been adopted. Perhaps I am mistaken, yet it seems to me that in the highly-charged political and ideological atmosphere of the Germany of the late twenties it was impossible to speak of 'social content' without giving a more precise outline of this social content in terms of a concrete political conception. You point out to me in your letter that 'social content' is not to be understood as politics but as a 'new way of life'. Seen from the present-day point of view I might agree with you. But not from the view-point of those times. In the late twenties the notion 'new way of life' (or the like) would not have helped – and did not in fact help – to by-pass the pressure of those times towards political engagement. It is sometimes asserted that the Bauhaus of Mies van der Rohe afforded an example of how this political engagement could be avoided. I am not much convinced by this example. Political neutrality of the Bauhaus was only attained by Mies van der Rohe by renouncing important social, cultural and critical aspects of the Bauhaus philosophy, aspects which are frequently to be found in your own writings. The Bauhaus under Mies van der Rohe was certainly less political but at

erreicht über einen Verzicht auf wichtige sozial- und kulturkritische Komponenten der Bauhaus-Philosophie, Komponenten, die vielfach in Ihren Schriften zu finden sind. Das Bauhaus war unter Mies van der Rohe gewiß apolitisch, aber auch weniger Bauhaus geworden. In dem Augenblick, da Hannes Meyer sich entschieden hatte, nicht den Weg einzuschlagen, den später Mies van der Rohe wählte, wurde klar, wie eng unter dem Druck der damaligen politischen und ideologischen Atmosphäre Deutschlands sein Spielraum geworden war. Man muß zugeben, daß, abgesehen von unserer Sympathie oder Antipathie, Meyer unter solchen Umständen nicht viel anders hätte handeln können, als er gehandelt hat. Gegen Meyer lassen sich gewiß manche Einwände vorbringen; jedoch würden diese weitgehend geschwächt, wenn man das persönliche Mißgeschick in Rechnung stellt, daß er immer zu spät gekommen ist, zu spät ans Bauhaus, zu spät in die Sowjetunion, zu spät nach Spanien, zu spät nach Mexiko, zu spät endlich zurück in die Schweiz.

Ich bitte Sie, meine Argumentation nicht falsch zu verstehen. Mich interessiert nicht eine Parteinahme gegenüber einem Geschehen, dem ich nicht selbst beigewohnt habe, und dessen Einzelheiten Sie besser kennen als ich, sondern mir liegt daran, ein Bestreben zu unterstützen, das zu einer Versachlichung der Bauhausgeschichte führt, wo jeder seinen richtigen Platz und die ihm gemäße Bedeutung und Anerkennung findet.

Leider kann ich Ihnen nicht sofort eine Kopie des Aufsatzes von Meyer in 'Edificación' schicken, da mir die Nummer zur Zeit in Ulm nicht zur Verfügung steht. Ich bemühe mich aber darum. Sowie ich die Kopie bekomme, werde ich sie Ihnen senden.*

TM

* Mittlerweile zugesandt.

Von Walter Gropius.
Cambridge, 24-11-63.

Lieber Herr Maldonado,
zurück von meiner Europareise komme ich endlich dazu, Ihren Brief vom 1. November zu beantworten. Ich gehe gleich in medias res:

Das Bauhausmanifest ist von mir selbst verfaßt worden, ich bin allein dafür verantwortlich. Man muß das spezifische Klima der damaligen Zeit miterlebt haben, um es verstehen zu können.

Eine Mischung aus tiefer Niedergeschlagenheit als Folge des verlorenen Krieges und der Zerrüttung geistigen und wirtschaftlichen Lebens und einer glühenden Hoffnung, aus diesen Trümmern etwas Neues aufbauen zu wollen ohne die bis dahin so drückend empfundene staatliche Bevormundung.

Ein sachlicher Aufruf zur sachlichen Arbeit hätte damals seinen Zweck verfehlt, nämlich jungen Menschen, die mit neuen Ideen trüchtig waren,

the same time less of a Bauhaus. At that moment when Hannes Meyer decided not to take the road which Mies van der Rohe was later to choose, it became clear how narrow his scope had become under the pressure of the political and ideological atmosphere of Germany in those times. Apart from our own sympathy or antipathy, it must be admitted that Meyer could not have acted much differently than he did under such circumstances. Objections may certainly be raised against Meyer; yet these objections are weakened to a great extent when we consider the personal misfortune that he always came too late, too late to the Bauhaus, too late to the Soviet Union, too late to Spain, too late to Mexico and finally, too late back to Switzerland.

I beg you not to misinterpret my arguments. My interest lies not in partisanship concerning an occurrence which I did not myself experience, and with whose details you are more acquainted than I, but I am concerned in lending support to an endeavour which will lead to an objectification of the history of the Bauhaus, in which each will find his correct place and his due recognition and importance.

I am unfortunately unable to send you immediately a copy of Meyer's article in 'Edificación' as I do not have this number available in Ulm at the moment. But I am sending for this. As soon as I receive the copy, I shall send it to you.*

TM

* Now already sent.

From Walter Gropius.
Cambridge, 24-11-63.

Dear Mr. Maldonado,
back from my visit to Europe I have at last time to reply to your letter of 1st November. To come straight to the matter:

The Bauhaus manifesto was written by me and I am entirely responsible for this. It is necessary to have lived in the particular climate of those times to be able to understand it.

A mixture of deep depression following defeat in war and the disorganisation of intellectual and economic life, with the ardent hope of building something new on those ruins without the oppressive State patronage which had been received until the War.

A realistic call to realistic work would in those times have missed its aim — to offer to young people, pregnant with new ideas, a

eine breite Basis anzubieten, wo diese Ideen geklärt und praktisch erprobt werden konnten. Der Erfolg des Manifestes spricht für sich selbst; aus dem In- und Ausland kamen junge Leute herbei, nicht um 'werkgerechte' Lampen zu entwerfen, sondern um Teil einer Gemeinschaft zu sein, die den neuen Menschen in neuer Umgebung aufbauen und schöpferische Spontaneität in allen auslösen wollte. Solch ein Beginnen hat immer etwas Romantisch-Utopisches, wie der Schöpfungsakt biologischen Lebens immer eines Elementes der Überschwenglichkeit und Illusionskraft bedarf.

Aber gleichzeitig mit dem Manifest begann ich mit dem Aufbau der ersten Lehrordnung, die 1920 fertig vorlag und das Ziel in sachliche Aktionen gliederte. Diese Lehrordnung und meine Schriften vor der Bauhauszeit zeigen die wirkliche Linie meines Denkens und meiner Entwicklung, auch im Gegensatz zu der mystischen Neigung Johannes Ittens.

Den Bauhäuslern gegenüber nahm ich von Anfang an die Stellung ein, sie selbst ihren Weg finden zu lassen, ihnen nichts von mir aus aufzuzukroyieren. Das Bild der Schülerproduktion der Anfangsjahre ist keine Illustration meiner eigenen, damaligen Ziele. Ich erinnere an die Entwicklung des Stuhls durch Breuer, die in ihrer Folge in der Bauhauszeitung als typisches Beispiel für den Entwicklungsprozeß der Schule gezeigt wurde.

Ich stimme Ihnen zu, daß eine kritische, historische Bauhausinterpretation auf nüchternen Betrachtung aufgebaut werden muß, das heißt auf dem Boden der Tatsachen. Auf dieser Basis weicht allerdings meine eigene Auffassung der Leistung Hannes Meyers von der Ihrigen und Ihrer Art, ihn zu entschuldigen, ab. Man kann die Person eines Menschen nicht von seiner Leistung trennen. Meyers Unaufrichtigkeiten und Vertrauensbrüche färben auf sein Gesamtbild ab. Sein Aufsatz in 'Edificación' ist ein neuer Beweis seiner Unaufrichtigkeit und seiner opportunistischen Haltung. Die Saat, die das Bauhaus unter meiner Leitung gesät hat, nimmt er in diesem Bericht für *sich* in Anspruch. Der überwiegende Teil der Illustrationen geht entweder auf die Zeit vor 1928 zurück oder ist eine klare Fortsetzung der Produktion aus der Zeit vor Meyer.

Er wurde in ein gemachtes Bett gelegt. Die Werkstätten waren in vollem Schwung; er vermeidet es festzustellen, was er vorfand und erweckt so dem Uneingeweihten gegenüber den Eindruck, alles dies sei sein eigenes Werk. Was er neu hinzubachte, waren eine Fotowerkstatt und der weitere Ausbau der Architekturabteilung, der mir aus Mangel an Mitteln nie geglückt war, da ich sie nicht als halben Rumpf aufbauen wollte. Wo ist die neue Produktion der Werkstätten, die unter ihm entstand, ich kenne sie nicht. Auch finde ich Entstellungen im Text – zuviel, um sie alle in einem Brief zu behandeln – angefangen mit der falschen Behauptung, daß in Weimar

broad basis for the clarification and testing of these ideas. The success of the manifesto speaks for itself; from home and abroad there came young people, not to design efficient lamps but to be part of a community which wanted to make a new man in a new environment and to release creative spontaneity in all. Such a beginning has always something of the romantic utopian, as the creative act of biological life always requires an element of rapture and phantasy.

But concurrently with the manifesto, I began building up the first teaching plan, completed in 1920, which classified the objectives into practical activities. This teaching plan and my writings previous to the Bauhaus period show the real trend of my thought and development, also in contrast to the mystical tendency of Johannes Itten.

From the beginning I took the attitude that the Bauhaus members should find their own way and take nothing from me on authority. The students' productions of the early years form no illustration of my own aspirations of those times. I recall the development of the chair by Breuer, which was represented in the Bauhaus journal as being a typical example of the development of the school.

I agree with you that a critical history of the Bauhaus must be built up upon objective consideration, that is, upon the basis of the facts. On this principle, my own opinion of the achievements of Hannes Meyer, differs from yours and from your way of excusing him. One cannot separate the man from his achievements. Meyer's insincerity and his breaches of confidence detract from the general picture of the man. His article in 'Edificación' constitutes renewed proof of his insincerity and his opportunist behaviour. The seed which the Bauhaus sowed under my direction he claims in this report for his own. The greater proportion of the illustrations either goes back to the time previous to 1928 or is clearly a continuation of the production from the time before Meyer.

The spade-work had been done for him. The workshops were in full swing when he took over. He avoids pointing out what was handed over to him so that the uninitiated receive the impression that all this was his own work. What he added was a photographic workshop and the further extension of the department of architecture which latter I never managed owing to lack of funds – since I had no wish to take half measures. Where is the new production of the workshops which arose under him? I know nothing of it. I find also misrepresentations in the text – too many to deal with completely in a letter – beginning with the false assertion that in

Meister und Schüler zusammen in einem Gebäude wohnten, bis zur Umdeutung von Schlemmers Theaterarbeit, angeblich beeinflusst durch Meyer. Ferner: Studentenarbeit wurde schon seit Weimar bezahlt, nicht erst unter ihm; Wilhelm Ostwald und Graf Duerckheim gaben schon unter meiner Leitung im Bauhaus Vorträge; der 'Kreis der Freunde des Bauhauses' war von mir begründet worden, nicht von ihm usw. usw. . . .

Der geistige Anteil, der Hannes Meyer zukommt, ist die größere Betonung der wissenschaftlichen Methoden. Das Prinzip dieser Methoden war bereits etabliert, bevor Meyer das Bauhaus übernahm, aber er hat es stärker präzisiert. Wie ist es aber zu verstehen, daß er 'Malklassen' einführte, die unter mir nie bestanden und deren Einrichtung nicht nur meiner Idee, daß Kunst nicht gelernt werden kann, widersprach, sondern, was schwerer wiegt, seine eigenen Ideen kompromittierte.

Es ist richtig, daß ich Meyer anfangs geschätzt habe, aber meine spätere Meinungsänderung war nicht 'grundsätzlich', sondern menschlich.

Ich habe mich in der Beurteilung seines Charakters geirrt und bin schuld daran, daß er mein Nachfolger wurde, weil ich nicht die Maske über seinem Gesicht erkannte. Als ich ihn berief, glaubte ich das Bauhaus finanziell relativ gesichert und seine Verbindungen mit der Industrie sorgfältig eingefädelt. Meyers Ruf als Architekt mit starkem sozialem Interesse hatte mich angezogen und während der ersten Periode seiner Arbeit am Bauhaus habe ich nicht an seinen Qualifikationen gezweifelt. Mir gefiel seine Arbeit für die Gewerkschaftsschule in Bernau, die er mit dem stillen, begabten Wittwer gemacht hatte. Trotzdem bin ich ihm nie persönlich nahegekommen, denn er war verschlossen und – wie sich später herausstellte – verschleierte absichtlich seine persönlichen Ansichten und Absichten, wie Sie aus dem folgenden ersehen werden:

Aus den Weimarer Erfahrungen wußte ich, daß das Einbeziehen politischer Aktionen in das Institut selbst zu dessen Ende führen müsse. Von Weimar an nahm ich offiziell die Stellung ein, daß Parteipolitik Privatsache der einzelnen Person sei, daß aber das Institut mit keiner Partei identifiziert werden dürfe.

Ohne diese meine Haltung wäre das Bauhaus schon in Weimar zermalmt worden, seine Idee und Arbeit wären nie zur Auswirkung gekommen. Bevor ich Meyer zum neuen Direktor vorschlug, sprach ich mit ihm über diesen wichtigen Punkt und erhielt seine Versicherung, daß er meine Ansicht teile, daß das Institut aus dem parteipolitischen Leben herausgehalten werden müsse. Er war sich darüber ebenso klar wie ich. Dann wurde er ernannt und die Maske fiel. Mit seiner Weltanschauung des politischen Materialismus, die er vor uns versteckt hatte, zersetzte er die Idee des Bauhauses und brachte das Institut zwischen

Weimar the teachers and pupils lived together in one building, to the misinterpretation of Schlemmer's work for the theatre, allegedly influenced by Meyer.

Further: Students' work had already received payment since Weimar, not under him; Wilhelm Ostwald and Count Duerckheim already gave lectures in the Bauhaus under my direction; the 'Circle of Friends of the Bauhaus' was founded by me, not by him etc. etc. . . .

The share of the brain work due to him is the greater stress upon scientific methods. The principle of these methods was already established before Meyer took over the Bauhaus, but he gave to it sharper definition. Yet how can his introduction of painting classes be understood, which never existed under me and whose establishment not only contradicted my idea that art cannot be taught but what is more serious, compromised his own ideas.

It is true that I esteemed Meyer at first, but my change of opinion later on was not on 'principles', but personal.

I erred in my judgment of his character and am to blame that he became my successor – for I did not recognise the mask over his face. When I appointed him, I judged the financial position of the Bauhaus to be relatively assured and its connections with industry to be well established. Meyer's reputation as an architect with strong public interests had attracted me, and during the first period of his work with the Bauhaus, I never doubted his qualifications. I liked his work for the Trade-Union School at Bernau which he had done with the modest and gifted Wittwer. Nevertheless I never made true personal contact with him for he was taciturn and – as turned out later – purposely concealed his personal views and intentions, as you will see from the following:

From the experiences of Weimar I knew that the inclusion of political activities in the Institute itself would inevitably bring about its end. From Weimar onwards I took the official point of view that party politics was the individual's private affair but that the Institute was not to be identified with any party.

Without this policy the Bauhaus would have been dashed to pieces even in Weimar and its conception and work would never have been brought into effect. Before I suggested Meyer as the new director, I spoke with him about this important point and received his assurance that he shared my view that the Institute had to be kept out of political life. He was as emphatic as I in this matter. Then he was appointed and the mask fell. With his outlook of political materialism, which he had concealed from us, he undermined the idea of the Bauhaus and brought the Institute between Scylla and Charybdis and

Scilla und Charybdis und schließlich sich selbst zur Strandung. Ich kann es keineswegs zugeben, daß Meyer, wie Sie schreiben, "unter solchen Umständen nicht viel anders hätte handeln können", noch, "daß es sein persönliches Mißgeschick war, daß er immer zu spät kam." Keineswegs! Das sieht sich nur im Retrospekt so an. Lesen Sie bitte die einliegenden Aufsätze der Dessauer Presse, die sich ganz positiv zu seinem Antritt stellte. Wenn man mir im Jahre 1919 gesagt hätte, daß mir nur eine Spanne von neun Jahren für mein umfassendes Experiment zur Verfügung stehen würde, so würde ich es kaum gewagt haben, auch nur anzufangen. Meyer vertraute wie wir auf eine günstigere Wendung der allgemeinen Lage, genau wie Sie das jetzt in Ulm tun.

Anders kann man doch gar nicht arbeiten. Daß Meyer die Existenz des Instituts aufs Spiel setzte, spricht weniger für seinen politischen Idealismus als für seine politische Instinktflosigkeit und für seine Unfähigkeit, eine Balance zwischen sachlicher Arbeit und politischer Theorie herzustellen. Wenn Sie heute bei denjenigen, die Meyer damals kannten, auf eine Welle der Abneigung stoßen, so liegt das viel weniger an seinen radikalen Überzeugungen als an seiner irreführenden Zweideutigkeit.

Es ließe sich noch vieles mehr sagen und vielleicht werden wir einmal Gelegenheit finden, darüber persönlich zu sprechen. Abschließend möchte ich sagen, daß ich nach kühler Überlegung seinen Beitrag zur Architektur nach wie vor schätze, daß ich ihm aber nicht die Bedeutung zumessen kann, die Sie ihm für die Bauhausjahre zusprechen. Seine Strategie und Taktik waren zu klein; er war ein radikaler Kleinbürger. Seine Philosophie gipfelte in der Behauptung: "Leben sei Sauerstoff plus Kohlenstoff plus Zucker plus Stärke plus Eiweiß", worauf Mies ihm prompt antwortete: "Rühren Sie das mal zusammen; es stinkt."

Mies fand nach dem Weggang von Meyer eine Situation vor, die ihn veranlaßte, mit Hilfe der Polizei wieder ein Modikum von Disziplin herzustellen, einen Akt, zu dem es ohne die vorherige Agitation Meyers nie hätte kommen brauchen. Mies eigene Interessen berühren das soziale Gebiet nur wenig und Sie haben recht, wenn Sie darin eine Diskrepanz zu meinen eigenen Gedanken sehen.

Ich habe gerade einen in Ostdeutschland erschienenen, ausgezeichneten Aufsatz über das Bauhaus von L. Pazitnov, Moskau, in deutscher Übersetzung bekommen: das Bauhaus aus sowjetischer Perspektive gesehen. Die sich mehrenden Interpretationen der Bauhaus-idee, die ich jetzt aus verschiedenen Ländern zugeschickt bekomme, erinnern mich an das Erlebnis meines Freundes Bobby Carter (Direktor der A.A., London) hier in den USA. Er hatte während seiner Reise jedermann gebeten, ihm die Idee der Demokratie zu erklären: "Everybody explained it differently, but everybody believed in it."

WG

finally brought himself to ruin. I can by no means admit that Meyer, as you write, "could not have acted much differently than he did in the circumstances" nor that "it was his personal misfortune that he always came too late." Not at all! It only appears so in retrospect. Please read the enclosed articles from the Dessau Press which viewed his appointment with approval. If I had been told in 1919 that I had only nine years in which to carry out my comprehensive experiment, I doubt whether I would have dared even to begin. Meyer hoped confidently, as we did, for a favourable change in the general situation — just as you do in Ulm.

How can one work without such hope? Meyer's endangering the existence of the Institute speaks less for his political idealism than for his lack of political instinct and for his inability to strike a balance between practical work and political theory. If today you meet with aversion in those who knew Meyer at that time, this is due much less to his radical convictions than his deceptive ambiguity.

I could say a great deal more, but perhaps we shall find some opportunity of discussing the whole matter personally. I should like to say in conclusion that after dispassionate reflection I value his contribution to architecture, as I have always done. But I cannot allot to him the importance with which you credit him during the years of the Bauhaus. His strategy and tactics were too petty; he was a radical petit bourgeois. His philosophy culminates in the assertion that "life is oxygen plus sugar plus starch plus protein", to which Mies promptly retorted: "Try stirring all that together; it stinks."

After Meyer had left, Mies found a state of affairs which caused him to call in the help of the police in order to restore a modicum of discipline. But for Meyer's previous agitation it would never have been necessary to take such a step. Mies' own interests hardly touch the social sphere and you are right in seeing here a discrepancy with my own thought.

I have just received a German translation of an excellent article on the Bauhaus, by L. Pazitnov, Moscow, which has appeared in East Germany: the Bauhaus seen from the Soviet perspective. The everincreasing interpretations of the Bauhaus idea, which I now receive, sent from various countries, remind me of the experience of my friend Bobby Carter (Director of the A.A. London) here in the USA. During his journey he had asked everyone to explain to him the idea of democracy: "Everybody explained it differently, but everybody believed in it."

WG

KULTUR

HOCHSCHULEN

ULM

Auf dem Kuhberg

Ein Blatt des Deutschen Gewerkschaftsbundes feierte sie als „Hochschule einer neuen Gesellschaftsordnung“, Carl Zuckmayer nannte die Gründung „ein Ereignis, das über Deutschland und Europa hinaus ein Signum neuen Geistes ist“. Der ähnlich enthusiastische John McCloy verhalf ihr zu einer Million Mark amerikanischer Subventionen, und Baden-Württembergs ehemaliger Kulturminister Schenkel frohlockte: „Das neue Bauhaus!“

Keine andere Akademie-Neugründung im Nachkriegsdeutschland wurde mit mehr Vorschußlorbeeren bekränzt als die der „Hochschule für Gestaltung“ (HfG) in Ulm am 2. Oktober 1955.

Keine Gründung hat aber auch so viel mehr versprochen als gehalten, keine andere akademisch-künstlerische Lehr- und Forschungsanstalt wurde bis auf den heutigen Tag von so vielen Krisen und Querelen heimgesucht, von Mitgründern und Mitarbeitern so scharf kritisiert wie das von der „Geschwister-Scholl-Stiftung“ getragene Unternehmen auf dem Ulmer Oberen Kuhberg.

Nach der Meinung des kleinschreibenden Züricher Malers, Architekten und Designers Max Bill — Erbauer und erster Rektor der Kuhberg-Akademie — haben „dilettantische fantasien und tüchtige nutznieser sich der ehemals guten sache bemächtigt“.

Nach Ansicht des amerikanischen Psychologie-Professors Perrine, der von 1958 bis 1961 an der HfG dozierte, „kann die Ulmer Schule den Rang einer



HfG-Gründerin Inge Aicher-Scholl
Hinter kahlem Beton...

Hochschule kaum mehr für sich in Anspruch nehmen“.

Perrine, dessen von der Ford-Stiftung finanzierte „Forschungsstelle für optische Wahrnehmung“ an der Ulmer Schule 1961 einging, schrieb im vergangenen Jahr an den Verwaltungsrat der Geschwister-Scholl-Stiftung: „Der gute Ruf, den Ulm sicher einmal zu Recht besaß, ist heute nur noch eine dünne Fassade aus ein paar Braun-Geräten, Möbeln und Tassen.“

In der Tat gründet sich der vor allem im Ausland noch virulente Ruf, die Ulmer

Designer-Akademie sei neben ähnlichen Instituten in Chicago und London eine der drei führenden Schulen ihrer Art, hauptsächlich auf das neue Image, das die Frankfurter Radio- und Elektrogeräte-Firma Braun in den Jahren 1955 bis 1956 von den Ulmer Gestaltern, vornehmlich von dem Designer Hans Gugelot, bezogen hatte.

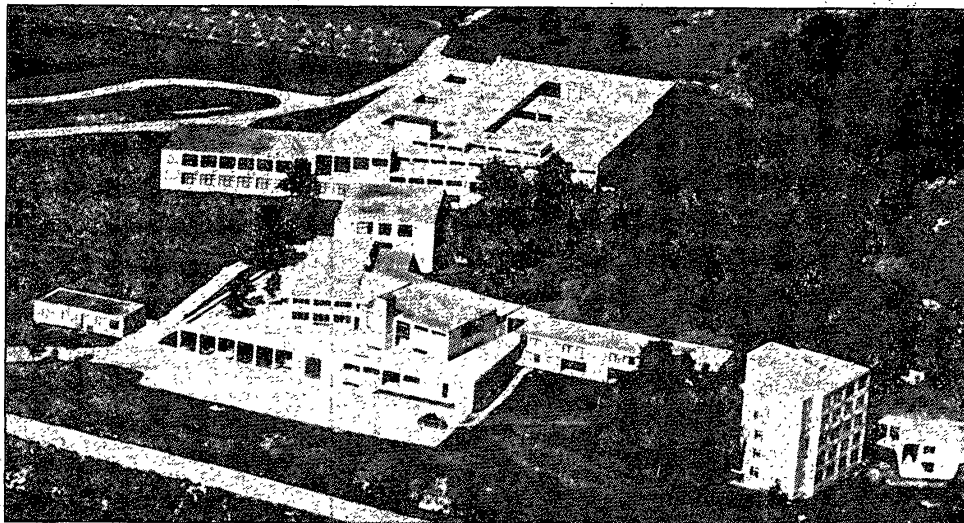
Ruhm und Erfolg dieser kompromißlos modernen, auf internationalen Ausstellungen mehrfach preisgekrönten Formgebung trug den Ulmer Entwerfern weitere Aufträge ein: so von der Badischen Anilin- und Soda-Fabrik (BASF), von Olivetti, Krupp, den Farbwerken Hoechst, der Hamburger Hochbahn und der Lufthansa.

Für diese Form-Maßschneiderei wurden in Ulm besondere Entwicklungsgruppen installiert, deren Mehrheit heute in einem von Gestalter Hans Gugelot geleiteten „Institut für Produktentwicklung und Design e. V.“ in Neu-Ulm zusammengefaßt ist. Dem eigentlichen Hochschulbetrieb indes, dem Gugelot nur noch als Gastdozent verbunden ist, war eine ähnlich kontinuierlich-erfolgreiche Entwicklung nicht beschieden. Krisen-Signale im vergangenen Jahr:

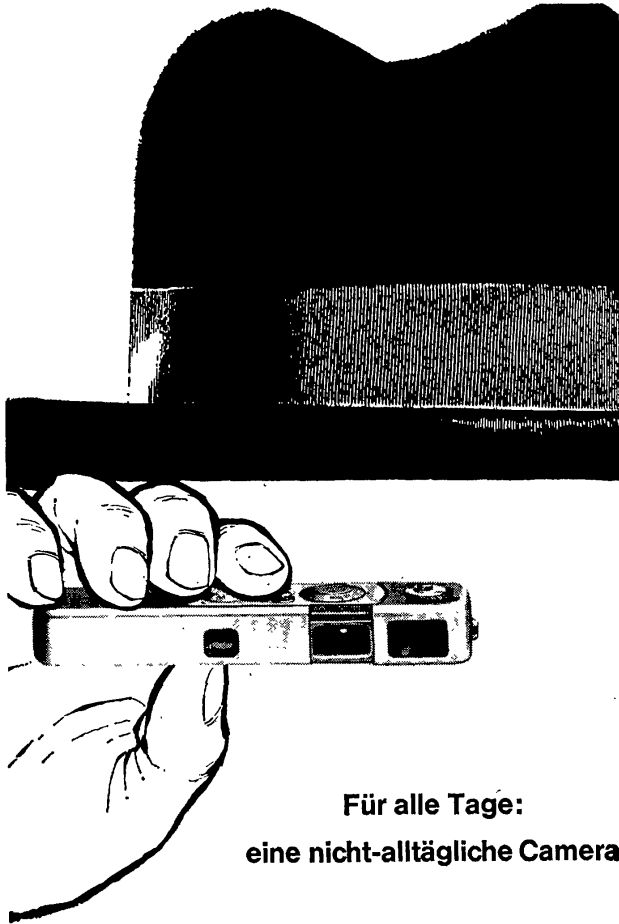
▷ drei Rektoratswechsel, die Einführung einer neuen Schulverfassung und damit verbundene Mißhelligkeiten im Lehrkörper;

▷ zwei Protestaktionen von HfG-Studenten, bei denen gegen die angeblich „undemokratische“ neue Verfassung polemisiert wurde und Transparente mit der Parole „Weniger kalter Krieg — mehr Ausbildung!“ gezeigt wurden.

Keiner von uns weiß“, klagt die Vorsitzende des Studentenrats, Gudrun Otto, „welche Abteilungen an dieser Schule von Dauer sind und ob diejenigen, die



... kalter Krieg im Designer-Kloster: „Hochschule für Gestaltung“ in Ulm



**Für alle Tage:
eine nicht-alltägliche Camera**

Wo
oder
wann Sie
auch immer mal
fotografieren wollen:
die MINOX B ist stets
dabei, weil sie kaum
größer als ein Feuer-
zeug – und überdies
auch kinderleicht
von jedermann
zu hand-
haben
haben
ist.



Ja,
eine
Marke auf
einen Zeiger ein-
stellen – und schon
stimmt die Belichtung!
Bei der MINOX mit ein-
gebautem Belichtungs-
messer merkt man bald,
wie leicht und wie
schön das Foto-
grafieren
doch
ist.

MINOX B Lassen Sie sich doch einmal die MINOX B im guten Fotogeschäft zeigen.
Einen ausführlichen Prospekt und eine Original-MINOX-Aufnahme erhalten
Sie auch von der MINOX GmbH, Abteilung K 11, 63 Gießen, Postfach 137

man bei Semesterbeginn besucht, bei Semesterende überhaupt noch existieren. Es ist nachweisbar, daß der Student hier im Haus in den vier Jahren seines Studiums nicht die Ausbildung bekommt, die im Prospekt steht. Ich selbst habe nur ein Drittel bis ein Viertel davon gesehen."

An einen einjährigen Grundkurs sollen sich laut Ulmer Programm fünf Ausbildungswege für Designer, Architekten, Graphiker, Publizisten und verwandte Berufe anschließen: Produktform, Architektur, Stadtbau, Visuelle Kommunikation, Information.

In Wirklichkeit aber ist beispielsweise die Abteilung Stadtbau, obwohl wiederholt als „im Aufbau“ gemeldet, bis heute nicht zustande gekommen, ist die Abteilung Information, die unter anderem eine „wissenschaftliche Grundlage... für das Nachrichtenwesen“ geben soll, verkümmert und auf derzeit drei Studenten zusammengeschrumpft.

Für das vierte Studienjahr wird im Ulmer Lehrplan für alle Fächer „Abteilungsarbeit“ in Aussicht gestellt – sie findet nicht statt. Das Fach Experimentelle Technologie, das im dritten Studienjahr der Abteilung Visuelle Kommunikation gelehrt werden soll, mußte im ersten Quartal des laufenden Lehrjahres mangels Dozenten ausfallen. In der Architekturabteilung fiel ein für das zweite und dritte Studienjahr vorgesehenes Seminar monatelang aus.

Als der CDU-Bundestagsabgeordnete Dr. Martin am Dienstag letzter Woche zu Verhandlungen über den Aufbau eines Filminstituts an der HfG auf den Kuhberg kam, ließ die Schulleitung eigens Schilder mit dem Aufdruck „Filmabteilung“ anfertigen und an drei Türen der Abteilungen Information und Visuelle Kommunikation anbringen. Nach Martins Abreise wurden die Schilder wieder entfernt. Als „Hochstapeler“ und „Potemkinade“ klassifizieren Studenten und Dozenten den HfG-Lehrplan und -Lehrbetrieb.

Über den „kalten Krieg“ im Ulmer Hochschulfragment erklärt der HfG-Dozent Gert Kalow: „Der ‚Ulmer Stil‘, der das Klima innerhalb der Hochschule charakterisiert, besteht aus Unfreundlichkeit, Mißgunst, Kälte, gegenseitigem Haß, Unfähigkeit miteinander zu reden – längst ein Skandal, nur noch notdürftig gedeckt durch den Namen Geschwister Scholl.“

Dieses Kuhberg-Klima entspricht gewiß nicht den idealen Vorstellungen, von denen Gründer und Gönner der Hochschule ausgegangen waren. „Ohne unlautere Nebenabsichten am Aufbau einer wirklichen und in die Breite gehenden Kultur des täglichen Lebens... zu arbeiten“, sollte laut Max Bill die Aufgabe der Schule sein. Ex-US-Hochkommissar und Förderer McCloy: „Diese Schule will Methoden zur Förderung des demokratischen Lebens in Deutschland lehren.“

Eine „Forschungs- und Ausbildungsstätte für die gestalterischen Aufgaben unserer Zeit“ wollte die hinterbliebene Geschwister-Scholl-Schwester und Ulmer Volkshochschulleiterin Inge Scholl kreieren.

Nachdem Inge Scholl die „Geschwister-Scholl-Stiftung“ angekurbelt hatte, nachdem sie durch Vermittlung von Carl Zuckmayer und Brigitte Berkman Fischer zu McCloy's Million gekommen war und sie eine weitere Spenden-Million bei deutschen Firmen und Verwaltungen



Exrektor Bill
Fassade aus Tassen

stellen aufgetrieben hatte, nachdem der zunächst als Rektor vorgesehene „Gruppe 47“-Chef Hans Werner Richter von Max Bill beiseite geschoben worden war, konnte die „Hochschule für Gestaltung“ 1955 auf dem Ulmer Kuhberg eröffnet werden — ein Nachfolge-Institut des „Bauhauses“.

Die modernistisch-kahlen Schulgebäude aus unverputztem Beton waren, nebst Studenten- und Dozenten-Domizilen, von dem auf eine asketische Ästhetik eingeschworenen Bauhaus-Schüler Bill entworfen worden: ein Designer-Kloster. Die Weiherede hielt Bauhaus-Gründer Gropius. Am Schuleingang trat eine Tafel kund: „Dieser Bau wurde mit Hilfe von öffentlichen Mitteln der Vereinigten Staaten von Amerika errichtet.“



Prorektor Maldonado
Stoff für Eruptionen

Auch deutsche Steuergelder begannen, wenn auch zunächst spärlich, für das Kuhberg-Werk zu rollen. Heute erfreut sich die Gestalter-Schule jährlicher Zuschüsse von über einer Million Mark: Das Land Baden-Württemberg gibt 600 000, der Bund 300 000, die Stadt Ulm 150 000 Mark. Die Eigeneinnahmen der Schule — Studiengebühren und Auftrags-honorare — werden auf etwa 500 000 Mark im Jahr beziffert. Dazu kommen Spenden aus der Industrie: von der Gründung bis heute waren es allerdings nur insgesamt 2,5 Millionen Mark (1962 kam überhaupt nichts mehr herein).

Geleitet, verwaltet, beraten und betreut wurde die Anstalt, die planmäßig nicht mehr als 160 Studierende aufnehmen soll, von Anfang an in großem Stil. Als Organe der Geschwister-Scholl-Stiftung ranken sich um die Schule:

- ▷ ein Vorstand mit drei Mitgliedern, darunter Inge Scholl;
- ▷ ein Kuratorium mit elf Mitgliedern, darunter Bankier Hermann Josef Abs, Walter Gropius, Romano Guardini und Carl Zuckmayer — nach Auskunft des Stiftungs-Vorstehers Thorwald Risler „eine rein dekorative Angelegenheit“;
- ▷ ein Verwaltungsrat mit vierzehn Mitgliedern, darunter der Ulmer Oberbürgermeister Pfizer;
- ▷ ein Beirat mit neun Mitgliedern, darunter Exrektor Max Bill;
- ▷ eine „Gesellschaft der Freunde der Geschwister-Scholl-Stiftung“ mit etwa 200 Mitgliedern.

Die Hochschule selbst — sie wird zur Zeit von 118 Studenten (darunter 41 Ausländer) besucht — verfügt über einen Rektor, einen Prorektor, einen Kleinen Senat, einen Großen Senat sowie fakultätsähnliche „Abteilungen“.

Der Aufwand an Organisation konnte die Kuhberg-Leute von Anfang an nicht vor der schleichenden Krise bewahren: Schon ein halbes Jahr nach dem Einzug ins neue Hochschulgebäude räumte der Form-Fanatiker Bill den Rektorstuhl und zog sich wieder nach Zürich zurück. Offizielle Begründung damals: Er wünsche sich „wieder intensiver gestalterischen Aufgaben widmen zu können“.

Heute indes behauptet Bill, nicht freiwillig zurückgetreten, sondern „auf perfide Weise“ verdrängt worden zu sein, „weil andere sich an meinen Platz setzen wollten“. Gemeint sind:

- ▷ der jetzt amtierende HfG-Rektor Otto („Otl“) Aicher, 40, Graphiker und seit 1952 Ehemann der Inge Aicher-Scholl, die ihn dem Bill einst „als Schüler, eventuell als „Assistent“ (Bill) empfahl und über ihn mitteilte, daß er „mit 15 Jahren Plato, Aristoteles, Sankt Augustinus und vor allem Thomas von Aquin“ gelesen habe

* Das von Walter Gropius 1919 in Weimar gegründete „Bauhaus“ strebte eine neue Stileinheit von Architektur, Bildenden Künsten und Kunsthandwerk an. Als „Meister“ wirkten am Bauhaus, das 1925 nach Dessau verlegt und 1934 von den Nationalsozialisten aufgelöst wurde, neben den Architekten Gropius und Mies van der Rohe unter anderen die Maler Kandinsky, Feininger, Klee und Schlemmer. Der vorwiegend geometrisch-technisch-funktionelle Bauhaus-Stil machte international Schule. Nach dem Muster der sogenannten Bauhaus-„Vorlehre“ ist die Grundausbildung vieler heutiger Werkkunstschulen angelegt.

USA: Völlig verrückt!
Eine Kennedy-Parodie!
Jetzt die Platte:

The First Family

Das Weiße Haus bestellte 100 Stück!

Eine 30-cm-Langspielplatte, die in den USA zum größten Schallplattenerfolg zwischen Philadelphia und San Francisco wurde: Innerhalb von 14 Tagen wurden 1,8 Millionen Stück verkauft! „Die Leute sind völlig verrückt danach“, kabeelte ein Schallplattengeschäft an die Herstellerfirma. Allein das Weiße Haus bestellte 100 Stück von „The First Family“!

Auf dieser Langspielplatte werden die Eigenarten des Kennedy-Clans in 17 Sketchen voller Gags und Situationskomik rabiat, sarkastisch und gepfeifert verulkt. Die Redeweise und die Stimmen der Beteiligten: Kennedy (Vaughn Meader), Jackie (Naomie Brassart) und Caroline (Norma MacMillan) und rund ein Dutzend anderer Prominenter werden dabei so treffend imitiert, daß TIME schrieb: „Jede Jackie würde sich von diesem ‚Jack‘ reinlegen lassen.“

Auch Sie werden bei der „Party des Weißen Hauses“, wo Casals, Bernstein und Albert Schweitzer empfangen werden, bei der „Kennedy-Presskonferenz“, beim „Economy Lunch“ mit Chruschtschow, Castro, de Gaulle, Adenauer oder beim Sketch: „After Dinner Conversation“ — mit Kennedy, Jackie und Caroline — nicht mehr ernst bleiben können. Diese Platte ist wirklich einmalig und sollte in keiner Discothek fehlen.

Bestellen Sie noch heute: „The First Family“ (amerikanische Originalplatte) bei:
Schallplatten-Büro, 519 Stolberg (Rheinland),
Postfach 285
Preis DM 24,90 (einschließlich Nachnahme)
Bitte angeben, ob mono oder stereo!



EINE
TATSACHE,
DIE
BEWIESEN
WURDE!

SITZT!

Die Wäsche mit dem Sitz führt gepflegte Fachabteilungen auch in Selbstbedienung. Merken Sie sich die leuchtende, orangefarbene Packung mit dem Handstand! Adr. von Ceceba, 746 Ballingen (Württ.) Ruf 074 53-71 41/42

sowie über eine „ungeheure Vorstellungskraft“ verfüge;

▷ der jetzige Prorektor Tomás Maldonado, 40, ein aus Argentinien stammender Maler und ehemaliger Bill-Bewunderer, der 1954, von Bill lanciert, in Ulm Dozent wurde und Deutsch lernte. Die „Deutsche Studenten-Zeitung“ nannte ihn einen „Hidalgo mit indianischem Einschlag“.

Bill später über Maldonado: „Es ist hauptsächlich seiner Tätigkeit zuzuschreiben, daß ernste Meinungsverschiedenheiten über den Kurs der Hochschule bestehen.“

Aicher heute über Bill: „Sein Abgang war kein Verlust für uns. Die größten

Heißenbüttel konstatiert. Er bezeichnete die Doktrin des Form-Puristen Max Bill als unpädagogische „Glaubenslehre“, als schultechnisch wertloses „Dogma“ und das allgemeine HfG-Programm mit seinem totalen Formgebungsanspruch als „schönen kulturpolitischen Luftballon, der sich unverbindlich über den praktischen Anforderungen dahinbewegt“. Heißenbüttel: „Was bisher in der Schule geleistet worden ist, hat gegenüber dem absoluten Anspruch des Programms etwas durchaus Zufälliges, ja geradezu Sinnloses. Wozu mit Türklinken anfangen, wenn Streichholzschachteln ebenso wichtig wären?“

Alte und neuere, sachliche und personelle Kuhberg-Schäden hoffen nun die



Neuer Ulmer Rektor Aicher, Studenten: Türklinken oder Streichholzschachteln

Leistungen der HfG entstanden erst hinterher.“

Die Ex-Bill-Adepten Aicher und Maldonado — sie betreuen heute die Fächer Visuelle Kommunikation und Produktgestaltung — haben sich bislang nicht der von ihnen selbst proklamierten Devise unterworfen: „Die HfG ist kein Altersheim. Es muß eine gewisse Rotierung von Dozenten-Persönlichkeiten geben.“

Während die Liste der vorübergehend angeheuerten, zum Teil verärgert wieder abgewanderten oder hinausgefeuerten HfG-Dozenten inzwischen auf mehr als 40 Namen angewachsen ist — darunter beispielsweise Max Bense, Hans Magnus Enzensberger und Walter Jens —, blieben Aicher und Maldonado, der von Ulmer Dozentenkollegen teils als „guter Designer“, teils als „hochgradig unseriös“ bezeichnet wird, von solcher Dynamik unberührt. Sie arbeiteten sich an die Spitze der HfG-Hierarchie empor.

„Aber“, so Dozent Kalow, „weder Aicher noch Maldonado ist ein neuer Gropius.“

Daß freilich auch die „Hochschule für Gestaltung“ kein dem alten Gropius-Unternehmen ebenbürtiges neues Bauhaus ist, hatte schon 1957 im Süddeutschen Rundfunk der Essayist Helmut

neuen HfG-Lenker Aicher und Maldonado nicht zuletzt mit der am 15. Dezember 1962 erlassenen neuen Verfassung ihrer Hochschule beheben und vermeiden zu können. Diese Verfassung, die offiziell vom Beirat der Geschwister-Scholl-Stiftung erstellt wurde, gibt dem Rektor mehr Macht und diskreditiert die Dozenten, die nicht — wie Aicher und Maldonado — Designer sind.

Paragraph 14 verfügt: „Zu ordentlichen Dozenten (der HfG) können nur Gestalter ernannt werden.“ Laut Paragraph 4 sind aber nur ordentliche Dozenten zum Rektor und Prorektor wählbar. Der Rektor wiederum bestimmt fast souverän über das Abhalftern von Lehrkräften: Nach Paragraph 12 erfolgt „die Abberufung von Lehrkräften . . . durch den Vorstand der Geschwister-Scholl-Stiftung auf Antrag des Rektors“.

Aufgrund der neuen Verfassung erhielten von den neun festen Dozenten, die zur Zeit des Inkrafttretens auf dem Kuhberg lehrten, nur vier den Status eines ordentlichen, auch zum Rektor wählbaren Dozenten — unter ihnen die Gestalter und HfG-Veteranen Aicher und Maldonado. Einer der beiden anderen ordentlichen Dozenten, der Maler Vordemberge-Gildewart, starb wenige Tage später, so daß die Hochschule gegenwärtig nur über drei Dozenten der verfassungsmäßig ersten Klasse verfügt.

Ihre Chance

jede Woche

30 bis 40 Seiten

Stellenanzeigen

Frankfurter Allgemeine
ZEITUNG FÜR ÖSTERRICH

6 Frankfurt (Main) 1
Hellerhofstraße 2-4
Postfach 3463
Telefon 33 05 31

Die fünf anderen Festdozenten der Schule, die Architekten Doernach und Ohl, der Mathematiker Rittel, der Photograph Staub und der Publizist Kalow, alle frühere Mitglieder des Rektorskollegiums, sahen sich durch die neue Verfassung zu Lehrkräften zweiten Ranges degradiert: Sie können nicht mehr Rektor werden.

Kalow: „Diese neue Verfassung ist ... das juristisch formulierte Manifest des Willens einer Gruppe von Dozenten, deren erklärtes Ziel es war und ist, eine andere Gruppe von der Schulleitung fernzuhalten.“

Der Ulmer Gastdozent und Chefredakteur von Radio Bremen, Harry Pross: „Im ganzen ist diese Verfassung eine ins 20. Jahrhundert verpflanzte mittelalterliche Rektorsverfassung. Bei der kleinen Anzahl von Studenten und Dozenten hat sie etwas Lächerliches.“

Der autoritativ gestärkte Rektor Aicher hingegen findet, daß für die Hochschule nun ein nützlicher „Übergang von der künstlerischen Phase über die wissenschaftliche in die gestalterische Phase“ ermöglicht sei und unliebsamen Kontroversen wirkungsvoller begegnet werden könne: „Die alte Verfassung ging von den idealistischen Verhältnissen der Gründerjahre aus. Sie war nicht geeignet, bei internen Spannungen klärend zu wirken. Die neue Verfassung kündigt einen neuen Beginn an.“

Skeptiker auf dem Kuhberg verweisen indessen darauf, daß die Hälfte der wahlberechtigten Dozenten und die Vertreter der Studentenschaft die Rektorswahl boykottiert und dem Neubeginner Aicher („Ich bin Optimist, die Hochschule ist gesund“) ihre Stimme versagt haben. In einem Eilbrief an den Kulturpolitischen Ausschuß des Baden-Württembergischen Landtags in Stuttgart forderte die Ulmer Studentenvertretung „eine Verfassung, die den demokratischen Gepflogenheiten unseres Staates und dem intellektuellen Niveau einer Hochschule gerecht wird“.

Die von Aicher erhoffte Stabilität scheint ungewiß. So prophezeiten bereits

- ▷ die Vorsitzende des Studentenrats, Gudrun Otto: „Wir glauben nicht, daß es Ruhe im Hause geben wird“;
- ▷ der Dozent Horst Rittel: „Mit der neuen Verfassung ist der Weg in neue Krisen geöffnet“;
- ▷ der Dozent Rudolf Doernach: „Der Stoff für viele neue Eruptionen ist da“.

Eine Eruption, die das Ulmer Kuhberg-Werk möglicherweise bis zum Zusammenbruch erschüttern könnte, sagen HFG-Dozenten für den Tag voraus, „an dem Prorektor Tomás Maldonado das Rektoramt besetzt“.

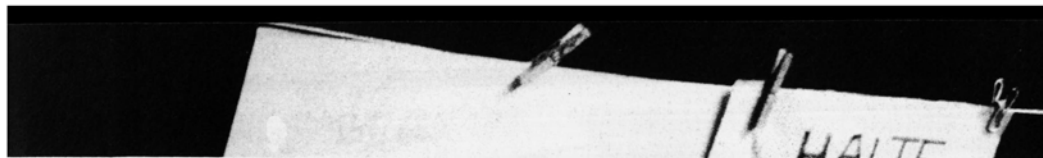
FILM

NEU IN DEUTSCHLAND

Sing, aber spiel nicht mit mir (Österreich). Der kinematographische Wiederbelebungsversuch an dem vom Fernsehen geschaffenen Quizling Lou van Burg ist fehlgeschlagen: Der Spielmeister posiert farblos am Rande eines cremebunten Nummernfilms. Er sagt zu Beginn sechsmal „wunnebar“, singt in der Mitte und strahlt zum Schluß, nachdem seine Beteuerung „Ich liebe nur eine“



mit den Vorzügen
des echten
Kaffee Hag



184

L'atelier populaire de l'ex-Ecole des Beaux-Arts. Entretien avec Gérard Fromanger

Gérard Fromanger, plasticien, a pris une part active au travail des Beaux-Arts occupés en mai-juin 1968, ainsi qu'aux prolongements artistiques et politiques de cette occupation.

Vous étiez aux Beaux-Arts en 68 ?
Non, moi je n'étais plus du tout aux Beaux-Arts, mais j'y étais allé un peu en 61-62. J'y suis resté très peu de temps tellement c'était épouvantable... De très mauvais professeurs, de mauvais peintres qui étaient de mauvais professeurs et pas du tout une ambiance de travail. Je n'y suis pas resté longtemps, mais enfin, je connaissais bien l'école.

Je crois qu'il y a une assemblée générale le 15, qui décide de l'occupation. Et vous, à quel moment êtes-vous retourné à l'école ?

Je suis parmi les premiers à rentrer dans l'école. Nous nous étions rencontrés dans la rue...

Mais il faut remonter à l'histoire du salon de la Jeune Peinture. Les élèves eux-mêmes n'avaient pas ça dans la tête. Ils ne savaient pas ce qu'ils pouvaient faire, en quelque sorte, comme grève active. Nous avions nous, à la Jeune Peinture, une certaine expérience du fonctionnement en assemblée générale...

Quand a été fondé le salon de la Jeune Peinture ?

À la Libération. Mais il s'est politisé en 63-64-65...

Dans quelle tendance politique ?
Certains étaient au PC, d'autres anarchistes, d'autres encore althusériens. Toutes ces tendances cohabitaient et les tendances dites de droite n'existaient plus.

Aux Beaux-Arts ?...
À l'assemblée générale du 15 mai, la pratique de la Jeune Peinture a amené ses membres à occuper et à trouver des idées. Alors que les élé-

ves des Beaux-Arts n'étaient pas du tout prêts à cela. Le fonctionnement de l'assemblée générale, les discussions collectives sur les œuvres, tout était au fond monnaie courante pour la Jeune Peinture.

À la Jeune Peinture, il n'y avait pas d'étudiants des Beaux-Arts ?

Non, il s'y trouvait des peintres qui étaient déjà sortis des écoles, qui avaient été ou qui ne seraient jamais allés aux Beaux-Arts... des peintres «aguerris». Certains peintres faisaient des lithographies. Ils avaient l'habitude de donner des lithographies comme cadeaux pour un groupe de révolutionnaires cubains ou africains, du tiers-monde, ou pour la Croix Rouge internationale. Ainsi, à l'entrée dans les Beaux-Arts, la découverte de la presse lithographique a été très importante. Il y avait alors deux tendances, une première pour parler, parler sans fin, et une seconde pour agir. Cette presse à bras a tout de suite tiré une lithographie, dans l'idée de la vendre, pour profiter aux grévistes... Idée de la vendre qui était notre habitude...

Quelle lithographie ?

Usine-Université-Union, trois grosses lettres UUU. L'idée était de l'apporter dans une galerie amie pour la vendre. Mais on n'a pas fait dix mètres dans la rue, les étudiants se les ont arrachées et les ont collées sur les murs eux-mêmes. Alors nous avons compris : évidemment, c'est ça l'idée, c'est à ça qu'il faut que ça serve ! Nous sommes vite remontés.

Le tirage était peu important...

La première s'est faite en 30 exemplaires. Ensuite, un ami peintre, Rougemont, nous a apporté la sérigraphie. Elle était presque inconnue en France à l'époque (sauf des artistes du GRAV - Groupe de recherche d'art visuel - avec Le Parc, Sotto, Vasarely, Crus Diez, De Marco, Yvaral, Agam, etc.), qui, depuis le début des années 60, produisaient de très nombreuses sérigraphies, sur papier ou des «multiples sérigraphiés» avec notamment le grand sérigraphe Arcay, exilé cubain sous la dictature de Batista, arrivé à Paris en 1952-53 ; il donne le premier un essor à la





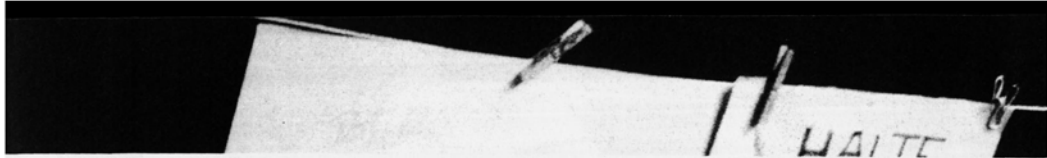
sérigraphie artistique à travers la galerie Denise René et ses artistes). Elle existait industriellement. Pour les peintres, ce n'était pas une technique connue, ni noble, en tout cas, pas comme la lithographie ou la gravure.

Comment s'est développée la technique ?

Au bout de peu de temps, il sortait 2 à 3 000 affiches par jour. A la fin, quand les CRS ont investi l'école, ils ont cherché partout les machines offset pendant que des types parlaient tranquillement avec des cadres de sérigraphie sous le bras...

Lors des discussions, comment cela se passait ? C'était très organisé ? peu organisé ? Y avait-il une assemblée générale tous les jours ?

Il n'y avait aucun laxisme, c'était en fait très ordonné !, très moral ! Il n'était pas question de désobéir au vote d'une assemblée générale, par exemple. Très rapidement, s'est installée une sorte d'organisation, par la pratique elle-même. Il y avait une assemblée générale par jour, en général le soir. A l'entrée, deux personnes recevaient à la fois ceux qui voulaient participer, artistes ou non, ceux qui voulaient donner un coup de main. Plus de dix mille personnes sont passées, environ 300 artistes. Beaucoup de gens passaient et ne restaient pas. Des provinciaux venaient trois jours, ou dix jours, très peu sont restés deux mois ou un mois et demi. Un accueil recevait les différents envoyés de toutes les grèves du pays, employés SNCF de Quimper, laveurs de vitres de l'hôpital de Romorentin, types de chez Renault, etc... Ça n'arrêtait pas ! Ils venaient pour dire : «Voilà, on veut une affiche comme-ci et comme-ça, on sait que vous existez». On avait aussi une espèce de petite école pour apprendre à ces gens-là à faire de la sérigraphie de façon à ce qu'ils recommencent dans leur usine ou dans leur campagne. Ces gens arri-



vaient surtout le matin et restaient la journée, ils finissaient par connaître très vite le fonctionnement et ils restaient jusqu'au soir à l'assemblée générale pour expliquer leur grève, proposer un mot d'ordre et proposer éventuellement une petite maquette. Comme existait le fantasme total de l'ouvriérisme, du moment que c'était un ouvrier qui dessinait, son dessin était génial et parfois même repris tel quel. En tout cas, son mot d'ordre était toujours accepté. Et à l'assemblée générale du soir, vers 19 heures, qui durait entre une heure et dix heures, étaient discutés tous les projets faits dans la journée. Souvent il y en avait dix, on punaisait les dix sur une corde. Nous étions entre dix et trois cents, ça dépendait. Parfois, c'était la folie, on ne savait plus où se mettre...

Est-ce qu'il y avait, lors des assemblées générales, des clivages entre étudiants de l'école et artistes extérieurs, ou des clivages politi-

ques entre tendances ?

Tout cela était noyé dans l'assemblée générale, aucun problème...

Vous, par exemple, vous étiez de quelle tendance ?

A ce moment-là, j'étais plutôt anarcho-maoïste... Après, proche de la Cause du peuple et de la Gauche prolétarienne, mais jamais dans une organisation. Ceux qui venaient du mouvement du 22 mars de Cohn-Bendit, me paraissaient les plus sympathiques, les plus fous, les moins doctrinaires, et surtout, ils ne se perdaient pas à couper les cheveux en douze, mais à agir.

Aux Beaux-Arts, quelles tendances étaient représentées ?

Il y avait plusieurs groupes trotskystes différents, la Jeunesse communiste révolutionnaire et la FER et d'autre part, toutes les sectes maoïstes. Des peintres étaient au PC. Quelques-uns, mais pas beaucoup, étaient déjà habitués, dans le

cadre de la Jeune Peinture, à une discussion politique qui les emmenait bien au-delà des mots d'ordre de la ligne de leur parti... Mais ils se sont intégrés très librement, ils n'essayaient même pas de mettre en avant la ligne du PC à l'époque dans les assemblées générales. On ne peut pas dire qu'ils étaient à la pointe; mais ils étaient des militants! Ils assuraient un certain mode de fonctionnement.

Dans les assemblées générales, il y avait des commissions qui étudiaient les réformes de l'école, les réformes de l'université...

Alors ça, c'était la partie dont j'ai parlé tout à l'heure: ceux qui ont décidé de parler!

Et les artistes eux-mêmes ne participaient pas tellement à cela ?

Il n'y avait pas de joint entre les deux. Au début oui, mais très rapidement il y eut ceux qui voulaient agir et ceux qui voulaient parler. Beau-



Affiches de l'atelier des Beaux-Arts pour le soutien aux grèves. A noter que de nombreuses affiches sont textuelles.



coup d'artistes voulaient parler, pas longtemps.

En ce qui concerne les affiches elles-mêmes ?...

Très rapidement, ceux qui s'ennuyaient dans ces assemblées sont venus dans l'atelier populaire des Beaux-Arts. De chemin inverse, il n'y en a pas eu... C'était trop amusant, on s'amusait comme des fous. Les assemblées générales, c'était à la fois très sérieux et très moral, mais en même temps très rigolo. On ne voulait plus quitter l'école, on y dormait, on y vivait jour et nuit..., c'était passionnant ! Il y avait au fond ce rapport direct, subit ! avec ce qu'on appelait le public, ou le peuple, ou les étudiants, ou les ouvriers, ou les militants, ou les paysans, ou les gens de la rue... Pour des artistes c'était complètement formidable. Et puis, au fond, nous étions les seuls qui travaillions. C'était très gratifiant : le pays était en grève sauf nous ! Nous n'avons jamais autant travaillé de notre vie !

L'assemblée générale choisissait certains projets, en rejetait d'autres, il y avait beaucoup de choses qui étaient rejetées ?

Ah oui, pour un projet il y avait dix maquettes foutues en l'air !

Et cela se passait sans trop de drames... ?

Oui. Il y avait des groupes de pression. Il y avait bataille sur tous les projets, mais acceptation de la décision. Quand les tendances s'équilibraient, nous remettions le vote au lendemain. J'ai le souvenir, pour mon compte personnel, d'une affiche que j'avais faite qui n'a finalement pas été acceptée : huit heures de discussions en assemblées générales ! Il s'agissait d'un drapeau français avec le rouge qui coule sur les autres couleurs. Finalement, le mouvement du 22 mars avec Daniel Cohn-Bendit a voulu absolument l'imprimer. Nous sommes allés ensemble à l'imprimerie pour la faire tirer à vingt-mille exemplaires en dehors de l'atelier populaire.

Elle a vraiment été tirée ?

Elle a été tirée, mais jamais collée ! Il y a vingt mille exemplaires qui sont quelque part !

On ne l'a jamais collée ?

Non. Beaucoup d'affiches ont été

refusées après de longues, longues discussions. Des choses évidentes passaient tout de suite, aussi ! Tout le monde levait la main et on passait à la suivante !

Est-ce qu'il y avait aussi des ateliers en province qui fonctionnaient... ?

Oui, qui ont fonctionné pendant des années ! en juin, oui... Il y en a eu à Flins et il y en a eu à Cléon, je crois qu'à Renault aussi, à Sochaux... Très souvent il y avait des peintres qui partaient, en général à deux ou trois, pour leur apprendre des rudiments et, en retour, nous revenions avec des affiches faites sur place.

Pratiquement, comment se faisaient les choses ? C'était tiré la nuit ? Et qui tirait ?

Il y avait plusieurs salles de fabrication. C'était tiré jour et nuit. Il y avait, dans le meilleur des cas, dix équipes, et dans le pire, deux équipes qui tiraient constamment.

Et chaque affiche était tirée à combien ?

Au début 100, 200, 300, mais en moyenne toutes ces affiches ont été tirées à au moins 2 000 exemplaires... Il y a eu environ 800 affiches, journaux muraux.

Et les gens qui tiraient étaient les mêmes que ceux qui créaient ?

La division du travail existait peu, mais le changement de poste et la décision collective aussi. Curieuse-

ment, dans le domaine où les gens sont les plus égoïstes, les plus individualistes...

Les artistes tiraient aussi des affiches... ?

Oui, il y a des exemples connus pour nous. Par exemple, un artiste célèbre dont je ne veux pas me permettre de dire le nom, ne pouvait pas faire d'affiches, il ne voulait pas dessiner d'affiches, il se sentait incapable. Il disait lui-même : « Je ne peux pas... mais je veux être là ! » Alors, pendant quelques jours, il a balayé, il a nettoyé, il préparait les rames de papiers, il coupait le papier, mais il ne dessinait pas ! Après, il est allé fonder l'atelier populaire de l'école des Arts-déco, alors là, je ne sais pas si il dessinait.

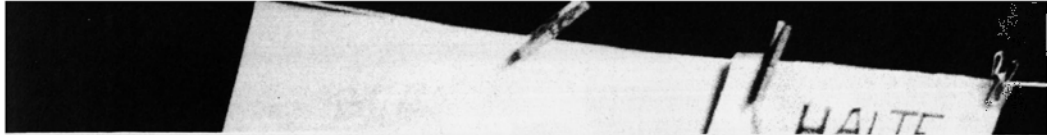
Des lithographies sont faites à l'époque et sont signées, alors que les affiches elles-mêmes ne sont pas signées...

En effet, les affiches sérigraphiées n'étaient pas signées, ça faisait partie de notre morale. Il ne fallait pas savoir qui les avaient faites. Nous méprisions beaucoup les artistes qui signaient des affiches. C'était en dehors de l'atelier populaire, ce n'était pas dans les Beaux-Arts.

Ce qui est frappant quand on regarde les sérigraphies, c'est, malgré leurs différences, un certain style général... ?

Ah oui, absolument !





Dans la simplicité des formes, dans l'utilisation des symboles expressifs, dans les slogans très courts ou certains jeux de mots, il y a un style général. Ça vient de quoi à votre avis ?

Ça vient de la discussion politique. Quelqu'un qui proposait sa maquette ne se mettait pas en avant en tant que personne. La maquette était épinglée, suspendue avec une pince à linge sur un fil, au milieu des autres. Mais l'artiste, ou la personne - ce n'était pas forcément un artiste qui l'avait faite - ne défendait pas personnellement son projet. Nous voyions des têtes verdies, ou d'autres rougir de plaisir, donc nous comprenions qui l'avait faite. Et puis, petit à petit, avec les jours qui passaient, nous reconnaissions le style des uns et des autres, et s'installait un climat d'amitié et de complicité qui faisait qu'on savait qui était qui, qui faisait quoi. Mais la morale de cette petite société voulait l'anonymat. Alors les corrections arrivaient très franchement : « ah, faudra enlever, là, il a une fourche, c'est ridicule, on dirait une affiche d'il y a cent ans, faut enlever ça ! » Petit à petit cela a formé un style collectif. En ce qui concerne le style ; le groupe de peintres qui s'appelaient le Groupe de recherche d'art visuel (GRAV), des argentins comme Le Parc et d'autres, qui étaient des artistes dits « géométriques » ont fait des affiches. Ils se sont donc pliés en quelque sorte par discipline collective et par besoin à un autre style.

Pensez-vous que le style des affiches cubaines a joué un rôle ?

Non, pas vraiment...

L'école polonaise d'affichistes ?

Pas du tout ! non. Par contre, tous les pays du monde où il se passait quelque chose envoyaient du monde à l'atelier populaire des Beaux-Arts, pour copier le style et le fonctionnement. Il y avait des gens de Rome, de Varsovie, de Londres... Je suis allé à Londres fonder un atelier populaire en juin : foutoir le week-end et tout nettoyé le lundi matin...

Ce qui m'a beaucoup frappé, c'est qu'un certain nombre d'affiches qui ont été faites en Tchécoslovaquie au moment de l'invasion des chars russes, donc en août 68, sont absolument du style des affiches des Beaux-Arts !

Il y a deux Tchèques qui sont venus à l'atelier des Beaux-Arts, je me les rappelle très bien !

Je reviens un peu en arrière, les affiches sont tirées jusqu'à 2 000 exemplaires ? Comment cela se passe-t-il ? L'encre, le papier ?

L'encre était donnée, nous avions des copains sérigraphes professionnels. Les entreprises donnaient le papier, c'étaient d'immenses rouleaux de rotatives qu'on nous donnait, que des ouvriers apportaient, même des rotatives du Figaro. Nous coupions dedans. Je me souviens même d'un industriel des travaux publics qui trouvait ça tellement for-

midable qu'il nous avait rempli une baignoire d'essence. Un boulanger nous apportait trente baguettes tous les jours.

Vous faisiez des quêtes à l'extérieur ?

Non, pas du tout.

Combien y avait-il de personnes en permanence sur place ?

Beaucoup. Je me rappelle, ça tournait jour et nuit dans les ateliers, ça dormait dans les coins et ça faisait parfois l'amour sur les toits !

Est-ce qu'il y avait des tours de garde ?

Oui, il y avait un service d'ordre. C'était gardé jour et nuit. De temps en temps, il y avait des petites alertes et nous avions vraiment la trouille. Une fois, il y a eu une bataille. Quatre ou six types d'Ordre nouveau nous ont attaqués. Ils devaient être furieux de voir que deux mille affiches faisaient autant d'effet que vingt mille placards publicitaires. C'était en effet tellement neuf que ça perceait les murs.

Comment faisiez-vous sécher les affiches ?

Ça séchait en trois heures. Nous avions des clayettes. Au début, elles séchaient sur des fils. Et puis, il y avait une distribution, tout un réseau. Le premier réseau, c'était les demandeurs. Par exemple, Renault-Flins demandait une affiche, ils revenaient deux jours après ou souvent





ils restaient les deux jours et ils tiraient avec nous parce qu'ils étaient admiratifs de ce qui se faisait. Et ils repartaient avec le boulot sous le bras.

Qui collait des affiches comme «La chienlit c'est lui» ?

Des étudiants, tout de suite ! Il y avait des comités d'étudiants partout ! Ou des lycéens. Ils venaient, ils en prenaient dix, ils faisaient la queue dans l'escalier. Alors on notait d'où ils étaient, tel lycée, telle fac, telle adresse, combien ils avaient pris et l'un d'eux signalait. Vers la fin, nous avons découvert que depuis le début un type venait tous les jours pour accumuler sa réserve d'affiches, cyniquement ! Ça m'avait complètement déboussolé cette histoire ! Sur le moment c'était impensable pour moi un tel cynisme !

Quelle était l'ambiance ?

Il y avait tout un système de vie autarcique qui s'est organisée et qui faisait le tout-venant des journées. Le drame des épouses, par exemple, qui débarquaient : «mon mari, je ne le vois plus depuis 15 jours !» Le mari était là, pas amoureux d'une autre mais de l'atelier ! C'était trop formidable !

Et que faisaient les épouses alors, elles restaient ?
Parfois elles restaient !

Et les rapports femmes-hommes ? Il y avait beaucoup plus d'hommes que de femmes.

Je crois qu'il y avait plus d'hommes que de femmes. Mais il y avait des femmes aussi... Non, une majo-

rité d'hommes. Je vois des visages de femmes, mais je ne me rappelle plus des noms. Il y avait beaucoup d'étudiantes mais peu de femmes peintres, des étudiantes qui passaient, qui donnaient un coup de main, qui animaient...

Les slogans qui étaient sur les murs, vous en faisiez, qu'est-ce que vous en pensiez ?

Parfois il y en avait de bons. «La chienlit c'est lui» par exemple, c'était un mot d'ordre qui était dit dans les manifestations et écrit sur les murs.

En fait, les artistes avaient repris

un slogan qu'ils avaient vu sur les murs ?

Exactement ! «Usine-Université-Union» c'était sur tous les murs au début. Nous l'avions repris.

Je sais qu'il y a des affiches qui ont été reprises aussi sous forme de papillons imprimés. Donc, il y avait des imprimeries qui fonctionnaient et qui pouvaient reprendre des choses faites aux Beaux-Arts ?

Dans la mesure où rien ne nous appartenait...

Les rapports avec la Sorbonne se passaient comment ?

Je reviens sur un détail. Pour



HABITANTS DE  JUVISY
ORGE

**SOUTENEZ
LES GREVISTES DE
VOTRE QUARTIER**

nous, artistes, une des grandeurs de ce moment, c'est qu'au fond, même si certains artistes ont revendiqué dans leur bibliographie leur participation à l'atelier populaire des Beaux-Arts - ce qui est très bien - aucun n'a jamais signé les affiches, jamais ! Aucun n'a jamais dit «Tiens, j'ai fait celle-ci, celle-là» et ça je trouve cela assez formidable ! C'est donc resté, en quelque sorte, avec le temps, un secret d'une heureuse intensité.

Aux Arts-déco, non plus, même si dans la conversation certains peuvent dire qu'ils ont fait telle affiche ou telle autre, ils ne veulent pas non plus que ce soit noté.

En ce qui concerne les leaders de la Sorbonne, ils venaient et étaient devenus nos amis, parce que curieusement ils aimaient beaucoup les artistes qu'ils n'auraient jamais rencontrés sans cela ! Personnellement, ils sont restés mes amis : Serge July, Alain Geismar, etc...

Ils ne donnaient pas de mots d'ordres ?

Pas du tout ! Ils étaient intimidés même ! Ils étaient dans un coin, et ils regardaient ça, fascinés.

Et sinon, comme autre grand atelier à Paris, il y avait surtout les Arts-déco, qui ont fait pas mal de choses.

Oui, comme je n'y ai pas mis les pieds, je ne sais pas du tout comment ça se passait, je ne peux rien dire là-dessus.

Apparemment, entre les deux ateliers, il n'y avait pas de liens, pas de relations ? C'est tout de même amusant, alors qu'il y avait beaucoup de liens avec la province ou l'étranger.

Nous ressentions les affiches des Arts-déco comme des affiches un peu formalistes, un peu esthétiques. Ni politiques, ni efficaces dans la bataille qui se menait. Quand je les

revois aujourd'hui, je pense qu'on avait tort, nous devions être jaloux !...

L'affiche «CRS-SS» a dû être faite assez tôt...

Ça nous a semblé en tout cas complètement évident !

L'affiche où l'on voit Cohn-Bendit...

Cette affiche-là a nécessité une discussion d'heures entières. Il y avait eu un premier tirage avec «Nous sommes tous des Juifs et des Allemands» et finalement a été édité à deux mille exemplaires : «Nous sommes tous indésirables». Il y avait une peur d'employer le mot «juif» qui n'était pas encore tellement employé par les Juifs eux-mêmes pour se définir. Le mot «juif» venait de l'occupation allemande, il sonnait de façon raciste ou comme une insulte pour beaucoup.

FRONTIÈRES REPRESSION



LA POLICE S'AFFICHE AUX BEAUX ARTS



**LES BEAUX ARTS
AFFICHENT dans la RUE**

ATELIER
POPULAIRE



Une des plus célèbres affiches de 68, c'est «La chienlit c'est lui» ?

«La chienlit c'est lui» est d'un jeune étudiant d'alors ; il était d'une astuce, d'une intelligence, d'une rapidité... Il a fait au moins une dizaine d'affiches formidables et a influencé le style.

Qu'est-ce qu'il fait maintenant ?

Il faisait de la bande dessinée, peut-être a-t-il continué. Il est resté inconnu.

«La police s'affiche aux Beaux-Arts, les Beaux-Arts affichent dans la rue»... ?

Quand les CRS ont occupé les

Beaux-Arts, nous avons été accueillis par le PSU, rue Mademoiselle. Le matin, les journaux titraient «les CRS occupent les Beaux-Arts» et il y avait sur tous les murs de Paris : «La police s'affiche aux Beaux-Arts, les Beaux-Arts affichent dans la rue». Nous avons travaillé toute la nuit pour la tirer...

Ensuite ?

En août, nous éditons chez Dobson à Londres un livre des affiches. L'idée était que personne ne pouvait faire mieux que nous : laisser une trace de cela et l'éditer avec le même état d'esprit qui avait fondé cet atelier populaire.

Ça a été vendu à partir de quelle époque ?

A la rentrée, en octobre 1968.

Vous avez continué à faire des affiches à la rentrée ?

Pendant deux ou trois ans après, nous avons fondé des ateliers populaires un petit peu partout.

Y a-t-il des choses que vous avez regrettées ?

Non. Il est bien clair que ce n'est pas l'atelier des Beaux-Arts qui a fait Mai 68, mais précisément 68 qui a fait l'atelier populaire des Beaux-Arts...

(Propos recueillis par Laurent Gervereau)



que tiverem paralisado a sua laboração durante três anos seguidos ou durante três anos num período de seis;

c) A montagem ou substituição, em estabelecimentos já existentes, de novas máquinas para aumento de produção.

Art. 6.º Quem quiser obter qualquer das autorizações a que se referem as alíneas do artigo anterior assim o requererá ao governador da colónia respectiva, devendo esse requerimento conter as indicações e ter junto os documentos a que se refere o artigo 3.º e seu § 1.º

§ único. São aplicáveis aos governadores gerais ou de colónia os §§ 3.º e 4.º do artigo 3.º

Art. 7.º Tanto o Ministro das Colónias como o governador da colónia, nos casos em que têm de resolver, podem conceder autorização para a instalação de novos estabelecimentos industriais, reabertura dos existentes, montagem ou substituição de novos maquinismos em estabelecimentos já existentes, introduzindo as modificações que entenderem, em especial quanto à capacidade de produção da nova fábrica e da sua localização.

Art. 8.º Caduca a autorização obtida sem direito a qualquer indemnização quando não utilizada nos prazos que o Ministro das Colónias ou o governador da colónia, conforme o caso, determinar no despacho que recair sobre o requerimento.

§ único. Não se indicando prazo neste requerimento entende-se que ele é de dezóito meses para a instalação de novos estabelecimentos, de três meses para a reabertura de estabelecimentos já existentes, de seis meses para a montagem de novos maquinismos e de dois meses para os casos da alínea c) do artigo 1.º Estes prazos contam-se da data da intimação ou publicação do despacho.

Art. 9.º Da recusa do Ministro das Colónias à autorização de que trata o artigo 1.º cabe recurso para Conselho de Ministros e da recusa do governador geral ou de colónia, a que se refere o artigo 5.º, cabe recurso para o Ministro.

§ único. O prazo para interposição do recurso é de sessenta dias após a data da publicação ou intimação do despacho que recair sobre o requerimento.

Art. 10.º São excluídas das disposições deste decreto as indústrias de transportes e concessões regidas por leis especiais.

Art. 11.º São considerados estabelecimentos já existentes para os efeitos deste decreto aqueles em que, à data da sua publicação, se estejam realizando obras de primeiro estabelecimento, bem como aqueles para os quais, estando já construídos, embora sem laboração industrial, se tenham adquirido ou encomendado maquinismos.

§ único. As construções e maquinismos referidos neste artigo devem estar concluídos dentro de vinte e quatro meses a contar da publicação deste diploma. Dentro do mesmo prazo deverão estar montados e em utilização os maquinismos.

Art. 12.º Não carecem da autorização a que se refere o artigo 5.º os industriais que à data da publicação deste decreto tenham encomendado os maquinismos a que se refere a alínea c) desse artigo, desde que estejam montados dentro de doze meses após a publicação do presente diploma no *Boletim Oficial*.

Art. 13.º Os proprietários de estabelecimentos industriais em via de construção ou de montagem de maquinismos a que se referem os artigos 11.º e 12.º deverão participar este facto ao respectivo governo da colónia dentro do prazo de trinta dias, fornecendo-lhe todas as indicações e documentações que julgarem necessárias para elucidarem e comprovarem a sua participação.

Art. 14.º Pode o Ministro das Colónias, ouvido o governador da colónia onde a indústria se vai instalar e o Conselho do Império Colonial, conceder aos indivíduos

ou empresas que se proponham instalar novos estabelecimentos industriais para laboração de matérias primas que a colónia produza, ou montar, ou substituir, em estabelecimentos já existentes, novos maquinismos para aumento de produção de produtos, cuja matéria prima a colónia produza, todas ou algumas das seguintes isenções:

1.º De quaisquer contribuições ou taxas devidas pelos terrenos e prédios urbanos destinados à instalação da indústria;

2.º De direitos de importação para toda ou parte da maquinaria;

3.º De quaisquer impostos que incidam sobre os lucros ou dividendos.

§ único. As isenções dos n.ºs 1.º e 3.º deste artigo poderão ser concedidas pelo prazo máximo de três anos. Este prazo pode ser renovado, ouvidas as entidades referidas no corpo do presente artigo.

Art. 15.º Quem instale novos estabelecimentos industriais, reabra estabelecimentos industriais, monte ou substitua máquinas para aumento de produção, nos termos dos artigos 1.º e 5.º do presente diploma, sem as autorizações aí mencionadas, conforme os casos, está sujeito à multa de 1 a 50 contos, aplicada pelo governador da colónia, devendo por esta autoridade ser, independentemente disso, mandado encerrar o respectivo estabelecimento.

§ único. Da decisão do governador da colónia cabe recurso para o Ministro das Colónias, o qual deve ser interposto dentro de quarenta e cinco dias a contar da data da notificação da multa e ordem de encerramento.

Art. 16.º É nula de pleno direito a transferência de licença de exploração, deslocação ou alienação de estabelecimentos industriais nas condições referidas no artigo 1.º, alínea c), sem a autorização mencionada nesse artigo; os interventores do contrato de onde resulte a transferência estão sujeitos à multa de 5 a 50 contos, imposta pelo governador da colónia, que deverá, independentemente disso, mandar encerrar o estabelecimento objecto da transacção.

§ único. Cabe recurso da decisão do governador para o Ministro das Colónias, nos termos do § único do artigo anterior.

Publique-se e cumpra-se como nêle se contém.

Para ser publicado nos «Boletins Officiais» de todas as colónias.

Paços do Governo da República, 11 de Abril de 1936. — ANTONIO OSCAR DE FRAGOSO CAERMONA — António de Oliveira Salazar — Francisco José Vieira Machado.

MINISTÉRIO DA INSTRUÇÃO PÚBLICA

Lei n.º 1:941

Em nome da Nação, a Assembleia Nacional decreta e eu promulgo a lei seguinte:

Remodelação do Ministério da Instrução Pública

BASE I

O Ministério da Instrução Pública passa a denominar-se Ministério da Educação Nacional.

BASE II

É instituída a Junta Nacional da Educação para o estudo de todos os problemas que interessam à formação

do carácter, ao ensino e à cultura, a qual terá as seguintes secções:

- 1.ª Educação moral e física;
- 2.ª Ensino primário;
- 3.ª Ensino secundário;
- 4.ª Ensino superior;
- 5.ª Ensino técnico;
- 6.ª Belas Artes;
- 7.ª Investigação científica e relações culturais.

A Junta Nacional da Educação funcionará em sessões plenárias e em sessões por secções, podendo reunir em sessão conjunta as secções a que o mesmo assunto respeite.

O presidente da Junta Nacional da Educação, que também preside à reunião conjunta de duas ou mais secções, é da escolha do Ministro, devendo esta recair em personalidade que haja dado provas de capacidade e especial interesse pela educação da juventude, e substitue-o nos impedimentos o secretário geral do Ministério.

Presidem às secções 1.ª a 5.ª da Junta Nacional da Educação respectivamente os directores gerais da saúde escolar, do ensino primário, do ensino secundário, do ensino superior e do ensino técnico.

Preside à 6.ª secção o presidente da Academia Nacional de Belas Artes e é vogal nato o director geral dos edificios e monumentos nacionais.

A 7.ª secção constitui o Instituto para a Alta Cultura, em substituição da actual Junta de Educação Nacional, e o seu presidente é da escolha do Ministro, devendo esta recair em personalidade que haja realizado trabalhos de mérito na investigação científica.

O inspector do ensino particular é vogal nato de todas as secções em que possa ter representação este ensino.

As secções serão organizadas com o menor número de vogais exigido pela representação dos respectivos interesses, fazendo obrigatoriamente parte das 1.ª a 6.ª secções delegados dos pais e educadores.

São extintos o Conselho Superior de Instrução Pública, o Conselho Superior das Belas Artes, a Junta Nacional de Escavações e Antiguidades, a Comissão do Cinema Educativo e a Junta de Educação Nacional, transitando o secretário desta para o serviço do Instituto para a Alta Cultura.

BASE III

Os presidentes das secções formam, sob a presidência do presidente da Junta Nacional da Educação, o Conselho Permanente da Acção Educativa.

No funcionamento dos serviços do Ministério será observada rigorosamente a hierarquia, sob pena disciplinar para todos os infractores.

BASE IV

Entre as funções a definir para as 1.ª e 7.ª secções da Junta Nacional da Educação será incluído o seu indispensável parecer sempre que haja de decidir-se a representação de Portugal em competições desportivas e congressos internacionais.

Na competência da 1.ª e 6.ª secções, em conjunto, entram os espectáculos públicos, transitando os respectivos serviços para o Ministério da Educação Nacional, excepto quanto aos problemas do trabalho, que competirão ao Sub-Secretariado de Estado das Corporações e Previdência Social.

BASE V

Na selecção do professorado de qualquer grau de ensino ter-se-ão em conta, sem prejuízo da necessária

preparação científica, as exigências da sua essencial cooperação na função educativa e na formação do espirito nacional.

BASE VI

Haverá nas escolas de formação do pessoal docente e em todos os estabelecimentos de ensino, com excepção do primário, cursos obrigatórios de organização corporativa para todos os candidatos e alunos, adaptados ao grau do respectivo ensino.

BASE VII

Serão criadas condições para a efectiva utilização dos bolseiros do Estado e impostas a estes obrigações que assegurem à colectividade a sua integração na ordem social constitucionalmente estabelecida e o rendimento do sacrificio com elles feito.

Serão concedidas bolsas de estudo pecuniárias a estudantes pobres de elevada capacidade moral e intellectual, rigorosamente comprovada, e serão instituídos prémios nacionais para os melhores estudantes, consistindo preferentemente em visitas aos monumentos históricos e viagens às colónias portuguesas.

BASE VIII

Na reforma do ensino prevenir-se-á a superpopulação dos liceus e Universidades pela oportuna repartição dos alunos, segundo as suas aptidões, entre o ensino liceal e o ensino técnico profissional, e pela atribuição de uma finalidade autónoma àquele, sem prejuízo da sua função preparatória para os cursos superiores.

O exame de admissão a qualquer grau de ensino será fundamentalmente uma prova de aptidão.

BASE IX

Serão revistos os quadros das disciplinas e respectivos programas em todos os graus do ensino, por forma que no início do ano lectivo de 1936-1937 se encontre posto no lugar próprio o que se verifique estar deslocado, e suprimido tudo o que seja inútil ou pedagogicamente dispensável.

BASE X

Para o ensino primário elementar será em todo o País adoptado o mesmo livro de leitura em cada classe.

Nos estabelecimentos de ensino de todo o País, com exclusão do superior, haverá um único compêndio para cada ano ou classe das disciplinas de História de Portugal, história geral e filosofia, bem como, em cumprimento do § 3.º do artigo 43.º da Constituição Política, um único compêndio de educação moral e cívica, em relação com o respectivo grau de ensino.

Quanto às restantes disciplinas, será proibido o uso de mais do que um livro em cada ano ou classe, dentro do mesmo estabelecimento de ensino.

BASE XI

Será dada à mocidade portuguesa uma organização nacional e pre-militar que estimule o desenvolvimento integral da sua capacidade física, a formação do carácter e a devoção à Pátria e a coloque em condições de poder concorrer eficazmente para a sua defesa.

Providências especiais serão tomadas em relação aos filhos de portugueses residentes no estrangeiro, no sentido de se estimular o cumprimento do dever para com o país hospiteiro e o amor à Pátria-Mãe.

Aos alunos portugueses de qualquer grau de ensino que tenham feito estudos no estrangeiro e venham para

Portugal será facultado o ingresso no plano de estudos portugueses, na altura que competir à sua preparação cultural, aferida por um exame *ad hoc*, que fixará o grau de equivalência.

BASE XII

Em todos os estabelecimentos de ensino, com exclusão do superior, tanto oficiais como particulares, será obrigatório o canto coral, como elemento de educação e de coesão nacional, e em cada centro universitário será organizado um orfeão académico de frequência facultativa.

Será editada oficialmente a harmonização do hino nacional, tendo-se em conta a diferente idade dos alunos que frequentam os diversos graus do ensino.

Organizar-se-á uma pequena colecção de cânticos nacionais, exaltando as glórias portuguesas, a dignidade do trabalho e o amor à Pátria, os quais serão frequentemente executados e constituirão a base de um programa, sempre pronto, para as festas escolares, assim como para as grandes expressões do sentimento nacional.

Será feita a selecção dos cânticos regionais educativos, no sentido de se manter a tradição da provincia portuguesa.

BASE XIII

Em todas as escolas públicas do ensino primário infantil e elementar existirá, por detrás e acima da cadeira do professor, um crucifixo, como símbolo da educação cristã determinada pela Constituição.

O crucifixo será adquirido e colocado pela forma que o Governo, pelo Ministério da Educação Nacional, determinar.

BASE XIV

Pelo Ministério da Educação Nacional serão publicados todos os diplomas necessários para a completa execução desta lei.

Publique-se e cumpra-se como nela se contém.

Paços do Governo da República, 11 de Abril de 1936. — ANTONIO OSCAR DE FRAGOSO CARMONA — *António de Oliveira Salazar* — *António Faria Carneiro Pacheco*.

Art. 2.º Ao quadro das professoras do ensino liceal do Instituto de Odivelas é aumentada uma professora de Ciências Geográficas (4.º grupo do Instituto e 5.º do ensino liceal).

Art. 3.º Os vencimentos dos novos professores efectivos a admitir no corrente ano nos termos do presente diploma serão pagos pelas disponibilidades da respectiva dotação orçamental.

Publique-se e cumpra-se como nele se contém.

Paços do Governo da República, 19 de Outubro de 1955. — FRANCISCO HIGINO CRAVEIRO LOPES — António de Oliveira Salazar — Marcello Caetano — Fernando dos Santos Costa — Joaquim Trigo de Negreiros — João de Matos Antunes Varela — António Manuel Pinto Barbosa — Américo Deus Rodrigues Thomaz — Paulo Arsénio Viríssimo Cunha — Eduardo de Arantes e Oliveira — Raul Jorge Rodrigues Ventura — Francisco de Paula Leite Pinto — Ulisses Cruz de Aguiar Cortés — Manuel Gomes de Araújo — Henrique Veiga de Macedo.

MINISTÉRIOS DO EXÉRCITO E DAS OBRAS PÚBLICAS

Decreto n.º 40 348

Considerando que por intermédio da Direcção-Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais foi adjudicada a Isidro Barata a empreitada designada por «Construção do edifício para soldados na Escola Central de Sargentos, em Águeda (2.ª fase)»;

Considerando que para execução de tais obras, como se verifica do respectivo caderno de encargos, está fixado o prazo de duzentos e dez dias, que abrange o ano económico de 1955 e parte do de 1956;

Tendo em vista o disposto no § único do artigo 4.º do Decreto-Lei n.º 27 563, de 13 de Março de 1937;

Usando da faculdade conferida pelo n.º 3.º do artigo 109.º da Constituição, o Governo decreta e eu promulgo o seguinte:

Artigo 1.º É autorizada a Direcção-Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais a celebrar contrato com o empreiteiro Isidro Barata para execução da empreitada designada por «Construção do edifício para soldados na Escola Central de Sargentos, em Águeda (2.ª fase)», pela importância de 622.000\$, que, somada às despesas de administração da obra, perfaz a importância total de 653.100\$

Art. 2.º Seja qual for o valor dos trabalhos a realizar, não poderá a Direcção-Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais despendir com pagamentos relativos ao encargo indicado no artigo antecedente mais do que as importâncias a seguir discriminadas:

No ano económico corrente.	314.500\$00
No ano económico de 1956	338.600\$00
	<hr/>
	653.100\$00

§ único. A verba a despendir em 1956 poderá ser acrescida do saldo que porventura se verifique existir em 1955.

Publique-se e cumpra-se como nele se contém.

Paços do Governo da República, 19 de Outubro de 1955. — FRANCISCO HIGINO CRAVEIRO LOPES — António de Oliveira Salazar — Fernando dos Santos Costa — António Manuel Pinto Barbosa — Eduardo de Arantes e Oliveira.

MINISTÉRIO DOS NEGÓCIOS ESTRANGEIROS

Direcção-Geral dos Negócios Económicos e Consulares

Aviso

Por ordem superior se faz público que, segundo comunicação da Embaixada Britânica em Lisboa, o Governo dos Países Baixos notificou o Governo do Reino Unido da extensão às Antilhas Holandesas da Convenção Internacional para a Salvaguarda da Vida Humana no Mar, assinada em Londres a 10 de Junho de 1948.

A referida Convenção começou a vigorar nas Antilhas Holandesas em 11 de Janeiro de 1955.

Direcção-Geral dos Negócios Económicos e Consulares, 11 de Outubro de 1955. — O Director-Geral, José Augusto Correia de Barros.

7.ª Repartição da Direcção-Geral da Contabilidade Pública

De harmonia com as disposições do artigo 7.º do Decreto-Lei n.º 25 299, de 6 de Maio de 1935, se publica que S. Ex.ª o Ministro dos Negócios Estrangeiros, por seu despacho de 28 do mês de Setembro findo, autorizou, nos termos do § 2.º do artigo 17.º do Decreto n.º 16 670, de 27 de Março de 1929, as seguintes transferências:

CAPÍTULO 2.º

Secretaria-Geral do Ministério

Artigo 10.º «Outros encargos»:

Do n.º 3) «Congressos e reuniões internacionais a realizar no País»	— 30.000\$00
Para o n.º 2) «Prémios e condecorações»	+ 30.000\$00

CAPÍTULO 3.º

Direcção-Geral dos Negócios Políticos e da Administração Interna

Artigo 19.º «Despesas de comunicações»:

Do n.º 1) «Correios e telégrafos»	— 50.000\$00
Para o n.º 3) «Transportes»	+ 50.000\$00

Artigo 26.º «Aquisições de utilização permanente»:

N.º 2) «Móveis»:	
Da alínea c) «Legação em Angora»	— 100.000\$00
Para a alínea f) «Outros postos»	+ 100.000\$00

Conforme o disposto no artigo 1.º do Decreto-Lei n.º 33 538, de 21 de Fevereiro de 1944, estas alterações mereceram, por despacho de 4 do corrente mês, a confirmação de S. Ex.ª o Subsecretário de Estado do Orçamento.

7.ª Repartição da Direcção-Geral da Contabilidade Pública, 12 de Outubro de 1955. — O Chefe da Repartição, Marcelino Severiano Navarro.

MINISTÉRIO DAS OBRAS PÚBLICAS

Gabinete do Ministro

Decreto-Lei n.º 40 349

À intensa actividade desenvolvida na reconstrução material do nosso país tem o Governo feito corresponder

preocupações e esforços no sentido da valorização da arquitectura portuguesa, estimulando-a na afirmação do seu vigor e da sua personalidade e apoiando-a no propósito de encontrar um rumo próprio para o seu engrandecimento.

Integra-se nesta orientação o reconhecimento do carácter evolutivo das soluções architectónicas, que tendem naturalmente a adaptar-se à sua época, acompanhando o aperfeiçoamento das técnicas construtivas e a própria evolução dos ideais estéticos.

Mas reconhece-se, ao mesmo tempo, que as novas soluções não deverão deixar de apoiar-se nas tradições da arquitectura nacional, resultantes do condicionalismo peculiar do clima, dos materiais de construção, dos costumes, das condições de vida e dos anseios espirituais da gregi, de todos os factores específicos, em suma, que, reflectindo-se naturalmente nas nossas realizações architectónicas em épocas sucessivas, lhes conferiram cunho próprio e criaram um sentido para a expressão «arquitectura nacional».

Perante a evolução dos factores que lhes deram origem, algumas dessas tradições construtivas não manterão já integralmente o seu valor, podendo mesmo constituir meros documentos da história da nossa arquitectura. Muitas, porém, continuam perfeitamente ajustadas ao ambiente nacional e contêm em si uma lição viva de evidente valor prático para o desejado aportunamento da arquitectura moderna no nosso país.

A crescente divulgação dos exemplos e das tradições de outros países, através de livros e revistas abundantes e sugestivos, haverá para isso de fazer corresponder uma observação cada vez mais atenta dos nossos próprios exemplos e soluções típicas tradicionais, exuberantemente demonstradas no património architectónico nacional.

Dispõe-se assim o Governo a dar o seu apoio e a sua ajuda material, nos termos do presente diploma, a uma tarefa de cuidada investigação das disposições construtivas patentes nos documentos architectónicos de todas as épocas existentes nas diversas regiões do nosso território metropolitano, a realizar pelo Sindicato Nacional dos Arquitectos, sob a orientação do Ministério das Obras Públicas e com a cooperação das instituições nacionais habilitadas a prestar contribuição útil para o melhor resultado do empreendimento.

Nestes termos:

Usando da faculdade conferida pela 1.^a parte do n.º 2.º do artigo 109.º da Constituição, o Governo decreta e eu promulgo, para valer como lei, o seguinte:

Artigo 1.º Fica o Ministério das Obras Públicas autorizado a conceder, pelo Fundo de Desemprego, ao Sindicato Nacional dos Arquitectos um subsídio, até ao montante de 500.000\$, destinado a cobrir os encargos com a investigação sistemática dos elementos architectónicos tradicionais nas diversas regiões do País, a realizar por aquele Sindicato nas condições fixadas no presente diploma.

Art. 2.º O trabalho a que se refere o artigo 1.º será baseado em inquéritos locais, abrangendo todo o território metropolitano, a realizar por brigadas de arquitectos portugueses, de harmonia com um plano pormenorizado a submeter à aprovação prévia do Ministro das Obras Públicas.

Art. 3.º O Sindicato Nacional dos Arquitectos deverá apresentar, no prazo de um ano, a partir da data deste diploma, o relatório circunstanciado do trabalho que lhe fica confiado, juntamente com a documentação fotográfica e desenhada que tiver sido recolhida pelas brigadas de inquérito e contendo os resultados finais da investigação efectuada.

§ único. A publicação do relatório a que se refere o corpo deste artigo será promovida pelo Sindicato Nacional dos Arquitectos nas condições que forem fixadas pelo Ministro das Obras Públicas.

Art. 4.º As contas das despesas efectuadas em aplicação do subsídio concedido nos termos do artigo 1.º do presente diploma serão submetidas ao visto de conformidade do Ministro das Obras Públicas, com dispensa de quaisquer outras formalidades.

Publique-se e cumpra-se como nele se contém.

Paços do Governo da República, 19 de Outubro de 1955. — FRANCISCO HIGINO CRAVEIRO LOPES — António de Oliveira Salazar — Marcello Caetano — Fernando dos Santos Costa — Joaquim Trigo de Negreiros — João de Matos Antunes Varela — António Manuel Pinto Barbosa — Américo Deus Rodrigues Thomaz — Paulo Arsénio Viríssimo Cunha — Eduardo de Arantes e Oliveira — Raul Jorge Rodrigues Ventura — Francisco de Paula Leite Pinto — Ulisses Cruz de Aguiar Cortês — Manuel Gomes de Araújo — Henrique Veiga de Macedo.

Direcção-Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais

Decreto n.º 40350

Considerando que foi adjudicada a António Gonçalves Pereira a empreitada de construção do edifício para a Estação Agrária do Algarve, em Tavira;

Considerando que para a execução de tais obras, como se verifica do respectivo caderno de encargos, está fixado o prazo de quinhentos e cinquenta dias, que abrange parte do ano económico de 1955, o de 1956 e parte do de 1957;

Tendo em vista o disposto no § único do artigo 4.º do Decreto-Lei n.º 27 563, de 13 de Março de 1937;

Usando da faculdade conferida pelo n.º 3.º do artigo 109.º da Constituição, o Governo decreta e eu promulgo o seguinte:

Artigo 1.º É autorizada a Direcção-Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais a celebrar contrato com António Gonçalves Pereira para a execução da empreitada de construção do edifício para a Estação Agrária do Algarve, em Tavira, pela importância de 1:585.000\$.

Art. 2.º Seja qual for o valor das obras a realizar, não poderá a Direcção-Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais despende com pagamentos relativos às obras executadas, por virtude de contrato, mais de 500.000\$ no corrente ano, 500.000\$ no ano de 1956 e 585.000\$, ou o que se apurar como saldo, no ano de 1957.

Publique-se e cumpra-se como nele se contém.

Paços do Governo da República, 19 de Outubro de 1955. — FRANCISCO HIGINO CRAVEIRO LOPES — António de Oliveira Salazar — António Manuel Pinto Barbosa — Eduardo de Arantes e Oliveira.

Decreto n.º 40351

Considerando que foi adjudicada a José Martins Viana a empreitada de obras de conservação periódica na Escola Comercial e Industrial Francisco de Holanda, Guimarães;

Diário de Lisboa

DIRECTOR — JOAQUIM MANSO

TELEFONES: P. B. X. 20771, 20772, 20773
ENDERECO TELEGRAFICO: DI804

REDACCAO, COMPOSICAO E IMPRESSAO
RUA LOPE-SORIANO, 44 A 48 — LISBOA

PROPRIEDADE DA RENASCENÇA GRAFICA EDITOR — JOAO CHRISTOSTOMO DE SA
ADMINISTRACAO — RUA DA ROSA, 57, 2.º NUMERO AVULSO: 80 CENTAVOS

Camões sempre

No belo ciclo de conferencias literarias promovidas e organizadas pelo jornal O Socio, iniciativa que tanto honra e tanto serve a cultura, o proximo sabado sera consagrado a evocar e a estudar Camões. Sobre o Poeta falara o illustre professor dr. Sabedra Machado, que decerto desenvolvera, com brilho e erudição habituais, o tema complexo e apaixonante, «Camões e a poesia bucolica portuguesa». Realizada na vespera, como é o sabado, do dia em que oficialmente se glorifica a memoria do Poeta, bem pode considerar-se oportunissima a annunciada conferencia. Ouvir-se-a através dela, sem duvida, o apelo do penho e da obra camoneana de que nem sempre quer e sabe recorda-los, esquecida dos estimulos de beleza e de civismo deles irradiados pelos seculos além. Embora o assunto fique limitado ao bucolismo, nunca deixara de transparecer (porque em tudo o lirismo de Camões existe) no Camões bucolico o Camões epico, o poeta da Patria, perene guia e mestre das almas lusitadas. «O homem e o artista são inseparáveis, observou uma vez o grande pintor Alberto Gleizes. «O primeiro é a causa do segundo, mesmo quando o segundo o ignora, e é o primeiro o condutor do segundo, e o artista não é senão o servidor do homem: conceito exacto, que se applica a Luis de Camões em todo o seu significado e alcance. Ovidio-lo não me parece facil, accedendo torna-se cada vez mais necessario, proclamá-lo cada vez mais dignificante, nobilitante e vantajoso.

Os resultados das eleições na Checoslováquia

PRAGA, 31 — Resultados oficiais e definitivos das eleições na Checoslováquia, comunicados pelo Ministério do Interior: Em 163 circumscrições da Boémia, Moravia e Silésia: votantes, 5.454.301; Frente Nacional, 4.929.250, o que representa 90 por cento dos sufrágios; boletins brancos e nulos, 525.051, quer dizer, 10 por cento dos sufrágios. Em 81 circumscrições da Eslováquia: votantes, 1.745.545; Frente Nacional, 1.489.885, o que representa 85 por cento dos sufrágios; boletins brancos e nulos, 245.650, quer dizer, 14 por cento dos sufrágios. — (F. P.)

A força da opposição

PRAGA, 31 — Nos circulos politicos de Praga causou surpresa a força da opposição na Checoslováquia. Os votos em branco, não válidos, e as abstenções, elevaram-se a quase 20 por cento dos eleitores reconhecidos. Nos circulos oficiais não se fazia segredo de que o Governo devia obter 95 por cento dos votos. A emissora de Praga não mencionou hoje os votos não válidos nas suas informações, procurando assim aumentar a proporção a favor do Governo. Também não se faz qualquer menção ás abstenções. Como os trabalhadores que se abstiveram estão sujeitos á sanção da lei, o facto de não terem votado constitui indicação segura de que são adversários do Governo.

Consta de origem autorizada que muitos eleitores incluíram no sobredito, onde devia ir a lista, retratos de Béné, Masaryk e Churchill. E' evidente que a Frente Nacional pretendia interpretar o resultado da eleição como o apoio do país á politica estabelecida a partir de Fevereiro ultimo. Os comunistas pretendem em futuro proximo consolidar a sua posição, constando de fonte autorizada que vai ser reduzido o numero de jornais, o que constitui uma primeira medida nesse sentido. Presentemente, já o Governo e as organizações operárias fiscalizam todas as publicações, permitindo apenas aquelas que são consideradas necessárias ao regime. Entretanto, é natural que o numero de jornais não comunistas venha a ser reduzido para aumentar a força da imprensa comunista, já hoje poderosa. — (Reuter).

No «Memorial day» morreram 205 pessoas por acidente nos Estados Unidos

NOVA YORK, 31 — No sabado e ontem morreram vítimas de accidentes, pelo menos, 205 pessoas. Nesses dois dias os Estados Unidos comemoram os mortos de todas as guerras. Os acidentes, morreram atropeladas 29 pessoas e em outros accidentes, incluindo de afogado, morreram 52 pessoas. Ontem, realizaram-se servicos religiosos nas igrejas de todo o país. — (Reuter).

O 1º Congresso de Arquitectura

manifesta-se contra o condicionamento do trabalho dos arquitectos

Princípios foram hoje os trabalhos do I Congresso Nacional de Arquitectura e, embora o programa marcasse as 10 horas prefixas para a primeira sessão, só uma hora depois isso foi possível, por não estar convenientemente preparado o salão do Instituto Superior Técnico designado para o effecto.

O arquitecto Cottinelli Telmo, presidente do conselho executivo do Congresso, ao saudar o congresso, accionou a forma como tem decorrido, lamentando o atraso, devido ás circunstâncias alheias á sua vontade e ás dos seus colegas. Salvo como nota digna de especial registro, a presença dos directores gerais das Edificações e Monumentos Nacionais e de Urbanização, que manifestaram assim o interesse pelos problemas postos pelos arquitectos, com quem tanto contavam no exercicio das suas funções.

Constituiu-se depois a mesa, a que presidiu o sr. arquitecto professor Moreira da Silva, de Porto, ladeado pelas srs. arquitectas Couto Martins, chefe da repartição de arquitectura da Câmara Municipal de Lisboa, Fortunata Cabral, presidente da secção districtal C.º Porto do Sindicato Nacional dos Arquitectos.

O presidente propoz saudações aos presidentes da Republica e do Governo e ministros das Obras Publicas e de Educação Nacional e á imprensa, as quais foram aprovadas com uma salva de palmos.

Em seguida, foi dada a palavra ao sr. architecto Mario Pires Fernandes, relator das theses apresentadas ao Congresso sobre o tema previamente ditado: «A arquitectura no plano nacional». Tem conhecimento de que foram apresentadas 26 theses, três das quais já fora do prestantes 26 theses, mas por cuja acceptação o Congresso se pronunciou.

Após a enumeração de todas as theses, o sr. architecto Pires Fernandes resumiu as conclusões, sob varios aspectos. Quanto aos aspectos de ordem social, referiu-se que os relacionos, entre os quais figuram muitos nomes de arquitectos conhecidos, como Pádua Monteiro, Paulo Cunha, Cottinelli Telmo, Keil do Amaral, João Simões, Armonio Lusa, Pires Fernandes, e outros de mais recente formação, o autor do parecer salienta que os noçoes preconizam a investigação, junto de todas as classes sociais e em todas as grans de ensino, do conhecimento da Arte em geral e da arquitectura, e que a solução de todos os problemas de arquitectura seja confiado exclusivamente aos arquitectos, cabendo a estes a mais ampla liberdade de concepção, que do que respecta ao conjunto, quer no particular. Propõe-se ainda que se criem organismos para investigação e estudo dos problemas que interessam a arquitectura, que seja criada um Conselho Superior de Arquitectura, constituído unicamente por arquitectos, ao qual cabia julgar a obra de architectura e orientar o seu desenvolvimento no plano nacional e que se criem condições de trabalho e de vida ao arquitecto, indispensaveis para a dignificação da sua posição social.

Quanto ao ensino e á formação do arquitecto, os autores das varias theses pedem a urgente reorganização.

«Que a época que atravessamos não pode deixar de ficar caracterizada para o futuro com a mesma diferenciação que verificamos no movimento arquitectónico do passado e que o purgativismo da obra de arquitectura não pode continuar a impor-se através da imitação de elementos do passado, sobretudo quando os processos de construção não sejam tradicionais. Tornar-se necessario corrigir os excessos de tradição e regionalismo, fomentando a applicação das obras técnicas.

«Admita-se, tambem, que os arquitectos portugueses repudiam toda e qualquer imitação de que a sua obra—quando se extrinha de maior ou menor subordinação a estilos orientaciones,—representa alheamento da sua personalidade profissional e, o que é pior ainda, da sua nacionalidade.

«Preconiza-se ainda que nos programas de edificações officias não seja imposta, ou suggerida qualquer subordinação a estilos orientaciones. Quanto os edificios ou conjuntos a respec-

(Continua na pág. seguinte)

EVOCACOES CURIOSAS

Vai ser colocada uma lápida

no local exacto onde Alfredo Keil compôs «A Portuguesa», há 58 anos

A 18 de Janeiro de 1890 chegou a Lisboa a noticia do «Ultimatum». Logo no fim desse dia, e sobretudo no dia seguinte, a indignação popular tomou aspectos de incandescência, que lavrou por todo o País, especialmente na capital, no Porto e em Coimbra. D. Carlos reinava havia poucos dias, e caí-lhe sobre os ombros uma pesada herança politica em coisas do Ultramar. Era então muito cedo para se discernir que no fundo dos pretensos invocados pelo plenipotenciário Petre, em nome de Salisbury, estava a anterior tentativa de aproximação luso-germanica, favorecida por Bismarck e Goern. Reber-

O ex-rei da Roménia casa-se no sabado

ATENAS, 31 — A princesa Ana de Bourbon Parma é esperada em Atenas, de avião, na quarta-feira, com o ex-rei Miguel da Roménia. O casamento está marcado para o proximo sabado e deve realizar-se na maior intimidade. O ex-rei Miguel e sua mãe, a rainha Helena, são esperadas na quarta-feira. E' provável que o rei Paulo da Grécia seja o padrinho do seu sobrinho, sendo a rainha Frederica madrinha da princesa Ana. Supõe-se nos circulos affectos á corte que os noivos partem immediatamente para a Sulca ou Estados Unidos, onde vão passar a lua de mel. A rainha Helena deve continuar provavelmente na Grécia. — (Reuter).

(Continua na pág. central)



ALFREDO KEIL
filho, que veio a ser o almirante Augusto Eduardo Neuparth. Morreu o professor Augusto, succedendo ao Sallio seu filho Julio Cândido Neuparth, que foi professor de harmonia no Conservatório e crítico do «Diário de Notícias», e que se ligou com Ricardo Felguitani, empregado da casa. Nasceu assim a firma Neuparth & C.ª, a qual succedeu Neuparth e Carvalho, e, há poucos anos, Valentim de Carvalho, Lda.
— Já vê—diz-nos o sr. Manuel Paz—que com tais antepassados na gerência comercial, professores e dilectantes, se explica que o Sallio Neuparth se fosse em 1886, quando eu para cá entrei, um paradorado de musico, de almeida anos depois, havia mais amadores de boa musica, executores e apaixonados do que há hoje. — (Continua na pág. central)

«Vai ser reformado o Ensino das Belas-Artes em bases que vão ser submetidas à apreciação da Assembleia Nacional», *Diário de Lisboa*, 5 de Janeiro de 1950, 1.

ANO 29.

QUINTA-FEIRA, 5 DE JANEIRO DE 1950

N.º 9734

Diário de Lisboa

DIRECTOR — JOAQUIM MANSO

TELEFONES: P. B. X. 2071, 2072, 2073
ENDEREÇO TELEGRÁFICO: *DIBOA*

REDACÇÃO, COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO PROPRIEDADE DA RENASCENÇA GRÁFICA EDITOR — JOÃO CRISTÓFOMO DE SA
RUA S. J. SORIANO 44 e 48 — LISBOA ADMINISTRAÇÃO — RUA DA ROSA, 57, 2.º NÚMERO AVULSO: 80 CENTAVOS

VIAGEM À MADEIRA

Turismo e paisagem

Pequenos vícios a corrigir e faltas que se podem remediar

Em menos de um século, pode dizer-se que a Madeira quase triplicou a sua população. E, como não tem espaço vital para conquistar, nos seus 725 quilómetros de superfície vivem hoje perto de 290.000 habitantes, ou seja uma densidade de 380 habitantes por quilómetro quadrado no total da ilha e 1.220 na zona agrícola. E, deste modo, o país mais densamente povoado do Mundo.

Assim se explica que a vida seja difícil na Fátima do Atlântico, não bastando a exportação dos seus produtos ricos (o vinho, os bordados, a banana e o açúcar) para alimentar uma popu-

lação cada vez mais densa, cujas necessidades aumentam na medida em que a civilização espanhola sobre ela os seus benefícios. Não podendo ganhar na ilha os recursos para se manter a ele e aos seus, o madeirense emigra, sobretudo para Curacao, o que representa um benefício apreciável para a economia da Madeira, enriquecida com alguns milhares de contos anuais que o emigrante trabalhador e poupado, transfere para a ilha. Sendo importante, esse contributo é pequeno, no quadro geral das necessidades que asorberbam a Madeira, para debelar a crise que a ilha atravessa, sobretudo desde a guerra, em que a fonte de receita do turismo secou quase por completo, paralisando actividades produtivas e não dando de comer a outras mais ou menos parasitárias.

A medida que vão melhorando as condições económicas do Mundo e que o equilíbrio se restabelece, a Madeira volta a ser procurada pelo turista, embora em menor escala, pois tem, na verdade, condições excepcionais para atrair quantos viajam pelo prazer de viajar e não se poupam a despesas para satisfazer as tendências naturais do seu espírito. O turismo, porém, precisa de ser organizado em bases sérias, tan-



Vista tirada dos Balcoés, em Ribeira Fria, sobre o vale luxuriante

Os wafdistas esperam obter 200 lugares entre os 319 do Parlamento egípcio

CAIRO, 5.—Já está verificado que é necessário repetir o acto eleitoral em 37 círculos do Egipto, porque os candidatos não obtiveram numero de votos necessários para ser eleitos. A's duas horas da madrugada de hoje (hora local) o Partido Wafdistas tinha 100 lugares; saadistas, 21; os liberais, 20; independentes, 24; os socialistas, 1; e o Partido Kotia, zero.—(R.).

Um vitelo morto, em sinal de alegria

CAIRO, 5.—Milhares de filhados do Partido Wafdistas esperam ontem à noite um vitelo gordo, junto da casa de residência do seu chefe, Nahas Pashá, como símbolo da vitória do partido nas eleições gerais. Nahas Pashá fez um curto discurso prometendo um governo de justiça. Os wafdistas celebraram a vitória na cidade dançando, cantando e percorrendo as ruas aclamando o seu chefe.

Quando forem conhecidos todos os resultados, o Partido Wafdistas espera a vitória de 200 dos 319 lugares do Parlamento. A imprensa anuncia que o actual primeiro-ministro, Hussein Sirry Pashá, apresentará o pedido de demissão na próxima semana, logo que sejam conhecidos os resultados da segunda votação em alguns círculos.—(Reuter).

Surpresa geral

LONDRES, 5.—O correspondente do jornal «Times», no Cairo, declara hoje que a vitória do Partido Wafdistas nas eleições egípcias aconteceu de acordo com as previsões e não os próprios wafdistas. O correspondente acrescenta que todos concordam que o primeiro-ministro, Hussein Sirry Pashá, criou um novo nível elevado político para o Egipto com a forma pela qual conseguiu dar uma maior protecção aos cidadãos. O redactor diplomático do orgão trabalhista «Daily Herald» escreve: «A antipatia oculta do rei Farouk por Nahas Pashá, o chefe wafdistas que deve agora constituir o Governo, pode provocar toda a espécie de complicações».—(Reuter).

Este numero foi visado pela Comissão de Censura

Uma declaração oficial

sobre a posição americana perante os problemas da China

TOQUIO, 5.—Numa comunicação à imprensa, Philip Jessup, embaixador dos Estados Unidos encarregado da missão no Extremo Oriente, afirma, honestamente:

—Gostaria de expor brevemente, mais uma vez, certos princípios que norteiam a politica dos Estados Unidos na Asia e em todo o Extremo Oriente. Esses princípios foram repetidamente afirmados oficialmente mas importa que o povo deste país e outros o não percam de vista:

- 1.—Os Estados Unidos não abandonaram e não abandonarão a China e as outras regiões da Asia e do Extremo Oriente. Sejam quais forem as diferentes opiniões sobre as vantagens ou inconvenientes de qualquer acção determinada, ninguém deve ter dúvidas sobre este ponto.
- 2.—Somos contrários à teoria e à prática comunistas que consistem em procurar derrubar os governos legítimos, pela força ou a subversão. Continuaremos a opor-nos a essa tarefa e a essa pratica, tanto na Asia e no Extremo Oriente como no Mundo inteiro.
- 3.—Somos contrários ao Imperialismo. Rejeitamo-lo em absoluto e decididamente na nossa propria politica. Opono-nos ao Imperialismo quando é praticado por terceiros.
- 4.—Cremos no direito dos povos a determinar as suas proprias formas de governo, sem receberem ordens do estrangeiro. Este principio, tanto vale para os Estados que passam a ser dominados por outro, como para os povos que estão a caminho ou que acabam de conseguir a plena Independência. Estamos convencidos de que é do interesse de todos que a digna transferência da autoridade para estes povos se efectue rapida e generosamente.

(Continua na última página)

Vai ser reformado o ensino das Belas Artes

em bases que vão ser submetidas à apreciação da Assembleia Nacional

Foi distribuída á imprensa o projecto de remodelação dos cursos das Belas Artes, que vai ser submetido á apreciação da Assembleia Nacional. Trata-se de um longo documento elaborado pelo Ministério da Educação Nacional, cujas linhas gerais vêm expressas num extenso comentário de introdução.

«Eis alguns pontos dos mais fundamentais da importante proposta de lei que, na maioria dos pontos, vem, por certo, ao encontro de muitas aspirações, assim calando as criticas mais justas, desde sempre endereçadas ao funcionamento de um dos departamentos mais representativos na vida nacional.

Depois de lembrar que a reorganização das escolas de Belas Artes, com data de 1931, não deu perfeita expressão aos anseios dos que

foram chamados a participar nos respectivos trabalhos preparatórios, recorda-se que, de então para cá, o progresso neste campo, registado com o aparecimento de novos materiais e uma chamada geral da arte a vários sectores—tudo vem contribuindo para pôr em relevo as deficiências da organização dos estudos vigentes.

«E acrescenta-se que se insere esta medida na politica de rasgada protecção á arte e aos artistas que o Estado vem prossequindo, concretizada no ritmo crescente de bolsas de estudo no País e no estrangeiro, a arquitectos, pintores e escultores; na larga aquisição de obras de arte; na instituição de prémios; nos trabalhos de decoração dos palácios nacionais e outros edificios publicos; na organização e exposições internacionais, e na organização de exposições nacionais.

«Das criticas dirigidas á organização do ensino das artes plásticas—salienta-se—as mais vivas e procedentes visam a arquitectura, onde as doutrinas scientificas são cada vez mais aclamadas. Eis por que se detem o presente projecto neste aspecto das Belas Artes, propondo-se novas bases técnicas locais para admissão ás escolas superiores de Lisboa e Porto.

«Salienta-se, entretanto, este passo de introdução ás doze bases do projecto: «no desenho dos cursos de Pintura e de Escultura teve-se em conta que a moderna orientação pedagogica pendia para um regime accusadamente oficial. E por isso se concluiu que se punha em execução o que hoje se deve, como durante séculos se fez, aprender a pintar e a esculpir. O que se traduz no projecto presente, pela eliminação de algumas matérias literarias nos dois cursos respectivos.

«Segue-se os termos propostos das bases que,

«Um poema em prosa» chama um jornal americano á mensagem de Truman

NOVA YORK, 5.—O «New York Herald Tribune» começa irónicamente, num artigo publicado no Congresso, O presidente, escreve o jornal republicano, «pintou um quadro dos Estados Unidos contornando por uma soa-beira estrada do futuro ledada de margens, no meio duma paz e prosperidade que autenticamente quadruplica o rendimento nacional e triplica o familiar no fim do século. Só uma serpente, o comunismo, se esconde ainda na esva, mas já não está em estado de «edificacões» conciso declarando: «A questão das cotas, afinal insignificante, será tratada officiosamente».—(F. P.).

(Continua na página central)

SERÁ MENINO OU MENINA?

FRANCFORT, 5.—Um médico alemão fez ontem num hospital desta cidade uma demonstração dum método para determinação do sexo dum criança dois ou três meses antes do seu nascimento. O diagnóstico baseia-se na observação dos olhos da futura mãe. As previsões do investigador poderão ficar verificadas no prazo de dois a três meses. Os médicos americanos que assistiram á demonstração manifestaram muito interesse pelo novo método.—(F. P.).

«A reforma do ensino das Belas Artes correspondia a uma necessidade», *Diário de Lisboa*, 15 de Novembro de 1957, 1.

ANO 37

SEXTA-FEIRA, 15 DE NOVEMBRO DE 1957

N.º 12.552

Diário de Lisboa

FUNDADOR — JOAQUIM MANSO

DIRECTOR — NORBERTO LOPES

TELEF.: 20271, 20272, 20273, 21154 e 21155
ENDEREÇO TELEGRÁFICO: DIBOA

REDAÇÃO, COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO
RUA LUZ SORIANO, 44 e 45 — LISBOA

PROPRIEDADE DA RENASCENÇA GRAFICA
ADMINISTRAÇÃO — RUA DA ROSA, 57, 2

EDITOR — J. CHRISOSTOMO DE SA
NÚMERO AVULSO: UM ESCUDO



A despedida dos dois Chefes de Estado.

O Presidente do Paquistão seguiu hoje para Madrid e teve à partida de Lisboa uma despedida muito afectuosa

Terminou hoje a visita de quatro dias que o Presidente do Paquistão fez a Portugal. O nosso ilustre hóspede seguiu para Madrid, esta manhã, por via aérea, tendo tido, no



Adeus a Lisboa

Dr. Oliveira Salazar

CIDADAD TRUJILLO, 15.—O presidente da República concedeu a grã-cruz da Ordem do Mérito Duarte Sánchez y Melia, com placa de ouro, ao professor dr. António de Oliveira Salazar, chefe do Governo português. — (F. P.).

«Diário de Lisboa» publica hoje 20 páginas

aeroporto, uma despedida muito afectuosa. Durante os quatro dias que passaram entre nós, o Presidente Iskander Mirza e sua esposa tiveram oportunidade de sentir o grau da amizade portuguesa e conhecer o nosso País, do qual levam as melhores impressões. Por isso mesmo, esta manhã, num ambiente de nobre simplicidade, mas realçada de um verdadeiro tom de afecto, o sr. general Mirza, visivelmente impressionado e comovido, não deixou de manifestar o seu agradecimento pela recepção que lhe foi prodigalizada.

O presidente Mirza deixou Quezuz com uma expressão de saudade ao despedir-se do pessoal que o serviu. O casal levantou-se cedo, apenas chá e torradas. Daí a pouco, o presidente e sua esposa entravam numa das salas para onde haviam convocado todo o pessoal — criados, cozinheiros, contínuos e jardineiros. A cada um deles, o major-general Mirza e o abegim apertaram a mão, com palavras de lauzor pela forma como os serviram. O presidente entregou depois

(Continua na página central)

A cedência de armas à Tunísia decidida em Londres e Washington ameaça destruir as tentativas para reforçar a solidariedade atlântica

WASHINGTON, 15 — Um grave litígio entre a França e os seus aliados americanos e britânicos ocasionou a actividade internacional americana, e provocou uma viva emoção nos meios políticos e diplomáticos de Washington. A decisão dos Estados Unidos e da Grã-Bretanha de fornecerem armamento à Tunísia — mesmo que seja a título simbólico — para garantir a sua segurança interna, passando por cima da opposição do Governo francês, é a origem desse litígio.

A França protestou oficialmente junto do Governo americano, manifestando, uma vez mais, por intermédio do seu embaixador em Washington, ao secretário de Estado Foster Dulles, as razões pelas quais não considerava haver chegado o momento de fornecer armas à Tunísia, visto as garantias dadas por este país quanto ao destino desse armamento, não terem sido julgadas suficientes pelo Governo francês.

Os meios autorizados americanos expõem da seguinte forma a atitude do seu Governo:

a) A Tunísia é um país independente, membro da O. N. U., e tem necessidade de armas para ga-

(Continua na última página)

Nota do dia

A princesa e o marquês

A falta de um, temos agora nada menos de dois pretendentes ao trono de Portugal. Como na Monarquia portuguesa não existia a lei sálica, que não exclui do trono a descendência feminina, logo uma suposta descendente do ramo constitucional dos Braganças, que só há pouco tempo deu que falar de si, vem a público defender

Foi prestada homenagem à memória de João de Deus Ramos no 4.º aniversário da sua morte

Faz hoje quatro anos que morreu o sr. dr. João de Deus Ramos, filho do grande poeta João de Deus, cuja obra divulgou com arreigado amor, dedicando-se especialmente à vulgarização da «Cartilha Maternal», por uma intensiva propaganda do ensino popular.

Secundado por Casimiro Freire, foi ele o fundador das Escolas Móveis pelo Método de João de Deus, criando depois um modelo português de escola infantil, o «Jardim-Escola João de Deus», que ainda hoje é devidamente apreciado por pedagogos nacionais e estrangeiros.

Er, pois, da mais elementar justiça a homenagem que hoje foi prestada à sua memória, por iniciativa de um grupo de actuais e antigos alunos dos Jardins-Escolas João de Deus, que se realizou às 14 e 30 na sede da associação daqueles estabelecimentos de ensino, instalada no mesmo edifício em que está o Museu João de Deus, de que o

(Continua na página seguinte)



Esta cabeça que não é de Einstein, este guarda-chuva que não é de Chamberlain, este cachecol, que não é de Cantinflas, este ar inconfundível de judeu errante — é de Mano Kats, um pintor cuja obra, não chegou a Portugal e que anetou, agora, uma volta ao Mundo. A sua grande aspiração era expor em Tóquio, que visitou e conquistou com a sua arte

A reforma do ensino das Belas Artes correspondia a uma necessidade

- * Foram introduzidas novas disciplinas
- * O número de professores foi aumentado
- * Novo processo de recrutamento de pessoal docente

A reforma do ensino das Belas-Artes há muito esperada, e tantas vezes, prometida, era uma das necessidades mais urgentes na vida artística e cultural. Como se sabe, existem no País, duas escolas: uma no Porto; outra, em Lisboa, esta última, com uma média de frequência, nos últimos anos, de cerca de seiscentos alunos.

Foi Passos Manuel quem, por decreto de 25 de Outubro de 1836, instituiu esse ensino. Com o rolar do tempo, várias modificações, através de decretos e regulamentações, tomaram lugar, nomeadamente, em 1891, 1925, 1932 e 1950.

A nova reforma foi bem recebida, com «verdadeiro regozijo», diz-nos um velho mestre, por artistas, professores e alunos. A sua principal característica é converter as duas Escolas de Belas-Artes, até aqui semelhantes aos liceus, em estabelecimentos de carácter universitário.

(Continua na 10.ª página)

TRANSPORTADO PARA O PORTO NOS AVIÕES DA T. A. P.

pedagógicos, com constituição e competência a definir por despacho do Ministro da Educação, mediante proposta dos respectivos reitores ou dos presidentes das comissões instaladoras, conforme os casos.

Art. 4.º As dúvidas suscitadas na aplicação deste decreto-lei serão resolvidas por despacho do Ministro da Educação.

Art. 5.º Fica revogada toda a legislação em contrário.

Art. 6.º Este decreto-lei entra em vigor no dia imediato ao da sua publicação.

Maria de Lourdes Ruivo da Silva Matos Pinto-silgo — Luís Eugénio Caldas Veiga da Cunha.

Promulgado em 13 de Dezembro de 1979.

Publique-se.

O Presidente da República, ANTÓNIO RAMALHO EANES.

Decreto-Lei n.º 498-E/79
de 21 de Dezembro

Com a criação da Faculdade de Arquitectura da Universidade Técnica de Lisboa, operada no presente diploma, pretende-se dignificar os aspectos relacionados com o ensino e a investigação neste ramo do conhecimento, conferindo-lhes, nitidamente, natureza universitária.

Com efeito, a importância de que se reveste a arquitectura nos nossos dias é tanto maior quanto a evolução e o desenvolvimento das sociedades e a própria pressão que continuamente se faz sentir por efeitos do crescimento demográfico e dos mecanismos de atracção e concentração urbana reclamam a busca incessante de novas soluções, para as quais é indispensável uma elevada formação científica.

Atendendo à natureza, características e metodologia, bem como às ciências próximas ou afins da arquitectura, entendeu-se dever criar a Faculdade de Arquitectura na Universidade Técnica de Lisboa, possibilitando-se assim, no futuro, o desenvolvimento de programas de cooperação com outras escolas vocacionadas para o ensino de disciplinas científicas e técnicas que, de algum modo, sejam relevantes para esta área científica, embora sem prejuízo dos aspectos e elementos artísticos que compreende e se desejam ver salvaguardados.

Assim:

O Governo decreta, nos termos da alínea a) do n.º 1 do artigo 201.º da Constituição, o seguinte:

Artigo 1.º — 1 — É criada na Universidade Técnica de Lisboa a Faculdade de Arquitectura.

2 — A Faculdade de Arquitectura tem personalidade jurídica e goza de autonomia administrativa, pedagógica e científica, sem prejuízo das orientações gerais que vierem a ser estabelecidas pelo Ministério da Educação no que respeita ao regime de estudos e à coordenação das suas actividades.

3 — Será aplicável à Faculdade de Arquitectura o regime de instalação constante do Decreto-Lei n.º 402/73, de 11 de Agosto, com as alterações introduzidas pelo Decreto-Lei n.º 649/76, de 31 de Julho, em tudo quanto não esteja especificamente regulado no presente diploma.

Art. 2.º A Faculdade de Arquitectura tem por fins:

- a) Ministrar a formação básica conducente à licenciatura nos domínios da arquitectura e do planeamento urbanístico;
- b) Realizar e estimular a investigação científica, tendo em vista o progresso das ciências e técnicas da arquitectura e urbanística.

Art. 3.º — 1 — Na Faculdade de Arquitectura são ministrados os cursos de Arquitectura e Planeamento Urbanístico, sem prejuízo de outros que venham a ser criados.

2 — Os planos de estudo e duração dos cursos a que se refere o número anterior serão definidos por decreto do Ministério da Educação, dependendo a sua alteração de portaria do mesmo Ministério.

Art. 4.º — 1 — A Faculdade de Arquitectura dará acesso a todos os graus atribuídos pelas Universidades portuguesas.

2 — O grau de licenciado é inerente à aprovação em todas as disciplinas, monografias, seminários e estágios previstos no plano de estudos do curso respectivo.

3 — A Universidade Técnica de Lisboa passará a conferir os graus de doutor em Arquitectura e Planeamento Urbanístico, para o que serão aplicáveis as disposições legais em vigor para o efeito.

Art. 5.º A Faculdade de Arquitectura poderá celebrar acordos ou contratos com instituições que tenham por objectivo a habitação, a urbanização e a ordenação dos espaços físicos, de reconhecida idoneidade, para efeitos de utilização de serviços nelas integrados como áreas de ensino e investigação.

Art. 6.º O Ministro da Educação designará para a Faculdade de Arquitectura, sob proposta do reitor da Universidade Técnica de Lisboa, uma comissão instaladora constituída da seguinte forma:

- a) Um presidente escolhido de entre personalidades de reconhecido mérito técnico e científico;
- b) Dois a quatro vogais com experiência docente ou científica em arquitectura urbanística ou domínios afins;
- c) O secretário da Faculdade, com funções de natureza administrativa, que secretariará as respectivas reuniões, sem direito a voto.

2 — Poderão ser agregados à comissão instaladora, sem direito a voto, técnicos de apoio nos campos de engenharia, arquitectura e ciências humanas e sociais em número não superior a cinco.

Art. 7.º Compete à comissão instaladora:

- a) Elaborar os estatutos da Faculdade e os planos de estudo e submetê-los à aprovação do Ministro da Educação;
- b) Estudar e propor os planos adequados ao desenvolvimento da Faculdade;
- c) Elaborar os programas de instalação e funcionamento dos serviços e promover as acções necessárias ao seu cumprimento através dos departamentos ministeriais competentes;
- d) Aprovar os planos das instalações definitivas e sua articulação com as instalações provisórias existentes, tendo presente a urgência do início das actividades de ensino;

- e) Proceder à aquisição de equipamento e mobiliário;
- f) Propor planos tendentes à formação do pessoal técnico e administrativo, em coordenação com a Direcção-Geral do Ensino Superior;
- g) Propor a admissão de pessoal docente, investigador, técnico, administrativo e auxiliar, com estreita observância do disposto nos artigos 24.º a 27.º, inclusive, do Decreto-Lei n.º 402/73, de 11 de Agosto.

Art. 8.º — Compete ao presidente da comissão instaladora:

- a) Representar a Faculdade em juízo e fora dele;
- b) Zelar pela observância das normas legais e regulamentos aplicáveis;
- c) Submeter ao Ministro da Educação todas as questões que careçam de resolução superior;
- d) Presidir ao conselho administrativo;
- e) Tomar, nos termos legais, as iniciativas conducentes ao desenvolvimento da Faculdade e ao cumprimento das funções a ela cometidas.

Art. 9.º — 1 — A gestão administrativa, financeira e patrimonial da Faculdade de Arquitectura será assegurada, durante o período de instalação, pelo conselho administrativo.

2 — Compõem o conselho administrativo:

- a) O presidente da comissão instaladora, que presidirá;
- b) Um dos vogais da comissão instaladora, a designar por despacho ministerial;
- c) O secretário da Faculdade.

Art. 10.º — 1 — O plano de estudos, a definir nos termos do n.º 2 do artigo 3.º do presente decreto-lei, será posto em prática, progressivamente, começando em ano lectivo a fixar por despacho do Ministro da Educação.

2 — À medida que forem entrando em funcionamento os vários anos do curso segundo o plano de estudos referido no número anterior, deixarão de ser professadas as disciplinas do plano de estudos vigente na secção de Arquitectura da Escola Superior de Belas-Artes de Lisboa.

3 — Os alunos que ainda não tenham obtido aprovação em disciplinas do plano de estudos anterior quando estas deixarem de ser professadas nos termos do n.º 1 deste artigo poderão apresentar-se aos exames respectivos durante o ano lectivo seguinte.

4 — Os alunos que ainda estejam abrangidos pelos regimes de estudo fixados pelos Decretos n.ºs 21 662, de 12 de Setembro de 1932, e 41 363, de 14 de Novembro de 1967, têm dois anos lectivos para completar o seu curso ao abrigo desses regimes.

Art. 11.º — 1 — As despesas com a instalação e o funcionamento da Faculdade de Arquitectura serão satisfeitas, durante o período de instalação, por conta das dotações globais ou dos subsídios que lhe forem atribuídos, quer por transferência de verbas do orçamento da Escola Superior de Belas-Artes de Lisboa, quer por força das dotações inscritas no orçamento

da Direcção-Geral do Ensino Superior para funcionamento dos estabelecimentos de ensino superior.

2 — Todas as receitas darão entrada na Caixa Geral de Depósitos, em conta especial à ordem do conselho administrativo.

3 — Será apresentado trimestralmente ao visto do Ministro da Educação um balancete, de que será enviada cópia à Direcção-Geral da Contabilidade Pública, do qual constarão o saldo da conta de depósito, as receitas arrecadadas e as despesas pagas no trimestre anterior, bem como as despesas previstas para o trimestre seguinte.

Art. 12.º — 1 — O pessoal que presta serviço na Escola Superior de Belas-Artes de Lisboa será provido em regime de comissão de serviço até à sua integração no quadro a criar nos termos do n.º 2 do artigo seguinte.

2 — Os lugares do pessoal que transitar para os quadros definitivos da Faculdade de Arquitectura serão extintos à medida que vagarem.

Art. 13.º — 1 — As formas de recrutamento e os regimes de provimento do pessoal não docente da Faculdade de Arquitectura serão os fixados na lei geral.

2 — Sem prejuízo do disposto no número anterior, poderá o Ministro da Educação preencher em primeiro provimento, até 31 de Dezembro de 1979, independentemente de concurso, lugares do quadro a publicar nos termos do artigo 17.º do presente diploma com pessoal que actualmente presta serviço, a qual quer título, na Escola Superior de Belas-Artes de Lisboa, ou nos órgãos e serviços centrais do Ministério, com a mesma categoria ou categoria imediatamente inferior, desde que, com esta, tenha pelo menos três anos de serviço e possua boa informação e as habilitações literárias exigidas para o provimento.

3 — Os provimentos processados ao abrigo do número anterior serão feitos por lista nominativa, aprovada pelo Ministro da Educação e publicada no *Diário da República*, após o visto do Tribunal de Contas.

Art. 14.º — 1 — Os docentes que actualmente leccionam disciplinas exclusivamente do curso de Arquitectura transitam com as mesmas categorias para a Faculdade de Arquitectura, mantendo o seu vínculo de provimento.

2 — Os docentes que actualmente leccionam disciplinas comuns de Arquitectura, Pintura e Escultura, ou simultaneamente nos referidos cursos, deverão optar, no prazo de noventa dias a contar da publicação do presente diploma, entre permanecerem como docentes na Escola Superior de Belas-Artes de Lisboa e transitarem, nos termos do número anterior, para a Faculdade de Arquitectura.

3 — A opção referida no número anterior deverá ser feita mediante declaração escrita a remeter à Direcção-Geral do Ensino Superior, no prazo de noventa dias a partir da publicação deste diploma, sendo a falta de entrega da declaração considerada como vontade de permanecer na Escola Superior de Belas-Artes.

4 — Por proposta do reitor da Universidade Técnica de Lisboa, após prévia audição da comissão instaladora da Faculdade de Arquitectura, poderá excepcionalmente, e durante o período de instalação da Faculdade, o Ministro da Educação contratar individualidades especialmente qualificadas como equipa-

radas a qualquer das categorias da carreira docente universitária, susceptíveis de equiparação.

5 — O pessoal docente que vier a ser contratado para o exercício de funções docentes na Faculdade de Arquitectura não poderá continuar nessas funções se, no termo de um período de cinco anos, não adquirir as condições legais exigidas no estatuto da carreira docente universitária para o exercício das mesmas.

Art. 15.º — 1 — O lugar de secretário da Faculdade de Arquitectura será provido, por proposta do presidente da comissão instaladora, de entre licenciados em Direito, Economia ou Organização e Gestão de Empresas.

2 — Compete ao secretário, de acordo com as orientações transmitidas pelo presidente da comissão instaladora:

- a) Assegurar o funcionamento dos serviços administrativos e auxiliares e dirigir o respectivo pessoal;
- b) Dar execução às deliberações da comissão instaladora e do conselho administrativo;
- c) Redigir as actas das reuniões da comissão instaladora e assiná-las conjuntamente com o presidente.

Art. 16.º Serão definidos por despacho do Ministro da Educação, cumpridas as respectivas formalidades legais e sob proposta da Direcção-Geral do Ensino Superior, ouvidos previamente a comissão instaladora da Faculdade de Arquitectura e o conselho directivo da Escola Superior de Belas-Artes de Lisboa, os bens, equipamento e mobiliário deste último estabelecimento que transitam para a Faculdade de Arquitectura.

Art. 17.º Os quadros de pessoal não docente serão publicados no prazo de noventa dias, a contar da data da entrada em vigor do presente diploma.

Art. 18.º Será extinta a secção de Arquitectura da Escola Superior de Belas-Artes de Lisboa, em data a fixar por despacho do Ministro da Educação, no termo do regime transitório fixado no artigo 10.º

Art. 19.º As dúvidas surgidas na aplicação do presente diploma serão resolvidas por despacho do Ministro da Educação, ouvidos o Ministro das Finanças e o Secretário de Estado da Administração Pública, quando envolvam matérias da respectiva competência.

Art. 20.º O presente diploma entra em vigor no dia seguinte ao da sua publicação.

Maria de Lourdes Ruivo da Silva Matos Pintasilgo — Manuel da Costa Brás — António Luciano Pacheco de Sousa Franco — Luís Eugénio Caldas Veiga da Cunha.

Promulgado em 13 de Dezembro de 1979.

Publique-se.

O Presidente da República, ANTÓNIO RAMALHO EANES.

Decreto-Lei n.º 498-F/79
de 21 de Dezembro

O desenvolvimento da sociedade moderna, a evolução e complexidade crescente da civilização urbana e o fenómeno do crescimento e concentração demo-

gráfica exigem, pelos problemas que levantam ao nível da organização social e da qualidade de vida, a busca constante de soluções adequadas, assentes no saber e na formação de carácter científico.

É evidente, neste contexto, a importância e projecção social de que se reveste a arquitectura como actividade humana e a necessidade crescente de preparar os seus profissionais com a sólida formação científica normalmente associada ao ensino universitário.

Entendeu-se, em consequência, dever criar a Faculdade de Arquitectura na Universidade do Porto, o que se concretiza no presente diploma, possibilitando-se assim o desenvolvimento de programas de cooperação com outras escolas que ministrem o ensino de disciplinas científicas, técnicas ou artísticas de algum modo relevantes, pelo seu carácter auxiliar ou complementar, para esta área do saber.

Assim:

O Governo decreta, nos termos da alínea a) do n.º 1 do artigo 201.º da Constituição, o seguinte:

Artigo 1.º — 1 — É criada na Universidade do Porto a Faculdade de Arquitectura.

2 — A Faculdade de Arquitectura tem personalidade jurídica e goza de autonomia administrativa, pedagógica e científica, sem prejuízo das orientações gerais que vierem a ser estabelecidas pelo Ministério da Educação no que respeita ao regime de estudos e à ordenação das suas actividades.

3 — Será aplicável à Faculdade de Arquitectura o regime de instalação constante do Decreto-Lei n.º 402/73, de 11 de Agosto, em tudo quanto não esteja especificamente regulado no presente diploma.

Art. 2.º A Faculdade de Arquitectura tem por fins:

- a) Ministar a formação básica conducente à licenciatura nos domínios da arquitectura e do planeamento urbanístico;
- b) Realizar e estimular a investigação científica, tendo em vista o progresso das ciências e técnicas da arquitectura e urbanística.

Art. 3.º — 1 — Na Faculdade de Arquitectura são ministrados os cursos de Arquitectura e Planeamento Urbanístico, sem prejuízo de outros que venham a ser criados.

2 — Os planos de estudo e a duração dos cursos a que se refere o número anterior serão definidos por decreto do Ministério da Educação, dependendo a sua alteração de portaria do mesmo Ministério.

Art. 4.º — 1 — A Faculdade de Arquitectura dará acesso a todos os graus atribuídos pelas Universidades portuguesas.

2 — O grau de licenciado é inerente à aprovação em todas as disciplinas, monografias, seminários e estágios previstos no plano de estudos do curso respectivo.

3 — A Universidade do Porto passará a conferir os graus de doutor em Arquitectura e Planeamento Urbanístico, para o que serão aplicáveis as disposições legais em vigor para o efeito.

Art. 5.º A Faculdade de Arquitectura poderá celebrar acordos ou contratos com instituições que tenham por objectivo a habitação, a urbanização e a ordenação dos espaços físicos, de reconhecida idoneidade para efeitos de utilização de serviços nelas integrados, como área de ensino e investigação.

Art. 6.º — 1 — O Ministro da Educação designará para a Faculdade de Arquitectura, sob proposta do

radas a qualquer das categorias da carreira docente universitária, susceptíveis de equiparação.

5—O pessoal docente que vier a ser contratado para o exercício de funções docentes na Faculdade de Arquitectura não poderá continuar nessas funções se, no termo de um período de cinco anos, não adquirir as condições legais exigidas no estatuto da carreira docente universitária para o exercício das mesmas.

Art. 15.º—1—O lugar de secretário da Faculdade de Arquitectura será provido, por proposta do presidente da comissão instaladora, de entre licenciados em Direito, Economia ou Organização e Gestão de Empresas.

2—Compete ao secretário, de acordo com as orientações transmitidas pelo presidente da comissão instaladora:

- a) Assegurar o funcionamento dos serviços administrativos e auxiliares e dirigir o respectivo pessoal;
- b) Dar execução às deliberações da comissão instaladora e do conselho administrativo;
- c) Redigir as actas das reuniões da comissão instaladora e assiná-las conjuntamente com o presidente.

Art. 16.º Serão definidos por despacho do Ministro da Educação, cumpridas as respectivas formalidades legais e sob proposta da Direcção-Geral do Ensino Superior, ouvidos previamente a comissão instaladora da Faculdade de Arquitectura e o conselho directivo da Escola Superior de Belas-Artes de Lisboa, os bens, equipamento e mobiliário deste último estabelecimento que transitam para a Faculdade de Arquitectura.

Art. 17.º Os quadros de pessoal não docente serão publicados no prazo de noventa dias, a contar da data da entrada em vigor do presente diploma.

Art. 18.º Será extinta a secção de Arquitectura da Escola Superior de Belas-Artes de Lisboa, em data a fixar por despacho do Ministro da Educação, no termo do regime transitório fixado no artigo 10.º

Art. 19.º As dúvidas surgidas na aplicação do presente diploma serão resolvidas por despacho do Ministro da Educação, ouvidos o Ministro das Finanças e o Secretário de Estado da Administração Pública, quando envolvam matérias da respectiva competência.

Art. 20.º O presente diploma entra em vigor no dia seguinte ao da sua publicação.

Maria de Lourdes Ruivo da Silva Matos Pintasilgo — Manuel da Costa Brás — António Luciano Pacheco de Sousa Franco — Luís Eugénio Caldas Veiga da Cunha.

Promulgado em 13 de Dezembro de 1979.

Publique-se.

O Presidente da República, ANTÓNIO RAMALHO EANES.

Decreto-Lei n.º 498-F/79
de 21 de Dezembro

O desenvolvimento da sociedade moderna, a evolução e complexidade crescente da civilização urbana e o fenómeno do crescimento e concentração demo-

gráfica exigem, pelos problemas que levantam ao nível da organização social e da qualidade de vida, a busca constante de soluções adequadas, assentes no saber e na formação de carácter científico.

É evidente, neste contexto, a importância e projecção social de que se reveste a arquitectura como actividade humana e a necessidade crescente de preparar os seus profissionais com a sólida formação científica normalmente associada ao ensino universitário.

Entendeu-se, em consequência, dever criar a Faculdade de Arquitectura na Universidade do Porto, o que se concretiza no presente diploma, possibilitando-se assim o desenvolvimento de programas de cooperação com outras escolas que ministrem o ensino de disciplinas científicas, técnicas ou artísticas de algum modo relevantes, pelo seu carácter auxiliar ou complementar, para esta área do saber.

Assim:

O Governo decreta, nos termos da alínea a) do n.º 1 do artigo 201.º da Constituição, o seguinte:

Artigo 1.º — 1 — É criada na Universidade do Porto a Faculdade de Arquitectura.

2 — A Faculdade de Arquitectura tem personalidade jurídica e goza de autonomia administrativa, pedagógica e científica, sem prejuízo das orientações gerais que vierem a ser estabelecidas pelo Ministério da Educação no que respeita ao regime de estudos e à ordenação das suas actividades.

3 — Será aplicável à Faculdade de Arquitectura o regime de instalação constante do Decreto-Lei n.º 402/73, de 11 de Agosto, em tudo quanto não esteja especificamente regulado no presente diploma.

Art. 2.º A Faculdade de Arquitectura tem por fins:

- a) Ministrara a formação básica conducente à licenciatura nos domínios da arquitectura e do planeamento urbanístico;
- b) Realizar e estimular a investigação científica, tendo em vista o progresso das ciências e técnicas da arquitectura e urbanística.

Art. 3.º — 1 — Na Faculdade de Arquitectura são ministrados os cursos de Arquitectura e Planeamento Urbanístico, sem prejuízo de outros que venham a ser criados.

2 — Os planos de estudo e a duração dos cursos a que se refere o número anterior serão definidos por decreto do Ministério da Educação, dependendo a sua alteração de portaria do mesmo Ministério.

Art. 4.º — 1 — A Faculdade de Arquitectura dará acesso a todos os graus atribuídos pelas Universidades portuguesas.

2 — O grau de licenciado é inerente à aprovação em todas as disciplinas, monografias, seminários e estágios previstos no plano de estudos do curso respectivo.

3 — A Universidade do Porto passará a conferir os graus de doutor em Arquitectura e Planeamento Urbanístico, para o que serão aplicáveis as disposições legais em vigor para o efeito.

Art. 5.º A Faculdade de Arquitectura poderá celebrar acordos ou contratos com instituições que tenham por objectivo a habitação, a urbanização e a ordenação dos espaços físicos, de reconhecida idoneidade para efeitos de utilização de serviços nelas integrados, como área de ensino e investigação.

Art. 6.º — 1 — O Ministro da Educação designará para a Faculdade de Arquitectura, sob proposta do

reitor da Universidade do Porto, uma comissão instaladora constituída da seguinte forma:

- a) Um presidente escolhido de entre personalidades de reconhecido mérito técnico e científico;
- b) Dois a quatro vogais com experiência docente ou científica em arquitectura urbanística ou domínios afins;
- c) O secretário da Faculdade, com funções de natureza administrativa, que secretariará as respectivas reuniões, sem direito a voto.

2 — Poderão ser agregados à comissão instaladora, sem direito a voto, técnicos de apoio nos campos de engenharia, arquitectura e ciências humanas e sociais em número não superior a cinco.

Art. 7.º Compete à comissão instaladora:

- a) Elaborar os estatutos da Faculdade e os planos de estudo e submetê-los à aprovação do Ministro da Educação;
- b) Estudar e propor os planos adequados ao desenvolvimento da Faculdade;
- c) Elaborar os programas de instalação e funcionamento dos serviços e promover as acções necessárias ao seu cumprimento através dos departamentos ministeriais competentes;
- d) Aprovar os planos das instalações definitivas e sua articulação com as instalações provisórias existentes, tendo presente a urgência do início das actividades de ensino;
- e) Proceder à aquisição de equipamento e mobiliário;
- f) Propor planos tendentes à formação do pessoal técnico e administrativo, em coordenação com a Direcção-Geral do Ensino Superior;
- g) Propor a admissão de pessoal docente, investigador, técnico, administrativo e auxiliar, com estreita observância do disposto nos artigos 24.º a 27.º, inclusive, do Decreto-Lei n.º 402/73, de 11 de Agosto.

Art. 8.º Compete ao presidente da comissão instaladora:

- a) Representar a Faculdade em juízo e fora dele;
- b) Zelar pela observância das normas legais e regulamentares aplicáveis;
- c) Submeter ao Ministro da Educação todos os assuntos que careçam de resolução superior;
- d) Presidir ao conselho administrativo;
- e) Tomar, nos termos legais, as iniciativas conducentes ao desenvolvimento da Faculdade e ao cumprimento das funções a ela cometidas.

Art. 9.º — 1 — A gestão administrativa, financeira e patrimonial da Faculdade de Arquitectura será assegurada, durante o período de instalação, pelo conselho administrativo.

2 — Compõem o conselho administrativo:

- a) O presidente da comissão instaladora, que presidirá;
- b) Um dos vogais da comissão instaladora, a designar por despacho ministerial;
- c) O secretário da Faculdade.

Art. 10.º — 1 — O plano de estudos, a definir nos termos do n.º 2 do artigo 3.º do presente decreto-lei, será posto em prática progressivamente, começando em ano lectivo a fixar por despacho do Ministro da Educação.

2 — À medida que forem entrando em funcionamento os vários anos do curso, segundo o plano de estudos referidos no número anterior, deixarão de ser professadas as disciplinas do plano de estudos vigente na secção de Arquitectura da Escola Superior de Belas-Artes do Porto.

3 — Os alunos que ainda não tenham obtido aprovação em disciplinas do plano de estudos anterior, quando estas deixarem de ser professadas nos termos do n.º 1 deste artigo, poderão apresentar-se aos exames respectivos durante o ano lectivo seguinte.

4 — Os alunos que ainda não estejam abrangidos pelos regimes de estudo fixados pelos Decretos n.ºs 21 662, de 12 de Setembro de 1932, e 41 363, de 14 de Novembro de 1967, têm dois anos lectivos para completar o seu curso ao abrigo desses regimes.

Art. 11.º — 1 — As despesas com as instalações e o funcionamento da Faculdade de Arquitectura serão satisfeitas, durante o período de instalação, por conta das dotações globais ou dos subsídios que lhe forem atribuídos, quer por transferência de verbas do orçamento da Escola Superior de Belas-Artes do Porto, quer por força das dotações inscritas no orçamento da Direcção-Geral do Ensino Superior para funcionamento dos estabelecimentos de ensino superior.

2 — Todas as receitas darão entrada na Caixa Geral de Depósitos, em conta especial, à ordem do conselho administrativo.

3 — Será apresentado trimestralmente ao visto do Ministro da Educação um balancete, de que será enviada fotocópia à Direcção-Geral da Contabilidade Pública e do qual constarão o saldo da conta de depósito, as receitas arrecadadas e despesas pagas no trimestre anterior, bem como as despesas previstas para o trimestre seguinte.

Art. 12.º — 1 — O pessoal que prestar serviço na Escola Superior de Belas-Artes do Porto será provido em regime de comissão de serviço até à sua integração no quadro a criar nos termos do n.º 2 do artigo seguinte.

2 — Os lugares do pessoal que transitar para os quadros definitivos da Faculdade de Arquitectura serão extintos à medida que vagarem.

Art. 13.º — 1 — As formas de recrutamento e os regimes de provimento do pessoal não docente da Faculdade de Arquitectura serão os fixados na lei geral.

2 — Sem prejuízo do disposto no número anterior, poderá o Ministro da Educação preencher em primeiro provimento, e até 31 de Dezembro de 1979, independentemente de concurso, lugares do quadro a publicar nos termos do artigo 17.º do presente diploma com pessoal que actualmente presta serviço, a qualquer título, na Escola Superior de Belas-Artes do Porto ou nos órgãos e serviços centrais do Ministério, com a mesma categoria ou categoria imediatamente inferior, desde que, com esta, tenha pelo menos três anos de serviço, possua boa informação e as habilitações literárias exigidas para o provimento.

3 — Os provimentos processados ao abrigo do número anterior serão feitos por lista nominativa, apro-

vada pelo Ministro da Educação e publicada no *Diário da República*, após o visto do Tribunal de Contas.

Art. 14.º — 1 — Os docentes que actualmente leccionam disciplinas exclusivamente do curso de Arquitectura transitam com as mesmas categorias para a Faculdade de Arquitectura, mantendo o seu vínculo de provimento.

2 — Os docentes que actualmente leccionam disciplinas comuns de Arquitectura, Pintura e Escultura, ou simultaneamente nos referidos cursos, deverão optar, no prazo de noventa dias a contar da publicação do presente diploma, entre permanecerem como docentes da Escola Superior de Belas-Artes do Porto e transitarem, nos termos do número anterior, para a Faculdade de Arquitectura.

3 — A opção referida no número anterior deverá ser feita mediante declaração escrita, a remeter à Direcção-Geral do Ensino Superior no prazo de noventa dias a partir da publicação deste diploma, sendo a falta de entrega da declaração considerada como vontade de permanecer na Escola Superior de Belas-Artes.

4 — Por proposta do reitor da Universidade do Porto, após prévia audição da comissão instaladora da Faculdade de Arquitectura, poderá excepcionalmente, e durante o período de instalação da Faculdade, o Ministro da Educação contratar individualidades especialmente qualificadas como equiparadas a qualquer das categorias da carreira docente universitária susceptíveis de equiparação.

5 — O pessoal docente que vier a ser contratado para o exercício de funções docentes na Faculdade de Arquitectura não poderá continuar nessas funções se, no termo de um período de cinco anos, não adquirir as condições legais exigidas no estatuto da carreira docente universitária para o exercício das mesmas.

Art. 15.º — 1 — O lugar de secretário da Faculdade de Arquitectura será provido, por proposta do presidente da comissão instaladora, de entre licenciados em Direito, Economia ou Organização e Gestão de Empresas.

2 — Compete ao secretário, de acordo com as orientações transmitidas pelo presidente da comissão instaladora:

- a) Assegurar o funcionamento dos serviços administrativos e auxiliares e dirigir o respectivo pessoal;
- b) Dar execução às deliberações da comissão instaladora e do conselho administrativo;
- c) Redigir as actas das reuniões da comissão instaladora e assiná-las conjuntamente com o presidente.

Art. 16.º Serão definidos por despacho do Ministro da Educação, cumpridas as respectivas formalidades legais, e sob proposta da Direcção-Geral do Ensino Superior, ouvidos previamente a comissão instaladora da Faculdade de Arquitectura e o conselho directivo da Escola Superior de Belas-Artes do Porto, os bens, equipamento e mobiliário deste último estabelecimento que transitam para a Faculdade.

Art. 17.º Os quadros de pessoal não docente serão publicados no prazo de noventa dias, a contar da data da entrada em vigor do presente diploma.

Art. 18.º Será extinta a Secção de Arquitectura da Escola Superior de Belas-Artes do Porto, em data a fixar por despacho do Ministro da Educação, no termo do regime transitório fixado no artigo 10.º

Art. 19.º As dúvidas surgidas na aplicação do presente diploma serão resolvidas por despacho do Ministro da Educação, ouvidos o Ministro das Finanças e o Secretário de Estado da Administração Pública, quando envolvam matérias da respectiva competência.

Art. 20.º O presente diploma entra em vigor no dia seguinte ao da sua publicação.

Maria de Lourdes Ruivo da Silva Matos Pintasilgo — Manuel da Costa Brás — António Luciano Pacheco de Sousa Franco — Luís Eugénio Caldas Veiga da Cunha.

Promulgado em 13 de Dezembro de 1979.

Publique-se.

O Presidente da República, ANTÓNIO RAMALHO EANES.



“Portaria n.º 448/88 do *Diário da República*, dia 8 de Julho de 1988.” em Rosa Bandeirinha, «O Limiar do Claustro - Origens e práticas do Departamento de Arquitetura de Coimbra» (Dissertação de Mestrado em Arquitetura, Universidade de Coimbra, 2013), 351 a 353.

Portaria n.º 448/88

de 8 de Julho

Sob proposta da Universidade de Coimbra;
Ao abrigo do disposto no capítulo III do Decreto-Lei n.º 316/83, de 2 de Julho, e no Decreto-Lei n.º 173/80, de 29 de Maio:
Manda o Governo, pelo Ministro da Educação, o seguinte:

1.º

Criação

A Universidade de Coimbra, através da Faculdade de Ciências e Tecnologia, confere o grau de licenciado

em Arquitectura, ministrando, em consequência, o respectivo curso.

2.º

Ramos

O curso desdobra-se em ramos, sendo desde já criado o de Arquitectura e Tecnologia.

3.º

Organização

O curso de licenciatura em Arquitectura, ministrado pela Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra, adiante simplesmente designado por curso, organiza-se pelo sistema de unidades de crédito.

4.º

Estrutura curricular

Os elementos a que se refere o n.º 2 do artigo 2.º do Decreto-Lei n.º 173/80, de 29 de Maio, são os constantes do anexo a esta portaria.

5.º

Plano de estudos

1 — O plano de estudos do curso será fixado por despacho, a publicar na 2.ª série do *Diário da República*, nos termos dos artigos 4.º e 5.º do Decreto-Lei n.º 173/80, de 29 de Maio.

2 — Do despacho a que se refere o n.º 1 constarão igualmente os coeficientes de ponderação a que se refere o n.º 9.º

6.º

Disciplinas de opção

1 — O número mínimo de alunos necessário ao funcionamento de cada disciplina que integra o plano de estudos como disciplina de opção é de dez.

2 — Exceptuam-se do disposto no n.º 1 os casos em que o docente assegure a docência da disciplina para além do número máximo de horas de serviço de aulas a que é obrigado por lei.

3 — O regime do presente número aplica-se igualmente aos conjuntos de disciplinas inscritos em alternativa no plano de estudos, sem prejuízo de ser assegurado sempre o funcionamento de um deles.

7.º

Acesso aos ramos

1 — A inscrição nos ramos está sujeita a limitações quantitativas a fixar por despacho do reitor, sob proposta do conselho científico.

2 — Se num determinado ano o número de alunos que se pretende inscrever num ramo for inferior a quinze, esse ramo não poderá abrir inscrições nesse ano.

3 — Aos alunos admitidos à inscrição no curso é assegurada sempre a inscrição num dos ramos.

4 — A candidatura à inscrição em cada um dos ramos está dependente da obtenção prévia do número de unidades de crédito fixado em anexo à presente portaria.

5 — As regras e prazos de candidatura e de selecção para a inscrição nos ramos serão fixados por despacho do reitor, sob proposta do conselho científico.

6 — Os despachos a que se referem os n.ºs 1 e 5 serão objecto de publicação na 2.ª série do *Diário da República* e de afixação pública na Universidade, com a antecedência de, respectivamente, um mês antes da data de candidatura e seis meses antes do início do ano lectivo a que dizem respeito.

8.º

Estágio

O regulamento do estágio será aprovado pelo conselho científico, ouvidos os conselhos pedagógico e directivo.

9.º

Classificação final

1 — A classificação final do curso é a média aritmética ponderada, arredondada às unidades (considerando como unidade a fracção não inferior a cinco décimas), das classificações do estágio e das unidades curriculares em que o aluno realizou os créditos necessários à satisfação do disposto no anexo a esta portaria.

2 — Os coeficientes de ponderação serão fixados pelo conselho científico, ouvido o conselho pedagógico.

10.º

Entrada em funcionamento

1 — A entrada em funcionamento do curso ficará dependente de autorização expressa do Ministro da Educação, exarada sobre relatório fundamentado do reitor da Universidade comprovativo da existência na mesma dos recursos humanos e materiais adequados à sua concretização.

2 — Obtida a autorização a que se refere o número anterior, o curso terá início progressivamente, ano curricular a ano curricular.

3 — A entrada em funcionamento de cada um dos ramos do curso ficará dependente de autorização expressa do reitor, exarada sobre relatório fundamentado dos conselhos científico e directivo da Faculdade comprovativo da existência na mesma dos recursos humanos e materiais necessários à sua concretização.

Ministério da Educação.

Assinada em 16 de Junho de 1988.

Pelo Ministro da Educação, *Alberto José Nunes Correia Ralha*, Secretário de Estado do Ensino Superior.

ANEXO

1 — Área científica do curso:

Arquitectura.

2 — Duração normal do curso:

Cinco anos lectivos.

3 — Condições para a concessão do grau:

165 unidades de crédito.

4 — Áreas científicas e distribuição das unidades de crédito:

4.1 — Áreas científicas comuns:

4.1.1 — Obrigatórias:

a) Matemática	16	} 110
b) Geometria	8	
c) Representação Gráfica	9	
d) Estática	6	
e) Física	3	
f) Materiais e Estruturas	5	
g) Projecto de Arquitectura	32	
h) História da Arquitectura	13	
i) Teoria da Arquitectura	12	
j) Urbanologia	6	

4.2 — Ramo de Arquitectura e Tecnologia:

4.2.1 — Obrigatórias:

a) Tecnologia da Arquitectura	17
-------------------------------------	----

4.2.2 — Conjuntos de áreas científicas optativas:

a) Representação Gráfica	} 18
b) Tecnologia da Arquitectura	
c) Construção	
d) Economia, Gestão e Ciências Sociais	
e) Computação	} 11
f) Geografia	
g) Teoria da Urbanística	
h) Recuperação do Património Arquitectónico	
i) Antropologia Cultural	

4.2.3 — Estágio

9

5 — Número de unidades de crédito necessárias para a candidatura a um ramo

52

165

373

“Quadro de evolução do Curriculum do Curso de Arquitectura da ESBAP / FAUP entre 1975 e 1984 (E. F.)” em Eduardo Fernandes, «A Escolha do Porto. Contributos para a actualização de uma ideia de Escola» (Dissertação de Doutoramento em Arquitectura, Escola de Arquitectura da Universidade do Minho, 2010), 638.

Plano de Estudos	Bases Gerais de 1975/76	Bases Gerais de 1976/77	Bases Gerais de 1977/78	Bases Gerais de 1978/79	Bases Gerais de 1979/80	Ano Lectivo de 1984/85
1º ano	"História da Arq." "Desenho e Arq."	"História G. da Arq. I" "Desenho I" "Arquitectura I"	"Arquitectura I" "Desenho I" "Teoria e História I" "Geometria"	"Arquitectura I" "Desenho I" "Teoria e História I" "Geometria"	"Arquitectura I" "Desenho" "Teoria e História I" "Geometria" "Matemática"	"Iniciação ao Projecto" "Desenho" "Geometria" "Teoria G. da Org. do Espaço"
2º ano	"História da Arq." "Desenho e Arq."	"História G. da Arq. II" "Desenho II" "Arquitectura II" "Intr. à Construção"	"Arquitectura II" "Desenho II" "Constr. I / Estr. I" "Geografia I" "Teoria e História II"	"Arquitectura II" "Desenho II" "Constr. I / Estr. I" "Análise do Ter. I" "Teoria e História II"	"Arquitectura II" "Desenho II" "Construção I" "Análise do Terr. I" "Teoria e História II"	"Projecto e Desenho" "Teoria da Arquitectura I" "História da Arquitectura I" "Sist. e Mat. de Constr." "Geom. Análitica" "Estática Gráfica"
3º ano	"Arquitectura" "Teoria"	"Teoria da Arq. I" "Arquitectura III" "Construção I"	"Arquitectura III" "Constr. II / Estr. II" "Geografia II" "Teoria e História III"	"Arquitectura III" "Const. II / Estr. II" "Análise do Ter. II" "Teoria e História III"	"Arquitectura III" "Const. II / Estr. II" "Análise do Ter. II" "Teoria e História III"	"Projecto I" "História da Arq. II" "Teoria da Arq. II" "Urbanologia" "Resist. de Mat. e Estr."
4º ano	"Arquitectura" "Teoria"	"Teoria da Arq. II" "Arquitectura IV" "Construção II"	"Arquitectura IV" "Const. III / Estr. III" "Geografia III" "Teoria e História IV"	"Arquitectura IV" "Const. III / Estr. III" "Análise do Ter. III" "Teoria e História IV"	"Arquitectura IV" "Construção III" "Análise do Ter. (Pl.)" "Análise do Ter. (E.)" "Teoria e História IV"	"Projecto II" "História da Arq. III" "Teoria da Arq. III" "Gestão Urbanística" "Conforto" "Instalações" "Intr. à Sociologia"
5º ano	Investigação	"Arquitectura V" "Teoria e prática de Investigação II"	"Arquitectura V" "Const. IV" "Sociologia e Econ." "Teoria e História V"	"Arquitectura V" "Const. IV / Estr. IV" "Análise do Ter. IV" "Teoria e História V"	"Arquitectura V" "Análise do Ter. (Pl.)" "Análise do Ter. (E.)" "Análise do Ter. (S.)" "Teoria e História V"	Opção A: "Projecto III" ("Edif.") "História da Arq. Port." "Linguagem de Const." + quatro opcionais Opção B: "Projecto III" ("Urb.") "História da Arq. Port." "Geogr. Urbana" + quatro opcionais Opção C: "Projecto III" (Renov.) "História da Arq. Port." "Reconversão da Const." + quatro opcionais
6º ano	Investigação	"Arquitectura VI" "Teoria e prática de Investigação II"	Investigação (áreas pedagógicas de "Arquitectura", "Construção", "Análise do Território" e "Teoria e História")	Investigação (áreas pedagógicas de "Arquitectura", "Construção", "Análise do Território" e "Teoria e História")	"Arquitectura VI" "Análise do Ter. (Pl.)" "Análise do Ter. (E.)" "Análise do Ter. (S.)" "Teoria e História VI"	"Seminário de Pré-profissionalização"

“Quadro resumo do Plano de Estudos de 1984-85 e da distribuição de serviço de 1985-86 (E. F. a partir de FAUP, Guia da Faculdade 1984/85, pág.8-10 e FAUP, Guia 1986, pág. 35-36).” em Eduardo Fernandes, «A Escolha do Porto. Contributos para a actualização de uma ideia de Escola» (Dissertação de Doutoramento em Arquitetura, Escola de Arquitetura da Universidade do Minho, 2010), 636.

Ciclo	Ano	Plano Curricular 1984/85	Regime	Carga horária semanal	Distribuição de serviço 1985/86		
1º: “Formação básica”	1º	Iniciação ao Projecto	Anual	10 h. (teórico-práticas)	Sergio Fernandez; António Madureira; Francisco Carvalho; Henrique Carvalho; José M. Soares; José Quintão; Manuel Botelho		
		Desenho	Anual	8 h. (teórico-práticas)	Joaquim Vieira; José Grade; Luísa Brandão; Francisco Providência		
		Geometria	Anual	6 h. (2 teóricas + 4 práticas)	Fernanda Alcântara; Helena Albuquerque; Rui Ramos		
		Teoria Geral da Organização do Espaço	Anual	6 h. (2 teóricas + 4 práticas)	Fernando Távora; Beatriz Madureira; Rui Tavares		
2º: “Desenvolvimento”	2º	Projecto e Desenho	Anual	12 h. (teórico-práticas)	Alexandre Alves Costa; Alberto Carneiro; Manuel Teles; Ricardo Figueiredo; Teresa Fonseca; J. Carlos Portugal; António Quadros		
		Sistemas e Materiais de Construção	Anual	4 h. (2 teóricas + 2 práticas)	Alcino Soutinho		
		Teoria da Arquitectura I	Anual	2 h. (teóricas)	Manuel Correia Fernandes		
		História da Arquitectura I	Anual	4 h. (2 teóricas + 2 práticas)	Alexandre Alves Costa; José Salgado		
		Geometria Analítica	Semestral	4 h. (2 teóricas + 2 práticas)	Paula Ranhada		
	3º	3º	Projecto I	Anual	12 h. (teórico-práticas)	Domingos Tavares; Alvaro Siza; Augusto Amaral; Francisco Barata; José Gigante; José Pulido	
			Teoria da Arquitectura II	Anual	2 h. (teóricas)	Manuel Correia Fernandes; José Quintão	
			História da Arquitectura II	Anual	4 h. (2 teóricas + 2 práticas)	Anni Gunther	
			Urbanologia	Anual	4 h. (2 teóricas + 2 práticas)	Nuno Portas	
	4º	4º	Resistência de Materiais e Estruturas	Anual	4 h. (2 teóricas + 2 práticas)	António Alpuim	
			Projecto II	Anual	12 h. (teórico-práticas)	Pedro Ramalho; António Meneres; Carlos Guimarães; Eduardo Souto Moura; Jorge Gigante	
			Teoria da Arquitectura III	Anual	2 h. (teóricas)	Manuel Correia Fernandes	
			História da Arquitectura III	Anual	4 h. (2 teóricas + 2 práticas)	Manuel Mendes	
			Gestão Urbanística	Semestral	4 h. (2 teóricas + 2 práticas)	Manuel Fernandes de Sá	
			Conforto	Semestral	4 h. (2 teóricas + 2 práticas)	Cristiano Moreira	
			Instalações	Semestral	4 h. (2 teóricas + 2 práticas)	Cristiano Moreira	
3º: “Especialização”	5º	Opção A	Projecto III (Edificações)	Anual	12 h. (teórico-práticas)	Nuno Portas; Camilo Cortesão	
			História da Arquitectura Portuguesa	Anual	6 h. (2 teóricas + 4 práticas)	Alexandre Alves Costa; Marta Cabral	
			Linguagem de Construção	Anual	4 h. (2 teóricas + 2 práticas)	Domingos Tavares	
			+ quatro opcionais	Semestrais	4 h. (2 teóricas + 2 práticas)		
		Opção B	Opção B	Projecto III (Urbanismo)	Anual	12 h. (teórico-práticas)	Nuno Portas; Carlos Prata
				História da Arquitectura Portuguesa	Anual	6 h. (2 teóricas + 4 práticas)	Alexandre Alves Costa; Marta Cabral
				Geografia Urbana	Anual	4 h. (2 teóricas + 2 práticas)	Philip Brebner
		Opção C	Opção C	+ quatro opcionais	Semestrais	4 h. (2 teóricas + 2 práticas)	
				Projecto III (Renovação)	Anual	12 h. (teórico-práticas)	Nuno Portas; Nuno Tasso de Sousa
				História da Arquitectura Portuguesa	Anual	6 h. (2 teóricas + 4 práticas)	Alexandre Alves Costa; Marta Cabral
				Reconversão da Construção	Anual	4 h. (2 teóricas + 2 práticas)	Bernardo Ferrão; Marta Cabral
				+ quatro opcionais	Semestrais	4 h. (2 teóricas + 2 práticas)	
				Disciplinas opcionais: Estética I (Fernando Távora; José Salgado); "Sociologia Urbana" (Jacinto Rodrigues); "Geografia Humana" (Philip Brebner; Lurdes Santos); "Geografia Física" (M. Fernandes de Sá; Lurdes Santos); "Introdução à Economia" (Rui Braz Afonso); "Economia Urbana" (Rui Braz Afonso); "Arqueologia I" (Rui Tavares); "Arqueologia II" (Rui Tavares); "Introdução à Computação" (Paula Ranhada).			
6º	"Seminário de Pré-profissionalização" realizado segundo temas propostos anualmente pelo Conselho Científico e finalizado com a entrega de um relatório e a sua defesa em prova pública. Para o ano lectivo de 1984/85, eram responsáveis pelos seminários Correia Fernandes (Tema I), Fernando Távora e Jorge Gigante (Tema II), Nuno Portas (Tema III).						

Plano de Estudos 1988/1989, 1989/1990 e 1990/1991 em Rosa Bandeirinha, «O Limiar do Claustro - Origens e práticas do Departamento de Arquitetura de Coimbra» (Dissertação de Mestrado em Arquitetura, Universidade de Coimbra, 2013), 249 a 251.

1988/1989

1º ANO

Análise Matemática I	Maria Manuela Sobral
Geometria Analítica	Maria Emília Miranda
Geometria Descritiva	Vitor Murtinho
Desenho de Arquitectura	Manuel João Dixon, Armando Alves Martins, Vitor Murtinho
História da Arte e Tecnologia	António Filipe Pimentel
Introdução à Arquitectura	António Reis Cabrita, João Mendes Ribeiro
Estática I	Dina Ferreira dos Santos Loff

1989/1990

1º ANO

Análise Matemática I	Carlos Leal, Maria Celeste Gouveia
Geometria Analítica	Maria Celeste Gouveia
Geometria Descritiva	Vitor Murtinho
Desenho de Arquitectura	Manuel João Dixon, Armando Alves Martins, Vitor Murtinho
História da Arte e Tecnologia	António Filipe Pimentel
Introdução à Arquitectura	António Reis Cabrita, José Aguiar Portela da Costa
Estática I	Dina Ferreira dos Santos Loff, Carlos Leal

2º ANO

Matemática Aplicada I	José Manuel Simões Pereira
Matemática Aplicada II (Ver infra anexo III.II, pp. 357-358.)	Mária Esmeralda Elvas Gonçalves
Projecto I	Alexandre Alves Costa (reg.), José António Bandeirinha, Walter Rossa, Mário Bento
História da Arquitectura I	Vitor Serrão
Teoria da Arquitectura I	José Aguiar Portela da Costa
Estática II	Carlos Leal
Tecnologia de Materiais	Jorge Lourenço
Elementos de Física	Manuel Fiolhais
Resistência de Materiais e Estruturas	Maria Helena Melão Barros

1990/1991

1º ANO

Desenho	Manuel João Dixo (reg.), António Olate, Armário Alves Martins
Introdução à Arquitectura	Raul Hestnes Ferreira (reg.), Gonçalo Seica Neves
História de Arte	António Filipe Pimentel
Geometria	Vitor Martinho
Matemáticas Gerais	António Caetano *

2º ANO

Projecto I	Alexandre Alves Costa (reg.), José António Bandeirinha, Walter Rossa, Mário Bento
História da Arquitectura I	Domíngos Tavares *
Estática	Dina Ferreira dos Santos Loff
Tecnologias de Materiais	Jorge Lourenço
Introdução aos Computadores e Programação	Maria Isabel Alves

Elementos de Física

Manuel Fiothais

Resistência de Materiais

Maria Helena Melão Barros *

3º ANO

Projecto II

Manuel Tainha (reg.), Paulo Providência, José Fernando Gonçalves

História da Arquitectura II

Domingos Tavares

Teoria da Arquitectura I

Todos os Docentes

Geografia

José Manuel Pereira de Oliveira, Fernando Rebelo

Construção I

João Eduardo Marta

Desenho assistido por computador

Alexandre Barbosa Ribeiro

Plano de Estudos 1994/1995 da Licenciatura em Arquitetura da Faculdade de Arquitetura da Universidade do Porto - Resolução 26/SG/SC/94 de 27 de Setembro de 1994, publicado no Diário da República n.º 224/1994, Série II disponível em <https://dre.pt/application/file/723794>, acessado a 16 de Agosto de 2017.

9966-(72)

DIÁRIO DA REPÚBLICA — II SÉRIE

N.º 224 — 27-9-1994

a alteração do plano de estudos da licenciatura em Medicina da Faculdade de Medicina da Universidade do Porto em conformidade com o regime de unidades de crédito, de harmonia com o seguinte esquemas que se reproduz na íntegra:

Plano de estudos para os 1.º, 2.º e 3.º anos do curso de Medicina

Disciplinas	Unidades de crédito	Horas
1.º ano		
Bioquímica	9	200
Anatomia	10	230
Biologia Celular e Molecular	7	160
Introdução à Medicina	5	100
Total	31	690
2.º ano		
Fisiologia	8	180
Anatomia Clínica	4	90
Histologia e Embriologia	7	150
Medicina Preventiva	4	90
Genética Médica	4	90
Psicologia	4	90
Total	31	690
3.º ano		
Biopatologia	10	230
Farmacologia	7	150
Microbiologia	6	130
Imunologia	4	90
Epidemiologia	5	100
Introdução à Medicina Clínica	2	20
Total	34	720
		Total de créditos
4.º ano		35
5.º ano		35
6.º ano		44
Total de créditos do curso		200

1-9-94. — Pelo Reitor, (Assinatura ilegível.)

Resol. 26/SG/SC/94. — Sob proposta do conselho científico da Faculdade de Arquitectura desta Universidade, seguidamente se publica o elenco das disciplinas fixas e optativas do curso de licenciatura em Arquitectura, para vigorar a partir do ano lectivo de 1994-1995, aprovada pelas Secções de Gestão e Científica do Senado em reunião conjunta de 14-7-94, e que altera o plano de estudos publicado no DR, 2.ª, 289, de 16-12-91:

Licenciatura em Arquitectura

Disciplinas	Escolaridade em horas semanais			
	Tipo	Teóricas	Teórico-práticas	Práticas
1.º ano				
Antropologia do Espaço	Anual	2	-	-
Teoria Geral da Organização do Espaço	Anual	2	-	2
Projecto I	Anual	-	12	-
Desenho	Anual	-	8	-
Geometria	Anual	2	-	4

Disciplinas	Escolaridade em horas semanais			
	Tipo	Teóricas	Teórico-práticas	Práticas
2.º ano				
Geografia	Anual	2	-	-
História da Arquitectura Antiga e Medieval	Anual	2	-	2
Métodos e Linguagens da Arquitectura Contemporânea	Anual	-	4	-
Projecto II	-	-	12	-
Desenho da Arquitectura	Anual	-	4	-
Interpretação dos Serviços Construtivos	Anual	2	-	4
3.º ano				
Urbanística Contemporânea	Anual	2	-	-
História da Arquitectura Moderna	Anual	2	-	2
Espaço Habitável e Formas da Residência	Anual	-	4	-
Projecto III	Anual	-	12	-
Desenho Assistido por Computador	Anual	-	4	-
Sistemas e Materiais de Construção	Anual	2	-	4
4.º ano				
Planeamento Urbano	Anual	2	-	-
História da Arquitectura Portuguesa	Anual	2	-	4
Espaço Público e Formas dos Equipamentos	Anual	-	4	-
Projecto IV	Anual	-	12	-
Sistemas Estruturais	Anual	2	2	-
Controlo Ambiental	Semestral	2	2	-
Redes e Instalações	Semestral	2	2	-
5.º ano				
Economia Urbana	Anual	2	-	-
História da Arquitectura Contemporânea	Anual	2	-	4
Território e Formas Urbanas	Anual	-	4	-
Projecto V	Anual	-	12	-
Infra-Estruturas e Redes Urbanas	Semestral	-	4	-
Patologia da Construção	Semestral	-	4	-
Paisagismo (a)	Anual	-	4	-
Projecto Assistido por Computador (a)	Anual	-	4	-
História da Cidade Portuguesa (a)	Semestral	2	-	2
História da Arquitectura e Cidade Brasileira (a)	Semestral	2	-	2
6.º ano				
Estágio	Anual	6M	-	-

Prova final.

(a) Uma disciplina de entre estas três opcionais.

30-8-94. — Pelo Reitor, (Assinatura ilegível.)

Para cumprimento dos arts. 4.º e 5.º do Dec.-Lei 173/80, de 29-5, a seguir se indica o elenco das disciplinas obrigatórias e respectivas unidades de crédito que integrarão o curso de mestrado em Astronomia, a

Plano de Estudos 1997/1998 e 1998/1999 em Rosa Bandeirinha, «O Limiar do Claustro - Origens e práticas do Departamento de Arquitectura de Coimbra» (Dissertação de Mestrado em Arquitectura, Universidade de Coimbra, 2013), 262 a 265.

1997/1998

1º ANO

Desenho	Manuel João Dixo (reg.), Sebastião Resende
Introdução à Arquitectura	Raul Hestnes Ferreira (reg.), Gonçalo Seiça Neves, Pedro Mauricio Borges, Adelino Gonçalves
História da Arte e Cultura Clássica	Fernando Távora
História da Arte e Cultura Contemporânea	Fernando Távora
Geometria	João Pedro Xavier, João Paulo Cardielos
Matemática	Helena Albuquerque

2º ANO

Projecto I	Alexandre Alves Costa (reg.), José António Bandeirinha, Jorge Figueira, Gonçalo Canto Montez
História da Arquitectura I	Walter Rossa
Estática	Carlota Simões
Tecnologias de Materiais	Celestino Quaresma
Desenho Arquitectónico	Walter Rossa (reg.), Teresa Pais
Elementos de Física	Lucília Brito
Resistência de Materiais	Carla Ferreira

3º ANO

Projecto II	Vitor Figueiredo (reg.), José Fernando Gonçalves, Paulo Providência
História da Arquitectura II	Domingos Tavares
Teoria da Arquitectura I	António Reis Cabrita
Geografia	Ana Paula Santana, José Gomes dos Santos
Construção I	José Gigante, António Bettencourt
Desenho Assistido por Computador	José Carlos Teixeira

4º ANO

Projecto III	Domingos Tavares (reg.), António Lousa, João Mendes Ribeiro
História da Arquitectura Contemporânea	Mário Kruger (reg.), Rui Lobo
Teoria da Arquitectura II	António Reis Cabrita
Urbanologia	Lusitano dos Santos
Construção II	José Gigante, Joaquim Almeida

5º ANO

Projecto IV	Gonçalo Byrne (reg.), Nuno Grande, João Paulo Cardielos, Mário Bento
História da Arquitectura Portuguesa	Alexandre Alves Costa (reg.), Rui Lobo
Construção III	António Tãdeu, José Ramundo Mendes da Silva
2 disciplinas de opção	

6º ANO

Prova Final

OPÇÕES

Arquitectura Teórica I	Mário Kruger
Planeamento Físico I	Lusitano dos Santos, João Paulo Cardielos
História das Cidades I	Walter Rossa
Morfologia Urbana I	Mário Kruger
Planeamento Físico II	Lusitano dos Santos, João Paulo Cardielos
História das Cidades II	Walter Rossa
Morfologia Urbana II	Mário Kruger

1998/1999**1º ANO**

Projecto I	Raul Héstnes Ferreira (reg.), Pedro Mauricio Borges, Adelino Gonçalves, Nuno Correia (monitor), Susana Lobo (monitora), Armando Rabaça (monitor)
Desenho I	Manuel João Dixo (reg.), Sebastião Resende

História da Arte e Cultura Clássica Fernando Távora

História da Arte e Cultura Contemporânea Fernando Távora

Geometria João Pedro Xavier (reg.), Teresa Pais

Geografia Ana Paula Santana

2º ANO

Projecto II Alexandre Alves Costa (reg.), Jorge Figueira, Gonçalo Canto Moniz

Desenho II Luisa Brandão

Teoria da Arquitectura I António Reis Cabrita

História da Arquitectura Clássica e Medieval Paulo Varela Gomes

Introdução aos Sistemas Construtivos José Gigante, Joaquim Almeida, António Bettencourt

Antropologia do Espaço Carlos Afonso

3º ANO

Projecto III Vítor Figueiredo (reg.), José Fernando Gonçalves, António Lousa

Teoria da Arquitectura II Mário Kruger

História da Arquitectura Moderna Domingos Tavares, Paulo Varela Gomes

Construção I José Gigante

Tecnologia da Construção I José Raimundo Mendes da Silva

Desenho Assistido por Computador José Carlos Teixeira

4º ANO

Projecto IV	Domíngos Tavares (reg.), João Mendes Ribeiro, Paulo Providência
História da Arquitectura Contemporânea	Paulo Varela Gomes
Construção II	José Gigante, Joaquim Almeida
Tecnologias da Construção II	António Tadeu, José Raimundo Mendes da Silva
Urbanologia	Lusitano dos Santos
5º ANO	
Projecto V	Gonçalo Byrne (reg.), Nuno Grande, Rui Lobo
História da Arquitectura Portuguesa	Walter Rossa
Sistemas Urbanos	Lusitano dos Santos, João Paulo Cardielos
4 disciplinas de opção	
6º ANO	
Prova Final	
OPÇÕES	
Arquitectura Teórica I	Mário Krüger (reg.), Cidália Silva
História das Cidades I	Walter Rossa
Planeamento Físico I	Lusitano dos Santos, João Paulo Cardielos
Arquitectura Teórica II	Mário Krüger
História das Cidades II	Walter Rossa
Planeamento Físico II	Lusitano dos Santos, João Paulo Cardielos